

**PONTIFÍCIA FACULDADE DE TEOLOGIA  
NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO**

**CLAUDIO DE OLIVEIRA**

**Operação Periferia: Um estudo sobre a Operação Periferia  
na Arquidiocese de SP (1970-1980), perspectivas para a  
missão na cidade.**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**PONTIFÍCIA FACULDADE DE TEOLOGIA  
NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO**

**CLAUDIO DE OLIVEIRA**

**Operação Periferia: Um estudo sobre a Operação Periferia  
na Arquidiocese de SP (1970-1980), perspectivas para a  
missão na cidade.**

**Apresentação da dissertação como exigência para obtenção do título de Mestre em Teologia com concentração em missiologia à banca Examinadora da Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção sob a orientação do Prof. Dr. Ney de Souza.**

**Aprovação**

---

---

---

---

---

---

---

---

dedico este estudo  
a todos que assumem a sua missão  
de Evangelizar a cidade.

a Deus que me deu a vida,  
a minha família que sempre me  
incentivou,  
a todos aqueles que de alguma  
forma contribuíram para este  
estudo.

## SIGLAS E ABREVIACÕES

ABCD	Santo André, São Bernardo, São Caetano e Diadema
AI-5	Ato Institucional nº 5
ARENA	Aliança Renovadora Nacional
BNH	Banco Nacional da Habitação
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
CLT	Consolidação das Leis Trabalhistas
CNBB	Conferência dos Bispos do Brasil
COHABs	Conjuntos Habitacionais
DOI-CODI	Destacamento de Operações e Informações e Centro de Operações de Defesa Interna
DOPS	Departamento de Ordem Política e Social
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MEB	Movimento de Educação de Base
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
OAB	Ordem dos Advogados do Brasil
PDS	Partido Democrático Social
PDT	Partido Democrático Trabalhista
PMDB	Partido do Movimento Democrático Trabalhista
PT	Partido dos Trabalhadores
LG	Lumen Gentium
PE	Plano de Emergência
PPC	Plano de Pastoral de Conjunto
GS	Gaudium Spes
Méd	Medellin

**SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>09</b>
<b>CAPÍTULO I: ASPECTOS ECONÔMICOS, POLÍTICOS, SOCIAIS, GEOGRÁFICOS E RELIGIOSOS DA REALIDADE DA CIDADE DE SÃO PAULO NA DÉCADA DE 1970</b>	<b>14</b>
<b>1. Antecedentes para o estudo da década de 1970</b>	<b>14</b>
<b>2. A segregação socioespacial em São Paulo no século XX</b>	<b>17</b>
<b>3. A situação da cidade de São Paulo na década de 70</b>	<b>20</b>
<b>3.1. São Paulo: Política e Economia</b>	<b>26</b>
<b>3.2. São Paulo Berço das Lutas Sindicais</b>	<b>29</b>
<b>3.3. São Paulo cultura e lazer</b>	<b>33</b>
<b>4. São Paulo cidade de migrantes na década de 70</b>	<b>34</b>
<b>4.1. Definindo Migração</b>	<b>34</b>
<b>4.2. Migração no Brasil</b>	<b>36</b>
<b>4.3. Migração em São Paulo</b>	<b>40</b>
<b>5. História da Arquidiocese de São Paulo</b>	<b>42</b>
<b>5.1. O Concílio Vaticano II</b>	<b>49</b>
<b>5.2. O Plano de Emergência e o Plano de Pastoral de Conjunto</b>	<b>58</b>
<b>5.3. II Conferência-Geral do Episcopado Latino-Americano de Medellín</b>	<b>62</b>
<b>5.4. III Conferência-Geral do Episcopado Latino-Americano de Puebla</b>	<b>66</b>
<b>5.5. A Teologia da Libertação</b>	<b>68</b>

<b>CAPÍTULO II: OPERAÇÃO PERIFERIA: UMA NOVA PERSPECTIVA DA MISSÃO NA CIDADE</b>	<b>73</b>
<b>1. A Arquidiocese de São Paulo na década de 1970</b>	<b>75</b>
<b>2. Lançamento da Operação Periferia</b>	<b>82</b>
<b>3. Recursos Humanos e formação</b>	<b>90</b>
<b>4. As Regiões Episcopais e os Setores: Pastoreio Colegiado e nova forma de organização</b>	<b>96</b>
<b>5. As pequenas comunidades: Uma nova eclesiologia vinda da periferia, e a experiência de solidariedade e partilha com o centro</b>	<b>105</b>
<b>6. O Planejamento Pastoral Participativo: Resultado da Operação Periferia</b>	<b>112</b>
<b>CAPÍTULO III: PERSPECTIVAS PARA UM PROJETO MISSIONÁRIO NA CIDADE, A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DA OPERAÇÃO PERIFERIA</b>	<b>118</b>
<b>1. Um olhar sobre a sociedade globalizada</b>	<b>119</b>
<b>2. A cidade na sociedade globalizada</b>	<b>124</b>
<b>3. A pluralidade religiosa na cidade</b>	<b>130</b>
<b>4. Algumas perspectivas para a missão na cidade</b>	<b>135</b>
<b>4.1. Opção pela Periferia da cidade na continuidade da Opção pelos pobres</b>	<b>135</b>
<b>4.2. Valorização à Cultura e religiosidade dos migrantes presentes na Cidade, em especial na Periferia, como meio de Evangelização</b>	<b>141</b>
<b>4.3. Criação e fortalecimento de pequenas comunidades</b>	<b>147</b>
<b>4.4. Pastoral de Conjunto: Uma Igreja de Comunhão e Partilha</b>	<b>155</b>
<b>4.5. Diálogo com os agentes que atuam na cidade visando o bem comum</b>	<b>161</b>
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>170</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>175</b>
<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E BIBLIOGRAFICA</b>	<b>254</b>

## INTRODUÇÃO

A cidade é hoje um grande desafio não só para as ciências sociais e urbanas, como também para a Igreja Católica em seu processo de evangelização, já que concentra 80% da população.

Dentro desta realidade aparece um desafio específico: A questão das periferias. Verdadeiros aglomerados de pessoas, na sua maioria migrantes atraídos pela ilusão de ter uma vida melhor, e que sofrem com os problemas sociais como a falta de moradia, trabalho, educação e também a violência, que mudam hábitos e costumes.

Neste quadro criam-se também problemas próprios de quem foi abandonado à própria sorte. As famílias se desestruturam, as crianças se tornam mais indefesas e desrespeitadas, os jovens diante do não vislumbramento de uma melhor perspectiva de futuro enveredam-se pelo mundo das drogas, ou seja, as pessoas não se tornam cidadãs na realidade urbana de periferia. Todos esses problemas dificultam uma maior evangelização, isto é, o anúncio de Jesus Cristo feito pelo testemunho e pela palavra.

Partindo desta realidade é que esta pesquisa tem o objetivo de propor, partindo de uma experiência acontecida na Arquidiocese de São Paulo na década de 70, chamada Operação Periferia, algumas perspectivas para uma reflexão sobre a missão na cidade hoje.

A Igreja de São Paulo deu uma grande contribuição para a missão evangelizadora na cidade na década de 70, lançando um novo olhar sobre a mesma, e em especial sobre a periferia, diante das grandes contradições, desafios e possibilidades da metrópole paulistana.

A partir da Campanha da Fraternidade de 1972, cujo tema era Serviço e Vocação – Descubra a Felicidade de Servir, e também pela verificação da realidade da cidade de São

Paulo, principalmente a de sua periferia, a Igreja da Arquidiocese de São Paulo tendo a sua frente o Arcebispo Dom Paulo Evaristo Arns lança a Operação Periferia.

Olhando para a periferia a Igreja da Arquidiocese de São Paulo percebe que ela é formada por pessoas simples, na sua maioria trabalhadores migrantes do Nordeste e de outras partes do país que chegam à grande metrópole na esperança de uma vida melhor e deparam com a dura realidade de uma cidade que desenraiza culturalmente e desumaniza através do isolamento e do egoísmo.

O contexto social, político, econômico e cultural naquele momento não contemplavam a periferia. As regiões centrais recebiam os maiores investimentos em todos os níveis, enquanto as regiões periféricas ficavam relegadas a um último plano.

Diante desta realidade e também inspirada pelo Concílio Vaticano II, realizado na metade da década de sessenta (1962-1965), pelo Plano de Emergência (1962) e o Plano de Pastoral Conjunto (1965), pela Conferência de Medellín (1968), com o início da Teologia da Libertação, e pela Conferência de Puebla (1979), a Igreja presente na Arquidiocese de São Paulo na década de 70, percebe que a periferia é um grande campo de presença missionária. Começa assim uma inversão no modo de agir desta Igreja, colocando todos os seus recursos, sejam eles humanos, materiais e financeiros a serviço da evangelização e humanização da periferia.

Hoje se torna necessário refletir a importância da missão da Igreja Católica na cidade e seus desafios e possibilidades diante da realidade pluralista, individualista e de exclusão de grande parte de sua população, em especial a população que vive na periferia. É necessário novamente olhar para a periferia como lugar especial de missão na cidade.

Para isso é necessário desenvolver um novo modo de evangelização, ou seja, algo que permita uma maior participação desta população no anúncio de Jesus Cristo e de seu projeto,

percebendo e valorizando seus anseios, sua identidade cultural e de fé, através da vida eclesial de testemunho.

Isso vêm ao encontro da reflexão da Igreja Católica hoje, apresentada em seus documentos, principalmente o Documento da V Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe acontecida em Aparecida no ano de 2007 que pede que toda a Igreja seja Missionária.

A pesquisa apresenta em seu primeiro capítulo toda uma análise de conjuntura em diversos aspectos. Essa análise pretende ajudar a entender todo um contexto que antecedeu e que se fazia presente na década de 70 e que levou a Igreja Católica de São Paulo a realizar o projeto Operação Periferia.

No segundo capítulo é apresentado o Projeto Operação Periferia em seus elementos principais: Recursos Humanos e formação; as Regiões Episcopais e Setores como nova forma de organização e de Pastoreio Colegiado; as pequenas comunidades como nova eclesiologia vinda da periferia e a experiência de partilha solidária com o centro; o Planejamento Pastoral Participativo como resultado da Operação Periferia.

O terceiro capítulo apresenta, a partir da experiência do projeto Operação Periferia, perspectivas para a missão na cidade hoje.

Uma primeira perspectiva é a continuidade da opção pela periferia da cidade como continuidade da opção pelos pobres e como concretização da Igreja Povo de Deus apresentada no Concílio Vaticano II.

Na condição de Igreja de todos, a Igreja quer ir ao encontro dos pobres, dos menos favorecidos, dos excluídos. A periferia da cidade é um dos lugares onde encontramos esses menos favorecidos e excluídos e por isso deve se tornar um campo de missão para a Igreja na cidade.

A Igreja assume que a evangelização, anúncio e testemunho da boa notícia do Reino de Deus deve ser inculturada e isso leva a considerar a identidade específica do interlocutor, sua cultura, sua religiosidade. Um interlocutor presente na cidade e especialmente na periferia é o migrante com sua cultura e religiosidade. Por isso, um segundo aspecto é a valorização da cultura e religiosidade dos migrantes presentes na periferia da cidade.

O individualismo e o isolamento são uma característica muito marcante na cidade. As pessoas por várias razões, mesmo dentro de uma realidade globalizada, se sentem cada vez mais sozinhas. É preciso então criar ambientes eclesiais de encontro na cidade, e em especial na periferia, mas não de qualquer encontro, e sim de encontro que proporcione a escuta, o diálogo, a solidariedade, o refletir juntos as realidades presentes na periferia e na cidade como um todo, para a partir da Palavra de Deus e fortalecidos pela Eucaristia ser instrumento de construção do Reino de Deus, ou seja, é preciso criar e fortalecer as pequenas comunidades, eis aí outro aspecto da missão na cidade.

A Igreja precisa, ela mesma, testemunhar a comunhão e a partilha para dar exemplo de Igreja servidora na cidade, e isso só é possível quando ela se coloca numa dinâmica de trabalho pastoral de conjunto, ou seja, quando ela favorece a articulação das diversidades presentes no seu interior em favor de um projeto comum de trabalho missionário na cidade tendo em vista a periferia, partilhando seus recursos materiais e humanos a serviço deste projeto. Este é outro aspecto que se torna importante na evangelização da cidade.

A Igreja não está e nem atua sozinha na cidade tendo em vista do bem comum para a sua periferia, existem outros agentes que se fazem presentes e que também atuam em busca deste bem comum. Neste sentido é necessário um diálogo permanente da Igreja com estes agentes para que possam juntos buscar saídas para os desafios da periferia da cidade. Este é um aspecto importante para a missão da Igreja na cidade.

A Igreja Católica sempre tem uma palavra a dar para a cidade e esta palavra é sustentada na Palavra de Deus que é sempre palavra de vida, mas também a Igreja sempre deve estar aberta para escutar a palavra da cidade que se faz presente através dos agentes que atuam nela. É neste partilhar que se pode chegar a uma cidade mais humana a partir da periferia, com mais vida para todos. Afinal esse é o desejo de Deus confirmado em Jesus Cristo: “Eu vim para que todos tenham vida, e a tenham em abundância”. (Jo 10, 10).

Para complementar a pesquisa, em anexo, apresento cartas de pedidos de compras de terrenos para centros comunitários na periferia de São Paulo, esses pedidos mostram como foi intensa na década de 70, a construção destes centros que se transformaram em CEBs e hoje muitas já se tornaram paróquias.

Também apresento mapas que mostram a realidade de exclusão da periferia nos dias de hoje e, para terminar, um conjunto de fotos mostrando o Arcebispo e seu Colégio Episcopal, as Regiões e Setores, a Periferia, as Comunidades em vários momentos e o diálogo da Igreja Católica com alguns agentes presentes na cidade.

## CAPÍTULO I

### **ASPECTOS ECONÔMICOS, POLÍTICOS, SOCIAIS, GEOGRÁFICOS E RELIGIOSOS DA REALIDADE DA CIDADE DE SÃO PAULO NA DÉCADA DE 1970**

Este capítulo procurará mostrar a realidade vivida na cidade de São Paulo na década de 70, em seus aspectos econômicos, políticos, sociais, geográficos e religiosos, para poder perceber seus problemas e, conseqüentemente, os desafios para a Igreja Católica presente na Arquidiocese de São Paulo nesse período. Desafios que levaram a mesma a repensar a sua postura e atuação missionária, idealizando e colocando em prática um grande projeto chamado Operação Periferia. Porém é necessário apresentar alguns antecedentes, que ajudarão a compreender melhor a realidade da década em questão.

#### **1. Antecedentes para o estudo da década de 1970**

Durante a primeira metade do século XIX nenhum edifício particular caracterizava a cidade. Por volta de 1850, as construções religiosas ainda dominavam a silhueta da pequena capital: a Catedral da Sé, o Mosteiro de São Bento, os conventos de São Francisco, Carmo e Sta. Tereza e, mais retirado, o das recolhidas da Luz. Em segundo plano salientavam-se o palácio do Governo, a cadeia, o quartel e hospital militar, dentre os edifícios mais importantes que dominavam o casario pouco compacto.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> MARCÍLIO, Maria Luiza. *A cidade de São Paulo – Povoamento e População 1750-1850*. São Paulo: Pioneira, 1973. p. 11.

Deixando o centro, descobria-se do lado norte o grande jardim botânico, lugar de passeios e de diversões públicas, criação do governador da Capitania, Antonio Manuel de Mello Castro e Mendonça, em 1799.

Para além dos limites da colina e do passeio público, o caráter propriamente urbano desaparecia. Alguns grupos de casas do lado do Brás e seus arredores, outro do lado da Consolação ou de Santa Efigênia, e era tudo. As artérias que partiam da Sé em várias direções atravessavam grandes espaços vazios antes de encontrar outras aglomerações que prolongavam o município paulista a distâncias consideráveis do centro. Estes espaços, quase desertos, eram conseqüências do meio natural que impôs obstáculos a um desenvolvimento urbano sem solução de continuidade.<sup>2</sup> Estes espaços vazios foram pouco a pouco preenchidos. De início, lentamente, e depois, a partir do final do século XIX de maneira extraordinariamente rápida.<sup>3</sup>

As chácaras ocupavam de forma característica os arredores do núcleo central, localizando-se nos sítios mais pitorescos dessas artérias, indicando, assim, a presença do homem. Na zona central, encontravam-se as chácaras das primeiras personalidades municipais; eram geralmente as mais bem cuidadas.

Mais longe, além do Tietê, Pinheiros, Aricanduva e Ipiranga, vários caminhos levavam aos bairros, às freguesias periféricas da cidade. Em torno destes aglomerados e ao longo dos caminhos que a eles conduziam, encontravam-se as fazendas que abasteciam em alimentos o mercado da vila. Estas fazendas e os sítios formavam uma cintura dentro da qual constitui-se o município de São Paulo em meados do século XIX.<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> MARCÍLIO, Maria Luíza. *A cidade de São Paulo – Povoamento e População 1750-1850*. p. 12-13.

<sup>3</sup> *Ibidem*. p. 54.

<sup>4</sup> *Ibidem*. p. 13.

Já o século XX, em suas manifestações, passa a ser sinônimo de progresso. A riqueza proporcionada pelo café espelha-se na São Paulo "moderna", até então acanhada e tristonha capital.

Trens, bondes, eletricidade, telefone, automóvel, velocidade, a cidade cresce, agiganta-se e recebe muitos melhoramentos urbanos como calçamento, praças, viadutos, parques e os primeiros arranha-céus.

O centro comercial com seus escritórios e lojas sofisticados expõem em suas vitrinas a moda recém-lançada na Europa. Enquanto o café excitava os sentidos no estrangeiro, as novidades importadas chegavam ao Porto de Santos e subiam a serra em demanda à civilizada cidade Planaltina.

A industrialização se acelera após 1914. Durante a Primeira Grande Guerra, o café taxado como supérfluo e sem comprador apontou os interesses da elite para as indústrias de bens de consumo: calçados, bebidas, tecidos, chapéus e cosméticos. Mas o aumento da população e das riquezas é acompanhado pela degradação das condições de vida dos operários que sofrem com salários baixos, jornadas de trabalho longas e doenças. Na década de 20, a industrialização ganha novo impulso, a cidade cresce (em 1920, São Paulo tinha 580 mil habitantes).

Na década de 30, a cidade se encaminhava para ser o maior centro industrial da América Latina, com cerca de 14 mil fábricas e mais de 1,4 milhão de habitantes. Também presenciou uma realização urbanística notável, que testemunhava o seu processo de "verticalização": a inauguração, em 1934, do Edifício Martinelli, maior arranha-céu de São Paulo, à época, com 26 andares e 105 metros de altura. Viveu também nesta década o impacto do Estado Novo, quando o então presidente Getúlio Vargas mandou rasgar a constituição e mandou o seu ministro da justiça, Francisco Campos, redigir uma nova de acordo com suas

ambições políticas e que lhe dava plenos poderes sobre o cidadão, o parlamento, o comércio e a indústria.<sup>5</sup>

A década de 40 foi marcada por uma intervenção urbanística sem precedentes na história da cidade. O prefeito Prestes Maia colocou em prática o seu "Plano de Avenidas", com amplos investimentos no sistema viário. Nos anos seguintes, a preocupação com o espaço urbano visava basicamente abrir caminho para os automóveis e atender aos interesses da indústria automobilística que se instalou em São Paulo em 1956.<sup>6</sup>

Simultaneamente, a cidade cresceu de forma desordenada em direção à periferia gerando uma grave crise de habitação, na mesma proporção, aliás, em que as regiões centrais se valorizaram servindo à especulação imobiliária.

Nos anos 50, inicia-se o fenômeno de "desconcentração" do parque industrial de São Paulo que começou a se transferir para outros municípios da Região Metropolitana (ABCD, Osasco, Guarulhos e região de Santo Amaro) e do interior do Estado (Campinas, São José dos Campos, Sorocaba).

Esse declínio gradual da indústria paulistana insere-se num processo de "terceirização" do Município, acentuado a partir da década de 70. Isso significa que as principais atividades econômicas da cidade estão intrinsecamente ligadas à prestação de serviços e aos centros empresariais de comércio (*shopping centers*, hipermercados). As transformações no sistema viário vieram atender a essas novas necessidades.<sup>7</sup>

## **2. A segregação socioespacial em São Paulo no século XX**

---

<sup>5</sup> A Cidade de São Paulo e Sua História. Disponível em:< <http://prodam.sp.gov.br/dph/história/>>. Acesso em 4 de janeiro de 2007, 15:05.

<sup>6</sup> A Cidade de São Paulo e Sua História. Disponível em:< <http://prodam.sp.gov.br/dph/história/>>. Acesso em 4 de janeiro de 2007, 15:05.

<sup>7</sup> Ibidem.

O processo de segregação espacial na cidade de São Paulo por classes sociais que se iniciara no final do século XIX com a abertura dos loteamentos no outro lado do vale do Anhangabaú se acelera com o crescimento da população nas primeiras décadas do século XX. Tereza Pires do Rio Caldeira coloca que desde o final do século XIX até os anos de 1940 o espaço urbano e a vida social em São Paulo se caracterizavam por concentração e heterogeneidade, os diferentes grupos sociais se comprimiam em uma área urbana pequena.<sup>8</sup> A pequena cidade de 19.000 habitantes em 1870 atinge perto de um milhão de habitantes em 1930.

O tipo de indústria que se instala em São Paulo neste período, reunindo dentro de si uma complexa divisão social do trabalho, atraiu à cidade grandes levas de migrantes. Novos locais de residência e de localização de indústrias eram constantemente abertos. O processo de periferização decorre da própria expansão da atividade industrial que cria novos e mais diversificados centros.

A casa alugada e especialmente o cortiço foram durante as primeiras décadas do século XX a forma de moradia das classes de renda mais baixa, enquanto a elite e uma pequena classe média viviam em mansões ou casas próprias. Com o aumento da população urbana em função do crescimento da atividade industrial surgem novas formas de habitação que concorrem para a transformação da estrutura urbana da cidade de São Paulo: a expansão da área urbanizada criou bairros para os ricos nas proximidades do centro, que tinham, através da própria regulamentação, garantias à qualidade e beleza dos espaços mais valorizados da cidade ao mesmo tempo em que os pobres eram expulsos para a periferia através do estímulo à construção de vilas operárias junto às indústrias, localizadas no perímetro circundante ao centro.<sup>9</sup> O aluguel ainda é a forma dominante de acesso à habitação, porém tem início neste

---

<sup>8</sup> Cf: CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. *Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. 34ª ed. São Paulo: EDUSP, 2000.

<sup>9</sup> Ibidem.

período a solução que tornará cada vez mais difundida e dominante, a partir dos anos 60, a autoconstrução da habitação na periferia da cidade.

Em São Paulo, a localização na periferia da cidade das habitações de classe mais baixa economicamente, constatação reafirmada pelos diferentes estudos urbanos, está relacionada a dois processos: a verticalização do centro com conseqüente expulsão das residências de classes mais baixas para a periferia e a transformação do sistema de transportes coletivos. No início do século XX, os bondes foram a forma de transporte coletivo dominante na cidade. A Light, empresa de capital inglês, concessionária dos serviços de eletricidade e de transporte público atendia preferencialmente aos loteamentos de classe alta.<sup>10</sup>

A rigidez dos trilhos dos bondes é inicialmente complementada e gradualmente substituída pelos ônibus, estendendo o serviço a áreas não atendidas. A malha viária necessária a esta mudança foi implantada de acordo com os princípios de um sistema viário radial proposto pelo Plano de Avenidas<sup>11</sup> e implantado nas administrações de Fábio Prado e Prestes Maia no período entre 1934 e 1945.

O transporte por ônibus se, por um lado, torna possível o deslocamento diário da população, por outro, o faz a níveis extremamente precários em termos de tempo de deslocamento, frequência e segurança.

Sem dúvida, muitas das obras viárias realizadas tiveram relação com os loteamentos de classe alta que se abriam nesta época em São Paulo, em especial os da companhia de capital inglês City. Elas estabeleceram novas e mais amplas ligações entre bairros e o centro da cidade e também integraram os bairros entre si.

---

<sup>10</sup> A Cidade de São Paulo e Sua História. Disponível em:< <http://prodam.sp.gov.br/dph/história/>>. Acesso em 4 de janeiro 2007, 15:05.

<sup>11</sup> Plano que apresentava uma reestruturação de toda a cidade de São Paulo no plano viário, localização de edifícios públicos e áreas verdes. Para aprofundar o tema Plano de Avenidas consultar: ZMITROWICZ, W. 1996. *Francisco Prestes Maia, "O sonho e a realidade do Plano de Avenidas"*. In: *Revista Cidade*. Secretaria Municipal da Cultura, PMSP.

A concepção de cidade implícita nas propostas do Plano de Avenidas de ocupação extensiva do solo estruturada por um sistema viário radial-perimetral corresponde ao nível da estrutura urbana, por um lado, ao novo padrão de ocupação periférico da cidade e, por outro, garante uma integração mais eficiente entre os diferentes bairros e o centro da cidade. Prepara-se dessa forma uma estrutura urbana mais integrada e homogênea. A realização destas obras no curto prazo de dez anos teve um impacto importante nas condições de mobilidade tanto de mercadorias como de pessoas, condição necessária à expansão do processo de industrialização que ocorrerá nas próximas décadas.

No decorrer do século XX, o padrão de segregação comum às metrópoles brasileiras é o que diferencia o centro da periferia em termos de equipamentos urbanos (água, esgoto, luz, transporte público). As classes média e alta concentram-se nos bairros com serviços, equipamentos urbanos e boa infra-estrutura, e os pobres vivem nas periferias distantes e precárias. Periferia geograficamente significa as franjas da cidade e para a sociologia urbana, o local onde moram os pobres<sup>12</sup>.

### **3. A situação da cidade de São Paulo na década de 1970**

A década de 70 foi caracterizada no Brasil pelo “milagre econômico” que pregava o crescimento do bolo para depois poder dividi-lo melhor, orientação seguida pelos condutores governamentais da economia em sintonia com o capital internacional e parte do empresariado nacional. Mas, também, uma década antes, havia se disseminado que o país estava a caminho de maior igualdade, e a construção de Brasília, no final da década de 50, preconizava essa situação de esperança que acabou sendo frustrada pela crise do petróleo acontecida a nível

---

<sup>12</sup> SILVA LEME, Maria Cristina da. *O impacto da globalização em São Paulo e a precarização das condições de vida. EURE (Santiago)*. [online]. ago. 2003, vol.29, no.87 [citado 09 Enero 2007], p.23-36. Disponible en la WorldWideWeb:<[http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0250-71612003008700002&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0250-71612003008700002&lng=es&nrm=iso)>. ISSN 0250-7161. Acesso em 4 de janeiro de 2007, 15:14.

mundial. Isso em todos os aspectos criou um grande contraste entre desenvolvimento e marginalização.

O padrão de urbanização brasileiro imprimiu às metrópoles pelo menos duas fortes características associadas ao modo predominante de "ser cidade": apresentam componentes de "insustentabilidade" vinculados aos processos de expansão e transformação urbana e proporcionam baixa qualidade de vida a parcelas significativas da população.

A especulação imobiliária leva a uma grande verticalização na ocupação das áreas mais centrais urbanizadas, o mesmo motivo, ou seja, o preço da terra que está relacionado a sua localização em relação a equipamentos, serviços e infra-estrutura, expulsa uma grande parte da população para lugares distantes dos locais de trabalho e de áreas urbanizadas e freqüentemente em loteamentos clandestinos ou irregulares.<sup>13</sup>

Esse padrão cria um espaço *dual*: de um lado, o centro, que concentra os investimentos públicos e, de outro, seu contraponto absoluto, a *periferia*, que cresce exponencialmente na ilegalidade urbana, sem atributos de urbanidade, exacerbando as diferenças socioeconômicas. Já na década de 60, o crescimento demográfico da grande São Paulo foi de 5,5 % ao ano, e se acentuava a criação de cidades-dormitório, verdadeiros acampamentos desprovidos de infra-estrutura.<sup>14</sup> São Paulo na década de 70 tinha se tornado uma cidade na qual pessoas de diferentes classes sociais não só estavam separadas por grandes distâncias, mas também tinham tipos de habitação e qualidade de vida urbana radicalmente diferentes.<sup>15</sup> Faz-se presente então na cidade de São Paulo na década de 70 um processo de exclusão territorial, há um deslocamento de uma grande parcela da população para os territórios mais afastados do centro da cidade com o incremento de periferias

---

<sup>13</sup> MARICATO, Ermínia. *Política Habitacional no Regime Militar – do milagre brasileiro à crise econômica*. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 66.

<sup>14</sup> CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de, et al., *São Paulo 1975: Crescimento e Pobreza*, 13ª edição. Loyola, São Paulo, 1976.

<sup>15</sup> Cf. CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. *Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*.

“Aglomerados, clandestinos ou não, carentes de infra-estrutura, onde vai residir a mão-de-obra necessária para o crescimento da população”.<sup>16</sup>

O grau de crescimento demográfico somado à heterogeneidade existente em termos de desenvolvimento socioeconômico entre as distantes áreas do seu território, implicou uma distribuição nada uniforme da população, feita por segregação, e que distingue a população da periferia - “os mais pobres” - das camadas mais abastadas do centro. Deste modo delinea-se um processo bem marcado de concentração demográfica em certas regiões da cidade. O anel periférico foi responsável por 43% do incremento populacional nos anos 60, e por 55%, nos anos 70.<sup>17</sup>

Aqui já se faz presente outro desafio, além da concentração populacional na periferia aparece o problema da condição de moradia. As novas configurações espaciais a serviço das camadas mais abastadas da população são feitas por um mercado residencial que expulsa os grupos pobres para áreas mais distantes. Uma enorme população que não tem acesso aos planos habitacionais, abrigava-se em áreas públicas ou particulares abandonadas, na beira de córregos, encostas.<sup>18</sup>

Desde o início da década de 70, o BNH (Banco Nacional da Habitação), embora originalmente, pela lei de criação, já se propunha a investir no saneamento básico, além de investir em habitações,<sup>19</sup> passou sistematicamente a orientar seus recursos para o financiamento de governos estaduais e municipais na produção de obras de infra-estrutura urbana, tais como implantação ou melhoria do sistema de abastecimento de água e esgoto sanitário, do sistema viário e pavimentação, da rede de distribuição de energia elétrica, de

---

<sup>16</sup>KOWARICK, Lúcio e BONDUKI, Nabil, “Espaço Urbano e Espaço Político: Do Populismo à Democratização”. In : *São Paulo, Passado e Presente*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988. p. 148-149.

<sup>17</sup>SUZANA. P. Taschner, LUCIA M. M. Bógus. *São Paulo, uma metrópole desigual*. EURE (Santiago). [online]. mayo. 2001, vol.27, no.80 [citado 09 Enero 2007]. Disponible en la World Wide Web: <[http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0250-71612003008700002&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0250-71612003008700002&lng=es&nrm=iso)>. ISSN 0250-7161. Acesso em 4 de janeiro 2007, 15:14.

<sup>18</sup>FASE E UNIÃO DOS MOVIMENTOS DE MORADIA, *Direito à moradia – Uma Contribuição para o debate (Coleção Caminhos)*, São Paulo: Paulinas, 1982. p. 69.

<sup>19</sup>Cf: AZEVEDO, Sérgio de e ANDRADE, Luís Aurélio de Gama. *Habitação e poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

transporte, de comunicação, de educação e cultura, de serviços públicos, de esgoto de águas pluviais e outras, esquecendo-se do investimento em habitação.

Essa tendência crescente do financiamento ao desenvolvimento urbano, que atingiu seu auge em 1976, foi preparada paulatinamente através de resoluções e decretos que adaptaram a estrutura do BNH para esse fim. Do início até meados da década de 70, portanto, o BNH enfatiza o investimento de seus recursos em obras urbanas. Após 1976 há uma tentativa de correção dessa rota, favorecendo investimento em habitação propriamente dita.

A política habitacional empreendida, a partir dos anos 70, com os fundos do Sistema Financeiro de Habitação reforçou a expansão precária para a periferia. O não sucesso do Sistema Financeiro da Habitação no Brasil desde sua estruturação em bases mais exequíveis, de 1968 até 1980, quando entra em profunda crise em consonância com toda a economia do país, se deveu exatamente ao fato de ignorar os setores de menores rendimentos da população e tratar a habitação como uma mercadoria a ser produzida e comercializada em moldes estritamente capitalistas.<sup>20</sup> Grandes conjuntos habitacionais foram construídos neste período nas extremidades leste e sul da zona rural do município, as chamadas COHABs (denominação dada pelo Banco Nacional de Habitação – BNH). Pela legislação de uso e ocupação do solo do município de São Paulo, o único uso permitido na zona rural era para a construção de conjuntos habitacionais. Entretanto não tinham infra-estrutura de saneamento, transporte público, nem equipamentos de saúde e educação.<sup>21</sup> Os fracassos sucessivos dos investimentos do BNH em habitação popular, o baixo poder aquisitivo da maior parte da população em contraposição à formação de uma classe média mais afluyente, beneficiada pela concentração de renda nos estratos mais privilegiados da sociedade, a necessidade de buscar clientes em

---

<sup>20</sup> MARICATO, Ermínia. *Política Habitacional no Regime Militar – do milagre brasileiro à crise econômica*. p. 29-30.

<sup>21</sup> SILVA LEME, Maria Cristina da. *O impacto da globalização em São Paulo e a precarização das condições de vida*. *EURE (Santiago)*. [on-line]. ago. 2003, vol.29, no.87 [citado 09 Enero 2007], p.23-36. Disponible en la WorldWideWeb: <[http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0250-7161200300870002&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0250-7161200300870002&lng=es&nrm=iso)>. ISSN 0250-7161. Acesso em 4 de janeiro 2007, 15:14.

condições de responder aos juros e correção monetária dos financiamentos do BNH, o interesse da indústria da construção (subsetor edificações e subsetor construção pesada), a política financeira e a política nacional de grandes projetos levam o BNH a se afastar dos investimentos destinados a habitação popular. A política habitacional foi orientada de forma bastante pragmática atendendo aos interesses da indústria da construção, dos promotores imobiliários e agentes financeiros<sup>22</sup>, um isolamento dos conjuntos habitacionais já existentes, a falta de recurso da prefeitura para a produção dos complementos à habitação, a falta de interesse de empresas públicas em relação à implantação de redes de serviços e a falta de fiscalização na construção são alguns dos problemas que levariam ao não êxito desse tipo de política habitacional.

Diante deste processo de dificuldade no programa de habitação popular, as favelas crescem em São Paulo (em 1968 0,8% da população morava em favelas contra 11% em 1979)<sup>23</sup>, a maior parte localizada em áreas públicas ou de risco na periferia “Então a favela acabou sendo a solução para o trabalhador morar sem morrer de fome”.<sup>24</sup>

O crescimento da população favelada no município de São Paulo foi da ordem de 446%, enquanto a população total cresceu 44%, de acordo com dados do Censo do IBGE – 1980.

O agravamento das condições de habitação não é expresso apenas pelo número de favelados. Em São Paulo, o número de habitantes de cortiços é maior do que o número de habitantes de favelas. Em 1975 estimava-se que 7,1% da população do município residiam em cortiços. Estes, embora estejam mais bem localizados do que a maior parte das favelas

---

<sup>22</sup> MARICATO, Ermínia. *Política Habitacional no Regime Militar – do milagre brasileiro à crise econômica*. p. 82.

<sup>23</sup> ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, *Relatório Quinquenal 1975-1979*, p. 4.

<sup>24</sup> Presidente da Associação dos Favelados de São Bernardo do Campo, *Folha de São Paulo*, 20/12/83.

paulistas, apresentam, não raras vezes, piores condições de higiene e conforto ambiental. Constata-se efetivamente uma piora do nível de vida através da habitação.<sup>25</sup>

Excluída do mercado imobiliário, organizado em moldes essencialmente capitalistas, a grande maioria da população brasileira, e em São Paulo não é diferente, lança mão de expedientes variados para se prover de habitação, que vão desde a invasão de terras e construção de barracos com reaproveitamento de materiais usados até autoconstrução no loteamento irregular ou o aluguel do cômodo no cortiço.<sup>26</sup>

A partir deste quadro torna-se precária a questão do saneamento básico. Na região metropolitana somente 30 por cento dos domicílios se serviam de rede de esgoto e 53 por cento de rede de água. Na periferia apenas 20 por cento dos domicílios tinha rede de esgoto e 46 por cento tinham rede de água.<sup>27</sup> Pela falta de saneamento e a precária estrutura de saúde pública (em 1970 São Paulo contava com 19 hospitais públicos, sendo 1 federal, 11 estaduais, 6 municipais e 1 paraestadual)<sup>28</sup> “aumenta o índice de mortalidade infantil e diminui o tempo de vida médio da população (taxa de mortalidade infantil de 85%, tempo de vida médio 65 a 70 anos)”<sup>29</sup>.

A falta de condições mínimas de educação torna grande o índice de analfabetismo. Na capital estima-se em “8% a população acima de 14 anos sem qualquer escolaridade”.<sup>30</sup> Isto traz uma grande dificuldade para o desenvolvimento intelectual e econômico da população da periferia.

---

<sup>25</sup> MARICATO, Ermínia. *Política Habitacional no Regime Militar – do milagre brasileiro à crise econômica*. p. 65-66.

<sup>26</sup> *Ibidem*. p. 90.

<sup>27</sup> REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO. *Diagnóstico 75 – Condições Urbanas: Saúde*. p. 14; 15 e 28.

<sup>28</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE – Estatísticas do Século XX. Assunto Saúde – Organização hospitalar 1970 – Número de hospitais segundo a entidade mantenedora, a categoria e a finalidade por unidades da Federação e municípios e capitais. Rio de Janeiro, 2003.CD-ROM

<sup>29</sup> ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, *Relatório Quinquenal 1970-1974*.

<sup>30</sup> *Ibidem*.

No tocante a economia, os quase 7 milhões de habitantes da metrópole, além da progressiva perda salarial - o salário mínimo era de 532,80 cruzeiros em 1975, quando deveria ser de 1.413,00 cruzeiros para atingir o valor que vigorava em 1958<sup>31</sup> - passaram a defrontar-se com o aumento do custo de vida. “A fim de conseguir comprar a cesta básica, cada assalariado tinha de trabalhar 104 horas em 1970, 114 horas em 1971, 132 horas em 1972, 159 horas em 1973 e 160 horas em 1974. O aumento da cesta básica foi de: 43% do ganho do trabalhador em 1970; 47% em 1971; 55% em 1972; 66% em 1973; 67% em 1974”.<sup>32</sup>

### **3.1. São Paulo: Política e Economia**

Na política, São Paulo vive os reflexos da ditadura militar que passou a vigorar no país. O fato histórico, o “golpe de 64”, teve seu estopim com a revolta do governador mineiro, Magalhães Pinto. Os militares mineiros marcharam para o Rio de Janeiro, onde Carlos Lacerda os esperava. Consumado o golpe, foi eleito para governar o país o marechal Castello Branco. A partir daí começava a ditadura militar.

A ruptura de abril de 1964 resultou no arquivamento das propostas nacionalistas de desenvolvimento. A partir daí, foi implantado um modelo econômico que, alterado periodicamente em questões de importância secundária, revelou uma essência que pode ser resumida em duas frases: concentração de renda e desnacionalização da economia.

A índole concentradora do modelo pode ser aferida a partir dos diversos indicadores: política salarial, política tributária, política fundiária, política de investimentos, etc. A desnacionalização implicou a abertura de todas as portas para o capital estrangeiro: estímulo creditício e fiscal para implantação de multinacionais no Brasil, facilitação de remessa de

---

<sup>31</sup> DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos), São Paulo, abril de 1975.

<sup>32</sup> ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, *Relatório Quinquenal 1970-1974*.

lucros e vistas grossas diante das fraudes para burlar os controles legais, permissão para compra de terras por grupos estrangeiros e endividamento externo.

Do outro lado, o país vive o milagre econômico, dos projetos de impacto e das obras faraônicas como a ponte Rio-Niterói e a rodovia Transamazônica, num clima de ufanismo insuflado pela propaganda oficial.<sup>33</sup>

No dia 13 de dezembro de 1968, o então presidente Costa e Silva endureceu o regime militar lançando o Ato Institucional nº 5 (AI-5). O AI-5 foi o mais truculento ato do regime militar, ampliava o autoritarismo do supremo mandatário da nação e de seus principais assessores.

Em 1969, tinha tomado posse o novo presidente: o general Emílio Garrastazu Médici. Seu governo é considerado o mais duro e repressivo do período, conhecido como “anos de chumbo”.

A repressão à luta armada cresce e uma severa política de censura é colocada em execução. Jornais, entre eles *O São Paulo* da arquidiocese de São Paulo, revistas, livros, peças de teatro, filmes, músicas e outras formas de expressão artística são censurados. Muitos professores, políticos, músicos, artistas e escritores são investigados, presos, torturados ou exilados do país. O DOI-CODI (Destacamento de Operações e Informações e o Centro de Operações de Defesa Interna) atua como centro de investigação e repressão do governo militar.

No caso de São Paulo o DOPS (Departamento de Ordem Política e Social), mais tarde DEOPS, chegou praticamente a competir com o DOI-CODI na ação repressiva, reunindo em torno do delegado Sérgio Paranhos Fleury uma equipe de investigadores que, além de torturar e matar inúmeros opositores, eram simultaneamente integrantes de um bando autodenominado “Esquadrão da Morte”. Esse “Esquadrão”, a pretexto de eliminar criminosos

---

<sup>33</sup> PAULO, D. Evaristo Arns. *Brasil Nunca Mais*. 7ªed. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 60; 63.

comuns, chegou a assassinar centenas de brasileiros, muitos dos quais não registravam qualquer tipo de antecedente criminal.<sup>34</sup>

Em 1974 assume a Presidência o general Ernesto Geisel que começa um lento processo de transição rumo à democracia. Seu governo coincide com o fim do milagre econômico e com a insatisfação popular com as altas taxas de inflação. A crise do petróleo e a recessão mundial interferem na economia brasileira, no momento em que os créditos e empréstimos internacionais diminuem.

Geisel anuncia a abertura política lenta, gradual e segura. A oposição política começa a ganhar espaço. Em 1974, o MDB (Movimento Democrático Brasileiro) conquista 59% dos votos para o Senado, 48% da Câmara dos Deputados em detrimento da ARENA (Aliança Renovadora Nacional) partido da situação.<sup>35</sup>

Os militares de linha dura, não contentes com os caminhos do governo Geisel, começam a promover ataques clandestinos aos membros da esquerda. Em 1975, o jornalista Vladimir Herzog é assassinado nas dependências do DOI-Codi em São Paulo. Em janeiro de 1976, o operário Manuel Fiel Filho aparece morto em situação semelhante. Em 1978, Geisel acaba com o AI-5, restaura o *habeas corpus* e abre caminho para a volta da democracia no Brasil.

A vitória do MDB nas eleições em 1978 começa a acelerar o processo de redemocratização. O então presidente general João Baptista Figueiredo decreta a Lei da Anistia, concede o direito de retorno ao Brasil para os políticos, artistas e demais brasileiros exilados e condenados por crimes políticos. Os militares de linha dura continuam com a repressão clandestina. Cartas-bomba são colocadas em órgãos da imprensa e da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil). No dia 30 de abril de 1981, uma bomba explode dentro de um

---

<sup>34</sup> PAULO, D. Evaristo Arns. *Brasil Nunca Mais*. p. 74.

<sup>35</sup> Com o ato institucional nº 02 de outubro de 1965 estavam extintos todos os partidos políticos existentes até então, podendo daí para frente existir apenas dois partidos políticos: ARENA (Aliança Renovadora Nacional) e MDB (Movimento Democrático Brasileiro).

carro no estacionamento do Riocentro durante um show em homenagem ao Dia do Trabalho no seu centro de convenções. O atentado frustrado fora provavelmente promovido por militares de linha dura, embora até hoje nada tenha sido provado.

Em 1979, o governo aprova lei que restabelece o pluripartidarismo no país. Os partidos voltam a funcionar dentro da normalidade. A ARENA muda o nome e passa a ser PDS (Partido Democrático Social), enquanto o MDB passa a ser PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro). Outros partidos são criados, como: Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido Democrático Trabalhista (PDT).<sup>36</sup>

### 3.2. São Paulo Berço das Lutas Sindicais

*“Com o seu trabalho o homem sustenta a própria vida e a dos seus, associa-se aos seus irmãos e os ajuda, pode exercer a caridade fraterna e colaborar no aperfeiçoamento da criação divina”.*<sup>37</sup>

A primeira etapa de formação da classe operária brasileira ocorreu a partir dos últimos anos do século XIX, ligada a um processo de transformações cujo eixo foi a expansão da economia cafeeira.

O movimento operário e suas lutas sindicais já se fazem presentes desde o fim do século XIX e início do século XX, sobretudo a partir de três correntes: o anarquismo, o socialismo reformista e o “trabalhismo”.

As condições gerais do trabalho urbano no Brasil no início do século XX são conhecidas, correspondendo, nas empresas maiores, ao modelo de acumulação da primeira fase do capitalismo industrial.

---

<sup>36</sup> Ditadura Militar no Brasil. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/ditadura/>. Acesso em 11 de janeiro de 2007, 19:05.

<sup>37</sup> COMPÊNDIO VATICANO II – Constituições, Decretos e Declarações: Constituição Pastoral “*Gaudium et spes*”. 23ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994. n° 425. p. 222.

O surgimento de São Paulo como centro urbano-industrial, a chegada de quadros anarquistas e socialistas em princípios do século, a constituição de um proletariado com certo grau de homogeneidade criaram as condições básicas para um ascenso do movimento operário que se concentrou predominantemente no Estado de São Paulo.<sup>38</sup>

É diante de um quadro econômico e político de dificuldade, que na década de 70, ressurgem os grandes movimentos operários, principalmente o dos metalúrgicos que reivindicam uma melhor condição de trabalho e salário.

Os anos 70 foram o grande marco da iniciativa e também das grandes lutas dos trabalhadores dessas últimas três décadas e meia. Surgem várias oposições sindicais em diversas categorias, sendo algumas de destaque, como a oposição dos metalúrgicos de São Paulo, que entra em luta no final dos anos 60, e a oposição dos metalúrgicos de Campinas que no final da década de 70 já se destacava pela quantidade de grandes empresas metalúrgicas de diversos ramos.<sup>39</sup>

A direção do Sindicato de Metalúrgicos de São Paulo era considerada “pelega” e, apesar do arrocho salarial, seguia os ditames do Ministério do Trabalho, com a proibição de greves e outras formas de organização operárias. Sem a estrutura do sindicato apoiando seus movimentos, os trabalhadores iniciaram movimentos nos bairros e, ao mesmo tempo, pequenos grupos no interior das empresas, as comissões de fábricas. Incentivadas pela Oposição Sindical Metalúrgica, as comissões iniciaram lutas pontuais por melhoria das condições de trabalho.

---

<sup>38</sup> Para maior aprofundamento consultar: FAUSTO, Boris. *Trabalho Urbano e Conflito Social 1890-1920*. 4ª ed. São Paulo: DIFEL, 1986.

<sup>39</sup> CUNHA, Eliezer Mariano da. Um Período Vitorioso. *Revés do Avesso*. São Paulo, v. 15, nº 4-5, 49-50, [abr./maio.] 2006.

*“Uma boa parte dos problemas de nossas cidades vêm das relações de trabalho, fruto dessa concentração do poder econômico e da conseqüente exploração dos trabalhadores, cuja vida familiar e social é condicionada pelo salário baixíssimo que recebem”.*<sup>40</sup>

Em São Bernardo, no dia 12 de maio de 1978, os metalúrgicos da *Scania Vabis* pararam por 21% de aumento salarial. Essa ação foi se espalhando e no dia 29 de maio, a *Toshiba*, em São Paulo, também paralisou sua produção.

Era março de 1979, quando a Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo fez seu primeiro congresso definindo como princípios de sua atividade uma frente de sindicalistas que lutavam pela mudança da estrutura sindical, que entendiam deveria ser independente do Estado e organizada a partir das comissões de fábrica, visto que a estrutura presente era de caráter fascista, inspirada na “Carta Del Lavoro”<sup>41</sup> de Benito Mussolini, ditador italiano; e essa estrutura concebia o sindicato somente a partir de sua diretoria; que para funcionar tinha que ser autorizado pelo Ministério do Trabalho; que, segundo a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) deveria ser um instrumento de colaboração com o Estado; que não reconhecia a organização dos trabalhadores na empresa, negando-lhes a garantia no exercício de sua atividade sindical.<sup>42</sup>

É durante este período que surge a Pastoral Operária como uma resposta da Igreja para o momento.

Incentive-se a pastoral no mundo do trabalho pela criação de grupos e formação de lideranças, a fim de que, educados nos princípios do Evangelho, com o auxílio do método ver/julgar/agir, possam inspirar a transformação da problemática social reinante e nortear a convivência humana nas

---

<sup>40</sup> DOCUMENTOS DA CNBB, *Subsídios para Puebla*, nº 13. São Paulo: Paulinas, 1978. nº 32. p. 10.

<sup>41</sup> A Carta del Lavoro aprovada pelo Grande Conselho do fascismo em 21 de abril de 1927 e ratificada como texto legal em 1941 pelo Senado e Câmara Legislativa da Itália, sendo revogada em 1944 por decreto legislativo, trata das questões relativas ao estado corporativo e sua organização, do contrato coletivo de trabalho e das garantias do trabalho, das agências de emprego, da previdência, da assistência, da educação e da instrução, em 30 itens. Consultar: Livro História Sindicalista de autoria do Professor Jéferson Barbosa da Silva. Editora CEPROS – Centro de Estudos e Projetos Sindicais.

<sup>42</sup> ROSSI, Waldemar. Um longo processo. *Revés do Averso*. São Paulo, v. 15, nº 4-5, p. 3-4, [abr./maio.] 2006.

comunidades a respeito das questões econômico-sociais. Na ação evangelizadora, descobram-se, em espírito de solidariedade, os seus valores autenticamente humanos e cristãos, sem violar o processo de sua caminhada histórica, cuja definição e cujo desenvolvimento são da competência dos próprios trabalhadores.<sup>43</sup>

Um dos grandes testemunhos da atuação da Pastoral Operária neste período vem do Operário Santo Dias da Silva.

Santo Dias da Silva nasceu em Terra Roxa interior de São Paulo em 1942, filho de Jesus Dias da Silva e Laura Amâncio, trabalhou durante algum tempo como bóia-fria. Era católico praticante, ainda em Terra Roxa pertenceu a Legião de Maria e a Congregação Mariana. Em 1965 vem para São Paulo e começa a trabalhar como ajunte na “*Metal Leve*”, indústria metalúrgica em Santo Amaro. Em São Paulo continuou na Legião de Maria, acompanhando com profundo interesse a renovação da Igreja de São Paulo. Membro da Paróquia Nossa Senhora das Graças, Vila Remo, da Arquidiocese de São Paulo, Região Episcopal Itapeverica da Serra, foi ministro da eucaristia, iniciador da comunidade de Santa Margarida, além de colaborador na fundação da comunidade do Jardim Alfredo. Foi membro participante da Pastoral Operária, representando os trabalhadores na Comissão Provincial de São Paulo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Ainda em 1965 casa-se com Ana Maria com quem teve dois filhos, Santo Dias da Silva Filho (Santinho) e Luciana Dias da Silva. Trabalhou em várias indústrias onde se engajou nas Comissões de Fábrica e paralelamente participava da Pastoral Operária de seu bairro e em movimentos populares reivindicatórios. Por volta de 1973, participou da luta pela escola pública na sua região.

Em 1978, bem engajado no Movimento Operário, concorreu a vice-presidente na Chapa 3 da Oposição ao Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, perdendo em 2º turno. Em outubro de 1979, é deflagrada a greve geral dos metalúrgicos de São Paulo, onde por toda sua

---

<sup>43</sup> DOCUMENTOS DA CNBB. *Subsídios para Puebla*. p. 30.

participação política fica como liderança, e assim fica também visado pelo governo de Paulo Salim Maluf, governador na época, e pelo Sindicato, que havia ganhado as eleições no ano anterior.

No dia 30 de outubro de 1979, Santo trabalhava na metalúrgica “*Filtros Mann*”, região de “*Capela do Socorro*”. A greve estava acontecendo e os operários precisavam de reforço no piquete da hora do almoço na “*Fábrica Sylvania*”, para convocar os operários para uma Assembléia às quinze horas, Santo e outros operários dirigiram-se para lá.

Ao chegarem, a fábrica estava cercada de policiais, Santo tentou conversar com o coronel, mas não houve diálogo. Foram presos vários operários; outros começaram a ir embora. Os policiais atiravam para cima, mas o policial Herculano Leonel, atirou em Santo Dias da Silva pelas costas e este vem a falecer.<sup>44</sup> Santo Dias se torna assim o grande mártir da causa operária.<sup>45</sup>

A Pastoral Operária será uma das mais atuantes pastorais durante o final da década de 70 e década de 80 em toda a Igreja do Brasil, em especial na Igreja particular de São Paulo.

### **3.3. São Paulo cultura e lazer**

Toda a dificuldade social, econômica e política prejudica também a parte de lazer e cultura. Os equipamentos públicos culturais como exposições ou oficinas de teatro e arte e centros esportivos como quadras, campos ou piscinas se tornam algo distante da população da periferia visto que estão localizados na região central o que torna difícil o acesso.

Os espetáculos de lazer do período desenvolvimentista tinham como público principal os setores urbanos da classe média e alta, que procuravam pensar e incorporar, através das

---

<sup>44</sup> SOUSA, José Wilson de. *Mártir: Santo Dias da Silva*. 2004. Monografia (conclusão do curso de Graduação em Teologia) Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, Centro Universitário Assunção, São Paulo.

<sup>45</sup> Para aprofundar o tema Santo Dias da Silva consultar: DIAS, Luciana; AZEVEDO, Jô; BENEDICTO, Nair. *Santo Dias – Quando o passado se transforma em História*. São Paulo: Cortez, 2004.

apresentações, as características do povo brasileiro e o subdesenvolvimento, enquanto os setores operários podiam ter contato com peças que discutiam a exploração e a mais-valia.

O lazer popular mantinha a tradição do lazer oferecido no próprio bairro com baixo custo como o circo e as festas típicas católicas. As práticas esportivas tinham como espaço a rua, a empresa e os jogos de futebol nos campos muitas vezes improvisados, enquanto os setores mais abastados tinham os clubes esportivos e os parques públicos situados, em geral, nas regiões mais valorizadas.

Para os trabalhadores existem limitações que impedem o desenvolvimento de atividades de lazer: a) geralmente dispõem de pouco tempo livre, resultado da longa jornada de trabalho (quando a jornada de trabalho é reduzida diminui também a sua remuneração); b) não possuem condições favoráveis ao acesso de práticas de lazer, nem tampouco a possibilidade de optar dentre as variedades disponíveis. Assim, tanto as condições socioeconômicas quanto o tempo livre (este último marcado pela redução da jornada de trabalho) influenciam no desenvolvimento do lazer.<sup>46</sup>

O modelo político que vai dar sustentação ao regime militar cria um casamento oportuno entre a necessidade de investimento estatal para a ampliação da indústria televisiva. É nessa fase que se dá a consolidação dos grandes conglomerados de meios de comunicação, como a TV Globo. Com pouco dinheiro e diante das crises emergentes na economia mundial o refúgio é a casa e as telenovelas.

Até agora vimos toda uma realidade de exclusão e abandono das pessoas causados por uma política de segregação de uma parte da população nas regiões de periferia da cidade. Mas quem são essas pessoas?

#### **4. São Paulo cidade de migrantes na década de 1970**

---

<sup>46</sup> OLEIAS, Valmir José. *Conceito de Lazer*. Disponível em: <http://www.cds.ufsc.br/~valmir/cl.html>. Acesso em 21 de setembro de 2007, 10:40.

#### 4.1. Definindo Migração

A migração pode ser definida como uma mudança permanente de local de residência. Um indivíduo que morava em um local passa a morar em outro distinto. Parece fácil à primeira vista, mas na verdade não é. Se eu moro em uma cidade e mudo de bairro na mesma cidade, eu sou um migrante ou não? Eu morava em um local e agora moro em outro diferente. Você pode responder que na mesma cidade não vale por que a distância envolvida na mudança de domicílio é pequena. Caso a minha cidade seja grande, como São Paulo, eu posso me mudar de uma ponta da cidade e me deslocar 40 Km até o outro lado extremo de um mesmo município. Neste caso eu sou um migrante ou não? Vamos pensar em um outro caso. Eu moro perto da fronteira entre o Brasil e o Uruguai em uma cidadezinha que tem uma parte em cada país. Por alguma razão, eu resolvo me mudar para a casa localizada logo em frente da minha. Só que esta rua pode ser de um lado Brasil e do outro Uruguai. Eu troquei de país, mas me desloquei por apenas 20 metros. Eu sou um migrante ou não?

Esta pequena discussão serviu para mostrar que o estudo da migração não é tão simples como pode parecer à primeira vista. A mudança permanente de local de residência não é suficiente para definir o que seja a migração. Uma grande distância envolvida na troca de domicílio também não.<sup>47</sup>

Necessitamos de uma definição precisa. Uma comumente usada no Brasil é a seguinte: o migrante é o indivíduo que morava em um determinado município e atravessou a fronteira deste município indo morar em um outro distinto. Se eu mudo de bairro em um mesmo município, eu não sou um migrante, pois continuei morando no mesmo município, isso mesmo que a distância envolvida na troca de domicílio seja muito grande. Eu posso me deslocar por muitos quilômetros, como no caso de São Paulo, e continuo não sendo um

---

<sup>47</sup> GOLGHER, André Braz. *Fundamentos da Migração*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais –Cedeplar, 2004. p. 7-8. Disponível em: <http://cedeplar.ufmg.br/pesquisas/td/TD%20231.pdf>. Acesso em 11 de janeiro de 2007, 15:16.

migrante se permanecer no mesmo município. Agora, se eu moro numa cidadezinha na fronteira, mudo de lado na mesma rua e troco de país ou de município, eu sou considerado um migrante. Existem outras definições e tipos diferentes e específicos de migrantes. O migrante sai de um local e vai para outro. Ele tem uma origem e um destino. Uma pessoa que sai de uma região é um emigrante de seu local de origem. Uma pessoa que vem para uma região é um imigrante em seu local de destino. Eu morava em Belo Horizonte e fui morar em São Paulo. Sou um migrante, pois troquei de município. Minha origem é Belo Horizonte. Eu sou um emigrante deste município. Meu destino foi São Paulo. Eu sou um imigrante em São Paulo.

Uma outra distinção importante de ser feita é entre os migrantes internos e migrantes internacionais. Se eu saí de Belo Horizonte e me mudei para São Paulo, eu não troquei de país e sou, portanto, um migrante interno. Se eu me mudei do Brasil para os Estados Unidos, como troquei de país, eu sou um migrante internacional.<sup>48</sup>

Migrar – trocar de país, de estado, de região ou até de domicílio – é fenômeno tão antigo como a história da humanidade. Desde que o homem é homem, seguramente existe a migração. Quando essa experiência é realizada de livre e espontânea vontade, pode aprofundar o relacionamento entre os indivíduos, famílias, povos e nações; promover intercâmbio cultural intensamente enriquecedor e desenvolver recíproca solidariedade, fundada no amor e na fraternidade entre os homens. Contudo, quando as pessoas, famílias e grupos migram sobre pressão, neste caso, migrar é violência.<sup>49</sup>

## **4.2. Migração no Brasil**

O Brasil é um país de migrantes. É bastante comum encontrar nas nossas comunidades eclesiais, no trabalho, entre os colegas de escola, na parada de ônibus, pessoas provenientes

---

<sup>48</sup> Ibidem.

<sup>49</sup> ESTUDOS DA CNBB. *Migrações no Brasil: um desafio à pastoral*, nº 54. São Paulo: Paulinas, 1987. p. 9.

de outras cidades, outros estados e até mesmo de diferentes países. Às vezes, quem migrou foram os pais, os avós ou os bisavós. No fundo, ao remontar às origens históricas, somos todos migrantes ou descendentes de migrantes. Essa realidade, que pode ser averiguada pela experiência do dia-a-dia, é o espelho de um país de grande mobilidade humana. Mulheres, homens, crianças, idosos, famílias, trabalhadores com e sem emprego perambulam no país em busca de melhores condições de vida, muitas vezes fugindo de situações insustentáveis, outras vezes perseguindo um sonho, uma terra prometida.<sup>50</sup>

As migrações pelo território brasileiro estão associadas, como se nota ao longo da história, a fatores econômicos, desde o tempo da colonização pelos europeus. Quando terminou o ciclo da cana-de-açúcar na região Nordeste e teve o início do ciclo do ouro, em Minas Gerais, houve um enorme deslocamento de pessoas em direção ao novo centro econômico do país. Graças ao ciclo do café e, posteriormente, com o processo de industrialização, a região Sudeste pôde se tornar efetivamente o grande pólo de atração de migrantes, que saíam de sua região de origem em busca de empregos ou melhores salários.

A diminuição da população rural no Brasil pode ser constatada ao longo do tempo. No ano de 1940, a população rural correspondia a 68,76% da totalidade brasileira, 10 anos mais tarde reduzia-se a 63,84%. Em 1970 esse valor descia a 44,02%, portanto já menos da metade do computo global.<sup>51</sup> Acentuou-se, então, o processo de êxodo rural; migração do campo para a cidade, em larga escala.

Como as chances de uma vida mais dinâmica são mais limitadas no campo, resta ao morador rural a possibilidade de deslocar-se para outras regiões. O êxodo rural leva à concentração da população brasileira em determinadas cidades, especialmente em São Paulo.

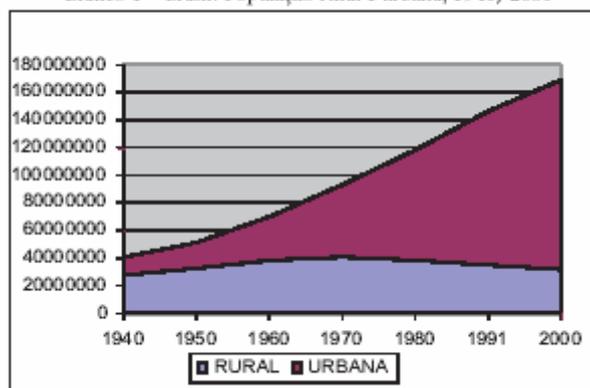
---

<sup>50</sup> Migração Interna e Urbanização no Brasil Contemporâneo: Um estudo da Rede de Localidades Centrais do Brasil (1980/2000). Disponível em: [www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006\\_573.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_573.pdf). Acesso em 9 de março de 2007, 10:52.

<sup>51</sup> SARMENTO, Walney Moraes. *Nordeste – A Urbanização do Subdesenvolvimento*. 2ªed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984. p. 11.

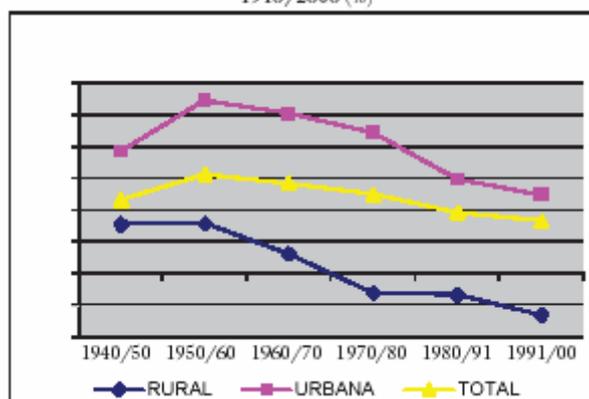
Somente entre 1960 e o final dos anos 1980, estima-se que saíram do campo em direção às cidades quase 43 milhões de pessoas (gráficos 1, 2 e 3).

Gráfico 1 – Brasil: População rural e urbana, 1940/2000



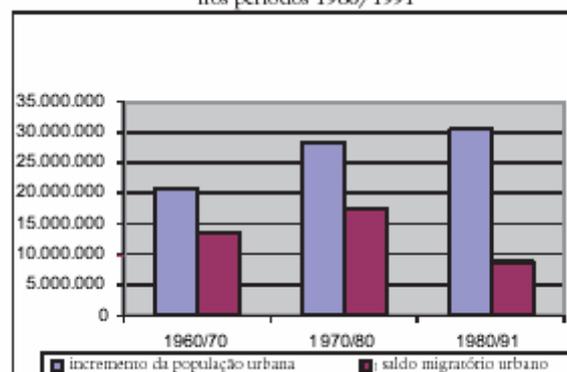
Fonte: IBGE, Censos demográficos de 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991 e 2000.

Gráfico 2 – Brasil: Taxas anuais de crescimento da população, 1940/2000 (%)



Fonte: IBGE, Censos demográficos de 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991 e 2000.

Gráfico 3 – Brasil: incremento absoluto da população urbana e o saldo migratório nos períodos 1960/1991



Fonte: IBGE, Censos demográficos de 1940, 1950, 1960, 1970, 1980 e 1991 (Carvalho & Garcia, 2003).

A passagem de uma sociedade fundamentada na vida e na produção agrária para o modelo urbano-industrial no Brasil ocorre no contexto das transformações internas e externas das primeiras décadas do século XX. Antes dos anos 30, a forte migração internacional já

dava as primeiras contribuições para alterações mais profundas no mercado de trabalho e nas relações sociais que se darão durante o Estado Novo. Neste momento as migrações internas começam a protagonizar os movimentos populacionais mais importantes do País, refletindo uma integração maior do mercado de trabalho nacional, pela oferta de oportunidades de trabalho nos crescentes centros urbanos.

Os dados demográficos da década de 60 já mostravam claramente os migrantes como protagonistas do processo de expansão urbano brasileiro, principalmente considerando a redução progressiva da fecundidade impulsionada pelos avanços técnico-científicos e pelo estilo de vida urbano. A partir dos anos 70 as migrações internas deixam de ser predominantemente de tipo rural-urbano e os movimentos urbano-urbano crescem até se tornarem predominantes em quase todo o território. Essa alteração no padrão dos movimentos altera também o perfil dos imigrantes, que, em função da sua origem urbana, exhibe um avanço em termos da qualificação, o que significa um peso menor para o mercado de trabalho e os equipamentos educacionais das áreas de destino.<sup>52</sup>

No meio rural, a miséria e a pobreza agravadas pela falta de infra-estrutura (educação, saúde, etc.), pela concentração de terras nas mãos dos latifundiários e pela mecanização das atividades agrárias, fazem com que a grande população rural se sinta atraída pelas perspectivas de um emprego urbano, que melhore o seu padrão de vida. O fascínio urbano torna-se, então, o principal fator de atração para as grandes cidades. (tabelas 1 e 2)

---

<sup>52</sup> Migração Interna e Urbanização no Brasil Contemporâneo: Um estudo da Rede de Localidades Centrais do Brasil (1980/2000) Disponível em: [www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006\\_573.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_573.pdf). Acesso em 9 de março de 2007, 10:52.

Tabela 1 – Brasil: distribuição relativa da população urbana (%), segundo o tamanho das cidades. Total da população urbana em número absolutos, 1970/2000

Tamanho das Cidades	1970	1980	1991	2000
< 20.000 habitantes	26,92	21,35	19,34	18,81
20.000 – 50.000	12,04	11,40	12,44	11,49
50.000 – 100.000	7,80	10,50	10,23	10,57
100.000 – 500.000	19,59	21,92	24,43	26,12
500.000 e mais	33,65	34,83	33,56	33,01
População urbana total	52.097.271	80.436.409	110.990.990	137.953.959

Fonte: IBGE, Censos demográficos de 1970, 1980, 1991 e 2000.

Tabela 2 – Brasil: aglomerados metropolitanos – população total, 1970/2000

Aglomerados metropolitanos	População total			
	1970	1980	1991	2000
Belém	669.768	1.021.486	1.401.305	1.795.536
Fortaleza	1.070.114	1.627.042	2.339.538	2.910.490
Recife	1.755.083	2.347.005	2.874.555	3.278.284
Salvador	1.135.818	1.752.839	2.474.385	2.991.822
Belo Horizonte	1.619.792	2.570.281	3.385.386	4.177.801
Rio de Janeiro	6.879.183	8.758.420	9.796.649	10.869.255
São Paulo	8.113.873	12.552.203	15.395.780	17.813.234
Campinas	644.490	1.221.104	1.778.821	2.219.611
Curitiba	809.305	1.427.782	1.984.349	2.635.436
Porto Alegre	1.590.798	2.307.586	3.029.073	3.498.322
Goiânia	424.588	807.626	1.204.565	1.609.335
Brasília	625.916	1.357.171	1.980.432	2.756.701
Total aglomerado (1)	25.338.728	37.750.545	47.644.838	56.555.827
População Brasil (2)	93.134.846	119.002.706	146.825.475	169.799.170
(1) / (2)	27,21	31,72	32,45	33,31
População urbana (3)	52.097.271	80.436.409	110.990.990	137.953.959
(1) / (3)	48,64	46,93	42,93	41,00

Fonte: IBGE, Censos demográficos de 1970, 1980, 1991 e 2000.

Na história da Migração no Brasil, destaca-se a Migração Nordestina. O Nordeste é uma das principais áreas de liberação de contingentes demográficos no Brasil. A participação dos nordestinos no conjunto dos migrantes demonstra que as condições de vida deploráveis nessa região, em comparação com outras partes do Brasil, devem ser tomadas como causa principal da “expulsão” de contingentes populacionais relevantes do Nordeste. As migrações internas são, predominantemente, sintomas da existência de desigualdades regionais.<sup>53</sup>

As migrações internas não são apenas um movimento espacial; não são apenas uma simples mudança de local de residência. Elas provocam um processo de mudança no interior

<sup>53</sup> SARMENTO, Walney Moraes. *Nordeste – A Urbanização do Subdesenvolvimento*. p. 60; 66.

da sociedade que se reveste de grande efeito sobre estruturas sociais de um país, de sorte que as mobilidades regionais devem ser encaradas como um processo complexo.<sup>54</sup>

### 4.3. Migração em São Paulo

São Paulo representa o mais significativo parque industrial brasileiro e, embora outras áreas brasileiras desempenhem um papel relevante no processo de deslocamento de populações, não se pode negar que o papel aí exercido por São Paulo é da maior importância, pois funciona como o mais concorrido lugar de chegada. Mas São Paulo não se destaca apenas como centro industrial. Ele é também importante pólo comercial e financeiro, retendo dentro de seus limites grande parte dos movimentos dos principais ramos da economia.<sup>55</sup>

O município de São Paulo apresentava, em 1970, uma população de 5,92 milhões de pessoas.<sup>56</sup> Essas pessoas são em sua grande maioria migrantes, ou seja, gente que deixou a sua terra natal em busca de uma situação melhor na grande cidade.

Historicamente São Paulo tem constituído um importante pólo de atração de migrantes de várias regiões do País. A economia do Estado de São Paulo recorre aos migrantes para assegurar seu crescimento desde a abolição da escravatura. No final do século passado e no início deste, recorreu-se à imigração estrangeira, tanto para a agricultura como para as atividades urbanas, porém, depois da revolução de 30, tornou-se possível a mobilidade espacial de mão-de-obra dentro do país e, conseqüentemente, São Paulo recebeu grandes correntes migratórias de outros estados, dividindo-se entre atividades agrícolas, o trabalho na indústria (cuja expansão acentua-se nos anos 40 e 50, especialmente na Grande São Paulo) e os serviços urbanos.

---

<sup>54</sup> Ibidem. p. 21.

<sup>55</sup> Ibidem. p. 32; 34.

<sup>56</sup> ANTICO, C. *Mobilidade Populacional Diária na Região Metropolitana de São Paulo*. Trabalho apresentado no II Encontro Nacional sobre Migração, Ouro Preto. Associação Brasileira de Estudos Populacionais – ABEP – GT Migração, 1999. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/Mobilidade%20Populacional%20Diária%20no%20Município%20de%20São%20Paulo.pdf>. Acesso em 11 de janeiro 2007, 12:28.

A partir da década de 60, e, sobretudo na de 70, a migração rural-urbana dentro do próprio Estado ganha importantes dimensões, acarretando a diminuição da população rural em termos absolutos que se dirige, preferencialmente, para a Grande São Paulo. Entretanto, o Estado de São Paulo, paralelamente à migração intra-estadual, continua a receber fluxos migratórios de outras unidades da federação.<sup>57</sup>

Na segunda metade dos anos 60, São Paulo já absorvia um quarto de todos os migrantes interestaduais, no mesmo período da década seguinte essa proporção já alcançava um terço.<sup>58</sup> “Composição da população segundo o lugar de origem: Minas Gerais 567.633hab, Bahia 394.136hab, Pernambuco 219.136, Paraná 123.553hab, Alagoas 97.246hab, Ceará 73.038hab, Rio de Janeiro 71.783hab, Paraíba 53.413hab, Sergipe 39.308hab, Mato Grosso 35.061hab, Piauí 33.133hab, Rio Grande do Sul 27.518hab, Santa Catarina 25.039hab, Rio Grande do Norte 24.922hab, Espírito Santo 23.951hab, Goiás 10.741hab, Pará 6894hab, Maranhão 6.723hab, Amazonas 3.835hab, Distrito Federal 1.255hab, Rondônia 423hab, Fernando de Noronha 298hab, Amapá 283hab, Roraima 146hab”.<sup>59</sup>

Na década de 1970, o Estado de São Paulo recebeu 3.540.000 migrantes, dos quais 2.765.000 dirigiram-se para a metrópole.<sup>60</sup>

## 5. História da Arquidiocese de São Paulo

<sup>57</sup> NUNES FERREIRA, Jussara Moraes e RODRIGUES, Márcia. *A Absorção dos Migrantes pelo Mercado de Trabalho da Grande São Paulo*. Trabalho apresentado no V Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP – Associação Brasileira de Estudos Populacionais, realizado em 1986. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/1986/T86V02A07.pdf>>. Acesso em 4 de janeiro de 2007, 16:27.

<sup>58</sup> BRITO, Fausto e GARCIA, Ricardo Alexandrino e SOUZA, Renata G. Vieira de. *As migrações internas na segunda metade do século XX - As tendências recentes das migrações e o padrão migratório*. Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambu. MG – Brasil, setembro de 2004. Disponível em: [http://www.abep.org.br/usuario/GerencialNavegacao.php?caderno\\_id=431&nivel=2](http://www.abep.org.br/usuario/GerencialNavegacao.php?caderno_id=431&nivel=2)>. Acesso em 4 de janeiro de 2007, 16:13.

<sup>59</sup> ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, Relatório Quinquenal 1970-1974, quadro 5.

<sup>60</sup> ESTUDOS DA CNBB. *Migrações no Brasil: um desafio à pastoral*, nº 54. p. 16.

É preciso conhecer a história da Arquidiocese de São Paulo para compreender sua importância, seu crescimento e suas transformações até chegar à década de 1970.

A história da Igreja Católica em São Paulo confunde-se, naturalmente, com a história da própria cidade. No dia 25 de janeiro de 1554, data comemorativa da conversão do apóstolo Paulo, é inaugurado, na vila dos campos de Piratininga, o Colégio de São Paulo, tendo sido confiado o curso de humanidades ao irmão José de Anchieta, recém-chegado de Coimbra, onde concluíra com êxito sua formação humanística. Embora de precária saúde física, Anchieta sustentou o colégio por dez anos.

As primeiras famílias de portugueses congregaram-se em torno do Colégio dos Jesuítas. Em 1560 a população local compunha-se de aproximadamente 80 habitantes (sem contar os índios). Nesse tempo, o grande problema era a manutenção do muro de proteção da vila, feito de taipa e sapé.

São Paulo ficaria ainda muitos anos sem pastor diocesano. Nos séculos XVII e XVIII, com sua população sempre flutuante, por força das bandeiras e incursões rumo ao interior visando a escravizar índios, São Paulo permanecia sem fonte de renda definida e, portanto, sem condições de sustentar uma sede episcopal.

Em 1681, a vila de São Paulo torna-se sede da capitania de São Vicente, até ser elevada à categoria de cidade em 11-7-1711, pela carta régia do rei Dom João V. Em 6-12-1745, durante o papado de Bento XIV (1740-1758), foram criadas, pela bula pontifícia “*Candor Lucis Aeternae*”, simultaneamente, as dioceses de São Paulo e Mariana, e as prelazias de Goiás e Cuiabá, visando a confirmar o decreto régio de 22-4-1745.

Basicamente a criação da diocese se dera para contentar o rei de Portugal, que receberia o título de “rei fidelíssimo”, e, num acordo diplomático da parte de Roma, veria dois de seus amigos bispos, D. José Firrao e o núncio D. Vicente Bichi, elevados ao título de cardeais (o papa anterior, Bento XIII, havia-lhes negado o título). Assim, o papa Bento XIV

tornou possível a efetiva criação das dioceses de São Paulo e Mariana no acordo entre elites coloniais e eclesiásticas. A Corte arcou com as despesas de novos bispados na Colônia, após anos de tensões diplomáticas e políticas.<sup>61</sup> A criação da diocese, que havia sido cogitada desde as primeiras décadas do século XVIII, surge somente após 25 anos do pedido do próprio governador da capitania e da consulta de Dom João V, datada de 6-9-1720.

A diocese de São Paulo nasceu em 1745, abrangendo os territórios que iam do sul do atual Estado de Minas Gerais (Pouso Alegre), até as fronteiras com o Uruguai, incluindo os atuais Estados do Rio Grande do Sul, Planalto Catarinense, Paraná e São Paulo. O desmembramento ocorreu aos poucos, a partir de 1749.

Em 1794 São Paulo já contava com 12.000 habitantes. Toda a capitania de São Paulo possuía, em 1797, 165.000 habitantes, enquanto o bispado se compunha de 122 padres seculares, dos quais 47 eram considerados inábeis pela idade ou enfermidade ou, ainda, por ignorância.

Poderíamos caracterizar esse período de 1554 até 1745, como marcado por uma teologia colonial e uma Igreja da cristandade.

São Paulo teve como bispos no período de 1745 a 1852: D. Bernardo Rodrigues Nogueira (15-7-1746 – 7-11- 1748), D. Frei Antônio da Madre de Deus Galvão, ofm (8-6-1751 – 19-3-1764), D. Frei Manuel da Ressurreição (7-12-1771 – 21-10-1789), D. Mateus da Abreu Pereira (4-11-1795 – 5-5-1824), D. Manoel Joaquim Gonçalves Andrade (11-11-1827 – 26-5-1847), todos de origem portuguesa.<sup>62</sup>

No período de 1852 até 1938 viveu-se a reforma católica da Igreja. A sociedade vive o período da revolução industrial nascente e da expansão capitalista. O fenômeno migratório que sempre caracterizou a geopolítica nacional vê-se agora marcado pela imigração de

---

<sup>61</sup> ALTEMEYER, Fernando Junior. Origens Históricas da Igreja no Brasil – 250 anos da diocese de São Paulo. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, nº 185, p.31 [nov./dez.] 1995.

<sup>62</sup> *Ibidem*. p. 31- 32.

alemães, espanhóis e italianos. A Igreja vive a crise da formação do Estado liberal e o final do império, com forte característica clerical. É a reforma tridentina, enfim, chegando com força em terras brasileiras. A nova cristandade convive com a luta abolicionista e com a maçonaria. São Paulo conta neste período, com 174.000 negros escravos, particularmente nas fazendas de café. Em 1852, começam a chegar suíços trazidos para Rio Claro e, em seguida, alemães e italianos. Os imigrantes italianos trouxeram forte religiosidade católica e realizaram as primeiras experiências sindicais no Brasil. Fixaram-se, sobretudo, no sul do Brasil, constituindo-se no grande celeiro de vocações religiosas para a Igreja. No dia 18 de julho de 1908, com o navio Kasato Maru, chegam os primeiros imigrantes japoneses, instalando-se ao longo da linha Mogiana, no interior paulista, introduzindo novo mundo de relações, língua, costumes e diferenças étnicas e religiosas. Dentre os 300.000 imigrantes alemães, cerca de 60% eram luteranos, instalando-se principalmente no sul do país. Nesse período chegam os dissidentes da Igreja Anglicana, e os templos das Igrejas protestantes são construídos em São Paulo a partir de 1851, em 1910 chegam também os pentecostais.

No dia 3 de julho de 1858 começava a funcionar o Cemitério da Consolação, por ocasião da epidemia da varíola. Era o primeiro cemitério organizado pela municipalidade. Entre 1775 e 1858 os cadáveres de escravos e indigentes eram amontoados em buracos abertos na rua dos Aflitos, no atual bairro da liberdade.

São Paulo teve como bispos nesse período: D. Antônio Joaquim de Mello, primeiro bispo brasileiro (14-6-1852 – 16-2-1861), D. Sebastião Pinto do Rego (10-6-1862 – 30-4-1868), D. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho (7-1-1873 – 19-8-1894), D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti (30-9-1894 – 24-7-1897), D. Antônio Cândido de Alvarenga (25-3-1899 – 1-4-1903), D. José de Camargo Barros (24-4-1904 – 4-8-1906), D. Duarte Leopoldo e Silva (14-4-1907 – 13-11-1938).

Em 7 de junho de 1908, a Diocese de São Paulo perde boa parte de seu território com a criação das dioceses de Botucatu, Campinas, Taubaté, Ribeirão Preto e São Carlos do Pinhal, sendo que quase um ano antes já havia sido erigida a Diocese de Campanha, no sul do estado de Minas Gerais. Na mesma data de criação das dioceses paulistas, a *diocese* é elevada à categoria de *arquidiocese*, sendo seu primeiro arcebispo Dom Duarte Leopoldo e Silva. Em 1913 é iniciada a construção da nova catedral.<sup>63</sup>

Entre 1920 e 1964 atua a restauração católica, tendo como expoente o Cardeal Dom Sebastião Leme, do Rio de Janeiro. A ação católica se instala e cresce no País, gerando filhos do porte intelectual de Alceu de Amoroso Lima. A ditadura militar de Getúlio Vargas (1937-1945) encontra uma Igreja acomodada. O período populista e desenvolvimentista gerará a Democracia Cristã e uma teologia da neocristandade, seguida da teologia da recristianização da sociedade pela força do laicato organizado. Ao período das revoluções da década de 20, seguem-se as lutas por reformas sociais dos anos 30 e 40 até chegarmos ao golpe militar perpetrado em 1964. O fenômeno da urbanização marca a cidade de São Paulo, que busca atender e responder de maneira tímida os imensos desafios do urbano e das culturas emergentes. Em 1940 a cidade possui 1.330.000 habitantes e, segundo o censo, o Estado de São Paulo detinha 43% da produção industrial e 35% dos operários de todo o País.

Foram arcebispos neste período D. José Gaspar D’Afonseca e Silva (17-9-1939 – 27-8-1943). D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta (30-8-1944 – 25-4-1964).

Dom José D’Afonseca e Silva foi nomeado com apenas 34 anos. Morreu repentinamente em um acidente de avião em 27 de agosto de 1943.<sup>64</sup> Durante o seu período à frente da arquidiocese a Igreja tinha preocupação com o bem-estar social e manutenção da família e da moral cristã católica. Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta foi o primeiro cardeal de São Paulo. O Cardeal Motta instalou a PUC em 2-9-1946, inaugurou a atual

---

<sup>63</sup> ALTEMEYER, Fernando Junior. Origens Históricas da Igreja no Brasil – 250 anos da diocese de São Paulo. *Revista de Cultura Teológica*. p. 33

<sup>64</sup> O São Paulo, 19 de agosto de 1993. p. 01.

catedral em 25-1-1954, em 2-3-1956 a Rádio 9 de julho<sup>65</sup> e em 25-1-1956 o primeiro número do jornal o São Paulo<sup>66</sup>. Também esteve à frente por sete anos da recém fundada Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Em 20 de abril de 1951, Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta lançou uma campanha denominada *Uma Igreja em cada bairro*. Era uma tentativa de resposta ao fenômeno do acelerado surgimento de novos bairros, onde a população ficava fora do alcance da assistência espiritual da Igreja:

*“Este fenômeno, dado o seu ritmo acelerado e constante, cria paralelamente um sem-número de novos problemas de ordem assistencial, social e cívica, a exigirem, tanto das autoridades civis quanto das autoridades eclesiásticas, as mais urgentes e acertadas soluções”*.<sup>67</sup>

Os objetivos das autoridades eclesiásticas em São Paulo estavam na busca de meios que respondessem ao que consideravam necessidades dessa população periférica: amparo, assistência espiritual, educação para a vida social, instrução.<sup>68</sup>

O meio escolhido era a paróquia instituída em cada novo bairro. É sempre em torno das Igrejas que se formam as cidades, dizia-se. E a Igreja é o centro de dinamismo para o progresso, “o princípio de onde nascem todas as grandes obras de assistência moral e cívica”. E é também “o grande ponto de convergência de todas as esperanças do povo ansioso por quem lhe defenda os direitos e as justas reivindicações de bem-estar”. Acrescenta-se a escola, extensão da Igreja, destinada à regeneração social do “povo de amanhã”, as crianças.<sup>69</sup>

---

<sup>65</sup> Rádio da Arquidiocese de São Paulo que funcionou desde sua inauguração em 1956 até sua cassação em 1973 durante o regime militar, voltando a funcionar em 1996 durante o governo Fernando Henrique Cardoso.

<sup>66</sup> Periódico semanal da Arquidiocese de São Paulo.

<sup>67</sup> Boletim Eclesiástico, Ano XXVI, nº 7, julho de 1951, p. 204-209.

<sup>68</sup> Ibidem. p. 206.

<sup>69</sup> Ibidem. p. 206-208.

Em 15 anos, construíram-se mais de cem novas Igrejas, com obras anexas de educação e assistência social. A recém-criação de uma centena de paróquias, entretanto, não resolveria o problema do atendimento religioso e espiritual.

“No final de 1950 e começo 1960, iniciou-se no Brasil o deslocamento de alguns setores da Igreja e da parte do mundo católico organizado no sentido de uma aproximação com o movimento das classes dominadas (trabalhadores, subproletários) e das forças sociais que se batiam socialmente em prol de transformações das estruturas sociais a elas favoráveis”.<sup>70</sup> O Concílio Vaticano II avançava nas questões sociais, e a Igreja no Brasil vivenciava um período de transição. O episcopado manifestava-se com posições diversas em relação à situação da sociedade brasileira. Figuras como dom Helder Câmara queriam colocar em prática as ações sociais propostas na declaração de Paulo VI, *a Populorum progressio*.<sup>71</sup> Também surgia a teologia da libertação e a opção preferencial pelos pobres. É o período da renovação da teologia bíblica, de distanciamento do poder político. A Igreja que apoiara a deposição de João Goulart passa por profundas transformações e começa a enfrentar dificuldades crescentes nas suas relações com o Estado, tornando-se também vítima dos atos repressivos da época.<sup>72</sup>

Neste período temos como pastor D. Agnelo Rossi (1-11-1964 – 22-10-1970) que recebia uma arquidiocese com aproximadamente 8 milhões de habitantes e crescia por volta de 400 mil por ano. Cada paróquia abrangia cerca de 30 mil pessoas, fato que motivou o novo arcebispo a criar cerca de 52 novas paróquias.<sup>73</sup>

A Arquidiocese de São Paulo, a partir da década de 70, tem como pastor D. Paulo Evaristo Arns ofm. Ele procurou desenvolver sua atuação na esteira do Concílio Vaticano II,

---

<sup>70</sup> SOUZA LIMA, Luiz Gonzaga de. *Evolução Política dos Católicos e da Igreja no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1979. p. 30.

<sup>71</sup> Carta Encíclica do Papa Paulo VI sobre o Desenvolvimento dos Povos, lançada na páscoa de 1967.

<sup>72</sup> PAULO, D. Evaristo Arns. *Brasil Nunca Mais*. p. 63.

<sup>73</sup> Para aprofundar o tema História da Arquidiocese de São Paulo consultar: SOUZA, Ney de (org.). *Catolicismo em São Paulo – 450 anos de presença da Igreja Católica em São Paulo*. São Paulo: Paulinas, 2004.

dos Planos de Emergência e de Pastoral de Conjunto, da II Conferência-Geral do Episcopado Latino-Americano em Medellín, da III Conferência em Puebla e da Teologia da Libertação.

É neste período que se trabalhou a chamada “Operação Periferia”. É a partir deste trabalho que a Igreja se faz mais presente na periferia da cidade de São Paulo através do desenvolvimento das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base)<sup>74</sup>, que apareceram como resultado de uma ação conscientizadora do clero, religiosos e religiosas, que ajudava o povo a perceber elementos reais de sua vida e situação histórica, fazendo essa reflexão a partir da palavra de Deus.

Também se faz presente na periferia da cidade as pastorais, movimentos e entidades sociais. Em documento da CNBB, pastoral social é definida como “a aplicação do pensamento social (da Igreja) à evangelização da sociedade em que vivemos”, condicionada pela conjuntura sociocultural e política. Brota naturalmente da própria natureza da fé, que não pode deixar de se exprimir em ação, em obras.<sup>75</sup>

Deve-se lembrar que existiram posicionamentos contrários tanto às CEBs como as pastorais, movimentos e entidades sociais dentro da própria Igreja de São Paulo. Mesmo assim houve uma grande adesão da Igreja Particular da Arquidiocese de São Paulo à “Operação Periferia”, e os resultados podem ser vistos hoje pela quantidade de CEBs, pastorais, movimentos e entidades sociais presentes na periferia da Arquidiocese.

## 5.1 O Concílio Vaticano II

*“A Igreja dialoga com o mundo”.*

---

<sup>74</sup> Para aprofundar o tema CEBs consultar: AZEVEDO, Marcello, SJ. *Comunidades Eclesiais de Base e Inculturação da Fé*. São Paulo: Loyola, 1986. MARINS, José e Equipe. *Comunidade Eclesial de Base: Prioridade Pastoral*. São Paulo: Paulinas, 1976.

<sup>75</sup> ESTUDOS DA CNBB. *Pastoral Social*, nº 10. São Paulo: Paulinas, 1978. p. 7.



O Concílio Vaticano II é um dos fatos mais importantes na história da Igreja do século XX e provavelmente do século XXI. Foi o primeiro concílio da era moderna realmente internacional, ecumênico e, até certo ponto, multicultural. Nele, a Igreja procurou definir seu lugar e sua tarefa a partir dos desafios dela própria e da sociedade. A Igreja procura se colocar no compasso das mudanças trazidas pela modernidade, às quais, muitas vezes, a Igreja não quis reconhecer, caindo numa defasagem imensa. Uma janela foi aberta e um vento forte de renovação soprou na Igreja. Reformas, debates, transformações, mudanças: com seu espírito de confiança, abertura e otimismo o Vaticano II fez surgir uma nova Igreja em um novo mundo.

O Vaticano II foi, antes de tudo, um Concílio da Igreja. Pela primeira vez, na história da Igreja, estiveram representadas, em um concílio, todas as Igrejas locais, na variedade dos povos, das raças, das culturas, dos problemas e desafios.<sup>76</sup> Foi aberto sob o papado do Papa João XXIII no dia 11 de outubro de 1962 e terminado sob o papado do Papa Paulo VI em 8 de dezembro de 1965.

Desde a primeira comunicação feita por João XXIII a propósito do Concílio, encontra-se um ponto que será uma de suas mais firmes convicções: é necessário estarmos atentos aos sinais dos tempos se quisermos, como Igreja, anunciar o Evangelho de Jesus Cristo.<sup>77</sup> “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens, sobretudo dos pobres e de

---

<sup>76</sup> SANTOS, Benedito Beni dos. *Discípulos e Missionários: reflexões teológico-pastorais sobre a missão na cidade*. 1º ed. São Paulo: Paulus, 2006. p. 9.

<sup>77</sup> BEOZZO, José Oscar. *O Vaticano II e a Igreja Latino-Americana*. 1ª ed. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 20.

*todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e angústias dos discípulos de Cristo*".<sup>78</sup> A isto se soma outra urgência: encontrar uma expressão adequada para tornar esta mensagem inteligível para a humanidade de hoje.<sup>79</sup>

Dentro do marco assinalado por sua intuição fundamental (estar atentos aos sinais dos tempos) é possível dizer – parece-nos – que João XXIII propôs ao Concílio três grandes temas: a abertura ao mundo moderno, a unidade dos cristãos, a Igreja dos pobres. Todos eles implicavam o que Paulo VI chamou, com grande fidelidade a seu predecessor, “o desejo, a necessidade, o dever da Igreja de dar, finalmente, uma definição meditada de si mesma”. Tomada de consciência – feita em função do anúncio do Evangelho no mundo de hoje – que devia trazer uma renovação na Igreja, e assim colocá-la em condições de responder aos grandes temas e aos seus respectivos desafios, indicados por João XXIII.

O tema da Igreja dos pobres é levantado por João XXIII um mês antes do começo das sessões conciliares. O papa lembra que Cristo é nossa luz e que a partir Dele a Igreja deve servir a humanidade. Para isto assinala alguns pontos importantes: a igualdade de todos os povos no exercício dos seus direitos e deveres, a defesa da família, a necessidade de sair do individualismo e assumir uma responsabilidade social.

O papa acrescenta: “*Frente aos países subdesenvolvidos, a Igreja se apresenta tal como é e quer ser, como a Igreja de todos e particularmente a Igreja dos pobres*”.<sup>80</sup> Podemos ver esta preocupação presente no documento final.

Mas assim como Cristo consumou a obra da redenção na pobreza e na perseguição, assim a Igreja é chamada a seguir o mesmo caminho a fim de comunicar aos homens os frutos da salvação. Cristo Jesus, “como subsistisse na condição de Deus, despojou-se a si mesmo, tomando a condição de servo” (Fl 2,6) e por nossa causa “fez-se pobre embora fosse

---

<sup>78</sup> COMPÊNDIO VATICANO II – constituições, decretos e declarações: Constituição Pastoral “*Gadium et Spes*”. 23ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994. n.º 1. p. 143.

<sup>79</sup> BEOZZO, José Oscar. Op. cit. p. 20.

<sup>80</sup> BEOZZO, José Oscar. Op. cit. p. 23-24; 28-29.

rico” (2Cor 8,9): da mesma maneira a Igreja, embora necessite dos bens humanos para executar sua missão, não foi instituída para buscar a glória terrestre, mas para proclamar, também pelo próprio exemplo, a humildade e a abnegação. Cristo foi enviado pelo Pai para “evangelizar os pobres, sanar os contritos de coração” (Lc 4, 18), “procurar e salvar o que tinha perecido” (Lc 19,10): semelhantemente a Igreja cerca de amor todos os afligidos pela fraqueza humana, reconhece mesmo nos pobres e sofredores a imagem de seu Fundador pobre e sofredor.<sup>81</sup>

O documento final ainda diz:

O Senhor Jesus desde o início “chamou a Si os que ele quis, e fez que os doze estivessem com Ele para enviá-los a pregar” (Mc 3,13)... Antes de ser assumido ao céu fundou sua Igreja como sacramento da salvação. Como Ele mesmo fora enviado pelo Pai enviou os apóstolos a todo o mundo, mandando-lhes; “Ide, pois, fazei discípulos meus todos os povos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a observar tudo quanto vos mandei” (Mt 28,19s); “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15s)..Esta missão no decurso da história continua e desdobra a missão do próprio Cristo, enviado a evangelizar os pobres. Eis por que a Igreja impelida pelo Espírito de Cristo deve trilhar a mesma senda de Cristo, isto é, o caminho da pobreza, da obediência, do serviço e da imolação de si até a morte, da qual saiu vencedor por Sua ressurreição.<sup>82</sup>

Os dois textos falam da pobreza como “um caminho” que, empreendido por Cristo, deve ser retomado pela Igreja em seu caminhar histórico.

Na perspectiva da Igreja de evangelizar todos os homens e povos em especial os pobres é que o Concílio Vaticano II apresenta sua doutrina para a questão migratória.

---

<sup>81</sup> COMPÊNDIO VATICANO II – Constituições, Decretos e Declarações: Constituição Pastoral “*Lumen Gentium*”. nº 8. p. 46.47.

<sup>82</sup> Idem. Decreto “*Ad Gentes*”. nº. 5. p. 355-356.

O Concílio Vaticano II reconhece a necessidade de mobilidade geográfica e profissional para o progresso econômico e, portanto, o direito de migrar. Do outro lado, a principal preocupação da Igreja se orienta para a avaliação do homem, não como instrumento de produção, mas como pessoa. O problema da migração, portanto, parece demandar ser integrado no plano mestre da redenção humana coletiva, como preparação para a sobrenatural comunhão com os santos.

Lembrem-se os cidadãos que é seu direito e dever, o que deve ser reconhecido também pelo poder civil, de contribuir segundo as suas possibilidades para o progresso verdadeiro da própria comunidade. Sobretudo nas regiões economicamente menos desenvolvidas, onde todas as riquezas devem ser urgentemente utilizadas, colocam o bem comum em perigo grave aqueles que deixem os seus recursos sem dar frutos ou - respeitado o direito pessoal de migrar - privam a sua comunidade dos auxílios materiais ou espirituais dos quais ela necessita.<sup>83</sup>

Sobre o mesmo assunto o documento conciliar diz:

A Justiça e a equidade exigem também que a mobilidade, necessária a uma economia em desenvolvimento, seja organizada de tal modo que a vida dos indivíduos e de suas famílias, não se torne instável e precária. Deve-se evitar cuidadosamente qualquer discriminação, quanto às condições de remuneração e de trabalho, em relação aos operários provenientes de outra nação ou região, que cooperam com sua obra para a promoção econômica do povo ou território. Todos, além disso, e as autoridades públicas em primeiro lugar, não os tratem como meros instrumentos de produção, mas como pessoas: devem ajudá-los a mandar buscar as suas famílias para junto deles e a providenciar uma habitação decente, assim como favorecer a sua integração na sociedade do povo ou da região de acolhida. Contudo, na

---

<sup>83</sup> Idem. Constituição Pastoral “*Gadium et Spes*”. n° 65. p. 220.

medida do possível, sejam criadas fontes de trabalho nas próprias regiões de origem.<sup>84</sup>

O Concílio Vaticano II ensinou-nos que a Igreja é o Povo de Deus. A Expressão Povo de Deus recorda que a Igreja é uma realidade histórica fruto da livre iniciativa de Deus e da livre resposta dos seres humanos. Por isso ela não pode furtar-se, em nenhuma circunstância, sobretudo nas grandes crises históricas, aquelas que marcam as viradas de civilização e de cultura, ao dever de fazer escolhas e de abrir caminhos.

A expressão Povo de Deus indica a Igreja “em sua totalidade”, ou seja, é o conjunto dos cristãos que aderem ao Projeto de Deus, exercendo funções, ministérios e serviços, cada qual segundo o seu carisma e vocação, todos igualmente importantes, dotados de igual dignidade, com responsabilidades próprias na missão comum de anunciar e fazer presente o Reino de Deus, aqui e agora. Esta foi sem dúvida, uma das maiores aquisições do Vaticano II, e assim superou a concepção de Igreja como “sociedade desigual”, que condensava e consagrava aquela antievangélica distância entre hierarquia e laicato, tão perniciososa para o testemunho cristão no mundo.

A noção de Povo de Deus, com efeito, exprime a profunda unidade, a comum dignidade e fundamental habilitação de todos os membros da Igreja à participação na vida da Igreja e a co-responsabilidade na missão.<sup>85</sup>

O supremo e eterno Sacerdote Jesus Cristo quer continuar seu testemunho e seu serviço também através dos leigos. Vivifica-os por isso com seu Espírito e incessantemente os impele para toda obra boa e perfeita. Cristo, o grande Profeta que proclamou o Reino do Pai, quer pelo testemunho da vida, quer pela força da Palavra, continuamente exerce seu múnus profético até a plena manifestação da glória. Ele o faz não só através da Hierarquia que ensina em Seu nome e com Seu poder, mas também através dos leigos. Por esta razão

---

<sup>84</sup> Ibidem. nº 66. p. 221.

<sup>85</sup> ESTUDOS DA CNBB. *Missão e Ministérios dos Leigos e Leigas Cristãos*. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 1998. p. 45; 47-49.

constituiu-os testemunhas e ornou-os com senso da fé e a graça da palavra (cf. At 2,17-18; Ap 19,10), para que brilhe a força do Evangelho na vida cotidiana, familiar e social. Eles se apresentam como filhos da promessa quando, fortes na fé e esperança, aproveitam o momento presente (cf. Ef 5,16; Col 4,5) e esperam a glória futura pela paciência (Cf. Rm 8, 25). Mas não escondam esta esperança no íntimo da alma, e sim pela renovação contínua e pela luta “contra os dominadores do mundo das trevas, contra os espíritos da malícia” (Ef 6,12) também a exprimam nas estruturas da vida secular.<sup>86</sup>

A Igreja Povo de Deus indica que a missão da Igreja não é mais apenas responsabilidade de alguns, mas de todos. Todo o povo de Deus não só é responsável pela vida, mas também pela missão da Igreja na própria Igreja e no mundo.

Pois os Pastores sagrados sabem perfeitamente quanto os leigos contribuem para o bem de toda a Igreja. Sabem também que não foram instituídos por Cristo a fim de assumirem sozinhos toda a missão salvífica da Igreja no mundo. Seu preclaro múnus é apascentar de tal forma os fiéis e reconhecer suas atribuições e carismas, que todos, a seu modo, cooperem unanimemente na obra comum.<sup>87</sup>

E ainda:

Os sagrados Pastores, reconheçam e promovam a dignidade e a responsabilidade dos leigos na Igreja. De boa vontade utilizem-se do seu prudente conselho. Com confiança entreguem-lhes ofícios no serviço da Igreja. E deixem-lhes liberdade e raio de ação. Encorajem-nos até para empreender outras obras por iniciativa própria. Com amor paterno, considerem atentamente em Cristo as iniciativas, os votos e os desejos propostos pelos leigos. Respectivamente reconheçam os Pastores a justa liberdade que a todos compete na cidade terrestre. Desta convivência familiar entre Leigos e Pastores se esperam muitos bens para a Igreja. Pois desse

---

<sup>86</sup> COMPÊNDIO VATICANO II – Constituições, Decretos e Declarações: Constituição Pastoral “*Lumen Gentium*”. n.º 34; 35. p. 80; 81.

<sup>87</sup> *Ibidem*. n.º 30. p. 77

modo se reforça o senso da própria responsabilidade, é favorecido seu entusiasmo e mais facilmente os talentos dos leigos se unirão aos esforços dos Pastores. Estes, por sua vez, ajudados pela experiência dos leigos, podem decidir-se mais clara e competentemente tanto nas coisas espirituais como nas temporais. E assim a Igreja inteira, robustecida por todos os seus membros, cumpre mais eficientemente sua missão em prol da vida do mundo.<sup>88</sup>

O Concílio Vaticano II também afirma que compete aos cristãos leigos uma atuação insubstituível na construção da sociedade justa e fraterna.

Faz-se porém, mister que os leigos assumam a renovação da ordem temporal como sua função própria e nela operem de maneira direta e definida, guiados pela luz do Evangelho e pela mente da Igreja, e levados pela caridade cristã. Cooperem como cidadãos com os cidadãos, com sua competência específica e responsabilidade própria. Procurem por toda parte e em tudo a justiça do reino de Deus. De tal sorte deve ser reformulada a ordem temporal, que, conservando-se integralmente suas leis próprias, se conforme aos princípios mais altos da vida cristã e se adapte as condições diferentes dos lugares, tempos e povos.<sup>89</sup>

E ainda:

Os leigos prestigiem e ajudem na medida de suas forças as obras de caridade e as iniciativas de assistência social, sejam elas particulares ou públicas, e mesmo internacionais, por meio das quais se leva auxílio eficiente aos indivíduos e povos em necessidade.<sup>90</sup>

Os leigos tornam-se protagonistas da missão da Igreja no mundo. *“Os leigos cumprem esta missão da Igreja no mundo, antes de tudo por aquela coerência da vida com a fé, pela*

---

<sup>88</sup> Ibidem. n° 37. p. 85.

<sup>89</sup> Idem. Decreto “Apostolicam Actuositatem”. n° 7. p. 538.

<sup>90</sup> Idem. Constituição Pastoral “*Lumen Gentium*”. n° 8. p. 540.

*qual se transformam em luz do mundo*".<sup>91</sup> Esses protagonistas leigos devem ser formados, para isso servirão as estruturas eclesiais de formação, as escolas e universidades católicas.

A Igreja abandona a tentação de ser a massa e recupera a imagem de ser fermento e sal, capaz de tornar saborosa toda a massa. Através de leigos adultos na fé, capazes de reorientar o mundo para a solidariedade, a justiça e a paz, é que a missão da Igreja no mundo torna-se realidade.<sup>92</sup>

Durante o tempo do concílio cerca de 2.200 Bispos do mundo inteiro (incluídos os Superiores Maiores das Ordens e Congregações) encontraram-se 4 vezes em Roma, vivendo, rezando e trabalhando juntos durante 281 dias: 59 na I Sessão (de 11 de outubro até 8 de dezembro de 1962); 67 na II Sessão (de 29 de setembro até 4 de dezembro de 1963); 69 na III Sessão (de 14 de setembro até 21 de novembro de 1964); e 86 na IV Sessão (de 14 de setembro até 8 de dezembro de 1965). Trabalharam em 168 Congregações Gerais (36 na I, 43 na II, 48 na III e 41 na IV sessão). E assistiram a 10 sessões solenes.<sup>93</sup>

O Concílio promulgou quatro constituições (sobre a liturgia, *Sacrosanctum Concilium*, sobre a Igreja, *Lumen Gentium*, sobre a revelação, *Dei Verbum*, e sobre o mundo contemporâneo, *Gaudium et Spes*); nove decretos: *Inter Mirifica*; *Unitatis Redintegratio*; *Orientalium Ecclesiarum*; *Christus Dominus*; *Perfectae Caritatis*; *Optatam Totius*; *Apostolicam Actuositatem*; *Ad Gentes*; *Presbyterorum Ordinis* (sobre os meios de comunicação social, o ecumenismo, as Igrejas orientais católicas, o múnus pastoral dos bispos, a renovação da vida religiosa, a formação sacerdotal, o apostolado dos leigos, a atividade missionária e a vida sacerdotal), três declarações: *Gravissimum Educationis*; *Dignitatis Humanae*; *Nostra Aetate*; (sobre a educação cristã, a liberdade religiosa e as relações com as religiões não cristãs).

---

<sup>91</sup> Ibidem. n° 13. p. 546.

<sup>92</sup> AMORIM, Hélio. O Protagonismo dos Leigos. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, n° 203, p. 26 [nov/dez] 1998.

<sup>93</sup> CNBB. Disponível em: <http://www.cnbb.org.br/index.php?op=página&chaveid=254.01sa0206>. Acesso em 25 de abril de 2007. 10:45.

Definitivamente o Vaticano II fechou a época pós-tridentina e abriu um novo curso, que não renega o passado, mas o integra, o aperfeiçoa e o adapta à contínua evolução da humanidade. A afirmação da colegialidade e do episcopado como segundo pilar da Igreja, os esclarecimentos do decreto sobre os bispos *Christus Dominus* a respeito das conferências episcopais, o acento sobre o laicato nos capítulos II e V da *Lumen gentium* e, de modo mais amplo, no decreto sobre os leigos *Apostolicam actuositatem*, mostra um rosto da Igreja mais complexo e articulado. Revalorizam-se as Igrejas locais, reconhece-se a co-responsabilidade do episcopado em relação à Igreja universal, sublinha-se o sacerdócio universal dos fiéis, que são chamados a uma participação ativa e responsável, como sujeito e não só como objeto da vida eclesial.

A Igreja se mostra agora pobre não só materialmente (LG, n. 8), mas também sob o ponto de vista pastoral e cultural: não põe mais a sua confiança no apoio e na defesa estatal, mas na graça, na força da verdade, na pureza de seu testemunho. Participando do sofrimento de todos, a serviço da humanidade, sem soluções pré-fabricadas universalmente válidas, privada de competências específicas para sugerir soluções concretas, pede apenas para servir.<sup>94</sup>

## 5.2 O Plano de Emergência e o Plano de Pastoral de Conjunto

O Concílio encaixa-se, no tempo, exatamente entre dois planos de pastoral da Igreja do Brasil, o *Plano de Emergência* (PE), em 1962, e o *Plano de Pastoral de Conjunto* (PPC), em 1965.

Instada por João XXIII, provocada pelo Núncio Apostólico, Dom Armando Lombardi, e sob a liderança do secretário-geral da conferência episcopal, Dom Helder Câmara, a Igreja

---

<sup>94</sup> MARTINA, Giacomo. *História da Igreja: de Lutero a nossos dias – IV - A era contemporânea*. 1ªed. São Paulo: Loyola. 1995. p. 309; 320.

do Brasil viveu, paralelamente ao Concílio, uma experiência inédita: a do planejamento pastoral para sua ação no conjunto do País.

Às vésperas do Concílio, na sua V Assembléia Ordinária, antecipada de agosto para 2 a 5 de abril de 1962, e transferida de Fortaleza (CE) para o Rio de Janeiro (RJ) por causa da convocação do Concílio para 11 de outubro, a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) discutiu e aprovou o *Plano de Emergência* (PE). Inspirado em boa parte na experiência da Arquidiocese de Natal (RN) sob a responsabilidade de Dom Eugênio de Araújo Sales, como administrador apostólico, o Plano de Emergência comportava duas partes, uma pastoral e outra econômico-social.

Na parte pastoral, insistia no princípio de Pastoral de Conjunto, como a chave para uma ação mais eficaz da Igreja, e previa um esforço de renovação de áreas tradicionais da Igreja: a paróquia; o ministério sacerdotal; as escolas católicas.

Na parte econômico-social, centrava-se em dois pontos: a questão agrária; a Sindicalização Rural e o Movimento de Educação de Base (MEB)<sup>95</sup>, juntamente com a atitude da Igreja ante a Aliança para o Progresso<sup>96</sup>, recém-lançada pelo Governo dos Estados Unidos como meio de bloquear o fermento revolucionário da América Latina, após a vitória de Cuba.

Ao longo do Concílio, percebeu-se um duplo movimento: a implantação do PE, acompanhado de revisões periódicas; a premente necessidade de repensar o conjunto das decisões pastorais e da teologia que as embasava, à luz das novas realidades eclesiais e teológicas que emergiam do Concílio, sob o duplo impacto da *Lumen Gentium* e da *Gaudium*

---

<sup>95</sup> O Movimento de Educação de Base é um organismo vinculado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB, criado em 1961 e tem por missão: A promoção integral, humana e cristã de jovens e adultos, desenvolvendo programas de educação popular na perspectiva de formação e qualificação das camadas populares e promoção da cidadania.

<sup>96</sup> A Aliança para o Progresso foi um programa de ajuda econômica e social dos Estados Unidos da América para a América Latina efetuado entre 1961 e 1970.

*et Spes*, mas também das mudanças na liturgia, da afirmação do ecumenismo e do repensar do apostolado dos leigos.<sup>97</sup>

Terminado o Concílio Vaticano II, a Igreja no Brasil foi, talvez, a primeira, por meio de sua Conferência Episcopal, a dar uma resposta global às perspectivas de mudanças do maior evento eclesial do século XX. Pronto para entrar em vigor já no começo do ano de 1966, o Plano de Pastoral de Conjunto (PPC) se apresentava como uma proposta acabada para colocar a Igreja do Brasil no compasso das conclusões do Concílio.<sup>98</sup>

Com uma técnica de planejamento adequada e inovadora e abrangência teológica impressionante, o PPC revolucionou o modo de fazer pastoral no Brasil e deu nova estrutura à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

Na tentativa de colocar bases sólidas à totalidade da ação pastoral, o PPC tomou os principais documentos conciliares e criou seis linhas fundamentais de ação, em torno das quais devia estruturar-se toda a ação pastoral. A 1ª Linha de Trabalho, baseada no documento *Lumen Gentium*, dava as coordenadas para uma eclesiologia que, mais tarde, ganharia o nome de comunhão e participação. Reunia ações que visavam reforçar os elementos estruturantes da Igreja e seus agentes principais. A 2ª Linha de Trabalho visava introduzir na Igreja do Brasil a preocupação com o anúncio do Evangelho além de suas fronteiras. Inspirando-se no documento conciliar *Ad Gentes*, a linha 2 buscava reunir todas as iniciativas surgidas em torno do pólo missionário. Destaca-se, dentre elas, o Projeto Igrejas Irmãs que visa à solidariedade entre as dioceses do Brasil, na partilha de recursos financeiros e humanos.<sup>99</sup>

A 3ª Linha de Trabalho do PPC tinha em mente a preocupação com a formação dos cristãos. Tomando em conta o documento conciliar *Dei Verbum*, que verdadeiramente revolucionou a Igreja no seu trato com a Palavra de Deus, essa terceira base do PPC buscava

---

<sup>97</sup> BEOZZO, José Oscar. *A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II – 1959-1965*. São Paulo: Paulinas. 2005. p. 351-353.

<sup>98</sup> INSTITUTO NACIONAL DE PASTORAL. *Presença Pública da Igreja no Brasil (1952-2002) Jubileu de Ouro da CNBB*. São Paulo: Paulinas. 2003. p. 389.

<sup>99</sup> *Ibidem*. p. 389.

tornar o cristão uma pessoa adulta, capaz de dar razão de sua fé e de sua esperança. Mais tarde, essa linha fica conhecida como catequética e bíblica. A 4ª Linha de Trabalho talvez tenha sido aquela que mais serviu para popularizar as reformas conciliares. Buscando adequar toda a dimensão orante e celebrativa da Igreja no Brasil às conclusões conciliares, essa linha dava novos rumos à liturgia na Igreja do nosso País. As celebrações da Palavra e da Eucaristia ganhavam novos contornos com a possibilidade de introduzir na sua estrutura elementos da cultura local. A simples introdução da língua vernácula já significava passo gigantesco rumo a uma liturgia mais inculturada. A 5ª Linha estruturante da ação pastoral pensada pelo PPC é a que trata do relacionamento da Igreja Católica Romana com as outras Igrejas Cristãs, advindas dos cismas antigos ou depois da reforma protestante; e com as outras expressões religiosas não cristãs. Apesar de todo o esforço, temos de admitir que essa linha foi a que menos avançou e que, na atualidade, enfrenta maiores problemas.<sup>100</sup> Mesmo assim, a dimensão ecumênica e do diálogo inter-religioso, pensada pelo PPC, conseguiu pequenos mas significativos avanços: a participação da Igreja Católica Romana no Conselho Nacional de Igrejas Cristãs, a criação da Comissão Bilateral de Diálogo com os judeus e a realização, no ano 2000, da Campanha da Fraternidade Ecumênica.<sup>101</sup> Os documentos conciliares que lhe dão sustentação são: *Unitatis Redintegratio* e *Nostra Aetate*.<sup>102</sup>

Por último, a 6ª Linha de ação pastoral traçada pelo PPC reunia todas as iniciativas da Igreja que visavam à vivência do profetismo cristão. *Gaudium et Spes* foi, sem dúvida, dentre os documentos conciliares, um dos que mais provocou mudanças na Igreja Católica Romana. Já no seu primeiro enunciado o documento assumia o desejo da Igreja de entrar em sintonia

---

<sup>100</sup> Ibidem. p. 390.

<sup>101</sup> Campanha realizada anualmente pela Igreja católica no Brasil a partir de 1964, no período da quaresma, que aprofunda um tema da vida da Igreja e da sociedade, visando uma ação prática desta em relação ao tema aprofundado. Para aprofundar o tema Campanha da Fraternidade consultar: FILHO, Severino Martins da Silva – *A Campanha da Fraternidade: Um gesto profético diante dos dramas sociais brasileiros*. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção. PRATES, Lisaneos – *Fraternidade Libertadora – Uma leitura histórico-teológica das Campanhas da Fraternidade da Igreja no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2007.

<sup>102</sup> INSTITUTO NACIONAL DE PASTORAL. *Presença Pública da Igreja no Brasil (1952-2002) Jubileu de Ouro da CNBB*. p. 391

com a vida concreta do povo: “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo” (GS 1). Inegavelmente, a Igreja do Brasil é conhecida pela sua radicalidade em viver a evangélica opção preferencial pelos pobres. Durante a ditadura militar, a Igreja soube se colocar do lado dos que, tendo voz, não podiam falar e, tendo vez, não eram levados em conta pelo regime de exceção que se instalou no país a partir do golpe de 1964. Inúmeras iniciativas de evangelização no campo social deram origem a multicolor face da igreja no mundo dos pobres.<sup>103</sup>

Portanto, o Concílio Vaticano II abriu perspectivas novas, mais amplas e mais profundas: era necessário que a Igreja no Brasil se inserisse nesse movimento de maior envergadura da Igreja Universal e se deixasse, assim, conduzir pelo Espírito.<sup>104</sup> É dentro destas novas perspectivas advindas do Concílio, do Plano de Emergência e do Plano de Pastoral de Conjunto que a Igreja particular de São Paulo se insere e procura viver a sua missão durante a década de 60 e mais profundamente na década de 70.

### **5.3 II Conferência-Geral do Episcopado Latino-Americano de Medellín**

*“A Igreja na atual Transformação da América Latina à Luz do Concílio”.*



---

<sup>103</sup> Ibidem.

<sup>104</sup> BEOZZO, José Oscar. Op. cit. p. 353.

A II Conferência-Geral do Episcopado Latino-Americano realizou-se em Medellín (Colômbia) de 26 de agosto a 4 de setembro de 1968. Essa conferência deu-nos 16 documentos. Constitui uma releitura do Vaticano II para a América Latina.

Em Medellín se enfatiza o lado negativo da modernização capitalista em nosso continente, tem-se uma percepção de que o pecado é consequência também de estruturas sociais perversas, isto é, de um sistema social condenável, que se impõe sobre as consciências individuais, daí a necessidade de libertação dessas estruturas. A Igreja quer se apresentar com um rosto pobre, missionário e pascal, desligada de todo o poder temporal e comprometida na libertação integral de todo o homem e de todos os homens.

Medellín quer que a Igreja latino-americana ande pelo “caminho da pobreza” (AG 5). Isto é, uma “Igreja pobre”, uma Igreja que para ser precisamente sacramento de salvação deve comprometer-se com os pobres e com a pobreza.<sup>105</sup>

A pobreza como compromisso, assumida voluntariamente e por amor à condição dos necessitados deste mundo, para testemunhar o mal que ela representa e a liberdade espiritual frente aos bens do Reino. Continua, nisto, o exemplo de Cristo, que se fez suas todas as consequências da condição pecadora dos homens (Cf. Fp 2) e que sendo “rico se fez pobre” (2Cor 8,9) para nos salvar.

É necessário salientar que o exemplo e o ensinamento de Jesus, a situação angustiada de milhões de pobres na América Latina, as incisivas exortações do papa e do Concílio põem a Igreja latino-americana ante um desafio e uma missão a que não pode fugir e à qual deve responder com a diligência e audácia adequadas à urgência dos tempos. Cristo, nosso Salvador, não só amou aos pobres, viveu na pobreza, centralizando sua missão no anúncio da libertação aos pobres e fundou a Igreja como sinal dessa pobreza entre os homens.<sup>106</sup>

---

<sup>105</sup> BEOZZO, José Oscar. *O Vaticano II e a Igreja Latino-Americana*. p. 37; 39.

<sup>106</sup> CONCLUSÕES DE MEDELLIN. *Pobreza na Igreja*. 5ª ed. São Paulo: Paulinas, 1984. .nº 3; 6. p. 145.

Não se trata apenas de uma sensibilidade para a situação concreta da imensa maioria dos pobres que vivem no continente; a exigência fundamental e o que confere pleno sentido a tudo vem da fé em Cristo. A salvação de Cristo da qual a Igreja é um sacramento na história é o que dá significação à questão da Igreja dos pobres.<sup>107</sup>

Além de pobre, Medellín afirma que a Igreja deve ser missionária. Trata-se de uma Igreja voltada para fora de si mesma a serviço do mundo, e, em última instância, a serviço do Senhor da história.<sup>108</sup> A exigência missionária implica sempre uma saída de seu próprio universo e a entrada num mundo diferente.

A dimensão missionária presente no decreto *Ad Gentes* do Concílio Vaticano II, como traço central do conjunto da comunidade cristã, é assumida por Medellín, assim toda a Igreja da América Latina deve ser missionária e evangelizar de modo especial os pobres. Anunciar o evangelho aos pobres significa entrar em seu mundo de miséria e esperanças.

Medellín fala de uma “Igreja Pascal” testemunha da vida numa realidade de morte, ou seja, anunciadora do Reino da vida como expressão do amor de Deus por toda a pessoa. Uma Igreja a serviço da vida, e estar a serviço da vida significa: dar pão ao pobre, ajudar na organização de um povo, defender seus direitos, preocupar-se com a saúde dos mais marginalizados, pregar o Evangelho, perdoar o irmão, celebrar a Eucaristia, orar, dar a própria vida. O testemunho Pascal da Igreja latino-americana reveste a forma e testemunho da libertação total de Cristo.<sup>109</sup>

“Cristo pascal, “...*imagem do Deus invisível*”, é a meta que o desígnio de Deus estabelece para o desenvolvimento do homem, para que “*alcancemos todos a estatura do homem perfeito*” (Ef 1, 4-13)”.

“É o mesmo Deus que, na plenitude dos tempos envia o seu Filho para que, feito carne, venha libertar todos os homens, de todas as escravidões a que o pecado os sujeita: a

---

<sup>107</sup> BEOZZO, José Oscar. Op. cit. p. 41.

<sup>108</sup> Ibidem. p. 42.

<sup>109</sup> Ibidem. p. 42; 45; 46; 47.

fome, a miséria, a opressão e a ignorância, numa palavra, a injustiça que tem sua origem no egoísmo humano (Jô 8, 32-34)”.<sup>110</sup>

No documento *Justiça*, 3, já encontramos a palavra-chave que marcará Medellín, a palavra *libertação*: é o mesmo Deus que, na plenitude dos tempos, envia seu Filho para que, feito carne, liberte a todos os homens de todas as escravidões a que os sujeitou o pecado: a fome, a miséria, a opressão e a ignorância, em uma palavra, a injustiça e o ódio que têm sua origem no egoísmo humano.

A característica da América Latina em Medellín é a situação de pobreza do seu povo. Em Medellín, a teologia do desenvolvimento e da promoção humana cede lugar à teologia e pastoral da libertação. É a descoberta do *submundo dos pobres*, dos países pobres, que é a maioria da humanidade, e pobres devido a uma situação de dependência opressora que gera injustiça. “*Não teremos um continente novo sem novas e renovadas estruturas, mas, sobretudo, não haverá contingente novo sem homens novos que, à luz do Evangelho, saibam ser verdadeiramente livres e responsáveis*”.<sup>111</sup>

O ponto alto da pastoral libertadora da Igreja encontra-se na clara e profética opção preferencial e solidária pelos pobres. É uma opção pelo “*ser mais*” e não pelo “*ter mais*”. A opção pelos pobres quis significar uma transformação da Igreja para torná-la mais acessível aos pobres, a escolha de uma prioridade na ação evangelizadora e a prioridade pela libertação dos pobres, ou seja, pela transformação da sociedade injusta.<sup>112</sup>

Medellín fala em comunidade de base, como forma de vivência da comunhão, “família de Deus”, comunidade de fé, esperança e caridade, foco de evangelização.

A vivência da comunhão a qual foi chamado, o cristão deve encontrá-la na “comunidade de base”: ou seja, em uma comunidade local ou ambiental, que corresponda à realidade de um grupo homogêneo e que tenha uma

<sup>110</sup> CONCLUSÕES DE MEDELLIN. *Justiça*. nº 2. *Educação*. nº 2. p. 10; 51.

<sup>111</sup> Idem. *Justiça*. nº 2. p. 10-11.

<sup>112</sup> COMBLIN, José. *Cristãos Rumo ao Século XXI: nova caminhada de libertação*. São Paulo: Paulus, 1996. p. 33.

dimensão tal que permita a convivência pessoal fraterna entre seus membros. Por conseguinte, o esforço pastoral da Igreja, deve estar orientado à transformação dessas comunidades em “família de Deus”, começando por tornar-se presente nelas, como fermento por meio de um núcleo, mesmo pequeno, que constitua uma comunidade de fé, esperança e caridade (LG 8; GS 40).<sup>113</sup>

A comunidade cristã de base é, assim, o primeiro e fundamental núcleo eclesial, que deve em seu próprio nível responsabilizar-se pela riqueza e expansão da fé, como também do culto que é sua expressão. Ela é, pois, célula inicial da estrutura eclesial e foco de evangelização e, atualmente, fator primordial da promoção humana e do desenvolvimento.

Elemento capital para a existência de comunidades cristãs de base são seus líderes ou dirigentes. Estes podem ser sacerdotes, diáconos, religiosos, religiosas ou leigos. É desejável que eles pertençam à comunidade por eles animada. A escolha e formação dos líderes deverá ter acentuada preferência na preocupação dos párocos e bispos, os quais terão sempre presente que a maturidade espiritual e moral depende em grande parte da assunção de responsabilidade em um clima de autonomia (GS 55).<sup>114</sup>

Os documentos mais marcantes de Medellín são: Justiça, Paz e Pobreza da Igreja.

#### **5.4 III Conferência-Geral do Episcopado Latino-Americano de Puebla**

*“A Evangelização no Presente e no Futuro da América Latina”.*



<sup>113</sup> CONCLUSÕES DE MEDELLIN. *Colegialidade*. nº 3. p. 154-155.

<sup>114</sup> *Ibidem*. p.155.

A III Conferência-Geral do Episcopado Latino-Americano realizou-se em Puebla de los Angeles (México) de 27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979. Situa-se numa linha de continuidade com Medellín. Base de toda a reflexão foi a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* de Paulo VI de 8 de dezembro de 1975. Como Medellín foi uma releitura do Vaticano II para a América Latina e o Caribe, assim Puebla foi uma releitura *da Evangelii Nuntiandi*.

O tema de Puebla foi a evangelização no presente e no futuro da América Latina. A grande questão: qual o mundo que a Igreja deve evangelizar? Com que mundo a Igreja, em nome do Evangelho, se deve comprometer? Em outras palavras, como atuar pastoralmente na América Latina em total fidelidade ao Evangelho? Quais os critérios e as linhas de uma verdadeira e autêntica evangelização para a América Latina? Quais as opções pastorais fundamentais para que o Evangelho seja um acontecimento atual e presente com toda a sua vitalidade e força original?

Na época em que se realizava Puebla, o mais urgente desafio era *a defesa ou proclamação dos direitos fundamentais da pessoa humana na América Latina, à luz de Jesus Cristo*. Nessa época, devido à ideologia da segurança nacional difundida em vários países latino-americanos, sentia-se a necessidade dessa defesa e proclamação porque os direitos fundamentais da pessoa humana eram constantemente postergados e transgredidos. Essa atitude adotada por essa ideologia tinha o apoio de uma mentalidade individualista que, na América Latina, leva constantemente ao *desrespeito do ser humano em sua dignidade de imagem e semelhança divina, de filiação divina*. Por isso, é necessária, uma evangelização em comunhão e participação para que o ser humano possa ser mais humano, à luz de Jesus Cristo.

A parte mais importante do documento de Puebla é a IV Parte, em que, além da opção preferencial pelos pobres, da opção preferencial pelos jovens, e da ação da Igreja junto aos construtores da sociedade pluralista na América Latina, trata de modo muito especial dos

direitos fundamentais do ser humano, dos direitos individuais, dos direitos sociais e dos direitos emergentes, sendo arrolados também alguns direitos de índole internacional. Em toda a reflexão pastoral de Puebla, busca-se a comunhão e a participação na Igreja e na sociedade para se chegar à verdadeira e autêntica libertação.

O modelo da ação evangelizadora para Puebla é o das *comunidades eclesiais de base*. A *nova responsabilidade* da América Latina é o *aprofundamento* da fé. Fé mais operativa, sobretudo por meio da família, da juventude, das comunidades eclesiais de base, sempre animados pela *mentalidade missionária*. Nesse esforço eclesial pede-se um diálogo permanente com as *culturas vivas do continente* latino-americano e com a nova civilização que se vai formando pelo fluxo do mundo técnico-científico.<sup>115</sup>

## 5.5 A Teologia da Libertação

A reforma do Concílio Vaticano II (1962-1965) alcançou a América Latina nos anos 60, esta vivia golpes militares de direita e, de outro lado, assistia ao nascimento da Teologia da Libertação.

O padre peruano Gustavo Gutiérrez, pai da Teologia da Libertação, no segundo encontro de sacerdotes em Chibote, no Peru, em julho de 1968, a um mês do início da Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Medellín, afirma:

O processo de libertação é um sinal dos tempos (...). Tema novo de reflexão, porque é novo também como reflexão global dos problemas que abraça (...). Uma teologia da libertação deverá responder, em primeiro lugar, a esta pergunta: existe alguma relação entre construir o mundo e salvá-lo? Trata-se

---

<sup>115</sup> ALOISIO, Card. Lorscheider. Introdução ao livro Documentos do Celam [série Documentos da Igreja – vol. 08]. São Paulo: Paulus, 2004. p. 7-13.

de um processo de libertação humana de emancipação do ser humano na perspectiva da fé (...).<sup>116</sup>

A Teologia da Libertação é um grande sinal de um novo momento da História da Igreja na América Latina. Ela se apresenta com a originalidade de incluir como inerente a si mesma a situação histórica da América Latina. É uma teologia elaborada “a partir” das Igrejas da América Latina, que vivem uma realidade comum e original.<sup>117</sup>

Essa teologia propriamente dita se inscreve numa preocupação de fé e de evangelização.<sup>118</sup> “*Entre Evangelização e promoção humana – desenvolvimento, libertação – existem efetivamente laços muito fortes... Laços de ordem teológica, já que não se pode dissociar o Plano da Criação do Plano da Redenção, chegando até as situações bem concretas de injustiça, que deve ser combatida, e de justiça, que deve ser restaurada...*” (Evangelií Nuntiandi, 31). Tem por missão não apenas aprofundar a Revelação em si, mas também a revelação de Deus nas realidades históricas.<sup>119</sup> Não é neutra. É crítica.

Seu ponto de partida é, em essência, a vida da Igreja, a ação pastoral, o compromisso dos cristãos, a realidade humana na qual a Igreja exerce sua missão. A vida e a práxis da Igreja são um “*lugar teológico*”, isto é, uma base para que se possa refletir sobre a mensagem de Jesus Cristo.<sup>120</sup>

A Teologia da Libertação é elaborada num contexto cristão de pobreza, de dependência, de subdesenvolvimento. Sua preocupação básica é a justiça, a libertação dos oprimidos.<sup>121</sup>

A realidade latino-americana, com seus angustiantes problemas humanos, desafia a consciência cristã. Se nas estruturas injustas verifica-se uma verdadeira situação de pecado, é

---

<sup>116</sup> UFAC. Disponível em : [www.ufac.br/informativos/ufac\\_imporens/2005/04abr\\_2005/artigo2033.html](http://www.ufac.br/informativos/ufac_imporens/2005/04abr_2005/artigo2033.html). Acesso em 7 de março de 2007, 16:18.

<sup>117</sup> GALILEIA, Segundo. *Teologia da Libertação – Ensaio de Síntese*. São Paulo: Paulinas, 1978. p.11

<sup>118</sup> Ibidem. p. 12.

<sup>119</sup> Ibidem p. 18.

<sup>120</sup> Ibidem. p. 14.

<sup>121</sup> Ibidem. p. 17.

evidente que nelas se rejeita o próprio Deus. A situação injusta latino-americana esmaga o homem e, por isso mesmo, nega a Deus. É indispensável à percepção da existência do pecado nas estruturas inumanas.<sup>122</sup> O crente vê nisto uma ofensa a Deus. Uma realidade que atinge diretamente o Senhor. Uma realidade que necessita de redenção.<sup>123</sup>

Se o subdesenvolvimento é caracterizado como situação radical de escravidão e de opressão, nada mais natural que se dê o nome de libertação à luta contra tal estado de coisas. O tema da libertação do pecado, tema bastante caro ao cristão, conecta-se facilmente com o esforço para superar a situação escravizadora provocada por estruturas injustas, visto que nelas está cristalizada a realidade do pecado.<sup>124</sup>

Na Teologia da Libertação trata-se da libertação “cristã”. A libertação cristã é, por conseguinte, uma tarefa global, interior e pessoal, e ao mesmo tempo sociopolítica, econômica, etc.<sup>125</sup> Se há relação entre fé e libertação humana, entre reino de Deus e a construção da sociedade, entre evangelização e a promoção temporal, então “libertação” não é uma noção puramente terrena, mas tem uma dimensão escatológica.<sup>126</sup>

“A ação de Deus na história só alcança a sua plena significação se for situada em um horizonte escatológico. Por sua vez, a revelação do sentido final da história valoriza o presente. A autocomunicação aponta para o futuro e, simultaneamente, essa promessa e boa-nova revelam o homem a si mesmo e ampliam a perspectiva de seu compromisso histórico, aqui e agora”.<sup>127</sup>

Da mesma forma que há um único desígnio salvador de Deus, que intercala a criação, há também uma só história – a história do gênero humano – na qual Deus a partir das origens e, decisivamente, com a aparição de Jesus, vem intervindo para a salvá-la. História humana e

---

<sup>122</sup> RUBIO, Afonso Garcia. *Teologia da Libertação: Política ou Profetismo?* São Paulo: Loyola, 1977. p. 49.

<sup>123</sup> GALILEA, Segundo. Op. cit. p. 31.

<sup>124</sup> RUBIO, Afonso Garcia. Op. cit. p. 49.

<sup>125</sup> GALILEA, Segundo. Op. cit. p. 33.

<sup>126</sup> Ibidem. p. 22.

<sup>127</sup> RUBIO, Afonso Garcia. Op. cit. p. 92.

história da salvação são indissociáveis. Na mesma linha, o reino que Jesus anunciou e inaugurou não é uma realidade reservada somente ao céu. Este vai-se antecipando na terra – em cada homem, na sociedade – à medida que esta se humaniza.<sup>128</sup>

Uma das questões mais significativas da Teologia da Libertação é a opção pelos pobres, o serviço da libertação dos pobres. Na vida cristã, o sentido do pobre é tão capital, que é inseparável do próprio sentido de Deus. Isto é um ensinamento permanente dos profetas, para os quais o culto a Deus é vão sem a justiça e o amor ao pobre, e a verdadeira conversão dá-se no serviço ao irmão, particularmente o oprimido e o necessitado.(cf. Is 1. 10-17; 58, 6-7; etc.). Para Jesus o cumprimento da lei da salvação se resume no amor a Deus e no amor ao irmão (Cf. Mt 23, 37-40) e este amor ao irmão, em seu ensinamento, verifica-se na misericórdia com o irmão necessitado, o pobre.<sup>129</sup>

A temática da libertação aflorou no Brasil, nos primeiros anos da década de 60, no contexto da análise do fenômeno do subdesenvolvimento. Ensinava-se que o subdesenvolvimento era um problema de atraso técnico, pois éramos “países em desenvolvimento” e que mais tarde se resolveria este problema com a modernização tecnológica, causando, assim, uma interdependência entre os países ricos de tecnologia avançada e os países pobres que dependiam de sua tecnologia para desenvolver-se.<sup>130</sup> Havia um sistema de inegável desenvolvimento, mas profundamente desigual, gerando um centro rico e uma periferia pobre, gerando um relacionamento de dependência e opressão.

Havia no Brasil, nesta época, uma péssima distribuição de renda, uma das piores do mundo, o que gerava uma leva de miseráveis convivendo ao lado de uma minoria rica. Estudos indicavam que a distribuição de renda era tão ruim que 98% das riquezas dos países pobres se encontravam nas mãos de cerca de 5% da população. Some-se a esse quadro a

---

<sup>128</sup> GALILEA, Segundo. Op. cit. p. 42 e 43.

<sup>129</sup> Ibidem. p. 51.

<sup>130</sup> MACROTEMAS. *Teologia da Libertação*. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/w3/maise/teologia.html>. Acesso em 7 de março de 2007, 16:25.

posição da Igreja, que nas décadas anteriores tinha se associado às classes mais ricas. O quadro ainda era pior: o trabalho era mal remunerado, os salários eram baixos, sindicatos são controlados pelo estado e não existe nenhuma perspectiva de melhora.

A Teologia da Libertação nasceu como reflexão, a partir da Fé, sobre a práxis e os compromissos assumidos pelos cristãos que interpelam esta realidade da América Latina, em termos de dependência e libertação. Na gestação está Medellín que se situa como já vimos na esteira do Concílio Vaticano II.

A Teologia da Libertação possui sua autenticidade em seu método construído a partir da realidade histórica e social, ou seja, a partir dos pobres excluídos da sociedade (VER), iluminada pela fé (JULGAR) e que visa à prática transformadora de uma sociedade velha rumo a uma nova sociedade (AGIR). Portanto, Teologia da Libertação e sociedade compreende-se a partir da dialética que as une onde se constrói uma nova política participativa, uma nova economia inclusiva e solidária, uma nova cultura pluralista e uma nova visão ecumênica e inter-religiosa a partir de uma visão baseada essencialmente nos paradigmas da fé cristã.<sup>131</sup>

Será o método Ver, Julgar e Agir, utilizado pela Teologia da Libertação, que será usado na formação em todos os níveis durante a realização da “Operação Periferia”. Esta metodologia ajudaria a refletir nas CEBs e movimentos sociais os problemas da cidade á luz da palavra de Deus e propor ações concretas que poderiam ajudar na solução destes problemas.

Portanto, com o advento do Concílio Vaticano II, dos Planos de Emergência e de Pastoral de Conjunto no Brasil, das Conferências Episcopais Latino-Americanas de Medellín e Puebla e o surgimento da Teologia da Libertação, a década de 70 constitui-se para a Igreja do Brasil e particularmente para a Igreja Particular de São Paulo um grande momento

---

<sup>131</sup> Para aprofundar o tema Teologia da Libertação consultar: GUTIERREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação*. 1ª ed. Petrópolis: Vozes, 1983. GUTIERREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação – Perspectivas*. São Paulo: Loyola, 2000.

teológico e de motivação pastoral para o desenvolvimento de uma ação missionária mais consistente, principalmente nos centros urbanos, em especial em São Paulo com a “Operação Periferia”.

É a partir de todo esse contexto que foi apresentado neste primeiro capítulo que será trabalhado o segundo capítulo detalhando a Operação Periferia, e o terceiro capítulo que apresentará perspectivas importantes a partir da experiência da Operação Periferia para um projeto missionário urbano.

## **CAPÍTULO II**

### **OPERAÇÃO PERIFERIA: UMA NOVA PERSPECTIVA DA MISSÃO NA CIDADE**

Diante de toda uma realidade econômica, política, social, geográfica e religiosa presente na década de 70 em todo o Brasil e em especial na cidade de São Paulo<sup>132</sup>, era preciso uma mudança de perspectiva e de atitude missionária da Igreja Católica, era necessária uma opção preferencial da Igreja de São Paulo pela evangelização da cidade a partir da periferia “*cidade imensa que surge de uma hora para outra*”.<sup>133</sup> Era necessário priorizar o ser humano presente na periferia, em especial o migrante, e que se desumaniza diante de condições de vida subumanas. As cidades monstros e cruéis nos atemorizam mais

---

<sup>132</sup> Verificar o 1º Capítulo desta dissertação.

<sup>133</sup> Definição de Dom Paulo Evaristo Arns, In: *O São Paulo*, 4 de março de 1972. p. 7.

“por causa do isolamento ou do egoísmo a que nos reduzem”.<sup>134</sup> O desafio missionário é humanizar a cidade desumanizada e desumanizadora.<sup>135</sup>

É uma tentativa de responder aos desafios presentes no momento e que atingem de forma mais direta os que vivem na periferia da cidade de São Paulo e que por isso estão à margem de todos os recursos e benefícios econômicos, políticos, sociais, geográficos e até religiosos. Dentre as necessidades da periferia está a da moradia, igrejas, escolas, conduções, serviços assistenciais para todas as idades, água, esgoto, asfalto.<sup>136</sup>

A migração do Nordeste, Norte e outros estados do País e também dentro da própria cidade é uma motivação para a realização da Operação Periferia. São multidões de pessoas que chegam sobretudo do Estado do Ceará, por causa da seca prolongada.

Este migrante, pobre na periferia, é tentado a lançar-se num embate brutal pela comida, isolado de qualquer participação na sociedade e, fora da vida comunitária, também enfrenta a tentação de um falso mundo mágico lançado pela ideologia dominante. Ainda há a tentação da auto-suficiência sem percorrer as etapas do crescimento como pessoa humana.

O serviço da Igreja para que o migrante vença essas tentações consiste em incentivar a busca da qualidade de vida, testemunhar a vida fraterna, abrir espaço para a vivência comunitária e mostrar o valor da pessoa humana, é o que diz Dom Paulo Evaristo.<sup>137</sup>

Embora profundamente marcado pelo sofrimento, o migrante carrega no rosto um olhar cheio de esperança e no peito um coração forte na busca tenaz de um amanhã mais feliz, é caminhante incansável na luta pela vida.

Recuperar os valores culturais e religiosos, procurando que os migrantes tenham uma integração sadia lá para onde quer que se dirijam, é enorme desafio que interpela a pastoral como um todo.<sup>138</sup>

---

<sup>134</sup> PAULO, D. Evaristo Arns. *De Esperança em Esperança na Sociedade Hoje*. São Paulo: Paulinas, 1971. p. 60.

<sup>135</sup> Idem. *Cidade, Abre as Tuas Portas!* São Paulo: Loyola, 1976. p. 190.

<sup>136</sup> O São Paulo, 26 de fevereiro de 1972. p. 3.

<sup>137</sup> O São Paulo, 19 de fevereiro de 1972. p. 7.

A periferia é vista pela Igreja como espaço de negação da vida para milhões de pessoas. O subdesenvolvimento perpetua condições infra-humanas, vividas por tantas pessoas desenraizadas pelo sistema capitalista vigente. Às velhas injustiças acrescentam-se as novas, frutos de uma modalidade de urbanização maciça: desemprego, mendicidade, insegurança, criminalidade, solidão, frustração cultural e também marginalidade religiosa.<sup>139</sup>

Por isso a cidade precisa de uma Igreja popular, na qual o povo liberte-se de suas limitações, opressões, e se organize para assumir o seu próprio destino, responda às exigências que lhe são impostas. Por isso a periferia da cidade se apresenta como pólo pastoral que une e revitaliza.<sup>140</sup>

Foi então que no início dos anos 70, a Igreja Católica de São Paulo assumiu um novo perfil: voltou-se para os bairros da periferia, ressaltando o espírito de compromisso e solidariedade não só com os que moravam geograficamente na periferia da cidade, mas também com os que se encontravam em situação periférica, de marginalização e exclusão, mesmo no centro de São Paulo, em cortiços ou favelas. Afirmava o padre Sérgio Conrado, então coordenador do Secretariado Arquidiocesano de Pastoral: *“A igreja entende periferia primeiramente como uma situação de marginalização das pessoas do processo econômico, político e social da Nação. Somente em segundo lugar é que essas mesmas pessoas se localizam geograficamente. Assim, pois, poderão estar tanto na periferia como no centro da cidade vivendo em favelas, cortiços, casas de cômodos, etc”*.<sup>141</sup>

Dom Paulo Evaristo Arns, então arcebispo de São Paulo, enxergando a fragilidade da presença da Igreja na complexidade dos problemas, lança em 1972 a Operação Periferia. *“A Operação Periferia foi uma grande intuição, levou a Igreja a olhar a periferia como campo*

---

<sup>138</sup> Estudos da CNBB, *Migrações no Brasil: um desafio à pastoral*, nº 54. p. 57.

<sup>139</sup> DOMEZI, Maria Cecília. *Do Corpo Cintilante ao Corpo Torturado - Uma Igreja em Operação Periferia*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 163.

<sup>140</sup> PAULO, D. Evaristo Arns. *Cidade, Abre as Tuas Portas!* p.169.

<sup>141</sup> Matéria do jornalista Caetano Matanó Junior sobre a Pastoral da Periferia no jornal *Folha da Tarde* de 24 de agosto de 1981. p. 5.

*de missão*".<sup>142</sup> A Operação Periferia foi coordenada de 1972 a 1978, pelo padre Ubaldo Steri, hoje diretor da Cáritas Arquidiocesana de São Paulo.

Padre Ubaldo define a atuação da Igreja na periferia como uma *“atitude pastoral em busca de uma forma de presença mais intensa e mais adequada à situação do povo, e uma Igreja que assumia a sua pobreza e se identificava com ela”*.<sup>143</sup>

A Operação Periferia encontrava um fértil campo para questionar a comunidade cristã dos bairros pobres de São Paulo. Os problemas humanos, morais, sociais e espirituais de, na época, quatro milhões de brasileiros levavam à intolerância por parte da Igreja e à busca de uma resposta concreta de enfrentamento daquela situação.<sup>144</sup>

## **1. A Arquidiocese de São Paulo na década de 1970**

Diocese é a porção do Povo de Deus confiada a um Bispo para que a pastoreie em cooperação com o presbitério de tal modo que, unida a seu pastor e por ele congregada no Espírito Santo, mediante o Evangelho e a Eucaristia, constitua uma igreja particular, na qual verdadeiramente está e opera a Una, Santa, Católica e Apostólica Igreja de Cristo. (Decreto *Christus Dominus* nº 11).

Diante da novidade do Concílio Vaticano II que definiu a Igreja como Povo de Deus e despertou uma renovação da vida eclesial, possibilitando a maior participação dos leigos e leigas; da Conferência de Medellín que deixou claro os desafios da Igreja da América Latina diante do empobrecimento do povo e da violação dos seus direitos básicos; da novidade da Teologia da Libertação, em especial do método Ver, Julgar e Agir; do clima de intensa repressão à participação democrática em partidos, sindicatos e da censura à imprensa, o então arcebispo metropolitano recém-nomeado, Dom Paulo Evaristo Arns, questionava-se sobre a

<sup>142</sup> Entrevista concedida por Dom Pedro Luiz Stringhini, São Paulo, 9 de maio de 2008.

<sup>143</sup> Material xerocado sobre a Operação Periferia fornecido pelo padre Ubaldo Steri em 23 de abril de 2008.

<sup>144</sup> *Ibidem*.

comunicação entre a mensagem do Evangelho e a pessoa humana situada no espaço geográfico, social e cultural da época.

Perguntava-se o arcebispo como a Igreja visaria à promoção do ser humano considerado à luz da fé, na sua eminente dignidade de filho de Deus. Em suma: como ser Igreja na gigantesca cidade de São Paulo.

A Igreja Católica como instituição, nos anos 70, continuou a assustar-se com a marginalização religiosa existente na imensa periferia de São Paulo. No início da década de 1970, o pentecostalismo e uma variedade de religiões afro-brasileiras, sobretudo a Umbanda, faziam adeptos com surpreendente sucesso.

A Igreja Católica se sentia cada vez mais insuficientemente representada nesta área da metrópole, mantinha contatos ocasionais e impessoais com a comunidade. Constatou que a maioria da população vivia alheia à vida da Igreja porque a Igreja estava cada vez menos presente na complexidade dos problemas da metrópole.<sup>145</sup>

Dom Paulo acredita que a mensagem só evangeliza quando é acolhida como autêntico “Evangelho”, isto é, como notícia esplêndida, feliz, inesperada e decisiva, que transforma a vida de quem a recebe.<sup>146</sup>

Em 1978, sobre a cidade de São Paulo Dom Paulo declarou o seguinte:

*“Os problemas da cidade são incontáveis, e é impossível permanecer alguém indiferente diante da soma de novas dificuldades que se apresentam, não em horizonte longínquo, mas aqui, diante de nossos olhos, para os próximos anos”.*<sup>147</sup>

Foi com essa preocupação de seu arcebispo que a Arquidiocese de São Paulo entrou numa nova dinâmica diante da realidade vivida à época.

---

<sup>145</sup> DOMEZI, Maria Cecília. Op. cit. p. 162-163.

<sup>146</sup> PAULO, D. Evaristo Arns. *Da Esperança a Utopia: testemunho de uma vida*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2001. p. 155-156.

<sup>147</sup> Idem. *Em defesa dos direitos humanos: encontro com o repórter*, 2ª.Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 93-94.

Em seu incansável itinerário pastoral, Dom Paulo sedimentou nas diretrizes conciliares e de Medellín uma plataforma constituída das exigências fundamentais e imprescindíveis para a arquidiocese ser conseqüente em sua missão evangelizadora: conhecer a mentalidade e as diversas características e aspirações da cidade; usar uma linguagem adaptada para que todos possam captar a mensagem evangélica e se tornar outros evangelizadores; adaptar o anúncio, o cerne do Evangelho, às situações concretas e às atividades das pessoas; acreditar nas aspirações e criatividade das pessoas; favorecer o agrupamento e a criação de comunidades, onde as pessoas possam se conhecer, valorizar-se, refletir e programar ações em favor de todos; concretizar nos diversos níveis um espírito de trabalho em conjunto, onde cada qual tem sua função; respeitar a religião do povo e suas manifestações, dando-lhes um significado novo e atuante.<sup>148</sup>

Diante do grito de miséria e em meio à brutal repressão militar começavam iniciativas daqui e dali de promoção humana com vontade de transformar as estruturas injustas. O apelo forte vinha da periferia, cinturão de miséria.

Nas experiências de promoção humana havia leigos atuando, grupos pluralistas assumindo com os trabalhadores, principalmente com a atuação da Pastoral Operária, o seu processo de conscientização. *“Eu me dediquei ao trabalho pastoral junto aos trabalhadores. A gente fazia isso a partir do bairro de Vila Rica que era bem periferia de São Paulo no início dos anos 70, é daí que vai nascer algumas experiências que desembocaram na Pastoral Operária. O trabalho que a gente fazia era o trabalho na periferia levando para as comunidades uma reflexão em cima dos problemas dos trabalhadores no Brasil, no momento em que o país se desenvolvia industrialmente”*.<sup>149</sup> Isto incluía perseguição, prisões, torturas e

---

<sup>148</sup> CONRADO, Sérgio, D. Paulo Pastor da grande Cidade, In: RIBEIRO, Helcion. *Paulo Evaristo Arns, Cardeal da Esperança e Pastor da Igreja de São Paulo*. São Paulo: Paulinas, 1989. p. 23.

<sup>149</sup> Entrevista concedida por Waldemar Rossi. São Paulo, 26 de abril de 2008.

martírio. “*Vários movimentos na periferia eram reprimidos pela polícia a mando da ditadura*”.<sup>150</sup>

A Arquidiocese de São Paulo, em 1975, contava com uma população de 7.768.688 habitantes. Destes, não nasceram em São Paulo 3.114.268. A imensa maioria proveio de outras cidades, ou seja, 2.356.110 já conheciam uma certa vivência urbana, enquanto 758.158 nunca haviam vivido em cidade, e enfrentavam, portanto, um duplo obstáculo: o primeiro, o de habituar-se a um sistema inteiramente novo de existência: o urbano em lugar do rural; o segundo, o de viver dentro da cidade sem contato algum com parentes, amigos e organizações a que estavam habituados.<sup>151</sup>

A Igreja Católica de São Paulo diante desses desafios tinha de se lançar em uma nova perspectiva missionária, uma nova Igreja, com um novo método. A nova Igreja era a Igreja Povo de Deus do Vaticano II que se apresentava com mais força na América Latina através das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). O novo método seria o ver/julgar/agir utilizado pela Teologia da Libertação.

Na década de 1970, as organizações populares e sindicais, que aglutinavam grupos diversos, tinham na presença das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) – surgidas nesta mesma década e que terão neste período a sua multiplicação e fortalecimento – o seu ponto de encontro eclesial.

Em 1975, realiza-se o primeiro Encontro Intereclesial realizado em Vitória (ES). Também no final do mesmo ano as CEBs têm seu reconhecimento oficial na Exortação Apostólica pós-sinodal *Evangelii Nuntiandi*, do papa Paulo VI, publicada em 8 de dezembro de 1975<sup>152</sup>, é a possibilidade de concretização do “sonho” de uma Igreja reorganizada,

---

<sup>150</sup> Ibidem.

<sup>151</sup> PAULO, D. Evaristo Arns. *Cidade, Abre as Tuas Portas!* p. 58.

<sup>152</sup> INSTITUTO NACIONAL DE PASTORAL. *Presença Pública da Igreja no Brasil (1952-2002) Jubileu de Ouro da CNBB*. p. 393.

rearticulada, com um novo modelo a serviço da missão na megalópole de São Paulo com seus contrastes.

Grupos significativos da Igreja particular de São Paulo começaram a olhar a cidade desde o lugar do pobre, com os olhos do operário, da dona-de-casa moradora da periferia, da criança desamparada, do indigente, do torturado e preso político; começaram a aprender como se vê a cidade com a inteligência do operário e do morador de lugares carentes. Era a opção pelos marginalizados e oprimidos apresentada em Medellín e confirmada no final da década de 70 em Puebla na opção pelos pobres.

Na Arquidiocese de São Paulo havia leigos atuantes nas comunidades eclesiais da base e nas pastorais específicas. Era hora de deixar-se recriar, como Igreja, pelo Espírito, na práxis dos empobrecidos e pequenos, sem se deixar levar pela euforia das dimensões gigantescas da megalópole.

O “sonho” era também o de uma grande colegialidade, numa organização e articulação originais baseadas numa pastoral de conjunto e em planos pastorais para definir prioridades dentro da cidade, um modelo próprio e inovador para a megalópole capitalista.

A experiência de realizar esse “sonho” foi pioneira, original, digna da atenção da Igreja Universal. O Papa Paulo VI, entusiasmado com esse empenho na recriação da Igreja em São Paulo, aconselhou a visita às grandes metrópoles para estudo da nova pastoral urbana.

Já em 1966/67 criavam-se sete Regiões e eram nomeados os respectivos vigários Episcopais, e se pôde sentir o começo de um trabalho de colegialidade e de pastoral de conjunto na Arquidiocese.

Em 1974 já se dava novo passo, seguindo o “sonho”: dentro de um ano não seriam mais apenas as regiões, e nem os vigários episcopais. Haveria “Setores”: porções de Igreja na dinâmica da inserção, do deslocamento, da presença na realidade social; diferenciados, complementares, interligados e fazendo troca de bens entre si. Cada Setor teria um presbítero

coordenador, além de religiosos e religiosas, leigos e leigas que participariam desta coordenação.

Um colégio de bispos, 7 ou 8, estariam juntos com o arcebispo, sendo que cada um desses bispos assumiria a coordenação de um conjunto de setores, e também seria responsável por uma pastoral urbana específica.

Era um grande colegiado: Presbíteros unidos em torno de bispos, junto com o arcebispo e também com os leigos e leigas, religiosos e religiosas; todos assumindo com igual importância e na diversidade dos seus ministérios a missão em São Paulo. Era a Igreja Particular, numa união global.

Na união articulada, a Igreja Particular de São Paulo seria Igreja inserida na metrópole inteira, estando cada bispo no seu território com seus presbíteros, religiosos e religiosas, leigos e leigas e tendo seus recursos humanos e materiais próprios.

Era uma Igreja das pequeninas organizações, Igreja inserida tentando aprender a caminhar com o povo; Igreja da cidade, Igreja institucional, abrindo-se, naquele momento, como único espaço para a defesa dos pobres da periferia, das pessoas perseguidas e para a organização dos trabalhadores.

Ao mesmo tempo havia a atitude de coragem da Igreja Particular de São Paulo, de convocar e reunir multidões de pessoas, de lhe emprestar a voz nas praças e ruas, mesmo debaixo de metralhadoras, cavalarias, cães e gás lacrimogêneo. Era a Igreja das pequenas comunidades, dos grupos organizados e das grandes massas plurais em defesa dos direitos da pessoa humana.

A presença da Igreja de São Paulo na defesa dos direitos humanos deu-se em meio aos trabalhadores, jovens, lideranças religiosas e políticas e diversos grupos sociais que nesta época sofriam com a perseguição, prisões e torturas realizadas pelos órgãos de repressão da ditadura militar.

Segundo Dom Paulo Evaristo Arns, os atos institucionais promulgados pelo governo militar assustavam sempre mais. O clímax tinha sido o Ato Institucional nº 5, que excluiu o povo de toda e qualquer informação e influência.

As dificuldades encontradas eram a de prestar socorro ao povo sofrido que normalmente ocupava as periferias ou exercia liderança especial na cidade, e a incapacidade de descobrir os meios jurídicos e outras possibilidades práticas para socorrer as vítimas, tanto nas prisões quanto em situações ainda mais penosas de desaparecimento ou aplicação de tortura.

Ainda segundo Dom Paulo, foi nessa situação que procurou formar em São Paulo, a Comissão Justiça e Paz que já existia em Roma, recém-fundada pelo Papa Paulo VI.

A Comissão começou a orientar o povo de São Paulo para os direitos da cidadania e para estratégias mais adequadas a uma boa eleição em todos os níveis permitidos pela revolução.

A partir da atuação da Comissão Justiça e Paz se organizou a Pastoral dos Direitos Humanos.<sup>153</sup> O povo acordara para a sua libertação e agora fazia propostas para uma ação constante e eficaz em favor de um Brasil mais justo, mais solidário e mais livre.

O desempenho eficiente e corajoso da Comissão Justiça e Paz de São Paulo, como era de se esperar, começou sem demora a repercutir em numerosas dioceses do Brasil e assim, pouco a pouco, outros bispos e Igrejas Particulares tomaram iniciativa semelhante, a fim de poderem atender aos clamores dos atingidos por seus direitos, que surgiam simultaneamente no interior e em diversas capitais.<sup>154</sup>

---

<sup>153</sup> Para aprofundar o tema defesa dos Direitos Humanos consultar: BICUDO, Hélio, D. Paulo e os Direitos Humanos I e WRIGHT, Jaime, D. Paulo e os Direitos Humanos II, In: RIBEIRO, Helcion. *Paulo Evaristo Arns, Cardeal da Esperança e Pastor da Igreja de São Paulo*. p. 47-78.

<sup>154</sup> Para aprofundar o tema Comissão Justiça e Paz consultar: Estudos da CNBB, *Comissão justiça e paz*, nº 38. São Paulo: Paulinas, 1983. MENDES, Candido. *Comissão brasileira de justiça e paz*. Rio de Janeiro: Educam, 1996.

## 2. Lançamento da Operação Periferia

A Campanha da Fraternidade de 1972, *Serviço e Vocação – Descubra a Felicidade de Servir*, trazia a dupla idéia do Serviço e da Vocação, cujo intuito era educar o cristão na direção do compromisso sociocomunitário.<sup>155</sup>

Cada qual possui dons e capacidades, cada qual deve viver uma determinada vocação. Estes dons e esta vocação devem ser postos a serviço dos outros. Fraternidade é, portanto, servir ao próximo dentro da própria vocação. O importante é não enterrar os próprios talentos, mas reconhecê-los, valorizá-los, convertê-los em préstimos ao próximo e à comunidade. Trata-se de descobrir e assumir totalmente a própria vocação e nela e por ela ser útil e servir aos outros. Foi este o exemplo de Cristo, que “*veio não para ser servido, mas para servir*” (Mt 20, 28).

O autêntico serviço cristão não é escravidão, mas liberdade. O homem se realiza plenamente e encontra sua felicidade na generosa e voluntária doação ao próximo. O egoísta nunca é feliz. É o caso de lembrar a doutrina do Concílio Vaticano II, na Constituição *Gaudium et Spes*, nº 25: “*O homem desenvolve-se em todas as suas qualidades e pode corresponder à sua vocação mediante a comunicação com os outros, pelas obrigações mútuas, pelo diálogo com os irmãos*”.<sup>156</sup>

O homem constrói sua felicidade à medida que se realiza integralmente. Realizar-se integralmente é cumprir o plano de Deus. Cumprir o plano de Deus é viver a fraternidade cristã. Ora, a fraternidade se expressa, concretamente, pelo Amor-Serviço mútuo entre as pessoas. No esforço comum para o avanço comum está, pois, o caminho para a felicidade.

Cristo se fez homem para nos ensinar, pessoalmente, como fazer essa descoberta. A própria pessoa de Cristo, assumindo uma expressão atual que convoca para o Serviço-Hoje. Ele nunca teorizou com palavras. Sempre foi, em vida, o VERBO ENCARNADO: “Eu sou o

<sup>155</sup> PRATES, Lisâneos. *Fraternidade Libertadora – uma leitura histórico-teológica das Campanhas da Fraternidade da Igreja no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 58.

<sup>156</sup> Texto base da Campanha da Fraternidade de 1972. p. 4.

Caminho”, “Eu sou a Verdade”, “Eu sou a Vida”, “Eu sou a Luz”, “Eu sou o Pão Vivo”, “Eu sou a Ressurreição”, “Eu sou o Bom Pastor”, “Eu não vim para ser servido, mas para servir...” E porque não apenas pregou isso, mas foi e é tudo isso, tem todo o direito de dizer: “Aprendeí comigo”.

Esse Cristo, testemunho-concreto, vivo e presente na História, precisava agora ser apresentado ao homem moderno, como um Cristo “viável”, com credibilidade cultural, um Cristo-modelo para o homem de hoje, que trabalha, que se comunica, que aspira por espiritualidade, que reconhece a importância do outro, que sabe que ninguém mais se salva sozinho, que não ignora que se deve dar um peixe a quem tem fome, se é preciso, mas que mais sábio e mais cristão é ensinar a pescar. Que cada executor da Campanha saiba descobrir toda a sua riqueza: a necessidade que temos todos nós de encarnar o Cristo em nossas vidas, sendo hoje no Brasil o que ele foi ontem na Palestina, doando amor, prestando serviço, libertando, salvando. Só assim se constrói a Fraternidade Cristã, caminho da felicidade, já aqui mesmo, na terra.<sup>157</sup>

Dentro do contexto da Campanha da Fraternidade, Dom Paulo Evaristo Arns lança a Operação Periferia em sua alocução radiofônica, no dia 12 de fevereiro de 1972.<sup>158</sup> Interessante o slogan presente no jornal *O São Paulo*: Campanha da Fraternidade – 72 – No Brasil Descubra a felicidade de Servir – Na Arquidiocese – OPERAÇÃO PERIFERIA.<sup>159</sup> Dom Paulo determinou que os 35% da arrecadação da Campanha da Fraternidade destinados a Arquidiocese fossem destinados a várias obras na periferia de São Paulo, em bairros mais necessitados e de maioria de população nordestina, além de várias paróquias do centro destinarem sua quota a paróquias mais carentes da periferia.<sup>160</sup>

---

<sup>157</sup> Texto base da Campanha da Fraternidade de 1972. p. 5-6.

<sup>158</sup> *O São Paulo*, 26 de fevereiro de 1972. p. 3.

<sup>159</sup> *Idem*, 18 de março de 1972. p. 1.

<sup>160</sup> *Idem*, 25 de março de 1972. p. 3.

Propôs-se a Operação Periferia como uma campanha de conscientização para os problemas da periferia da cidade, uma conscientização que levasse à igualdade e aos benefícios coletivos. “*A imensa urbe, humanizada, mereceria ser proposta à imitação de todo o País*”.<sup>161</sup> A Igreja está consciente de que nem é sua tarefa primordial e nem mesmo dispõe de recursos para resolver esses angustiantes e dolorosos problemas humanos. Mas irá fazer o que lhe for possível. Este ano de 1972 será assim o ano da OPERAÇÃO PERIFERIA. “*Em São Paulo, aprofundou seu pastor, o serviço é exigência humana e cristã, pois o problema da Periferia nos fere os olhos, o coração e terá que mobilizar as nossas mãos. A AÇÃO PERIFERIA será, pois, a ação por excelência desta Quaresma, toda colocada debaixo da fraternidade*”.<sup>162</sup>

Falando aos Vigários Episcopais e aos coordenadores de Setores sobre a natureza, a organização e a sistemática do trabalho da Operação Periferia, diz o padre Luciano T. Grilli, diretor da Cáritas “*Trata-se da atividade permanente da Arquidiocese de São Paulo de caráter sócio-religioso para a promoção integral do indivíduo e da comunidade nas áreas periféricas*”.<sup>163</sup>

Em reunião sobre a Operação Periferia no dia 14 de junho de 1972, Dom Paulo lembra o aspecto missionário que esse trabalho deve ter.<sup>164</sup> No jornal O São Paulo, no artigo *Encontro com o Pastor*, Dom Paulo pede urgência para os trabalhos da Operação Periferia.<sup>165</sup>

O termo Operação segundo padre Ubaldo Steri, que foi coordenador deste trabalho de 1972 a 1978, foi usado porque deveria ser um momento forte e uma ação intensa e urgente, que deveria envolver todo mundo. Não era simples trabalho, em que cada um faz o que quer.

---

<sup>161</sup> Ibidem.

<sup>162</sup> O São Paulo, 26 de fevereiro de 1972. p. 3.

<sup>163</sup> Idem, 8 de julho de 1972. p. 8.

<sup>164</sup> Idem, 17 de junho de 1972. p. 7.

<sup>165</sup> Idem, 3 de junho de 1972. p. 7.

Era formar uma equipe, uma coordenação, para envolver toda a cidade em compromissos concretos.<sup>166</sup>

Os problemas humanos, sociais, morais e espirituais de 3 milhões de habitantes da nossa cidade nos responsabilizam em uma situação que não pode ser tolerada pela nossa consciência humana e cristã.

A marginalização socioeconômica marca profundamente a população da periferia, que vive em condições precárias de moradia, saúde, trabalho e alimentação, o subdesenvolvimento perpetua condições de vida infra-humanas. *“A periferia economicamente falando, socialmente falando sempre foi um abandono”*.<sup>167</sup>

Subsistem na periferia a fome e a miséria, as enfermidades generalizadas e a mortalidade infantil, o analfabetismo e a marginalização de milhares de famílias que não têm nenhuma esperança real de encontrar meios para melhorar suas condições de vida. A urbanização maciça provoca novas injustiças: o desemprego, a mendicância, a criminalidade, a insegurança e a exploração predial, a marginalização do trabalhador. Multidões de pessoas estão na impossibilidade de encontrarem, através de uma remuneração justa de seu trabalho, o necessário para sua subsistência ou para seu desenvolvimento. O crescimento explosivo, a presença de 542 favelas, a deficiência ou a total ausência dos serviços públicos básicos cria uma situação desesperadora na população.<sup>168</sup> *“Não sabemos até quando pode continuar a situação calamitosa que envolve a cidade mais rica do Brasil, a ponto de torná-la a cidade mais insuportável para centenas e milhares de pessoas”*. (D. Paulo Evaristo)<sup>169</sup>

A Igreja Católica se sente cada vez menos presente na complexidade dos problemas da grande metrópole. A maioria da população vive alheia à vida da Igreja. Em São Paulo 250 mil

---

<sup>166</sup> Entrevista do padre Ubaldo Steri para o Projeto História da Igreja de São Paulo em 6 de março de 2008. Material cedido por padre Ubaldo Steri em 23 de abril de 2008.

<sup>167</sup> Entrevista concedida por dom Ângelico Sândalo Bernardino. Itaiçi, 8 de abril de 2008.

<sup>168</sup> Folheto “Operação Periferia – Caminho Comunitário de Fraternidade e Solidariedade dos Cristãos Paulistanos”. Material cedido pelo padre Ubaldo Steri, São Paulo, 23 de abril de 2008.

<sup>169</sup> Material xerocado sobre a Operação Periferia fornecido pelo padre Ubaldo Steri em 23 de abril de 2008.

novos habitantes por ano, provenientes do interior, vivem numa nova forma de solidão e desamparo social, sem possibilidade de uma vida pessoal e de um relacionamento fraterno com a vizinhança. Não existem comunidades, paróquias, agentes de pastoral e padres suficientes para atender a periferia. A maioria dos padres da periferia é de estrangeiros, provisórios, sem recursos adequados. É necessário que os leigos assumam suas tarefas participando na vida de sua comunidade e se responsabilizando pela situação do povo da periferia.<sup>170</sup> “A *Operação Periferia* antecipou aquilo que o Papa João Paulo II, na *embocadura do III milênio*, dizia convidando a Igreja a novo ardor missionário, novos métodos e novas manifestações. Foi um momento altamente pentecostal, o Espírito Santo realmente sacudiu a Igreja bem amada de São Paulo e encontrou nesta Igreja uma resposta muito grande”.<sup>171</sup>

Diante desta situação Dom Paulo Evaristo fazia um apelo continuamente renovado no sentido de convidar comunidades inteiras a se lançarem no serviço aos núcleos em formação na periferia, respondendo a uma situação de marginalização social e religiosa do povo da periferia, através de um testemunho de justiça, fraternidade e solidariedade, numa ação missionária das comunidades cristãs a serviço dos irmãos mais necessitados e desamparados, numa atitude pastoral da Igreja de São Paulo, em busca de uma forma de presença e de atuação mais intensa e renovada na atual situação do povo. Dentro desta definição cinco objetivos eram fundamentais: 1º **Formar Comunidades** capazes de assumir seus compromissos de participação ativa e consciente e de promoção integral do Homem; 2º Descobrir e **treinar lideranças** locais e animadores de comunidade; 3º Formação de **centros comunitários** em cada bairro, onde o povo possa se reunir e organizar suas atividades; 4º Criar e coordenar **recursos humanos e materiais** a serviço das comunidades da periferia; 5º

---

<sup>170</sup> Ibidem.

<sup>171</sup> Entrevista concedida por Dom Angélico Sândalo Bernardino. Itaiçi, 8 de abril de 2008.

Conscientizar e levar ao engajamento comunidades e pessoas, através da realização de **projetos** concretos que respondam às necessidades mais urgentes da periferia.<sup>172</sup>

A Operação Periferia nascia da vontade de um novo agir missionário da Igreja de São Paulo. *“O Cristo veio procurar-nos na nossa miséria; nós, os cristãos, iremos procurar aqueles que de nós precisam, indo a todos os lugares que exigem a nossa presença e ação”*.<sup>173</sup> Concretizava-se a opção pelos pobres *“Só seremos Igreja de Cristo se nos voltarmos com Ele, decididamente, para os pobres”*.<sup>174</sup> Da periferia viria a conversão da consciência pessoal e coletiva da Igreja de São Paulo e de toda a sociedade.

Dom Paulo Evaristo dizia sempre: *“A periferia nos pede ação intensa e imediata e não apenas palavras e bons propósitos. Para situações de emergência reclamam-se soluções audaciosas que quebrem todas as barreiras do egoísmo e da burocracia”*.<sup>175</sup>

Quando Dom Paulo Evaristo lançou a Operação Periferia ressaltou que a atitude da Igreja não é a de dar esmolas nem presentes. *“É atitude de serviço que enriquece a todos na co-responsabilidade, pois quem dá recebe, e quem recebe também tem o que dar”*.<sup>176</sup>

Na obra *“Do corpo cintilante ao corpo torturado – Uma Igreja em Operação Periferia”* – Cecília Domezi afirma que na troca de benefícios Dom Paulo via o conforto material e as responsabilidades de progresso e de encontro entre pessoas.<sup>177</sup>

Em entrevista para o jornal *Folha da Tarde*, o padre Ubaldo Steri, coordenador da Operação Periferia nos anos 70, diz: *“A Igreja vai ao encontro dos homens que devem ser prioritariamente servidos por ela: os pobres e os oprimidos”*. Também diz: *“Talvez por que existam os pobres é que a cidade ainda tem coração... Ficamos muitas vezes a pensar que sejam eles os pára-raios contra as desgraças que poderiam abater-se sobre esta cidade tão*

<sup>172</sup> Folheto “Operação Periferia – Caminho comunitário de Fraternidade e Solidariedade dos Cristãos Paulistanos”. Op. Cit.

<sup>173</sup> Entrevista concedida por Dom Paulo Evaristo Arns à *Revista Manchete* no dia 7 de outubro de 1972.

<sup>174</sup> O São Paulo, 3 de junho de 1972. p. 7.

<sup>175</sup> Idem. 26 de fevereiro de 1972, p. 5.

<sup>176</sup> Material xerocado sobre a Operação Periferia fornecido pelo padre Ubaldo Steri em 23 de abril de 2008.

<sup>177</sup> DOMEZI, Maria Cecília. Op. cit. p. 185.

*competitiva e tão desalmada...” Na mesma matéria o Sociólogo Cândido Procópio diz: “Para os pobres a presença da Igreja constitui uma semente de esperança. Nas comunidades que se formam a Igreja não mais reproduz a estrutura de dominação da sociedade. Há um esforço para que se amolde a formas mais igualitárias e fraternas de convivência.... Participante do esforço de libertação dos mais oprimidos a Igreja espera encontrar na periferia raízes de transformação de toda a sociedade”.*<sup>178</sup>

Em 1974 a coordenação da Operação Periferia avaliava os pontos positivos e negativos do trabalho e tirava algumas conclusões:

1 – Conscientização e Divulgação: bom trabalho de conscientização e divulgação em todos os níveis e setores, com o apoio da imprensa. A iniciativa e o lançamento da Operação Periferia ajudou a despertar o espírito e a atuação missionária da igreja de São Paulo; Faltou divulgação das experiências das Paróquias como motivação para o engajamento de outras.

2 – Programa e Organização: positiva a definição dos objetivos gerais, o planejamento de etapas e programas e a descentralização das atividades e da implantação do trabalho. Os pontos mais válidos foram formação de comunidades, treinamento de líderes e animadores, engajamento de algumas comunidades; em algumas áreas sentiu-se a necessidade de conscientizar mais os objetivos, escolhendo alguns programas simples ao alcance de todos.

3 – Equipes Regionais de Coordenação: em algumas regiões a equipe funcionou; outras regiões não contam com equipe definida e não assumiram.

4 – Diocese: quanto à motivação a diocese participou, principalmente por ocasião da Campanha da Fraternidade; a diocese e regiões, porém, não assumiram ainda a periferia como problema pastoral a ser enfrentado em conjunto.

5 – Treinamento de Pessoal: foram treinados animadores de fora, engajados em 17 comunidades da Periferia (150 leigos) e grupos de pessoas das comunidades locais; sentiu a

---

<sup>178</sup> Matéria do jornalista Caetano Matanó Junior sobre a Pastoral da Periferia no jornal *Folha da Tarde* de 24 de agosto de 1981. p. 5.

necessidade de uma equipe maior de treinamento de assessoria para acompanhar a atuação dos animadores; dificuldade de acertar a mentalidade e o método de trabalho das equipes de fora engajadas na Periferia.

Conclusões da Equipe: a Operação Periferia deve ser assumida por toda a diocese; é indispensável uma visão de conjunto e um trabalho planejado em âmbito de cidade; a situação é tal que exige uma reestruturação da diocese e uma distribuição de padres e recursos; maior divulgação através da imprensa e outras publicações; mobilizar a cidade com a Campanha da Fraternidade; problemas de terrenos ou local para capela ou centro comunitário nos novos bairros e conjuntos residenciais; plano de emergência com o objetivo de implantar uma pastoral capaz de dar uma resposta atualizada para a Periferia.<sup>179</sup>

Diante destas conclusões a Operação Periferia se torna ainda mais trabalhada na Igreja de São Paulo a ponto de a partir de 1976, já com quatro anos de existência e de organização e com a conclusão do 1º Plano de Pastoral, a Operação Periferia passar a ser Pastoral da Periferia sendo uma das prioridades deste plano.

### **3. Recursos Humanos e formação**

A Operação Periferia propunha uma grande movimentação de todos aqueles que se envolveriam neste projeto: padres diocesanos e religiosos, religiosas, leigos, pessoas de boa vontade, enfim todos aqueles que eram chamados a contribuir para uma mudança na forma de ser Igreja na Arquidiocese de São Paulo, para isso era necessário um grande trabalho no campo dos recursos humanos e formação que pudesse atender às expectativas e exigências desta nova forma.

---

<sup>179</sup> O São Paulo, 4 a 10 de maio de 1974. p. 6.

No início da década de 70 muitos leigos já se faziam presentes num trabalho eficaz na Arquidiocese de São Paulo vindos de uma formação realizada através da Ação Católica<sup>180</sup>, e de várias pastorais, principalmente no meio da juventude que a ação católica formou. Entre esses jovens podemos destacar Francisco Witaker e Plínio de Arruda Sampaio que ainda hoje se fazem presentes na vida da Igreja do Brasil. Mas era preciso realizar um trabalho de formação mais popular, nos bairros e principalmente nas periferias.

Um trabalho neste novo estilo popular de formação já vinha acontecendo na região norte da Arquidiocese através da formação dos padres e dos leigos promovida pelo então bispo auxiliar desta região Dom Paulo Evaristo Arns “*Desde que assumi como bispo a região norte, eu procurava uma maneira de levar a mensagem de Medellín e do Vaticano II até as bases da região norte, não esquecendo o clero*”.<sup>181</sup> Como seus grandes colaboradores neste trabalho estavam a professora Ana Flora Anderson e o Frei Gilberto Gorgulho “*Grande mérito na formação e união do clero da região norte tiveram o Frei Gilberto Gorgulho e a professora Ana Flora Anderson, ministrando cursos bíblicos todas as manhãs das terças-feiras, além de incentivar as lideranças leigas na meditação e no aprofundamento da Palavra de Deus*”.<sup>182</sup> Segundo a professora Ana Flora Anderson esta formação ficou conhecida popularmente como Semana da Palavra.<sup>183</sup>

“*Uma das grandes tarefas na Operação Periferia era formar os leigos para que eles também fossem uma Igreja evangelizadora. Era necessário mostrar que o leigo não é passivo diante do Evangelho, mais sim ativo*”.<sup>184</sup>

Quanto à integração dos padres foi organizado, no primeiro semestre de 1968, junto com os responsáveis pelos setores da região, um programa que visava incentivar os padres a

<sup>180</sup> Nome dado ao conjunto de movimentos criados pela Igreja Católica no século XX, visando ampliar sua influência na sociedade, através da inclusão de setores específicos do laicato e do fortalecimento da fé religiosa, com base na Doutrina Social da Igreja. Para aprofundar o tema Ação Católica consultar: SOUZA, Ney de. Ação Católica, Militância Leiga no Brasil. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, nº 55 [abr./jun.] 2006.

<sup>181</sup> PAULO, D. Evaristo Arns. *Da Esperança a Utopia: testemunho de uma vida*. p. 114

<sup>182</sup> Ibidem. p. 103.

<sup>183</sup> Entrevista concedida por Ana Flora Anderson. São Paulo, 21 de abril de 2008.

<sup>184</sup> Entrevista concedida por Dom Francisco Manuel Vieira. São Paulo, 2 de maio de 2008.

terem sempre nova criatividade e a estreitar os laços de amizade em toda a nossa cidade de São Paulo. Nem todos participaram e nem foram ativos neste programa em favor da pastoral operária, das missões e da preparação dos sacramentos.<sup>185</sup>

As visitas mensais a todos os padres, como também as reuniões em lugares aprazíveis, entremeadas com orações e diversões nos levaram de fato a sermos uma grande família, onde poucos se sentiam excluídos e cuja intenção era não deixar ninguém à margem ou em condição de lutador isolado.<sup>186</sup>

Quando Dom Paulo Evaristo assumiu como arcebispo de São Paulo ele resolveu estender esse trabalho de formação para toda a Arquidiocese, “*Foi um grande momento na Arquidiocese*”.<sup>187</sup> Acostumar o povo a ler a bíblia e a procurar diariamente nela os motivos de perseverança e de renovação.<sup>188</sup> Vários grupos se reuniam para refletir a bíblia a partir da sua realidade e isso fazia com que os leigos assumissem um compromisso com a sua comunidade principalmente com as causas sociais. “*A abertura missionária por parte de militantes leigos e leigas era imensa*”.<sup>189</sup>

Neste processo de apropriação do texto bíblico e de sua interpretação, as Semanas da Palavra em São Paulo tinham efeito multiplicador. Pessoas do povo, preparadas e treinadas, penetravam com facilidade nos seus próprios ambientes populares, despertando novas pessoas para a leitura bíblica. Em 1971, já se realizava a formação e treinamento para o ministério da Palavra em toda a Arquidiocese. Cerca de cem pessoas, que haviam se capacitado em oito etapas de treinamento, constituíam uma equipe central, continuando sua formação na ação permanente. Os membros da equipe central lideravam a formação de equipes regionais, que realizavam as Semanas da Palavra nas Regiões Episcopais e promoviam a multiplicação nas

---

<sup>185</sup> PAULO, D. Evaristo Arns. Op. cit. p. 107.

<sup>186</sup> Ibidem.

<sup>187</sup> Entrevista concedida por Ana Flora Anderson. São Paulo, 21 de abril de 2008.

<sup>188</sup> PAULO, D. Evaristo Arns. Op.cit. p. 106.

<sup>189</sup> Entrevista concedida por Dom Angélico Sândalo Bernardino. Itaiçi, 8 de abril de 2008.

diversas paróquias. Em 1975 já havia cerca de duzentas e cinquenta pessoas que atingiam mais de cinco mil pessoas da base, no serviço da Palavra, em toda a Arquidiocese.<sup>190</sup>

Estava claro que os leigos não podiam mais ser tratados como suplentes dos sacerdotes ou meros ajudantes, e sim, como agentes eclesiais, atuantes nas comunidades. Ao mesmo tempo passam a atuar na sociedade.<sup>191</sup>

Pertence aos leigos, pelas suas livres iniciativas e sem esperar pacientemente ordens e diretrizes, imbuir de espírito cristão a mentalidade e os costumes, as leis, e as estruturas de sua comunidade de vida.<sup>192</sup>

Quanto aos padres, o contingente era insuficiente, estavam na periferia quase que somente padres estrangeiros pertencentes a Ordens e Congregações religiosas (entre 1970 e 1974, 57,5% dos padres eram estrangeiros, italianos, espanhóis, holandeses e alemães).<sup>193</sup> Na Região Lapa os cinquenta e sete padres atuantes foram criados em quinze nações diferentes.<sup>194</sup> Poucos eram os brasileiros e menos ainda aqueles que eram filhos da própria cidade (54% do clero brasileiro em São Paulo era de outros estados)<sup>195</sup> e em alguns casos era notório o desinteresse de alguns padres pela novidade eclesial que estava surgindo, havia padres que se posicionavam claramente contrários à renovação eclesial. *“Os padres não tinham sido formados para uma missão Evangelizadora, eram formados muito mais culturalmente pelo seminário e não numa prática missionária”*.<sup>196</sup>

Eram ordens e congregações religiosas com características e finalidades específicas, que tinham dificuldade de mentalidade e de língua, isso causava uma dificuldade para a boa organização pastoral da Arquidiocese de São Paulo.<sup>197</sup>

<sup>190</sup> DOMEZI, Maria Cecília. Op. cit. p. 208-209.

<sup>191</sup> CONRADO, Sérgio, Op. cit. p. 21.

<sup>192</sup> Paulo VI, *Populorum Progressio* n° 81.

<sup>193</sup> ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, *Relatório Quinquenal 1970-1974*, p. 1 e 2.

<sup>194</sup> BARAGLIA, Mariano. *Evolução das Comunidades Eclesiais de Base – Experiências Comunitárias na Cidade de São Paulo*. Petrópolis: Vozes, 1974. p. 30.

<sup>195</sup> Ibidem. p. 1.

<sup>196</sup> Entrevista concedida por Dom Francisco Manuel Vieira. São Paulo, 2 de maio de 2008.

<sup>197</sup> ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, Op. cit. Parte V, p. 6.

Segundo Ana Flora Anderson, a maior dificuldade da Operação Periferia residiu nos padres, pois estes, apesar de todo o esforço para a realização do projeto, muitas vezes não conseguiam entender a mudança. Apesar de incentivarem a formação dos leigos, em alguns momentos não conseguiam admitir leigos com formação que pudessem questioná-los em suas pregações e atitudes.

Ana Flora Anderson conta que certa vez alguns padres pediram para conversar com Dom Paulo sobre a formação que os leigos estavam tendo sobre as parábolas de Jesus, Dom Paulo ficou animado achando que os padres iriam pedir uma formação específica para eles, mas ao invés disso os padres disseram a Dom Paulo que não estavam gostando da formação, pois os leigos estavam questionando o que eles diziam sobre as parábolas.<sup>198</sup>

Mas houve sim muita adesão dos padres ao projeto Operação Periferia, dizia padre Ubaldo Steri: *“Uma parcela considerável do clero, com o incentivo da hierarquia e com sua ação pastoral, tem proporcionado condições e estímulos para a organização da Operação Periferia”*.<sup>199</sup> A formação acontecia através de cursos, encontros e reuniões com o clero que aconteciam nos setores, nas regiões e também em nível Arquidiocesano.

Dentro deste quadro a Operação Periferia contribuiu para uma mudança: muitos estudantes de teologia, padres e religiosas optaram por atuar na periferia.<sup>200</sup> *“Padres com muita disposição, aceitando com alegria a missão de estarem marcando presença em periferias da cidade, em paróquias onde as carências materiais eram imensas”*.<sup>201</sup>

Em fevereiro e em abril de 1972 aconteceram reuniões entre o arcebispo Dom Paulo Evaristo e as Superiores Provinciais de Congregações religiosas que tinham casa em São Paulo sobre a participação das Congregações femininas na Operação Periferia que aconteceria

---

<sup>198</sup> Entrevista concedida por Ana Flora Anderson. São Paulo, 21 de abril de 2008.

<sup>199</sup> Matéria do jornalista Caetano Matanó Junior sobre a Pastoral da Periferia no jornal *Folha da Tarde* de 24 de agosto de 1981. p. 5.

<sup>200</sup> DOMEZI, Maria Cecília. Op. cit. p. 169.

<sup>201</sup> Entrevista concedida por Dom Angélico Sândalo Bernardino. Itaiçi, 8 de abril de 2008.

com a implantação de pequenas comunidades missionárias na periferia.<sup>202</sup> As comunidades de irmãs eram, nesta época, 172 no centro e 85 na periferia.<sup>203</sup>

*“Eu vi congregações religiosas enviando pequenas comunidades para a periferia, muitos padres aceitando com alegria a missão de estar marcando presença na periferia da cidade”.*<sup>204</sup> Isso levou a *“uma forma de presença renovadora e uma atuação mais acertada e eficaz”.*<sup>205</sup>

Mas houve dificuldades destas pequenas comunidades de periferia, apresentadas a partir de um encontro preparado pelo Conselho de Pastoral da Arquidiocese sobre A Igreja Particular e a Religiosa. As dificuldades eram: as religiosas não tinham consciência de Igreja Particular, havia desconfiança quanto às novas experiências eclesiais; a formação nas congregações era desligada da realidade; houve uma marginalização das paróquias neste trabalho. Mas havia um desejo verdadeiro de vida evangélica.

Havia assistentes sociais, enfermeiras, sociólogos e outros profissionais que se apresentavam em muitos lugares, disponíveis para o trabalho na periferia.<sup>206</sup> *“... Temos que crer nas assistentes sociais, na força dos advogados, dos juizes, na contribuição de engenheiros dedicados...”.*<sup>207</sup> Ofereça um pouco de sua Pessoa, de seu tempo, de suas capacidades. Este era o apelo que se fazia.<sup>208</sup> *“Seria imperdoável se neste momento não estimulássemos todas essas forças vivas, que poderão, por sua vez, descobrir e animar as próprias comunidades da Periferia, e assim desenvolver a autopromoção, única solução a longo prazo”.*<sup>209</sup>

<sup>202</sup> O São Paulo, 5 de fevereiro de 1972. p. 7 e Idem, 27 de maio de 1972. p. 7.

<sup>203</sup> Idem, 8 de julho de 1972. p. 8.

<sup>204</sup> Entrevista concedida por Dom Angélico Sândalo Bernardino. Itaiçi, 8 de abril de 2008.

<sup>205</sup> BARAGLIA, Mariano. Op. Cit. p. 14.

<sup>206</sup> DOMEZI, Maria Cecília. Op.cit. p. 174.

<sup>207</sup> PAULO, D. Evaristo Arns. *Cidade, Abre as Tuas Portas!* p. 219.

<sup>208</sup> Folheto “Operação Periferia – Caminho de comunitário de Fraternidade e Solidariedade dos Cristãos Paulistanos”. Material cedido pelo padre Ubaldo Steri em 23 de abril de 2008.

<sup>209</sup> O São Paulo, 3 de junho de 1972. p. 7.

O projeto Operação Periferia pretendia: aproveitar e coordenar os recursos humanos já existentes e despertar pessoas novas e orientá-las para um trabalho comunitário da seguinte forma: ministros e leigos engajados, na pastoral, treinando-os para um trabalho específico de comunidade; movimentos e grupos já atuantes em algum setor ou disponíveis para isso; serviços de profissionais para um trabalho de desenvolvimento integral; voluntários e técnicos em trabalhos comunitários, para uma ação conjunta e coordenada de promoção humana, de integração num trabalho global.<sup>210</sup> Segundo padre Ubaldo Steri “*Toda essa situação conseguiu interessar e mobilizar muitas forças vivas da cidade mesmo fora da própria Igreja*”.<sup>211</sup>

#### **4. As Regiões Episcopais e os Setores: Pastoreio Colegiado e nova forma de organização**

Dom Agnelo Rossi, quarto arcebispo e segundo cardeal de São Paulo (1964-1970), dividiu a arquidiocese em sete regiões episcopais: Centro, Norte, Sul, Leste, Oeste (subdividida em Lapa e Osasco) e Rural. Cada uma das regiões era dirigida por um vigário episcopal, assim distribuídos: Centro, padre José Mattos; Norte, Dom Paulo Evaristo Arns; Sul, padre Ângelo Gianola; Leste, Dom Bruno Maldaner; Oeste, Dom José Thurler e Rural, monsenhor Victor Ribeiro Nickelsburg.<sup>212</sup>

A convicção e a experiência de que o pastor deve estar junto ao seu povo, a colegialidade como característica da verdadeira coordenação e os desafios da pastoral urbana levaram Dom Paulo Evaristo na década de 70, a intensificar e consolidar a divisão da arquidiocese, em vista da ação pastoral mais abrangente e eficaz na cidade.<sup>213</sup>

Em entrevista à imprensa de São Paulo no dia 8 de julho de 1972, depois de uma viagem à Europa e aos Estados Unidos, Dom Paulo dizia da necessidade de reestruturar as

<sup>210</sup> Material xerocado sobre a Operação Periferia fornecido pelo padre Ubaldo Steri em 23 de abril de 2008.

<sup>211</sup> Entrevista do padre Ubaldo Steri ao jornalista Caetano Matano Junior sobre a Pastoral da Periferia no jornal *Folha da Tarde* de 24 de agosto de 1981. p. 5.

<sup>212</sup> SOUZA, Ney de (org.). *Catolicismo em São Paulo – 450 anos de presença da Igreja Católica em São Paulo*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 495; 508-509.

<sup>213</sup> CONRADO, Sérgio. Op.cit. p. 26.

sete Regiões Episcopais.<sup>214</sup> O processo foi aprofundado a partir do Diretório para o ministério pastoral dos bispos, elaborado pela Congregação para os Bispos em 1973, sob a orientação do Papa Paulo VI.

O cuidado pastoral nas grandes cidades, hoje chamadas também metrópoles, muito numerosas, comporta uma série de problemas e dificuldades muito graves e até novas.

A megalópole, de fato, mais que uma só cidade deve ser tida como um complexo de cidades e por isso mesmo exige um trabalho verdadeiramente missionário, que supera as possibilidades de um só Bispo e de uma só diocese. Por isso, o Bispo cuide de dividir a megalópole em particulares circunscrições, a cada uma delas proponha um Vigário episcopal, o qual poderia com grande utilidade ser um dos Bispos auxiliares.<sup>215</sup>

Formou-se assim o Colégio dos Bispos. Além de Dom Benedicto de Ulhoa Vieira, na arquidiocese de São Paulo já estavam também Dom José Thurler, que cuidava dos problemas dos religiosos e Dom Lucas Moreira Neves, responsável pela Imprensa e pela Família.<sup>216</sup> O arcebispo também colocou à frente de cada Região Episcopal, Vigários Episcopais a fim de atender melhor às necessidades da população da cidade.

De 1970 a 1974 foram vigários episcopais: Mons. Clorádio Caimi, na Região Norte; Mons. Francisco Manuel Vieira, na Região Leste I; padre José Mirante, na Região Leste II. Antes dele, padre Francisco Massant; Mons. Gabriel Fortier, na Região Oeste I; Mons. Rafael Busatto, na Região Oeste II; Frei Vicente de Andrade Peluso, na Região Centro; Mons. Ângelo Gianola, na Região Sul.<sup>217</sup>

Em 1975 terminava a fase dos vigários episcopais que não eram bispos. Foram ordenados bispos auxiliares para as regiões episcopais, em 25 de janeiro: Dom Francisco

<sup>214</sup> O São Paulo, 15 de julho de 1972. p. 12.

<sup>215</sup> SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA OS BISPOS. *Diretório para o ministério pastoral dos bispos*. Roma, 1973, nº 70; 219.

<sup>216</sup> DOMEZI, Maria Cecília. Op. cit. p. 225.

<sup>217</sup> ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. *Relatório Quinquenal 1970-1974*, Parte I, p. 19.

Manoel Vieira, Dom Joel Ivo Catapan, Dom Mauro Morelli e Dom Angélico Sândalo Bernardino. Dom Celso Queiroz foi ordenado em 14 de dezembro de 1975; Dom Luciano Mendes de Almeida, em 2 de maio do ano seguinte, era o primeiro grupo. Em 27 de maio de 1979 foram ordenados Dom Fernando Penteado, Dom Décio Pereira e Dom Alfredo Novak<sup>218</sup>, que vieram para constituírem a equipe de bispos. *“Quando nós chegamos a São Paulo já a Arquidiocese vivia intensamente um clima missionário através deste projeto magnífico que se denominava Operação Periferia”*.<sup>219</sup>

A divisão em Regiões favoreceu a ação pastoral da Igreja de São Paulo: criou um novo espaço que favoreceu às pessoas o acesso a fé, pela proximidade ao bispo e às comunidades; proporcionou uma coordenação mais colegiada entre os bispos no seu conjunto e em cada região *“Realmente, nós os bispos sempre formamos um Colégio Episcopal”*.<sup>220</sup> *“ Fizemos um Colégio Episcopal com muita fraternidade, muito espírito de ajuda”*.<sup>221</sup> Empenhou ainda mais os agentes de pastoral e sua co-responsabilidade; favoreceu a busca da unidade da Igreja de São Paulo. A comunhão dos problemas comuns da cidade se tornou a mola propulsora de novos caminhos de ação pastoral.

Os bispos se aproximaram mais do povo pelo testemunho de vida, solicitude, presença constante nos grandes acontecimentos pastorais e populares da cidade; os fiéis descobriram que o bispo é o pastor, homem visível, preocupado com a vida do povo, servidor da Palavra, no culto e no exercício da autoridade e age colegialmente em união com os outros bispos.<sup>222</sup>

*“Me dava muita alegria o novo status do bispo, o bispo se tornava um membro do presbitério engajado junto com o presbitério nas atividades junto ao povo”*.<sup>223</sup>

---

<sup>218</sup> DOMEZI, Maria Cecília. Op. cit. p. 225.

<sup>219</sup> Entrevista concedida por Dom Angélico Sândalo Bernardino. Itaiçi, 8 de abril de 2008.

<sup>220</sup> Ibidem.

<sup>221</sup> Entrevista concedida por Dom Francisco Manuel Vieira. São Paulo, 2 de maio de 2008.

<sup>222</sup> CONRADO, Sérgio. Op. cit. p. 30.

<sup>223</sup> Entrevista concedida por Dom Francisco Manuel Vieira. São Paulo, 2 de maio de 2008.

O grande sonho era de dioceses Metropolitanas colegiadas que tinha por objetivo uma ação pastoral mais abrangente e eficaz na metrópole paulistana. Essa questão era uma preocupação no início do bispado de Dom Paulo. A Santa Sé havia apresentado critérios: unidade orgânica; diversificação do povo; características peculiares, psicológicas, econômicas, geográficas e históricas; o número de habitantes; que o bispo possa realizar visitas pastorais, exercer funções pontificais, conhecer o clero e suas atividades.<sup>224</sup>

Em março de 1978, dom Paulo encaminhou para Roma, em nome do Colégio Episcopal de São Paulo, o projeto que visava transformar as Regiões Episcopais em Dioceses Metropolitanas de São Paulo.<sup>225</sup>

A proposta da Arquidiocese era a seguinte: que sejam mudados os limites da Arquidiocese de São Paulo, delimitando-lhe o território que corresponde à Região Sé; Que sejam criadas 8 novas dioceses, nas atuais Regiões Episcopais, fora a Sé; Que as novas dioceses tenham forte vínculo de interdependência de maneira estável, por normas emanadas da Santa Sé, para que se conserve a unidade pastoral e a ação episcopal seja verdadeiramente colegial.

Para isto outros três pontos deveriam ser firmados: 1) Elementos comuns à arquidiocese e às dioceses interdependentes: as diretrizes gerais de Pastoral; as prioridades; as 6 linhas de pastoral; a formação do clero e sua manutenção; o seminário, faculdade, biblioteca, arquivo, museu seriam comuns; tomadas de posição em comum diante dos problemas políticos e sociais, diante das Ordens e Congregações Religiosas; Cabido Metropolitano; administração central dos bens imóveis. 2) Elementos próprios de cada uma das dioceses: catedral, residência episcopal, cúria; clero e presbitério próprio; conselho de presbíteros e consultores; pastoral em nível diocesano; vida própria de uma Igreja Particular.

---

<sup>224</sup> SOUZA, Ney de. Catolicismo em São Paulo – Centenário da Arquidiocese (1908-2008). *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, nº 60 [jul./set.] 2007. p. 139.

<sup>225</sup> ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. *Relatório Quinquenal 1975-1979*. p. 25.

3) Os bens imóveis seriam comuns e administrados pelo cabido metropolitano e pelo Colégio Episcopal.<sup>226</sup>

Este processo foi abortado em 1989 com a divisão da Arquidiocese de São Paulo em quatro dioceses autônomas e independentes.<sup>227</sup>

Uma das características implantadas por Dom Paulo foi a coordenação colegiada, consequência teológica da eclesiologia de comunhão que reconhece na Igreja Particular o sujeito eclesial. A diocese toda, com seus componentes hierárquicos ou não, organismos e estruturas, está a serviço da comunhão dos homens entre si e destes com Deus.<sup>228</sup>

O Conselho de Presbíteros era um destes organismos, era constituído por presbíteros e pelos vigários episcopais, juntamente com o cardeal arcebispo, eram representantes das Regiões e também representantes de áreas pastorais específicas. O empenho era para assegurar a unidade sendo co-responsável juntamente com o Colégio Episcopal em sua missão profética. Tratava dos problemas específicos dos presbíteros. Era formado com dois terços dos seus membros indicados pelos presbíteros das Regiões e um terço designado pelo Colégio Episcopal. Em 1975 eram vinte e um membros, sendo catorze eleitos e sete nomeados.<sup>229</sup>

Já em 1971 vinha amadurecendo a idéia de Setores Pastorais como primeira unidade orgânica na Igreja Particular de São Paulo<sup>230</sup> Com os dois bispos auxiliares – dom Lucas Moreira Neves e dom José Thurler, o vigário geral Monsenhor Benedicto de Ulhoa Vieira, o coordenador arquidiocesano de pastoral, Cônego Geraldo Majella Agnelo, mais os vigários episcopais das regiões Centro, Sul, Oeste, Leste 1, Leste 2 e Rural, Dom Paulo programou para o clero de todas as regiões um curso de Animação Conciliar. Esse curso se realizou no

<sup>226</sup> SOUZA, Ney de. Op. cit. p. 140.

<sup>227</sup> Para aprofundar mais sobre a divisão da arquidiocese de São Paulo consultar: PEGORARO, José. Um só povo, muitos pastores? A divisão da Arquidiocese de São Paulo, In: *Paulo Evaristo Arns: Cardeal da Esperança e Pastor da Igreja em São Paulo*. São Paulo: paulinas, 1989 e SOUZA, Ney de. *Catolicismo em São Paulo – Centenário da Arquidiocese (1908-2008)*. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, nº 60 [jul./set.] 2007.

<sup>228</sup> CONRADO, Sérgio. Op. cit. p. 30.

<sup>229</sup> ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. Op. cit. p. 38-39.

<sup>230</sup> DOMEZI, Maria Cecília. Op. cit. p. 229.

Instituto Paulo VI do Taboão da Serra entre os dias 5 e 7 de julho de 1971. A partir deste curso de Taboão da Serra formaram-se na Arquidiocese quatro grupos de aprofundamento dos diversos aspectos da evangelização, da teologia e da pastoral, abordados pelo Concílio Vaticano II.

Esse trabalho bem distribuído e incentivado proporcionaria a base estratégica para preparar sacerdotes, religiosas, religiosos e leigos. Todos estes, por sua vez, se comprometeriam a refletir e a formar equipes de padres coordenadores em cada região da cidade, para despertar esta porção do Povo de Deus que iria transformar-se em sinal evangelizador para toda São Paulo e seus arredores.<sup>231</sup>

Um aggiornamento para os padres foi programado para todas as Regiões em 1972 e constou de quatro blocos: Fé e Teologia (prática e doutrina); Mentalidade e Teologia Popular; Evangelho de João; Cristologia e Antropologia. *“O importante era chegar até o povo nos setores onde ele ganhava o mínimo para sobreviver e alimentar a esperança paulistana: reunir cinco ou mais paróquias em cada setor e nomear os coordenadores para cada um deles animar parte da Igreja, cobrindo toda a cidade”*.<sup>232</sup>

Relacionar a realidade eclesial com as diferentes condições e ambientes em que vivem as pessoas. Para isso, era preciso abrir caminhos, canais e organismos favoráveis à comunicação entre paróquias, grupos e movimentos. Buscava-se a participação do maior número possível de pessoas, na ação pastoral que é serviço cristão ao cotidiano da Grande São Paulo.<sup>233</sup>

O início do trabalho foi difícil, mas também muito proveitoso. Numa reunião dos coordenadores dos setores com o arcebispo no dia 17 de fevereiro de 1972, da qual participaram 34 sacerdotes, foi exposta a vida do Setor, as tarefas e dificuldades: Centro: Os coordenadores procuram contatos com as paróquias. As reuniões da Região prevalecem sobre

<sup>231</sup> PAULO, D. Evaristo Arns. *Da Esperança a Utopia: testemunho de uma vida*. p. 157.

<sup>232</sup> Ibidem. p. 157-158.

<sup>233</sup> ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. *Relatório Quinquenal 1970-1974*. Parte I. p. 4.

as dos Setores, sendo formais com assuntos quase sempre vindos de cima, nem todos os Setores funcionam do mesmo modo, a reunião por Setor é melhor do que a da Região. Necessita definir a função do coordenador do Setor, sua autoridade para agir; Norte: Há uma reunião semanal dos coordenadores com o Vigário Episcopal. A reunião de cada setor fica a critério do coordenador. O comparecimento é quase total. A visita do coordenador aos colegas aumentou a amizade; Sul: Os setores se comportam de modo diferente. Reuniões quinzenais. Comparecimento é irregular. Estudam problemas levantados pela Região ou Setor. Procuram estudar a situação de cada Paróquia e trocam experiências. Procuram integrar nas reuniões as religiosas e leigos; Leste 1: Geralmente os coordenadores se reúnem antes das reuniões dos Setores com o Vigário Episcopal. É solicitada algumas vezes a presença do Vigário Episcopal. Há preocupação de união e interesse dentro do Setor. O comparecimento atinge 80%. Os assuntos são tomados da pastoral e levantados pela base. Região organizou um planejamento com dois meses para estudo da meta prioritária. As religiosas e leigos também são convocados; Leste 2: Formam-se pequenos Setores, todos têm participado de cursos. Existe já a experiência de alguns vigários que moram juntos. Procura entrosar as religiosas e os leigos; Oeste 1: O clero todo da Região reúne-se mensalmente. Os Setores funcionam mais ou menos bem. Tenta-se entrosar também os leigos. Os assuntos vêm de cima e da base; Oeste 2: São três Setores que começaram a se reunir há pouco. Paróquias pouco numerosas mas muito extensas. Participação das religiosas. Assuntos propostos pelo Vigário Episcopal. Dificuldade pela falta de meios de comunicação. Depois de toda essa apresentação se chegou à conclusão de que: o trabalho por Setor é o mais proveitoso: o coordenador será inspirador, um animador do Setor; necessidade de Planejamento e revisão; responsabilidade de todos; a presença do Vigário Episcopal na reunião justifica-se até o coordenador assumir maior autoridade; o Vigário Episcopal deve se reunir freqüentemente com os coordenadores; o coordenador de Setor deve estabelecer relacionamento com a Região; deve coordenar não só

sacerdotes, mas religiosas e leigos; o conteúdo deverá ser a pastoral prática; deve-se ter sempre em vista a família e o operariado; periodicidade da reunião de acordo com o Setor, mais ou menos uma vez por mês.<sup>234</sup>

Em 1974 nasciam trinta e sete setores, não simplesmente a partir das Regiões Episcopais, mas a partir de um novo dinamismo missionário que tinha eixo, objetivos, plano de pastoral e coordenações articuladas. A consciência de serviço ao povo fazia o Setor ser provocador e promotor da crescente unidade orgânica de pessoas, ofícios e instituições<sup>235</sup>, neste mesmo ano cada Setor agrupava de cinco a dezessete comunidades paroquiais.<sup>236</sup>

Estava claro qual era o serviço mais característico do Setor: promover a comunhão de várias comunidades, paróquias e organismos de base que vivem uma realidade mais homogênea. Para essa realidade específica, oferecer uma pastoral adequada, que possibilite a circulação de bens e a partilha.<sup>237</sup>

O Setor é o canal que chega até aos porões do submundo dos pobres; é suficientemente autônomo e está em plena comunhão com a Igreja; cria o seu dinamismo pastoral próprio, construindo a unidade na comunhão dos diversos e na articulação das forças vivas; é expressão da Igreja inserida na realidade profunda e gritante, por isso pode fazer uma pastoral transformadora.<sup>238</sup>

Os Setores seriam porções da Igreja na dinâmica da inserção, do deslocamento, da presença na realidade social; diferenciados, complementares, interligados, era lugar onde todos assumiriam a pastoral urbana com igual importância, na diversidade dos seus ministérios.<sup>239</sup> Os Setores deveriam ser estruturas simples, deveriam oferecer condições para

---

<sup>234</sup> O São Paulo, 4 de março de 1972. p. 6.

<sup>235</sup> DOMEZI, Maria Cecília. Op. cit. p. 231.

<sup>236</sup> ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. *Relatório Quinquenal 1970-1974*. Parte V. p. 3-4.

<sup>237</sup> Idem. 1975-1979. p. 128.

<sup>238</sup> DOMEZI, Maria Cecília. Op. cit. p. 232.

<sup>239</sup> Ibidem. 130.

uma vontade comum e sensibilidade na ação pastoral; deveriam possibilitar a fidelidade às realidades das partes e do todo.

No início de 1974, existiam Setores bem adiantados em organização e outros ainda em gestação e nascendo. No final de 1974 já eram trinta e nove Setores.<sup>240</sup>

A norma que o coordenador do Setor fosse um padre representante do arcebispo e indicado pelo povo e pelos religiosos e eleito pelos demais presbíteros foi estabelecida em 1974. Para se escolher o coordenador era necessário uma plena participação de todos. Assim foram eleitos trinta e sete coordenadores de Setor para atuarem a partir de março de 1974, os mesmos, logo se encontraram com o Arcebispo.<sup>241</sup>

As tarefas atribuídas ao coordenador de Setor eram: conhecer as comunidades e merecer a confiança de seus colegas padres, leigos e religiosos; fazer o Setor ser laboratório, pela ação conjunta de levantamentos, descoberta das prioridades e organização dos ministérios necessários; estar presente com o pensamento da Igreja, provocando um “sentir comum” entre os responsáveis por essa porção do Povo de Deus e garantindo a unidade; dar liberdade para a integração das comunidades de maneira espontânea e progressiva, para viabilizar o ministério da Igreja; levar ao arcebispo e aos conselhos arquidiocesanos as aspirações de suas comunidades; ter capacidade e possibilidade de comunicação, a fim de traduzir ao Povo de Deus as decisões que afetam o bem comum; continuar a atividade normal de presbítero, enquanto é coordenador de setor.<sup>242</sup>

Os setores tornavam-se uma Igreja presente em todos os ambientes, assumindo a causa dos pobres com uma ação colegiada e global.<sup>243</sup> Assim a nova realidade setorial era uma reorganização missionária, um novo modelo pastoral de Igreja.

---

<sup>240</sup> ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. *Relatório Quinquenal*. Parte V. p. 3-4.

<sup>241</sup> O São Paulo, 5 a 11 de janeiro de 1974. p. 7.

<sup>242</sup> *Ibidem*.

<sup>243</sup> DOMEZI, Maria Cecília. *Op. cit.* p. 230.

## **5. As pequenas comunidades: Uma nova eclesiologia vinda da periferia, e a experiência de solidariedade e partilha com o centro**

As pequenas comunidades, ou CEBs queriam rever uma estrutura muito piramidal, de cima para baixo. Incentivadas pelo Concílio Vaticano II (1962-1965), vislumbraram uma maior participação dos leigos e um processo mais participativo de tomada de decisões. Ao redor da imagem de "Povo de Deus", que foi caracterizada pelo Concílio, as comunidades sentiram-se parte ativa na construção do Reino de Deus.

Alguns elementos são característicos das CEBs: um primeiro elemento é a territorialidade, isto é, as pessoas de uma comunidade estão situadas num território geográfico específico. É muito fácil que se conheçam e que estabeleçam relações e contatos. "Base" significa propriamente essa concentração de pessoas num povoado ou num bairro; um segundo elemento é a leitura e a reflexão sobre a Palavra de Deus; o terceiro elemento é a participação e a discussão dos problemas em forma de assembléia.

A metodologia participativa inclui a colaboração de todos na discussão, na solução e no encaminhamento concreto dos problemas. Esse espírito desencadeou a emergência de ministérios leigos que foram se multiplicando a partir das exigências da comunidade: há ministros da Palavra, ministros da Eucaristia, ministros da pastoral da moradia, do trabalho, do menor. Muitos serviços englobam mulheres e homens em grupos e pequenas organizações: hortas comunitárias, clubes de mães, alfabetização de adultos e, muitas vezes, grupos de sustentação dos movimentos populares.

Esses serviços destacam o compromisso das CEBs com os mais pobres e a relação conseqüente entre fé professada e vida concreta. É propriamente o compromisso com as camadas mais desfavorecidas da população que tornaram as CEBs profundamente ativas no

campo social. O pobre não é visto como problema, mas como solução no processo de construir uma nova sociedade.

Por fim, o horizonte para o qual as CEBs se deslocam é a prática concreta de Jesus e o sonho de realizar o Reino de Deus. Termos como justiça, fraternidade, solidariedade, compromisso e caminhada revelam, de um lado, o seguimento de Jesus e, de outro, a vontade de implantar concretamente o Reino de Deus. É realmente uma nova eclesiologia.<sup>244</sup>

Atendendo ao Concílio Vaticano II, Dom Paulo Evaristo então Bispo auxiliar e Vigário Episcopal da região Norte, tomou a iniciativa de formar uma equipe de pastoral, constituída por padres, religiosas e leigos para a implantação dos documentos do concílio, era a chamada *Missão Povo de Deus*, que depois, fortalecida pela conferência de Medellín iria implantar pequenas Comunidades Eclesiais de Base. Essa equipe visitou as cinquenta paróquias da Região Norte, e propagou as sementes das Comunidades Eclesiais de Base.<sup>245</sup> Depois Dom Paulo já como arcebispo de São Paulo leva essa mesma idéia para toda a Arquidiocese.

Em 1972, vinha amadurecendo a reflexão em torno dos Ministérios diversificados. Mesmo com a resistência de muitos presbíteros e a desconfiança entre os próprios leigos<sup>246</sup>, havia consenso de que novos ministérios eram o germe de um espírito renovador, na Igreja, partindo das bases. Nessa convicção, logo apareceu uma vontade coletiva de suscitar a formação de comunidades eclesiais de base.

Foi proposto a cada Região Episcopal que fizesse uma opção pelos ministérios diversificados, na perspectiva de suscitar as comunidades de base. Era um compromisso dos vigários episcopais “*não na perspectiva de um movimento a mais na Região, mas como um elemento prático de renovação colegial e co-responsável da Igreja Local*”. Assim, uma

---

<sup>244</sup> IGREJA: CEBs: *Comunidades Eclesiais de Base*. Disponível em: <http://www.prime.org.br/mundoemissao/Igrejacebs.htm>. Acesso em 29 de abril de 2008, 12:45.

<sup>245</sup> DOMEZI, Maria Cecília. Op. cit. p. 206.

<sup>246</sup> CONRADO, Sérgio. Op. cit. p. 20.

equipe de aproximadamente vinte pessoas de cada região foi treinada, na mesma dinâmica das Semanas da Palavra (já apresentada anteriormente), até atingirem os grupos de rua. O objetivo era criar comunidades de base.<sup>247</sup>

No mesmo ano de 1972 chega à arquidiocese o padre Ubaldo Steri e uma equipe para realizar uma experiência de comunidades eclesiais de base na cidade grande, pois ele e sua equipe já haviam feito esta experiência no interior, no norte do Espírito Santo, envolvendo uma diocese inteira na criação de comunidades, com uma metodologia especial, caracterizada por treinamento, capacitação de pessoal e trabalho comunitário, conseguindo um grande resultado, com engajamento pastoral e político das lideranças envolvidas. E também porque se dizia naquela época que as comunidades eclesiais de base surgiam com mais facilidade no interior, na roça, em ambientes mais simples, com os pobres. *“Mas, na verdade, comunidade eclesial de base não é reunir pobre, comunidade eclesial de base é ter uma visão nova de Igreja, uma visão diferente de Igreja comprometida, participativa, onde o pessoal se conhece, vive, participa e assume, então pode ser com qualquer pessoa, com qualquer cristão que opte por viver e testemunhar sua fé”*.<sup>248</sup> Padre Ubaldo e sua equipe iniciaram o seu trabalho na zona sul na Paróquia Nossa das Graças do Jabaquara, onde foram criadas oito comunidades de base.

Dom Paulo apoiou a iniciativa de comunidades de base proposta por padre Ubaldo e sua equipe porque tinha bem clara a visão de uma Igreja comunidade, Igreja autêntica, Igreja que testemunha, onde há relacionamento humano. É nas pequenas comunidades que isso é mais fácil, mais autêntico. Para a organização da Operação Periferia, Dom Paulo convidou um representante de cada região episcopal que eram sete na época, e padre Ubaldo foi nomeado pelos sete com o apoio de Dom Paulo coordenador da Operação Periferia.<sup>249</sup>

---

<sup>247</sup> DOMEZI, Maria Cecília. Op. cit. p. 212.

<sup>248</sup> Entrevista concedida por padre Ubaldo Steri. São Paulo, 23 de abril de 2008.

<sup>249</sup> Entrevista do padre Ubaldo Steri para o Projeto História da Igreja de São Paulo em 6 de março de 2008. Material cedido por padre Ubaldo Steri em 23 de abril de 2008.

A partir do segundo semestre de 1972 foram definidas as prioridades do Projeto Operação Periferia<sup>250</sup>, e a primeira era a formação de comunidades capazes de assumir seus compromissos de participação ativa e consciente, e de promoção integral do Homem.<sup>251</sup>

O termo comunidade eclesial de base era muito usado pela Igreja, mais não era comum entre o povo<sup>252</sup>, por isso junto com a formação das pequenas comunidades deveria estar presente o anúncio do que seria essa pequena comunidade.<sup>253</sup> Comunidade entendida como um núcleo onde as pessoas se reúnem, não só para celebrar, também para pensar, planejar e organizar suas atividades.

Dom Paulo apoiou uma idéia da equipe de coordenação da Operação Periferia de que, ao invés de construir Igrejas na periferia o que exigiria muita despesa e tempo e só serviria para celebrar a missa, fossem construídos centros comunitários com salão e outras salas para que pudessem ser o centro de todas as atividades possíveis, como reunir o povo, o clube de mães, reunir as crianças, a catequese e aos domingos utilizados para as celebrações.<sup>254</sup> *"Se não se tem um lugar comum, onde as pessoas possam se reunir fica difícil a evangelização da periferia".*<sup>255</sup>

O arcebispo não teve dúvidas em sacrificar sua residência episcopal, Palácio Pio XII, em prol da construção de centros comunitários na periferia, também com a ajuda de entidades do exterior.<sup>256</sup>

*"Como vigário-geral e ecônomo na época, tinha a orientação de Dom Paulo para que todo dinheiro que sobrasse ou que estivesse disponível se destinasse à periferia de São Paulo. Ofertas que davam a Dom Paulo ele me entregava para adquirir vários pequenos terrenos e*

<sup>250</sup> Entrevista concedida por padre Ubaldo Steri. São Paulo, 23 de abril de 2008.

<sup>251</sup> Folheto "Operação Periferia – Caminho comunitário de Fraternidade e Solidariedade dos Cristãos Paulistanos". Material cedido pelo padre Ubaldo Steri em 23 de abril de 2008.

<sup>252</sup> Entrevista do padre Ubaldo Steri para o Projeto História da Igreja de São Paulo em 6 de março de 2008. Material cedido por padre Ubaldo Steri em 23 de abril de 2008.

<sup>253</sup> DOMEZI, Maria Cecília. Op. cit. p. 216.

<sup>254</sup> Entrevista concedida por padre Ubaldo Steri. São Paulo, 23 de abril de 2008.

<sup>255</sup> Entrevista concedida por Dom Francisco Manuel Vieira. São Paulo, 2 de maio de 2008.

<sup>256</sup> CONRADO, Sérgio. Op. cit. p. 25.

*assim ajudar a construir salões, salas-capelas para que o povo tivesse onde se reunir e oportunamente todos ali celebrassem o culto divino*".<sup>257</sup>

Os critérios para receber os recursos eram: atender a plano dos Setores, e não a pedidos individuais; apoiar atividades pastorais; priorizar áreas mais carentes e as paróquias entrosadas no trabalho conjunto do Setor; manter compromissos já existentes para pagamento de terrenos na área da periferia; seguir condições determinadas para a compra de novos terrenos ou para novas construções. Os pedidos deveriam passar pela aprovação do Setor, da Região Episcopal e da Cúria, com assessoria da equipe da Operação Periferia.<sup>258</sup>

Os centros comunitários se constituíam como possibilidade de vivência comunitária no bairro. *“Eram o centro da comunidade eclesial de base, e também o centro de tudo, não somente físico, mas de todas as atividades. Centralizava-se ali todo tipo de atividades: conversa, reunião, cursos, lazer, trabalho com crianças, creche, missa, celebração da palavra, catequese. O povo crescia na fé, testemunhava a solidariedade, trabalha junto. A partir daí é que se cria uma comunidade eclesial, porque a Igreja verdadeira é a reunião do povo. O povo se reunia em nome de Deus, para que se fizessem irmãos e se ajudassem uns aos outros”*.<sup>259</sup>

As experiências mostram que, muitas vezes, foram essas comunidades, a partir dos seus centros comunitários, que ajudaram a organizar o povo para reivindicar serviços básicos, como água, luz e esgoto, e a reorganizar a vida do bairro. *“As comunidades eram o único espaço de organização”*.<sup>260</sup> *“A reflexão dos problemas da falta de recursos básicos existentes na periferia levava a perceber que a vivência do Evangelho deveria se dar em todas as dimensões da vida do ser humano. Essa reflexão foi ajudando muitas comunidades a se*

---

<sup>257</sup> Entrevista concedida por Dom Benedito de Ulhoa Vieira. São Paulo, 26 de abril de 2008.

<sup>258</sup> DOMEZI, Maria Cecília. Op. cit. p. 196.

<sup>259</sup> Entrevista do padre Ubaldo Steri para o Projeto História da Igreja de São Paulo em 6 de março de 2008. Material cedido por padre Ubaldo Steri em 23 de abril de 2008.

<sup>260</sup> Entrevista concedida por Dom Pedro Luiz Stringhini. São Paulo, 9 de maio de 2008.

*desenvolverem não apenas no sentido celebrativo, mais na vivência dos valores evangélicos a partir dos problemas da vida”.*<sup>261</sup>

É importante ressaltar que a construção dos centros comunitários era feita em mutirão, toda a comunidade participava da construção, visto que o dinheiro que vinha da Arquidiocese ou mesmo de ajuda de entidades do exterior era basicamente para comprar o terreno, quando muito para a compra de algum material de construção.

Entre o início de 1971 e meados de 1975, os imóveis adquiridos pela Igreja, dentro da Operação Periferia, foram num total de cento e vinte e nove, somando 80.421,35 metros quadrados. Em dezembro de 1979 existiam na Arquidiocese de São Paulo 506 centros comunitários, superando bastante o número de paróquias, que eram 385, distribuídos nas Regiões Episcopais da seguinte forma: Osasco: 116; Itapecerica da Serra: 96; São Miguel: 71; Santo Amaro: 60; Lapa: 55; Belém: 44; Santana: 37; Ipiranga: 15; Sé: 12.<sup>262</sup> No anexo Pedidos de Compra de Terrenos para Centros Comunitários (p. 176) podemos verificar o alcance deste projeto. Esses centros comunitários tornam-se CEBs e muitos hoje tornaram-se paróquias. *“Existiu a multiplicação de centros comunitários e nos centros comunitários a animação das Comunidades Eclesiais de Base”.*<sup>263</sup>

Quando Dom Paulo Evaristo lançou a Operação Periferia ressaltou que a atitude da Igreja não é a de dar esmolas nem presentes. *“É atitude de serviço que enriquece a todos, na co-responsabilidade, pois quem dá recebe, e quem recebe também tem o que dar”.*<sup>264</sup>

Em abril 1973, os coordenadores regionais reuniram-se com a equipe da Região Central e fizeram um plano de intercâmbio, onde 30 paróquias do centro assumiriam 30

<sup>261</sup> Entrevista concedida por Waldemar Rossi. São Paulo, 26 de abril de 2008.

<sup>262</sup> ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, *Relatório Quinquenal 1975-1979*. p. 189-190.

<sup>263</sup> Entrevista concedida por Dom Francisco Manuel Vieira. São Paulo, 2 de maio de 2008.

<sup>264</sup> Material xerocado cedido pelo padre Ubaldo Steri em 23 de abril de 2008.

comunidades da periferia. Este intercâmbio visava a tomada de consciência da real situação da cidade como um todo, e a definição do agir para humanizar a cidade.<sup>265</sup>

A solidariedade se fazia não só do centro com a periferia, mais também da periferia com o centro, pois ela pode levar os que estão socialmente mais bem situados a reencontrar o que é essencial à pessoa humana. “*Se nos engajássemos juntos na periferia, talvez descobríssemos até quanto os homens pobres podem ser generosos, como sabem repartir, que alegria lhes proporciona esta co-participação em tudo!...*”. Na periferia as pessoas vivem a liberdade, o sentimento comunitário, a fé, a atitude de serviço. O Cristo presente na periferia ensina o serviço e chama para a contínua revisão de vida.<sup>266</sup>

Não era somente uma troca de recursos materiais, mas sim uma verdadeira troca de experiências entre as paróquias mais centrais, com um tipo de dinâmica mais tradicional, com as comunidades da periferia que viviam uma experiência nova de ser Igreja. Não só as pessoas de paróquias centrais foram à periferia, mas também líderes e animadores das comunidades da periferia iam às paróquias mais centrais para partilhar sua experiência.

“*A Pastoral da Periferia, querendo atuar como Igreja, quer envolver toda a comunidade com suas forças e seus recursos, para que se comprometa não com atividades isoladas, mas com uma outra comunidade da periferia, iniciando um intercâmbio entre pessoas, entre duas vivências comunitárias*”. Esse é o conteúdo do projeto Paróquias Irmãs. Buscava-se dinamizar as paróquias mais tradicionais e acomodadas, questionando-as sobre seu compromisso comunitário e autenticidade de vida, ante os problemas da periferia.<sup>267</sup>

As necessidades das comunidades da periferia eram para o encaminhamento de seus projetos, como a compra comunitária, as cooperativas, os trabalhos com crianças, os clubes de mães, para cada necessidade tinha um projeto comunitário. Mas havia a dificuldade, de as

---

<sup>265</sup> O São Paulo, 30 de junho a 6 de julho de 1973. p. 6.

<sup>266</sup> Idem, 19 de fevereiro de 1972. p. 7.

<sup>267</sup> Entrevista do padre Ubaldo Steri ao jornalista Caetano Matanó Junior sobre a Pastoral da Periferia no jornal *Folha da Tarde* de 27 de agosto de 1981. p. 5.

paróquias centrais entenderem esses projetos e assumirem em conjunto, assim, muitas vezes, mandavam qualquer coisa para a periferia.<sup>268</sup>

Havia também a tensão entre Setores de prática mais transformadora e outros de prática mais sacramentalista. Essas tensões provocavam discussões entre os agentes do centro e da periferia. Também a dificuldade dos voluntários das paróquias do centro que com pouco preparo se dispunham ao trabalho na periferia e não perseveravam, também a desconfiança das lideranças dos núcleos comunitários da periferia diante muitas vezes de atitudes paternalistas por parte de quem vinha do centro. Às vezes também prevalecia a dificuldade de descentralização e distribuição dos recursos, que algumas vezes ia para áreas que não eram as mais necessitadas.<sup>269</sup> A troca entre o centro e a periferia esteve longe de transformar as paróquias, mas a experiência da periferia tornou-se boa-nova para toda a Igreja Particular de São Paulo, houve certa abertura e aceitação da novidade, e aos poucos os recursos para a periferia foram crescendo. A maior troca teria sido que o centro foi evangelizado pela periferia e assumido os anseios pastorais da periferia. Um teria recebido do outro alguma coisa.<sup>270</sup>

## **6. O Planejamento Pastoral Participativo: Resultado da Operação Periferia**

Entre 1970 e 1980, a Igreja de São Paulo baseada no método ver/julgar/agir ganha um novo modo de organização e trabalho, surgem os planejamentos pastorais participativos.

A situação da cidade de São Paulo impeliu a Igreja a novos compromissos e práticas pastorais. O grande trabalho da Igreja foi exatamente agir pastoralmente em um contexto não mais uniforme, mas pluralista, pois se tratava de trabalhar com pessoas e grupos que não tinham a mesma visão e enfoque teológico-pastoral. Não havia mais dúvida que em toda realidade econômica, cultural, política e social há sempre espaço para que os fiéis atuem com

---

<sup>268</sup> DOMEZI, Maria Cecília. Op. cit. p. 188.

<sup>269</sup> Ibidem. p. 196.

<sup>270</sup> Ibidem. p. 194.

critérios cristãos. A ação pastoral da Igreja de São Paulo procurou constatar essa realidade, através de um trabalho em conjunto tendo como instrumento o Plano de Pastoral.<sup>271</sup>

Os pequenos grupos articulados possibilitaram o exercício da conquista do direito de ter voz e vez.<sup>272</sup> É dentro deste novo espírito que surgem o primeiro e segundo Planos de Pastoral.

Após oito meses de consultas, pesquisas, estudos e reflexões, no final de novembro de 1975, foram aprovadas em Assembléia as seguintes prioridades: Comunidades Eclesiais de Base; Pastoral dos Direitos Humanos e Marginalizados; Pastoral do Mundo do Trabalho e *Pastoral da Periferia*.

As quatro prioridades tiveram quase que a unanimidade de votação dos setores na assembléia diante das outras apresentadas:

Prioridades	Reg. Centro	Reg. Norte	Reg. Sul	Reg. Leste	Reg. Oeste1	Reg. Oeste2	Total
	6 setores	6 setores	6 setores	10 setores	5 setores	4 setores	38 setores
CEBs	4	6	5	10	5	4	34
Mundo do Trabalho	3	4	7	10	5	4	33
Direitos Humanos	4	3	6	10	5	4	32
Pastoral da Periferia	3	4	4	10	5	4	30

Assim foi formulado por todos o objetivo da ação pastoral: atingir, pelo Evangelho, todos os homens dentro de sua realidade, levando-os a diversas formas de participação na comunhão eclesial e na solidariedade humana.

<sup>271</sup> CONRADO, Sérgio, CARVALHO e Ruth Maria de. Arquidiocese de São Paulo – A metrópole desafia a Igreja, In: ANTONIAZZI, Alberto, CALIMAN, Cleto. *A Presença da Igreja na Cidade*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 21.

<sup>272</sup> DOMEZI, Maria Cecília. Op. cit. p. 239.

<sup>273</sup> O São Paulo, 15 a 21 de novembro de 1975. p.6.

Em material enviado aos Setores para reflexão, logo após a aprovação das prioridades da Assembléia para o 1º Plano de Pastoral, constava o objetivo de cada prioridade, seu conteúdo, justificativas e atividades.

Em abril de 1976 a arquidiocese promulgava seu primeiro Plano de Pastoral compreendendo o biênio de 1976-1977 que tinha como objetivo: *“Promover a ação missionária da Igreja em São Paulo para reunir em comunidades o povo disperso e atender às suas necessidades fundamentais, a fim de que se torne sujeito da sua própria história”*.<sup>274</sup>

A Operação Periferia continuava agora como Pastoral da Periferia *“Dentre as prioridades escolhidas, votadas em assembléia a Operação Periferia sempre ocupou um lugar de destaque”*.<sup>275</sup> Tendo como justificativa o seguinte: Apesar dos esforços recentes, ainda é pouco expressiva a presença e a ação missionária da Igreja na Periferia, disto resultando o distanciamento e a situação de quase abandono do povo. A população da Periferia vive em condições infra-humanas de vida: fome, miséria, enfermidades generalizadas, mortalidade infantil, analfabetismo, desamparo social. O sistema social provoca desemprego, mendicância, criminalidade, insegurança, exploração imobiliária e marginalização dos trabalhadores. O trabalho pastoral na Periferia tem sido assumido, sobretudo, por padres e religiosos(as) vindos de outras Igrejas, principalmente do exterior. Para evitar uma dispersão na ação pastoral, com prejuízo do próprio povo, requer-se uma diretriz arquidiocesana que oriente esta Pastoral na Periferia, evitando-se também acomodação e passividade de nossa Igreja diante dos recursos humanos e materiais provenientes do exterior. Esta prioridade será fator de maior dinamismo e ação missionária para toda a nossa Igreja.

---

<sup>274</sup> ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, Relatório Quinquenal – 1975-1979, p. 24; 98.

<sup>275</sup> Entrevista concedida por Dom Angélico Sândalo Bernardino. Itaci, 8 de abril de 2008.

As atividades se dariam: *Quanto aos Organismos*: entrosar-se com todas as entidades de São Paulo visando despertá-las para o trabalho na periferia; constituir uma comissão de patrimônio, em cada região, para cuidar da aquisição de terrenos nos lugares onde for necessário e para cuidar da documentação dos terrenos já existentes; distribuir mais eqüitativamente bens existentes dentro da Igreja: bens pessoais, monetários, patrimoniais; estruturar a Coordenação desta Pastoral de forma atuante e comunicativa; cada paróquia de periferia tenha seu planejamento pastoral; a manutenção das paróquias seja encaminhada para o sistema “dízimo” em substituição às taxas sacramentais.

*Quanto à pesquisa, divulgação e conscientização*: conscientização de católicos para uma doação pessoal num trabalho de formação e orientação junto às famílias mais carentes; cuidar que a comunicação seja feita numa linguagem acessível ao povo. O conteúdo dessa comunicação seja de problemas vitais do povo; sensibilizar as paróquias para que assumam sua responsabilidade para com as comunidades de periferia.

*Quanto à formação de pessoal*: descobrir profissionais e técnicos que coloquem suas capacidades a serviço da periferia; desenvolver o serviço de mútua colaboração na pastoral: padres, religiosos(as), seminaristas, agentes de pastoral trabalhando em lugares menos favorecidos; os agentes de pastoral deverão receber treinamento para os diversos tipos de atividades necessárias às comunidades de periferia; estágio de seminaristas e padres recém-formados na periferia; que as Igrejas disponham de pessoas com fácil acesso junto aos poderes públicos; que haja voluntários para trabalhos nos hospitais, postos de saúde, centros comunitários, creches, etc; as pessoas que trabalham para a própria comunidade, padres e agentes de pastoral, deverão ser mantidas pela própria comunidade, levando em consideração se o regime de trabalho é de tempo integral ou semi-integral; que haja continuidade no trabalho das pessoas que assumem tarefas na periferia; tendo em vista a migração, procurar

uma maneira de entrosar, no trabalho, líderes de outros lugares que aí se enraízam; entrosar os Agentes de Pastoral de Centro.

*Quanto às atividades propriamente ditas:* No campo da saúde: preocupar-se com hospitais e postos de saúde com aparelhamento adequado e bom atendimento; aumentar o número de creches para poder atender a quantidade de crianças desamparadas; que haja nas paróquias um centro social para atendimento, orientação de desempregados, saúde, cursos profissionalizantes, ajuda à pessoa que vem de outros lugares; ligar os centros sociais às Sociedades A

migos dos Bairros para a promoção do bairro; que as paróquias do centro assumam uma ação de retaguarda, dando apoio moral, social e econômico à periferia; criar clubes de mães na periferia para mútua ajuda e orientação familiar; incentivar os cursos profissionalizantes oferecidos por organismos oficiais ou particulares: pedreiro, eletricitista, mecânico, articulatória, corte e costura, técnicas comerciais, etc; incentivar a criação de cooperativa comunitária para aquisição de gêneros alimentícios; que cada colégio destine uma porcentagem de sua renda para o funcionamento de uma escola profissionalizante na periferia; fazer um mapeamento geográfico de São Paulo, com localização das áreas vazias onde poderão ser construídos centros comunitários.<sup>276</sup>

Era a organização pastoral que já vinha acontecendo desde a criação da Operação Periferia em 1972.

Em 3 de dezembro de 1977 realizou-se a Assembléia Arquidiocesana de Pastoral, depois de um processo de ampla participação eram confirmadas as prioridades do primeiro plano, era aprovado assim o segundo Plano de Pastoral.

---

<sup>276</sup> Cf: O São Paulo, 14 a 20 de fevereiro de 1976.

A periferia estava mais uma vez colocada como centro da ação pastoral que une e revitaliza toda a Igreja. Era uma grande missão urbana diante dos desafios da grande metrópole tendo a periferia e seu povo como protagonistas desta nova forma de evangelização.<sup>277</sup>

---

<sup>277</sup> Consultar: 1º Plano bienal de pastoral 1976-1977. São Paulo: Cúria Metropolitana de São Paulo, 1976. 40p e 2º Plano bienal de pastoral 1978-1980. São Paulo: Cúria Metropolitana de São Paulo. 1978. 42p.

### CAPITULO III

#### **PERSPECTIVAS PARA UM PROJETO MISSIONÁRIO NA CIDADE, A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DA OPERAÇÃO PERIFERIA**

A experiência do projeto Operação Periferia apresentada no capítulo anterior indica algumas perspectivas que se deve ter presentes em um projeto missionário na cidade hoje, que possa realmente evangelizar a cidade, mas principalmente a sua periferia, diante dos desafios da realidade que se apresentam a nossa frente neste novo século, principalmente o desafio da pobreza e da exclusão social e do pluralismo cultural e religioso que na realidade periférica urbana se tornam ainda mais notórios.

Por isso um primeiro aspecto diante de todos os desafios da realidade urbana é a opção pela sua periferia como lugar privilegiado para uma ação missionária; um segundo aspecto é o respeito e o incentivo às diversas manifestações culturais e religiosas trazidas pelos migrantes presentes na periferia urbana; um terceiro aspecto é o fortalecimento de pequenos grupos e comunidades visando a uma maior participação eclesial e social; um quarto aspecto é uma pastoral de conjunto que possa garantir a unidade e a partilha em todos os sentidos; um quinto aspecto é o diálogo da Igreja, iluminada pela Palavra de Deus, com os agentes que atuam na cidade para o enriquecimento mútuo e a defesa da pessoa humana e de seu bem-estar visando à promoção da vida.

As perspectivas acima apresentadas vão ao encontro das propostas de uma Igreja em estado permanente de missão em nosso continente marcado hoje por uma realidade predominantemente urbana que foi apresentada na V Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe realizada em Aparecida.

Enfim, este capítulo busca colaborar, a partir da experiência da Operação Periferia realizada na Arquidiocese de São Paulo na década de 70, na reflexão e ação missionária da Igreja na cidade a partir dos “*sinais dos tempos*” e fundamentada no Deus uno e trino.

## 1. Um olhar sobre a sociedade globalizada

A sociedade chamada moderna caracterizou-se por mudanças de grande porte nos campos da economia, da política e da cultura, com repercussões significativas em todos os aspectos da existência pessoal e social. O que identificou a sociedade moderna foi a racionalidade, com a multiplicação da capacidade produtiva, o desenvolvimento técnico científico, a participação nas tomadas de decisão na vida social, principalmente através da democracia, a igualdade de direitos e oportunidades e a liberdade de expressão e agregação.<sup>278</sup>

Essa chamada sociedade moderna inicia sua crise com a Primeira Guerra Mundial, os totalitarismos nazista e stalinista, a Segunda Guerra Mundial, mais recentemente com os regimes ditatoriais do Terceiro Mundo, a constante violação dos direitos humanos, o desastre ecológico, a fome, a massa de excluídos, a expansão do comércio de armas e o narcotráfico, a crise do mundo socialista e as guerras da atualidade. A esta crise da modernidade se dá o nome de pós-modernidade.<sup>279</sup>

O termo “pós-modernidade” encontra-se ligado à significação de “modernidade”, até por que não faria sentido ser “pós” alguma coisa que não se sabe o que é. O “pós-moderno” representa alguma espécie de reação ou afastamento do “moderno”.<sup>280</sup>

O pensador brasileiro Sérgio Paulo Rouanet no seu estudo “As origens do Iluminismo” (1987), oportunamente observa que o prefixo *pós* tem muito mais o sentido de exorcizar o velho (a modernidade) do que de articular o novo (o pós-moderno). Ou seja, o que há é uma “consciência de ruptura”, que o autor não considera uma “ruptura real”. Rouanet escreve:

“Depois da experiência de duas guerras mundiais, depois de Auschwitz, depois de Hiroshima, vivendo num mundo ameaçado pela aniquilação atômica, pela ressurreição dos velhos fanatismos políticos e religiosos e pela degradação dos ecossistemas, o homem

---

<sup>278</sup> DOCUMENTOS DA CNBB, *Evangelização e Missão Profética da Igreja – Novos Desafios*, nº 80. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 35-37.

<sup>279</sup> *Ibidem*. p. 38.

<sup>280</sup> HARVEY, David: *Condição pós-moderna*. São Paulo. Edições Loyola. 1992. p. 19.

contemporâneo está cansado da modernidade. Todos esses males são atribuídos ao mundo moderno. Essa atitude de rejeição se traduz na convicção de que estamos transitando para um novo paradigma. O desejo de ruptura leva à convicção de que essa ruptura já ocorreu, ou está em vias de ocorrer (...). O pós-moderno é muito mais a fadiga crepuscular de uma época que parece extinguir-se ingloriosamente que o hino de júbilo de amanhã que despontam. À *consciência* pós-moderna não corresponde uma *realidade* pós-moderna. Nesse sentido, ela é um simples mal-estar da modernidade, um sonho da modernidade. É, literalmente, falsa consciência, porque consciência de uma ruptura que não houve e, ao mesmo tempo é também consciência verdadeira, porque alude, de algum modo, às deformações da modernidade”.<sup>281</sup>

Dentro da pós-modernidade temos o fenômeno da “globalização” que é um fenômeno recente e acelerado, de mudanças radicais, caracterizado principalmente por uma integração mais estreita entre os países e os povos do mundo, que revolucionou a economia e o trabalho, o comércio e as finanças internacionais, as comunicações e as culturas do orbe. A globalização é parte de uma autêntica “mudança de época”.<sup>282</sup> A globalização vem sendo entendida como o sinal dos tempos pós-modernos.

As características-chave da globalização são: a comunicação mundial em forma instantânea, a velocidade com que se produzem as mudanças, a geração de novos paradigmas e a contínua aceleração desse processo.<sup>283</sup>

A globalização é problemática e contraditória, pois engendra e dinamiza relações, processos e estruturas de dominação e apropriação, de integração e fragmentação, provoca tensões, antagonismos, conflitos, revoluções e guerras, ao mesmo tempo em que propicia a

---

<sup>281</sup> ROUANET, S.P. *As razões do Iluminismo*. São Paulo: C. Letras, 1987. p. 229-77.

<sup>282</sup> REFLEXÕES DO CELAM 1999- 2003. *Globalização e Nova Evangelização na América Latina e no Caribe*. São Paulo: Paulinas, 2003 p. 10.

<sup>283</sup> *Ibidem*. p. 12.

criação de movimentos sociais de vários tipos destinados a recuperar, proteger ou desenvolver as condições de vida e trabalho das mais variadas categorias sociais e minorias.

A globalização tem hoje sua maior expressão na questão econômica. É um processo de integração econômica que está sob a égide do neoliberalismo.

Os princípios básicos do neoliberalismo que estão presentes na globalização são: mínima participação estatal nos rumos da economia de um país; pouca intervenção do governo no mercado de trabalho; política de privatização de empresas estatais; livre circulação de capitais internacionais e ênfase na globalização; abertura da economia para a entrada de multinacionais; adoção de medidas contra o protecionismo econômico; desburocratização do Estado: leis e regras econômicas mais simplificadas para facilitar o funcionamento das atividades econômicas; diminuição do tamanho do Estado, tornando-o mais eficiente; posição contrária aos impostos e tributos excessivos; aumento da produção, como objetivo básico de atingir o desenvolvimento econômico; contrariedade ao controle de preços dos produtos e serviços por parte do Estado, ou seja, a lei da oferta e demanda é suficiente para regular os preços; a base da economia deve ser formada por empresas privadas; defesa dos princípios econômicos do capitalismo. Milton Santos diz: “a globalização é, de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista”.<sup>284</sup>

As medidas neoliberais tiveram resultados positivos inegáveis, os mecanismos de mercado contribuíram para aumentar a oferta de bens e serviços de melhor qualidade e preço. A inflação foi reduzida em quase todo o continente. Os governos foram liberados de tarefas que não eram da sua competência para poderem se dedicar melhor, se assim o desejarem, à promoção do bem comum. Esses aspectos positivos, porém, estão longe de compensar os

---

<sup>284</sup> SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização. Do pensamento único à consciência universal*. 10 ed. Rio Janeiro: Record, 2003. p. 23.

desequilíbrios e perturbações que o neoliberalismo provoca e que se manifestam na concentração de renda, da riqueza e da propriedade de terra; na multiplicação de massas urbanas sem trabalho ou de grupos humanos que subsistem graças a empregos instáveis e pouco produtivos; na falência de muitas pequenas e médias empresas; na destruição e deslocamento forçado de populações rurais; na expansão do narcotráfico, na falta de segurança alimentar; no aumento da criminalidade, na desestabilização das economias nacionais, provocadas por uma especulação internacional não controlada; nos desajustes nas comunidades locais.<sup>285</sup>

Por trás da racionalidade neoliberal, esconde-se toda uma concepção do ser humano que reduz, de fato, a grandeza do homem e da mulher à sua capacidade de gerar uma renda monetária; exacerba o egoísmo e a corrida à integridade da criação e, com frequência, desencadeia a cobiça, a corrupção e a violência. Quando essas tendências se generalizam nos grupos sociais, o sentido de comunidade desaparece.<sup>286</sup>

A globalização também tem como uma de suas características a irrupção das novas tecnologias da informação, a comunicação e o entretenimento. Por isso, quando se fala de globalização, não devemos pensar só na economia, mas também na esmagadora e apaixonante globalização cultural, veiculada pelos meios de comunicação social.<sup>287</sup>

Durante toda a história da humanidade, os povos tiveram uma identidade própria, caracterizada por sua cultura, a qual implicou o reconhecimento de expressões próprias de sua relação com Deus, com os semelhantes, com a natureza e, em geral, consigo mesmo e com a vida. A cultura caracterizou-se pelo reconhecimento de valores, costumes e leis.<sup>288</sup>

---

<sup>285</sup> DOCUMENTO DE TRABALHO – Carta dos Superiores Provinciais da Companhia de Jesus da América Latina - *O Neoliberalismo na América Latina*. São Paulo: Loyola, 1996. p. 11-12.

<sup>286</sup> Ibidem. p. 12-13.

<sup>287</sup> REFLEXÕES DO CELAM 1999- 2003.Op. cit. p. 56-57.

<sup>288</sup> Ibidem. p.23.

Pela palavra 'cultura', em sentido global, indicam-se todas as coisas com as quais o homem aperfeiçoa e desenvolve as variadas qualidades da alma e do corpo; procura submeter-se a seu poder pelo conhecimento e pelo trabalho e o próprio orbe terrestre, torna a vida social mais humana, tanto na família quanto na comunidade civil, pelo progresso dos costumes e das instituições; enfim, exprime, comunica e conserva, em suas obras, no discurso dos tempos, as grandes experiências espirituais e as aspirações, para que sirvam ao proveito de muitos e ainda de todo gênero humano.<sup>289</sup>

Hoje, a partir da massiva irrupção das novas tecnologias da informação e das comunicações, o indivíduo começa a exercer cada vez mais sua capacidade de mover-se entre diferentes mundos culturais, experimentando transformações até agora inéditas em sua vida. Os produtos da revolução digital, com seu potencial para transmitir informações desde uma multiplicidade de centros de tempo real, fazem com que qualquer indivíduo que tenha à mão o controle remoto de um televisor ou o *mouse* de um computador possa transitar por um mundo de costumes, valores, mentalidades, crenças, gostos, comidas, canções, narrações ou modas das regiões mais distantes do mundo.

A partir desta exposição constante a novos símbolos, se estabelecem novos vínculos identitários, os perfis culturais mudam, mudando seus referentes tradicionais, costumes e visões originárias, para ir se organizando em função de códigos simbólicos que provêm de repertórios culturais muito diversos, que têm sua origem nos diferentes formatos eletrônicos. Desse modo, as identidades tendem a diluir-se e surgem novas formas de identificação, políglotas, multiétnicas, migrantes, com elementos de diversas culturas.<sup>290</sup>

Não se pensa, entretanto, que, em geral, as culturas locais ou as identidades coletivas são frágeis ou muito vulneráveis. Os novos símbolos compactuam, em homens de carne e

---

<sup>289</sup> COMPÊNDIO VATICANO II – Constituições, Decretos e Declarações: Constituição Pastoral “*Gaudium et Spes*”. n° 53. p. 205.

<sup>290</sup> MONTIEL, Edgar. *A Nova Ordem Simbólica – a diversidade cultural na era da globalização*. In: SIDEKUM, Antonio (org.). *Alteridade e Multiculturalismo*. Ijuí – Rio grande do Sul: Unijui, 2003. p. 19-20.

osso, com uma história, uma mentalidade, um sentido de pertença a uma coletividade, de modo que não incorporam em suas mentes, mecanicamente, as mensagens provenientes de outros horizontes simbólicos. A construção social da identidade é um processo criativo, complexo e interativo, adaptável para que os indivíduos e grupos possam fazer frente à onda homogeneizadora, no simbólico, e isoladora, no social.<sup>291</sup>

## 2. A cidade na sociedade globalizada

O estudo da cidade impõe esforço para lidar com aspectos complexos e abrangentes. Não apenas a técnica e o espaço, mas as questões sociais, culturais, políticas e religiosas preocupam, visto estarem todas essas dimensões na própria essência da questão. O conhecimento da cidade não pode dispensar o auxílio das ciências urbanas, antropológicas, sociológicas e teológicas.<sup>292</sup> A cidade tem mobilizado amplas energias para sua compreensão e avaliação, desde a conformação dos agrupamentos urbanos mais densos e complexos.

Desde que o primeiro ser humano aproximou-se de outro, sem saber, dera partida a uma longa caminhada na história dos processos sobre os relacionamentos de convivência em coletividade. Embora a necessidade inicial fosse a sobrevivência em relação ao meio, o homem carecia também de formas de sobreviver em coletividade - o relacionamento humano. Desde então, o que temos feito é procurar maneiras mais aprimoradas, nem sempre melhores e bem-sucedidas, de conviver.

Segundo João Batista Libanio, quando o ser humano deixa de ser nômade e se sedentariza ele constrói cidades. A cidade simboliza a grande obra construtora do ser humano, revelando sua natureza social.<sup>293</sup>

---

<sup>291</sup> Ibidem. p. 24-25.

<sup>292</sup> LORO, Tarcísio Justino. Perspectivas para a Pastoral Urbana. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, nº 55 [abr./jun.] 2006. p. 112.

<sup>293</sup> LIBANIO, João Batista. *As lógicas da cidade: o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*. São Paulo: Loyola, 2001. p. 27.

A palavra cidade vem do latim “*civitas*” ou também “*urbs*” daí vem os termos cidadão e cidadania e também urbano, e conceitos como civilização e urbanização.

Reverendo a história, os romanos construíram cidades conforme os planos dos campos militares. O próprio São Tomás inspira-se nos arquitetos militares romanos para desenhar o mapa da cidade. E os reis católicos inspiraram-se em São Tomás e fundaram cidades na América seguindo o modelo dos acampamentos militares romanos.<sup>294</sup>

As cidades sempre tiveram um papel de destaque em todas as civilizações: Atenas, Roma, Florença, Paris, Londres, Berlim, Nova York foram síntese do modo de vida no qual estavam inseridas, representando épocas de conquistas nas ciências, na filosofia e nas artes e, ao mesmo tempo, se convertendo em pólos irradiadores que impulsionaram as transformações, a inovação e a criação política, social, econômica e espiritual.

Hoje as metrópoles, pela globalização, são cidades mundiais e sintetizam seus países, e mais remotamente, outras civilizações do mundo. Em sua estrutura localizam-se a arte, a filosofia e a ciência; os costumes, as tradições e a memória; os sistemas políticos e o direito; a administração financeira e a gestão dos negócios. Porém, este papel não está imune às contradições do país, da região, do hemisfério e do planeta.

Várias são as questões macroeconômicas e sociais colocadas pela globalização para a cidade: viagem tecnológica do capital rumo a sítios de maior lucratividade, forças de conformação ou resistência ao domínio mundial do capital financeiro e da tecnologia, fluxo de capital e de investimentos econômicos entre regiões de uma mesma cidade, desigualdades econômicas, emprego e estratégias de sobrevivência da população mais pobre desalojada e apartada da qualidade de vida proposta pela visão de modernidade urbana, possibilidades de participação democrática no planejamento urbano, na gestão e nos usos da cidade, questões de proporcionalidade entre espaços de domínio público e privado, formação ou manutenção de

---

<sup>294</sup> COMBLIN, José. *Pastoral Urbana: o dinamismo na evangelização*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p.16.

identidades pessoais, de grupos e etnias possibilitadas pelo cosmopolitismo, condições para o advento de cidades mundiais receptivas a todo tipo de cidadão e suas culturas.

Mais do que nunca, hoje a cidade está em construção. Milhões de pessoas deslocam-se do campo para a cidade.<sup>295</sup> Em trinta anos, dezenas e dezenas de milhões de pessoas construíram cidades, centenas de quilômetros de cidades.<sup>296</sup> A grande tarefa do século XX foi a construção das cidades e o fato dominante foi a migração do campo para a cidade. No Brasil quase 80% da população já está morando nas cidades. Mesmo muitas pessoas que ainda trabalham na agricultura já estão morando em cidades. Todas as cidades estão em fase de construção, pelo menos no Terceiro Mundo.<sup>297</sup>

Em poucas décadas, as grandes cidades de países em desenvolvimento tiveram uma seqüência de transformações tão brutais que é possível afirmar que várias vezes foram construídas, demolidas e reconstruídas; bairros se deterioraram e refloresceram; cidades nasceram dentro de cidades ou se colaram nos limites da periferia; grandes avenidas foram rasgadas no tecido urbano já solidificado. Junto com esse terremoto urbano, uma cultura metropolitana se desenvolveu, apressada pela globalização, com contornos incivilizados, baseada em auto-soluções para a sobrevivência, o que gerou criatividade e solidariedade, mas também o narcotráfico, a violência, a criminalidade e relações sociais apartadas.<sup>298</sup>

Tal fato ocorre num contexto de fragmentação da cidade e da virtualização crescente da cultura. Por um lado as grandes migrações para os centros urbanos, impulsionadas pelas necessidades econômicas, geraram a confluência de uma diversidade colorida de culturas em bairros populosos, em especial nas periferias. As cidades contemporâneas povoam-se de uma

---

<sup>295</sup> COMBLIN, José. Op. cit. p. 8.

<sup>296</sup> COMBLIN, José. *Cristãos Rumo ao Século XXI: nova caminhada de libertação*. São Paulo: Paulus, 1996. p. 165.

<sup>297</sup> Idem. *Pastoral Urbana: o dinamismo na evangelização*. p. 8.

<sup>298</sup> São Paulo em Perspectiva – Reflexão sobre o papel da cultura na cidade de São Paulo. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-8839200000040000128&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-8839200000040000128&script=sci_arttext)>. Acesso em 20 de fevereiro de 2008, 11:10.

variedade de modos de vida que se diferenciam pelas línguas, estéticas e vestimentas, em que tradições e hábitos se mesclam.

Os modelos antropológicos até então legitimados quebram-se diante da presença de novos modos de vida e de relação com o entorno. O crescimento vertiginoso dos centros urbanos, paradoxalmente, trouxe como consequência uma mudança no uso da cidade por parte de seus habitantes. Vivemos em cidades fragmentadas, que vão perdendo seus espaços verdadeiramente comunitários, os lugares de encontro onde as pessoas interatuam objetiva e subjetivamente, como a rua, a praça, os jardins ou os mercados populares.<sup>299</sup>

O planejamento urbano, seja de que tipo for, não alcança os grandes contingentes populacionais da periferia e de bairros deteriorados, dando margem ao surgimento de socializações autônomas e segregadas, onde a ausência da administração pública cria a justiça pelas próprias mãos, a segurança privada, as invasões, a sobrevivência baseada na economia da droga e em atividades ilegais, a troca de favores, a corrupção, a ignorância, o misticismo e manifestações culturais que saltam diretamente da cultura de raiz para a cultura televisiva e importada.<sup>300</sup>

Nas cidades grandes, a consciência societária ou da comunidade natural desloca-se para uma valorização do indivíduo ou dos grupos espontâneos, formais. As pessoas se reúnem por desejo e escolha e não por força do ambiente.<sup>301</sup>

O aumento das distâncias físicas, a insegurança nas ruas, as crises econômicas em que vive a população e o incremento das horas dedicadas ao trabalho (inclusive o tempo de transporte) fazem com que os indivíduos se alienem cada vez mais dos espaços comunitários para se refugiarem nas novas catedrais de consumo. Centros comerciais que concentram todas as ofertas possíveis (Shopping Centers), incluindo espetáculos e salas de cinema, somados a

---

<sup>299</sup> MONTIEL, Edgar. Op. cit. p. 21.

<sup>300</sup> São Paulo em Perspectiva – Reflexão sobre o papel da cultura na cidade de São Paulo. Disponível em; <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-883920000040000128&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-883920000040000128&script=sci_arttext)>. Acesso em 20 de fevereiro de 2008, 11:10.

<sup>301</sup> LIBANIO, João Batista. *As lógicas da cidade: o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*. p. 54.

clubes de todo tipo, discotecas para todas as idades ou faraônicos estádios de futebol são alguns dos lugares paradigmáticos nos quais as pessoas se reúnem, mas nem sempre para se comunicarem.<sup>302</sup>

O uso intensivo das tecnologias da informação, apesar de indicar que o homem moderno poderá até aumentar sua comunicação com seus semelhantes, conectado pela telecomunicação, provoca necessariamente uma residencialização da vida cultural e uma diminuição dos contatos face a face.<sup>303</sup> Torna-se mais fácil permanecer em sua casa, em frente da tela do televisor ou do computador, do que assistir a um espetáculo ao vivo no centro da cidade. A relação do indivíduo com seu entorno, cada vez mais, não se dá por uma experiência pessoal, mas de modo virtual, pelas mediações feitas pelos meios de comunicação de massa.<sup>304</sup>

Nesse contexto, os espaços culturais multifuncionais, com atividades diversificadas e democratizadas, poderão constituir-se na função urbana capaz de evitar a nova barbárie representada pelo domínio da ciência e da tecnologia, pelo excesso da informação impessoal e pelo consumo, porque a cultura é o campo da sociabilidade face a face, da criatividade, das emoções, da invenção e do imaginário.<sup>305</sup>

As atividades comunitárias têm importante papel na recuperação da auto-estima e da identidade dos cidadãos e, por isso, atuam como elementos de reorganização do espaço urbano, substituindo comportamentos culturais segregados e baseados em auto-soluções por comportamentos de civilidade, tolerância, convivência e cooperação.

O pluralismo é adequado à realidade da formação da cidade, fruto das migrações intensas de estrangeiros e de brasileiros vindos das mais diversas regiões que se constituem

---

<sup>302</sup> MONTIEL, Edgar. Op. cit. p. 21.

<sup>303</sup> São Paulo em Perspectiva – Reflexão sobre o papel da cultura na cidade de São Paulo. Op.cit. Acesso em 20 de fevereiro de 2008, 11:10.

<sup>304</sup> MONTIEL, Edgar. Op. cit. p. 22.

<sup>305</sup> São Paulo em Perspectiva – Reflexão sobre o papel da cultura na cidade de São Paulo. Op. cit. Acesso em 20 de fevereiro de 2008, 11:10.

em elemento de ligação desse migrante com a cidade, e à criação de uma vida sociocultural própria, substituindo sobrevivência por existência.

É necessário um conjunto de ações coordenadas para adequar e melhorar a produção e os usos do espaço urbano. Deve-se colocar à disposição dos cidadãos um conjunto de serviços culturais, organizados segundo as novas necessidades do homem na era da informação, da sociedade pós-moderna.<sup>306</sup>

A cidade deve garantir formas de participação as mais democráticas possíveis, com a inclusão de todos os agentes sociais implicados, cada um conforme o âmbito e extensão de sua ação.

Construir a cidade, lugar de existência dos homens e das suas comunidades ampliadas, criar novos modos de vizinhança e de relações, descortinar uma aplicação original da justiça social, assumir, enfim, o encargo deste futuro coletivo que se preanuncia difícil é uma tarefa em que os cristãos devem participar. A esses homens amontoados numa promiscuidade urbana que se torna intolerável, é necessário levar uma mensagem de esperança, mediante uma fraternidade vivida e uma justiça concreta. Que os cristãos, conscientes desta responsabilidade nova, não se deixem descoroçoar, diante da imensidade amorfa da cidade, mas, ao contrário, recordem-se do profeta Jonas, o qual longamente percorreu Nínive, a grande cidade, para nela anunciar a Boa Nova da misericórdia divina, amparado, na sua fraqueza, unicamente pela força da palavra de Deus Todo-Poderoso. Na Bíblia, a cidade é freqüentemente apresentada como sendo de fato o lugar do pecado e do orgulho; orgulho de um homem que se sente bastante seguro de si, para construir sem Deus a sua vida, e, mesmo, para se armar, com altivez contra Ele.<sup>307</sup>

---

<sup>306</sup> Ibidem.

<sup>307</sup> Carta Apostólica *Octogésima Adveniens*. n° 12.

### 3. A pluralidade religiosa na cidade

Já dizia Plutarco<sup>308</sup>: “*Se percorreres a terra, encontrarás cidades sem fortificações, sem literatura, sem rei, sem moeda, sem teatro. Uma cidade, porém, sem templo e sem divindade, ninguém jamais encontrará*”.<sup>309</sup>

O pluralismo religioso constitui hoje um grande desafio para a Igreja, e é um fenômeno de proporções e implicações amplas. O contexto religioso também está em evolução, e a identidade religiosa voltou à esfera pública de várias formas. Enquanto o século XX foi dominado pelo confronto entre ideologias, a “identidade” está surgindo como um dos aspectos que causam divisão no século XXI.

É impossível falar da composição territorial, social e cultural da metrópole brasileira sem que se refira ao religioso que nela foi marcando presença sob as variadas formas e processos. Podemos dizer que a grande cidade brasileira nasceu e se desenvolveu religiosa, mesmo sendo constituída na regra moderna de valorização imobiliária do espaço, que dá à estrutura e à própria paisagem urbana uma fisionomia cada vez mais dessacralizada.

Quando comparamos aquele Brasil do início do século XX com este do início do século XXI, dificilmente reconhecemos o mesmo país, a não ser pela língua e pelo território. Observando apenas algumas das mais visíveis mudanças, notamos rapidamente que a população cresceu sobremaneira, o país urbanizou-se e industrializou-se, as desigualdades regionais e sociais se acentuaram.

Igualmente salta aos olhos a emergência de uma pluralidade religiosa. A rigor, o Brasil sempre foi uma sociedade plural em termos religiosos, e tanto na colônia como no império encontramos criativas formas de relacionamento entre as diversas manifestações religiosas e o catolicismo, a religião oficial, sendo esta, ela mesma, bastante heterogênea. Não obstante a

---

<sup>308</sup> Filósofo e prosador grego do período greco-romano, estudou na Academia de Atenas fundada por Platão.

<sup>309</sup> ARAÚJO, Eufrázio. *Pluralismo Religioso*. Disponível em: <http://viapedagógica.com.br/artigos/pluralismo-religioso/>. Acesso em 26 de fevereiro de 2008, 11:55.

realidade dessa diversidade, até a Constituição de 1891 a Igreja Católica deteve o monopólio religioso no país.

O processo de secularização que temos vivenciado, sobretudo nos últimos tempos, não exclui o renascimento e as reconfigurações das tradições religiosas clássicas, bem como o surgimento de novas.<sup>310</sup>

Outrora as pessoas conheciam uma só religião e uma só Igreja. Não havia opção possível, não havia escolha, não havia dúvida nem hesitação. Hoje em dia existe um verdadeiro mercado das religiões. Nas cidades, os habitantes podem, com a maior facilidade, conhecer e comparar várias religiões.<sup>311</sup>

A identidade religiosa é constituída a partir da variedade de ofertas de sentido que são colocadas à disposição dos indivíduos que estão engajados nos processos de construção de identidades bastante instáveis e flutuantes.<sup>312</sup>

A religião da cristandade invoca sempre a verdade como argumento definitivo. No sistema de mercado, a verdade não conta. O importante é a utilidade, a capacidade de gerar satisfação. Não se compra um objeto porque é verdadeiro, mais porque é útil, agradável e dá satisfação.<sup>313</sup>

Num ambiente de fragmentação e desencanto, como é a cidade, emergem as mais diferentes tentativas de reencanto, de resposta à aflição e ao vazio.<sup>314</sup> A sociedade atual, chamada "pós-moderna", está se tornando multifacetada, a ponto de provocar crises de identidade, desorientação e solidão. O desespero se manifesta na busca por sentido de vida, por experiência religiosa e cura dos males individuais e imediatos.

A cidade cria nova sensibilidade em relação ao religioso. Existe uma nova percepção do público. Ele é o lugar do pluralismo, das diferentes propostas sociais e religiosas. O espaço

---

<sup>310</sup> SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO – SOTER (Org.). *Religião e Transformação Social no Brasil Hoje*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 229.

<sup>311</sup> COMBLIN, José. *Cristãos Rumo ao Século XXI: nova caminhada de libertação*. p. 329.

<sup>312</sup> SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO – SOTER (Org.). Op. cit.. p. 316.

<sup>313</sup> COMBLIN, José. *Os desafios da cidade no século XXI*. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2003. p. 44.

<sup>314</sup> DOCUMENTOS DA CNBB, *Evangelização e Missão Profética da Igreja – Novos Desafios*, nº 80. p. 48.

da cidade é, por isso, disputado por todos que querem fazer passar quaisquer mensagens comerciais, ideológicas ou religiosas.<sup>315</sup>

As opções de religiões, igrejas e de religiosidades vêm crescendo ininterruptamente nos últimos vinte anos. O crescimento expressivo das denominações pentecostais, nos últimos anos, tem sido interpretado por muitos como um fenômeno metropolitano, porém de uma metrópole que exauriu o projeto da Modernidade, trazendo de volta os velhos encantamentos da natureza e da história.

O mundo metropolitano seria, segundo essas explicações, um lugar privilegiado de reencantamento, reacendendo a busca do sagrado nas mais variadas versões e denominações religiosas. A afirmação do desencantamento do mundo é um legado da racionalidade moderna centrada na autonomia do sujeito que rompe com os “finalismos religiosos”. “A idéia de Modernidade substitui Deus no centro da sociedade pela ciência, deixando as crenças religiosas para a vida privada”.<sup>316</sup>

A cidade torna-se um grande mercado de religiões. O pluralismo religioso é, antes de tudo, um fato. Claude Geffré entende o pluralismo religioso como um novo paradigma para o pensamento cristão.<sup>317</sup>

A presença massiva da religião na cidade, uma aparente contradição, mostra bem como se constitui, hoje, o leque de possibilidades de sentido: a cidade não precisa mais de deus, mas, para aqueles que a própria cidade deserda e desampara, deuses de todo tipo e rito podem ser fartamente encontrados. A cada culto se agrega outro culto, até que se extravasem todas as formas de combinação capazes de responder à criatividade [...] que a cidade, em todas as esferas, incentiva, premia e dela se alimenta.<sup>318</sup>

---

<sup>315</sup> LIBANIO, João Batista. *As lógicas da cidade: o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*. p. 66.

<sup>316</sup> SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO – SOTER (Org.). Op. cit. p. 233.

<sup>317</sup> GEFFRÉ, Claude. *A crise da identidade cristã na era do pluralismo*. Concilium, nº 311, Petrópolis: Vozes, 2005. p. 13-28.

<sup>318</sup> SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO – SOTER (Org.). Op. cit. p. 240-241.

Inexoravelmente, o pluralismo tem trazido uma relativização da fé. A fé tende a individualizar-se de tal maneira que cada pessoa se torna sua instância válida de fé. Cada um escolhe livremente a sua fé e não se sente constrangido por isso. É a chamada liberdade religiosa. Liberdade não deve ser pretexto para rejeitar toda a sujeição e menosprezar a devida obediência. Não é convite para a anarquia. Por isso o Concílio pede uma “*educação para o exercício da liberdade*”.<sup>319</sup>

A liberdade religiosa consiste no seguinte: os homens todos devem ser imunes da coação tanto por parte de pessoas particulares quanto de grupos sociais e de qualquer poder humano, de tal sorte que em assuntos religiosos ninguém seja obrigado a agir contra a própria consciência, nem se impeça de agir de acordo com ela, em particular e em público, só ou associado a outrem, dentro dos devidos limites. Além disso, declara que o direito à liberdade religiosa se funda realmente na própria dignidade da pessoa humana, como a conhecemos pela palavra revelada de Deus e pela própria razão natural. Este direito da pessoa humana à liberdade religiosa na organização jurídica da sociedade deve ser de tal forma reconhecido, que chegue a converter-se em direito civil.<sup>320</sup>

Mesmo as pessoas que permanecem no interior de uma religião institucional estão sentindo-se livres de seguir todas as suas normas.<sup>321</sup>

A pessoa se vê no meio de numerosas ofertas religiosas, como também diante da possibilidade de abandonar toda prática religiosa, sem que o meio lhe cobre algo sobre isso.<sup>322</sup>

Há que se levar em conta também não apenas um pluralismo que ocorre do “lado de fora” das instituições religiosas, mas a existência de modos plurais de pertença a uma mesma instituição. Esse intrapluralismo, se assim o podemos denominar, caracteriza-se pelas reinterpretações polifônicas da tradição. Essas reinterpretações são facilitadas pela velocidade

---

<sup>319</sup> COMPÊNDIO VATICANO II – Constituições, Decretos e Declarações: Declaração “*Dignitatis Humanae*”. nº 8. p. 607.

<sup>320</sup> Ibidem. nº 2. p. 601-602.

<sup>321</sup> LIBANIO, João Batista. *As lógicas da cidade: o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*. p. 56; 65.

<sup>322</sup> O SÃO PAULO, 29 de maio de 2007, p. A3.

e expansão da comunicação nos dias atuais, pelo avanço técnico-científico e pela insatisfação com as formas históricas de organização do sistema de crenças.<sup>323</sup>

Também o espaço religioso é influenciado pela dinâmica da cidade. Qualquer espaço desde de um terreno, uma garagem podem se transformar em espaço religioso. Neste sentido as igrejas pentecostais são mais dinâmicas. Atualmente a média é entre cinco e seis igrejas pentecostais por cada templo católico.<sup>324</sup>

O Estado moderno acredita não mais necessitar de uma fundamentação de cunho religioso. Assim, ele é tolerante com todas as crenças.

Todos os deuses, todas as crenças, todos os sistemas religiosos serão aceitos ao mesmo tempo. Como os antigos romanos, toleramos todos, exatamente por não acreditar a fundo em nenhum deles.<sup>325</sup>

A generosa oferta de crenças, muitas delas desenraizadas de uma autêntica comunidade de fé, os sofrimentos dos mais pobres, ausência de referenciais substantivos provocam a sucessiva troca de Igrejas por parte dos fiéis em busca de solução para seus males. Encontramos-nos diante do grande desafio de conviver e dialogar com pessoas que fazem escolhas diferentes, procurando valorizar os aspectos de verdade. Para isso precisamos consolidar a própria identidade.<sup>326</sup>

Só se estabelece verdadeiro diálogo se a identidade cristã é suficientemente clara para não capitular perante outras identidades e se é também flexível para enriquecer-se do pluralismo próprio do mundo urbano. A fé cristã católica pode prestar bom serviço ao pensamento atual dilacerado, ao oferecer, com outras religiões e confissões, um referencial

---

<sup>323</sup> FERNANDES, Silvia Regina Alves. Coleção CERIS. *Mudança de Religião no Brasil – Desvendando sentidos e motivações*. Brasília: CNBB, 2006. p. 50.

<sup>324</sup> COMBLIN, José. *Pastoral Urbana – o dinamismo na evangelização*. p. 21-22.

<sup>325</sup> FILHO, O. Novas doutrinas: religião. Caderno Mais do jornal *Folha de São Paulo*, 13.10.2002.

<sup>326</sup> DOCUMENTOS DA CNBB, *Evangelização e Missão Profética da Igreja – Novos Desafios*, nº 80. p. 49.

humanista, macroecumênico, indo além do seu reduto estritamente católico. A fé é chamada a engajar-se num discurso interdisciplinar e transdisciplinar, tão próprio da cidade moderna.<sup>327</sup>

A fé cristã católica é uma entre muitas propostas, mas cabe-lhe fazer a sua usando todas as possibilidades disponíveis que a cidade oferece. “Dizei à luz do dia o que vos digo na escuridão, e proclamai de cima dos telhados o que vos digo ao pé do ouvido” (Mt 10,27). O cristão católico é chamado, é incitado a assumir pessoalmente sua decisão de fé em meio e a um pluralismo religioso crescente.<sup>328</sup> *“A cultura contemporânea, que oferece uma diversidade tão grande de credos, necessita de uma identidade cristã mais firme, de convicções pessoais. Só assim os cristãos católicos podem ser luz para a sociedade: se tiverem consciência da sua própria fé e conhecerem as implicações de que dela decorrem”*.<sup>329</sup>

#### **4. Algumas perspectivas para a missão na cidade**

##### **4.1. Opção pela Periferia da cidade na continuidade da Opção pelos pobres**

A exclusão é uma das principais características do processo atual da globalização, gerando carências e todo tipo de pobreza. Os pobres são a imensa maioria da Igreja. Os progressos econômicos da globalização não se traduziram numa diminuição da pobreza, pelo contrário, esta aumentou. Os pobres cada dia são mais e sua marginalização transformou-se em exclusão.

Nos bolsões de miséria, viver é um desafio contínuo, pela falta de saneamento básico, de áreas verdes e de lazer, de meios de transporte coletivo suficientes. Escolas públicas sucateadas, serviços de saúde ineficazes, moradias precárias fazem com que, para grande parte da população, morar seja uma necessidade e não um prazer.<sup>330</sup>

---

<sup>327</sup> LIBANIO, João Batista. *As lógicas da cidade: o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*. p. 82.

<sup>328</sup> Ibidem. p. 87.

<sup>329</sup> Palavra do cardeal Dom Cláudio Hummes, Prefeito da Congregação para o Clero. In: *O SÃO PAULO*, 5 de junho de 2007, p. B2.

<sup>330</sup> LORO, Tarcísio Justino. Op. cit. p. 115-116.

Esta situação alarmante faz com que a missão da Igreja continue fazendo uma opção preferencial pelos pobres, dando continuidade, assim, aos apelos de Puebla e Medellín. “*Voltar-se para a Periferia é retomar a linha traçada pelo Vaticano II e depois aprofundada pela América Latina e pelo Brasil*”.<sup>331</sup>

Frente à globalização excludente, a missão da Igreja quer fazer presente o Reino de Deus, traduzido em ações concretas que promovam a paz e a justiça social na sociedade.<sup>332</sup> Na condição de Igreja de todos, a Igreja quer ser Igreja dos pobres, dos menos favorecidos, dos oprimidos, dos que estão por morrer antes do tempo.<sup>333</sup>

O que perde a Igreja sem os pobres? Sem os pobres a Igreja praticamente perde tudo: perde sua universalidade, tornando-se uma Igreja de elite, Igreja das minorias. Perde o sentido da história e sua função de fermentação do mundo, permanecendo então à margem da marcha dos homens e mulheres do nosso tempo, como um ghetto ou “reserva etnológica”. Perde a força da encarnação no mundo, do enraizamento na realidade concreta e dolorosa das maiorias sofredoras, pois só essas sentem e vivem o drama do mundo, reduzindo-se a uma Igreja perdida na atmosfera rarefeita de um espiritualismo desencarnado. Perde o vigor de sua unidade [...], de sua santidade [...], de sua catolicidade [...] e de sua apostolicidade [...]. Enfim, sem os pobres, a Igreja perde seu Senhor, que com eles se identificou e os fez juizes definitivos do mundo. Sem os pobres, a Igreja se perde simplesmente.<sup>334</sup>

A fé nos ensina que Deus vive na cidade, em meio a suas alegrias, desejos e esperanças, como também em meio a suas dores e sofrimentos. Hoje um dos setores mais pobres e necessitados da cidade, onde as alegrias e as esperanças, os sofrimentos e as dores estão mais presentes, é a sua periferia. As tristezas e angústias se fazem presentes na miséria,

<sup>331</sup> Entrevista concedida por Waldemar Rossi. São Paulo, 26 de abril de 2008.

<sup>332</sup> MAESTRO, Luís Maria. Missão Ad. Gentes e Globalização; Desafios para a Igreja no Brasil. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, nº 56 [jul./set.] 2006.

<sup>333</sup> GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. Eclesiologia de Comunhão. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, nº 53 [out./Nov.] 2005. p. 29.

<sup>334</sup> M. Grechi, Prefácio, in: CL. BOFF, J. PIXLEY. *Opção pelos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 15s.

na fome, no desemprego ou subemprego, na falta de moradia digna, nas péssimas condições de saúde e saneamento básico, na alta taxa de mortalidade infantil (apesar dos índices indicarem melhora) e, sobretudo, na falta de perspectiva, conforme mostram os mapas em anexo (p. 205).

O mandato particular do Senhor, que prevê a evangelização dos pobres, deve levar-nos a uma distribuição tal de esforços e de pessoal apostólico, que deve visar, preferencialmente, os setores mais pobres e necessitados...<sup>335</sup>

As cidades crescem desordenadamente, com perigo de se transformarem em megalópoles incontroláveis: é cada dia mais difícil oferecerem-se serviços básicos de alimentação, hospitais, escolas etc... exacerbando-se assim a marginalização social; cultural e econômica.<sup>336</sup>

Na periferia também está a esperança de uma cidade melhor, onde Deus seja o centro. Não podemos pensar em construir uma cidade sem Deus. *“Se Deus não constrói a casa, em vão trabalham os seus construtores; se Deus não cuida da cidade, em vão vigiam as sentinelas”* (Sl 17,1).

Toda a dependência que existe entre os cidadãos numa cidade deve se transformar em solidariedade fraterna, em convivência de paz e de fraternidade. A cidade deve ser para o homem e não o homem para a cidade.

A periferia da cidade deve ser um espaço de convivência solidária para todos os que nela moram, convivência que seja resultante de convergência de esforços para tornar toda a cidade sempre mais humana e também mais cristã. Deve ser muito clara a consciência de que é preciso humanizar a periferia para humanizar a cidade.

O último livro da Sagrada Escritura, o Apocalipse, apresenta-nos a cidade como deve ser, a nova Jerusalém, a cidade santa, obra de Deus e também obra dos homens que vivem o

---

<sup>335</sup> CONCLUSÕES DE MEDELLIN. *Pobreza da Igreja*. nº 3. p. 146.

<sup>336</sup> PUEBLA – *Conclusões*. 6ª ed. São Paulo: Loyola, 1979. nº 71 p. 104.

projeto de Deus. Por isso, a Igreja, assim como Jesus fez, deve se fazer presente nas periferias das cidades, junto aos pobres e denunciar todo desrespeito das cidades às suas periferias e aos seus pobres, alheias assim ao plano de Deus.

A Igreja quer situar-se, não vaga e simplesmente dentro do mundo, mas dentro de um determinado mundo, o submundo, aquele dos pobres e não homens.<sup>337</sup> Aí ela “busca uma forma de presença mais intensa e renovada na atual transformação da América Latina”.<sup>338</sup> Hoje esse submundo encontra-se na periferia da grande cidade. É uma presença *Kenótica* (esvaziada) de Deus, pois ele se fez presente no pobre e no marginalizado. Essa imagem de Deus funda-se na opção que Javé fez pelos pobres, simbolizados, naquela época pela viúva, pelo órfão e pelo estrangeiro.

[...] nossa consciência, como a de Jesus, permanece tributária de nosso lugar social e de nosso tempo histórico. Em Jesus, Deus acolheu preferencialmente os oprimidos, em cujo lugar social se encarnou e a partir do qual anunciou a universalidade de sua mensagem de salvação. Não houve, portanto, neutralidade. Jesus assumiu a ótica e o espaço vital dos pobres. Seu ponto de vista era a vista situada a partir de um ponto, o da promessa que ressoa como bem-aventuranças aos que injustamente foram privados da plenitude da vida.<sup>339</sup>

“Os marginalizados da Galiléia se caracterizam como aqueles que estão fora do sistema do templo, da lei (...) do sistema vigente. São Os “malditos”... que não conhecem a lei”(Jo 7,49). Essa marginalização manifesta-se na corporalidade, na materialidade das pessoas. O ser marginalizado do sistema do templo, da lei, é ser material e corporalmente marginalizado.<sup>340</sup>

Não há um Deus neutro e transcendente, puro em sua essência metafísica e em sua inacessibilidade meta-histórica, um Deus sem relação com suas criaturas e especificamente

<sup>337</sup> BOFF, Leonardo. *A fé na Periferia do Mundo*. Petrópolis: vozes, 1978. p. 82.

<sup>338</sup> CONCLUSÕES DE MEDELLIN. *Introdução*. p. 8.

<sup>339</sup> BETTO, Frei. *A mosca azul – Reflexão sobre o Poder*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006. p. 289.

<sup>340</sup> CAMPOS, Pe. Dr. Manuel do Carmo da Silva. Princípio da destinação dos bens da Igreja. Contribuição Moral Social para o Acesso aos Bens aos Pobres. *Revista de Cultura Teológica*. São Paulo. nº 18. p.21. [jan/mar] 1997.

com os pobres. O único Deus que convoca a Igreja e que é Senhor dela é o Deus da vida, o Deus dos pobres.

O fato de que Deus seja um Deus da vida tem que passar por uma verificação histórica, que consiste em dar vida àqueles que se encontram secularmente privados de vida. É por isso que os pobres aparecem como seus destinatários privilegiados (Mt 5,3; Lc 6,20).

A Igreja sempre se preocupou com os pobres. Esta opção não se limita a uma dimensão assistencial ou promocional. Assume uma dimensão profética transformadora contra o sistema socioeconômico injusto e excludente que, como dizia João Paulo II, “*gera mecanismos que por estarem impregnados não de autêntico humanismo, mas de materialismo, produzem ricos cada vez mais ricos às custas de pobres cada vez mais pobres*”.<sup>341</sup>

Na atual conjuntura, o fato maior é, sem dúvida, o cruel predomínio de uma férrea lógica de exclusão, o clima de indiferença anti-solidária que a sustenta e, em decorrência, o fato de uma imensa massa sobrando de seres humanos descartáveis ter passado a ser vista como lixo da história.<sup>342</sup>

O universo dos pobres e insignificantes se apresenta como o mundo do outro. Trata-se de um compromisso com pessoas concretas que têm suas relações sociais em um determinado âmbito cultural e religioso, de costumes, de maneiras de pensar e de orar.<sup>343</sup> Esse mundo na cidade se faz presente, de um modo muito próprio, na sua periferia.

A solidariedade com o pobre supõe entrar neste mundo (no caso no mundo das periferias das cidades), processo largo e difícil, mas necessário para um verdadeiro compromisso. Indo ao mundo dos pobres, no processo de sair de nosso caminho e aproximarmos do outro, compreendem-se as diferentes dimensões da opção preferencial pelo

<sup>341</sup> LUSI, Carmem. *A missão da Igreja no contexto da mobilidade humana*. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 9.

<sup>342</sup> ASSMANN, Hugo. *Crítica à lógica da Exclusão*. Ensaios sobre Economia e Teologia. São Paulo: Paulus, 1994. p. 129.

<sup>343</sup> MERINO, Gustavo Gutiérrez. *Seguimento de Jesús y opción por el pobre*. In: *Religião & Cultura – Departamento de Teologia e Ciências da Religião – Puc – SP. O Futuro do Cristianismo Latino-Americano*. São Paulo: Paulinas, 2007. p.139.

pobre: espiritual, teológica e evangelizadora. Com efeito, elas supõem o que o Evangelho chama uma conversão, uma metanóia, que significa deixar um caminho e tomar outro.<sup>344</sup>

Esse caminho de encontro com o outro nas periferias das cidades, nas situações e feições concretas, é na verdade um encontro com o próprio Cristo.

Esta situação de extrema pobreza generalizada adquire, na vida real, feições concretíssimas, nas quais deveríamos reconhecer as feições sofredoras de Cristo, o Senhor (que nos questiona e interpela).<sup>345</sup>

Descobrir nos rostos sofredores dos pobres o rosto do Senhor (Mt 25,31-46) é algo que desafia todos os cristãos a uma profunda conversão pessoal e eclesial.<sup>346</sup>

Este caminho de conversão é um caminho de mentalidade e de vida, converter-se é uma condição, segundo os Evangelhos, para acolher o Reino de Deus. Vale para cada pessoa, mas inclui a Igreja em seu conjunto.<sup>347</sup>

Afirmamos a necessidade de conversão de toda a Igreja para uma opção preferencial pelos pobres, intuito de sua integral libertação.<sup>348</sup>

Estar com os pobres, caminhar com eles nas periferias das cidades, trata-se de caminhar com Jesus, é fazer uma experiência de Jesus nos mais sofridos e excluídos da cidade. *“Eu acredito na Igreja das bases, que está ao lado do povo, caminhando com ele e vivendo com ele suas angústias e sofrimentos”*.<sup>349</sup>

*“A missão leva ao dinamismo, ao diálogo, ao encontro, ao sair de si. As pessoas necessitadas são aquelas que Deus nos envia. A periferia das grandes cidades é um ambiente que apela pela missão”*.<sup>350</sup>

---

<sup>344</sup> Ibidem. p. 137; 140.

<sup>345</sup> PUEBLA. Op. cit. n° 31 p. 99.

<sup>346</sup> SANTO DOMINGO – *Conclusões*. São Paulo: Loyola, 1993. n° 178. p. 140.

<sup>347</sup> MERINO, Gustavo Gutiérrez. Op. cit. p.143.

<sup>348</sup> PUEBLA. Op. cit. n° 1134. p. 307.

<sup>349</sup> Palavra de Elaine Chaves Pinheiro, secretária da Pastoral Operária Nacional. In: *O SÃO PAULO*, 5 de junho de 2007, p. B4.

<sup>350</sup> Colocação de Dom Luciano Mendes de Almeida durante o 11° Encontro Nacional de Presbíteros. In: *O SÃO PAULO*, 7 de fevereiro de 2006, p. 12.

A missão da Igreja é levar a periferia das cidades à fé no Deus da vida, no Cristo ressuscitado que traz a esperança da vitória da vida sobre a morte. É a esperança de uma realidade melhor, mais humana, mais justa, mais fraterna, mais solidária. É a esperança que muitas vezes está perdida diante das dificuldades da vida, do abandono, da indiferença que se fazem presentes na periferia das cidades. *“A Igreja terá tanto maior credibilidade na sua ação evangelizadora, quanto mais for uma Igreja simples, despojada, e que vive, não obstante todas as limitações que nos acompanham, o mistério do Verbo encarnado”*.<sup>351</sup>

Foi essa opção pelo pobre na periferia da cidade - vendo nesta realidade a presença do rosto sofrido de Cristo e levando a esperança da vitória da vida - que caracterizou a Operação Periferia e que nos mostra a necessidade de trilharmos esse caminho na atualidade, pois as realidades de sofrimento e de exclusão em todos os sentidos se fazem cada vez mais gritantes nas periferias de nossas cidades. É preciso que o Evangelho chegue a essa realidade, a essas pessoas para que possam buscar através da fé uma vida mais digna e plena, pois este é o desejo de Deus assumido plenamente em Jesus Cristo. *“Eu vim para que todos tenham vida, e a tenham em abundância”*.(Jo10, 10). *“Para que a evangelização esteja sobre os telhados, como Jesus dizia, é necessário que a gente vá até o povo”*.<sup>352</sup>

#### **4.2. Valorização da cultura e da religiosidade dos migrantes presentes na cidade, em especial na Periferia, como meio de Evangelização**

As rápidas e profundas transformações que caracterizam o mundo de hoje, particularmente no Hemisfério Sul, influem decididamente no quadro missionário. Entre as grandes transformações do mundo contemporâneo, as migrações produziram um novo fenômeno. Criam-se novas ocasiões para

---

<sup>351</sup> Entrevista concedida por Dom Angélico Sândalo Bernardino. Itaci, 8 de abril de 2008.

<sup>352</sup> Entrevista concedida por Dom Francisco Manuel Vieira. Osasco, 2 de maio de 2008.

contatos e intercâmbios culturais, esperando da Igreja o acolhimento, o diálogo, a ajuda, numa palavra, a fraternidade.<sup>353</sup>

A Operação Periferia na sua opção pelos pobres fez também uma clara opção pelos migrantes presentes na periferia da cidade de São Paulo. Fez uma opção pela valorização da cultura e religiosidade desses migrantes.

A migração é um fenômeno de todos os tempos, mas tem conhecido, nestas últimas décadas, uma grande explosão fomentada pelo contexto de crescente globalização e por várias causas como o êxodo rural.

Cresce paralelamente a civilização urbana, não só pela multiplicação de cidades e de seus habitantes, mas também pela expansão do modo de vida urbana às zonas rurais. Não é de se menosprezar o fato de que os homens, levados à emigração por vários motivos, transformem o sistema de sua vida.<sup>354</sup>

Nesse contexto da migração na periferia da cidade torna-se presente a questão da cultura e da religiosidade desses migrantes que devemos valorizar e que se tornam meio para uma ação missionária.

Trata-se de promover uma Igreja que saiba ser espaço para que os migrantes possam “rever a fé de um batismo inscrito no universo cultural de seu lugar de origem” e, ao mesmo tempo, “dar-lhes os meios para viver a própria fé em novo contexto cultural”. Deve-se considerar o migrante como alguém que nos completa e enriquece. É uma opção pelo outro e pela aceitação recíproca, onde a única atitude possível é a do diálogo.<sup>355</sup>

É possível resumir a formação dialética da identidade pela afirmação de que o indivíduo se torna aquilo que os outros o consideram quando tratam com ele. Pode-se acrescentar que o indivíduo se apropria do mundo em

---

<sup>353</sup> JOÃO PAULO II – *Encíclicas* – Edição Comemorativa do Jubileu de Prata do Pontificado 1978-2003-Encíclica *Redemptoris Missio*. São Paulo: LTr, 2003. n° 37. p. 337.

<sup>354</sup> COMPÊNDIO VATICANO II – Constituições, Decretos e Declarações: Constituição Pastoral “*Gadium et Spes*”. n° 6. p. 148.

<sup>355</sup> LUSSI, Carmem. Op. cit. p. 11; 58-59.

conversação com os outros e, além disso, que tanto a identidade como o mundo permanecem reais para ele enquanto ele continua a conversação.<sup>356</sup>

A cultura da cidade que recebe e a dos migrantes devem ser consideradas incompletas. Através do encontro e da comunicação respeitosa podem enriquecer-se reciprocamente. Neste sentido, a missão de evangelizar é um processo educativo, oblato e dialogal. Atinge a totalidade do ser humano, trabalha com o homem e a mulher concretos e abrange o seu contexto social, cultural e religioso.<sup>357</sup>

Condição para isso é o reconhecimento que o outro (migrante) é igual e, ao mesmo tempo, tem dons e experiências diferentes para oferecer.<sup>358</sup> A experiência de Deus emerge quando se leva até as últimas raízes a relação eu-tu, Deus é percebido como Tu absoluto.<sup>359</sup> Entre as experiências que os migrantes trazem do seu lugar de origem estão as suas expressões de convivência, suas festas e sua religiosidade.

Os migrantes possuem um traço da Igreja-mãe, confiando aos indivíduos e aos grupos uma série de formas litúrgicas e organizativas, instrumentos para codificar e atribuir “valores semânticos cristãos” a determinadas expressões culturais e antropológicas, recursos psicológicos, sociais e espirituais para enfrentar as situações difíceis ou conflitantes. “Há um sentido de perda por aquilo que foi deixado para trás, mas o que se abandonou continua, fundamentalmente, presente nos migrantes, plasmando-lhes o eu e a identidade mais íntimos”.<sup>360</sup>

Nas periferias das grandes cidades, em particular na periferia de São Paulo, encontramos migrantes vindos de toda parte do País, principalmente nordestinos e estes trazem do seu lugar de origem uma série de expressões culturais (danças, comidas típicas,

---

<sup>356</sup> BERGER, L. Peter. *O dossel sagrado. Elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985. p. 29.

<sup>357</sup> ABREU, Pe. Paulo de. Pressupostos para uma experiência evangelizadora inculturada. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo: Paulinas, nº 57, p. 83 [out/dez] 2006.

<sup>358</sup> LUSSI, Carmem. Op.cit. p. 11.

<sup>359</sup> BOFF, Leonardo. Formas de experimentar Deus hoje. *Revista Vida Pastoral*, São Paulo, nº 207, p. 23 [jul/ag] 1999.

<sup>360</sup> LUSSI, Carmem. Op. cit. p. 51; 112.

etc), podemos aqui citar como exemplo a experiência de alguns bairros da periferia da Arquidiocese de São Paulo: Rincão (Paróquia São Luiz Maria de Monfort), Jardim Elba (Paróquia Nossa Senhora das Graças), Vila Industrial (Paróquia São Pedro), onde a Pastoral do Migrante promove a Festa dos Migrantes, na maioria nordestinos, com comidas típicas, forró e valorização cultural, em contraposição à discriminação e preconceito que os mesmos vivenciam na cidade. Também há o trabalho com jovens migrantes e /ou filhos de migrantes, são grupos de dança, capoeira, teatro que têm resgatado a auto-estima destes jovens num momento de estreitamento de perspectivas e aumento da violência.

Também as expressões religiosas devem ser valorizadas (Reisados, Rosários, Festa do Divino, Peregrinações, Devoção aos Santos mais populares, Santo Antônio, São João e São Pedro) as Devoções Marianas nas suas diversas expressões, como outras que ainda se discutem como a devoção ao Padre Cícero, Frei Damião, mas que estão presentes na religiosidade do povo nordestino. É a chamada religiosidade popular.

O Santo Padre destacou a “rica e profunda religiosidade popular, na qual aparece a alma dos povos latino-americanos”, e a apresentou como “o precioso tesouro da Igreja Católica na América Latina”. Convidou a promovê-la e a protegê-la. Essa maneira de expressar a fé está presente de diversas formas em todos os setores sociais, em uma multidão que merece nosso respeito e carinho, porque sua piedade “reflete uma sede de Deus que somente os pobres e simples podem conhecer”. A “religião do povo latino-americano é expressão da fé católica. É um catolicismo popular”, profundamente inculturado, que contém a dimensão mais valiosa da cultura latino-americana.

Não podemos desvalorizar a espiritualidade popular ou considerá-la como modo secundário da vida cristã, porque seria esquecer o primado da ação do Espírito e a iniciativa gratuita do amor de Deus.

A piedade popular é uma maneira legítima de viver a fé, um modo de se sentir parte da Igreja e uma forma de ser missionário... É parte de uma

“originalidade histórica cultural” dos pobres..., e fruto de “uma síntese entre as culturas e a fé cristã”.<sup>361</sup>

A Igreja deve ser acolhedora para com os migrantes com sua cultura e religiosidade.

O valor em jogo é o caráter popular da Igreja, enquanto contraposto ao elitismo; e dentro desta popularidade, trata-se do valor da acolhida. É objetivo pastoral, absolutamente primário, que a comunidade eclesial seja acolhedora para com todos, uma vez que a Igreja é necessária para todos. Apesar de que o problema da acolhida não se resolve somente em oportunas estruturas comunitárias, certamente essas permanecem importantes. Não se pode reduzir tudo ao empenho dos indivíduos e de sua boa vontade. Por si só, uma comunidade de pessoas, acolhedora para com todos, é a melhor candidata a uma riqueza interna de carismas e de manifestações bem personalizadas da existência cristã.<sup>362</sup>

O migrante na cidade deve ser enquadrado dentro do amplo quadro da missão no horizonte do serviço ao Reino. A partir da visão da missão a serviço do Reino e da constatação de que ele cresce de forma singular e converge nas diferentes culturas, pode-se dizer que os migrantes são profetas da universalidade e construtores da comunhão na diversidade.

Desenvolvendo sua atividade missionária no meio dos povos, a Igreja encontra várias culturas, vendo-se envolvida no processo de inculturação. Esta constitui uma exigência que marcou todo seu caminho histórico, mas hoje é particularmente aguda e urgente.<sup>363</sup>

Os migrantes são reveladores do projeto de Deus para a humanidade. Projeto que se inspira no mistério trinitário: unidade na diversidade. É o êxodo que se renova na busca de libertação. Neste sentido, hoje, os migrantes podem jogar um papel importante no anúncio da

---

<sup>361</sup> DOCUMENTO DE APARECIDA – *Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. 2ª ed. Brasília: CNBB, 2007. n° 258; 263; 264. p. 120; 122 -123.

<sup>362</sup> LUSSI, Carmem. Op. cit. p. 61.

<sup>363</sup> JOÃO PAULO II. Op. cit. Encíclica *Redemptoris Missio*. n° 52. p. 347.

Boa Notícia do Reino e na consolidação de uma Igreja comunhão e instrumento de reconciliação.<sup>364</sup>

A Igreja na periferia da cidade assim se torna tenda que se amplia e se abre sempre mais. A Igreja se torna o lugar do diálogo intercultural, o espaço onde o espírito de Jesus reúne as diferentes culturas para que elas possam escutar-se, romper os estereótipos, reconhecer e celebrar a dignidade e humanidade do outro, superando a imposição de modelos culturais que querem suprimir as diversidades culturais.

O Evangelho, e conseqüentemente a Evangelização, não se identificam por certo com a cultura, e são independentes em relação a todas as culturas. E, no entanto, o reino que o evangelho anuncia é vivido por homens profundamente ligados a uma determinada cultura, e a edificação do reino não pode deixar de servir-se de elementos da civilização e das culturas humanas.<sup>365</sup>

Ao mesmo tempo a Igreja oferece oportunidades para que os migrantes possam viver suas expressões de convivência, suas festas e sua religiosidade, sobretudo lá onde a sociedade, de forma particular na periferia das grandes cidades, impõe obstáculos a esta vivência ou oferece opções alienantes e individualistas.

A acolhida é a experiência originária da Igreja. De fato, essa é constituída como Igreja, como comunidade de fé num ato de acolhida e existe porque foi acolhida pela misericórdia do Pai. Sendo isso verdade, a acolhida reservada aos outros (migrantes) então não é algo acrescentado a seu ser, uma experiência, em certo sentido secundária ao seu constituir-se, mas é somente a expansão natural daquilo que é o seu ser mais profundo e íntimo.<sup>366</sup>

---

<sup>364</sup> LUSSI, Carmem. Op. cit., p.11.

<sup>365</sup> PAULO VI. Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*. Documentos de Paulo VI. São Paulo: Paulus, 1997. n° 20.

<sup>366</sup> LUSSI, Carmem. Op. cit. p. 40.

### 4.3. Criação e fortalecimento de pequenas comunidades

O existir-para-o-outro não é nem último, nem o objetivo, nem sequer a liberdade mesma. É o caminho, isso sim, é o único caminho, que conduz ao existir-com-os-outros. Que Cristo tenha morrido por nós tem seu fim e seu futuro no fato de que Ele está conosco e nós rimos, vivemos e reinamos com Ele. O existir-para-os-outros no amor vicário tem como finalidade o estar alguma vez com os outros na liberdade. Dar pão aos famintos no mundo tem como finalidade o comer seu pão com todo o mundo. Se não é esta a finalidade, a assistência é só uma nova forma de domínio... O existir-para-o-outro é o modelo de redenção da vida. O existir-com-o-outro é a forma da vida mesma salva e livre.<sup>367</sup>

O Concílio Vaticano II diz: *“O homem é, com efeito, por natureza íntima, um ser social. Sem relações com os outros, não pode nem viver nem desenvolver seus dotes”*.<sup>368</sup>

A vida humana necessita da comunicação natural e social, e existe somente nisso. Vida é relação. A cidade quebra a relação entre as pessoas, exacerba o individualismo, *“... se caracteriza pela auto-referência do indivíduo, que conduz à indiferença pelo outro, de quem não necessita e por quem não se sente responsável”*.<sup>369</sup>

A concentração urbana rompe definitivamente os espaços humanos de relacionamento. A cidade separa as pessoas, isola-as em bairros, em conjuntos habitacionais superpopulosos mas sem relações. O anonimato se torna defesa necessária de um mínimo de privacidade.<sup>370</sup> Ao mesmo tempo, há uma sede de relações pessoais. Nesse conjunto de desafios, muitos procuram a comunidade, grupos de referência e associações que venham ao encontro da natural necessidade humana de descobrir um ambiente de relações afetivas

---

<sup>367</sup> LIBANIO, João Batista. *Olhando para o Futuro: Prospectivas teológicas e pastorais do Cristianismo na América Latina*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 229-230.

<sup>368</sup> COMPÊNDIO VATICANO II. Op. cit. Constituição Pastoral *“Gadium et Spes”*. nº 238. p. 154.

<sup>369</sup> DOCUMENTO DE APARECIDA. Op. cit. nº 46. p. 33.

<sup>370</sup> LIBANIO, João Batista. Op. cit. p. 230.

satisfatórias e de real significação existencial.<sup>371</sup> Despontam em toda a parte um surto comunitário.

A este fenômeno de surto comunitário acrescentem-se as novas possibilidades oferecidas pelo desenvolvimento das ciências e pelas técnicas da comunicação, da informática. Abrem-se possibilidades novas no sentido de conectarem-se grupos humanos isolados dentro de uma grande cidade pela via de rede de comunicação.<sup>372</sup>

Acontece que na vida moderna, com o desenvolvimento intelectual e crítico crescente, com a tendência para o desenvolvimento da personalidade, numa cultura de competição em que cada um deve ir até o extremo das suas possibilidades, a comunidade deve ser repensada totalmente.<sup>373</sup> A comunidade constitui um objetivo permanente da Igreja. A dimensão comunitária da Igreja encontra sua última fonte na comunidade trinitária, que criou o ser humano para ser comunidade, povo de Deus, Igreja cuja cabeça é o próprio Filho.<sup>374</sup> A tradição da Igreja afirma que a pessoa se realiza cabalmente e se salva na comunhão-Koinonia. Por isso faz da comunhão-Koinonia (com Deus e entre os seres humanos) a essência da salvação. Esta comunhão não se realiza sem a comunhão de um eu e de um tu em um nós.<sup>375</sup>

Na nova cultura urbana de hoje os desafios são grandes e quase tudo fica para ser inventado para pôr as pessoas em contato umas com as outras, para poderem reaprender um estilo de trabalho comunitário. No ambiente urbano não nasce espontaneamente uma comunidade. Tudo precisa ser construído.<sup>376</sup> A Igreja como comunidade deve ser criada a

---

<sup>371</sup> LORO, Tarcisio Justino. Op. Cit. p. 118.

<sup>372</sup> LIBANIO, João Batista. *As lógicas da cidade: o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*. p. 168.

<sup>373</sup> COMBLIN, José. *Cristãos Rumo ao Século XXI: nova caminhada de libertação*. p. 160.

<sup>374</sup> LIBANIO, João Batista. Op. cit. p. 167.

<sup>375</sup> SILVA, Ir. Maria Freire da. Trindade e o Equilíbrio Humano-Cosmológico. *Revista de Cultura Teológica*. nº 57. p. 47; 48.

<sup>376</sup> COMBLIN, José. Op. cit. p. 161.

cada momento. Uma comunidade só existe enquanto as pessoas participam e vivem dela, para ela. Ela está sempre se autoconstruindo, se autoproduzindo.<sup>377</sup>

A experiência mostrou que é quase impossível viver a vida cristã sem ligação com um grupo, uma comunidade. Outrora todos os cristãos pertenciam a um grupo e a uma paróquia, abrangendo de 300 a 500 habitantes, que permitiam o contato direto entre as pessoas. A partir da formação das grandes cidades modernas, no século XX, muitos católicos ficaram desligados de qualquer grupo ou comunidade. Por sinal a estrutura paroquial não está adaptada às pessoas da cidade.<sup>378</sup>

No caso de nossas paróquias, a impossibilidade absoluta de os padres terem conhecimento pessoal dos milhares de fiéis a eles confiados aumenta a sensação de distância, de massificação. A paróquia transforma-se numa instância de serviços burocratizados, onde o contato pessoal deixa muito a desejar.<sup>379</sup>

Um dos maiores desejos que se têm expressado nas Igrejas da América Latina e do Caribe, motivando a preparação da V Conferência Geral, é o de uma valente ação renovadora das Paróquias, a fim de sejam de verdade:

Espaços de iniciação cristã, da educação e celebração da fé, abertas à diversidade de carismas, serviços e ministérios, organizadas de modo comunitário e responsável, integradoras de movimentos de apostolados já existentes, atentas à diversidade cultural de seus habitantes, abertas aos projetos pastorais e supra-paroquiais e às realidades circundantes.<sup>380</sup>

Para a Igreja não se trata tanto de pregar o Evangelho a espaços geográficos cada vez mais vastos ou a populações maiores em dimensões de massa, mas de chegar atingir e como que a modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade,

---

<sup>377</sup> LIBANIO, João Batista. Op. cit. p. 168.

<sup>378</sup> COMBLIN, José. *Cristãos Rumo ao Século XXI: nova caminhada de libertação*. p. 163

<sup>379</sup> LIBANIO, João Batista. *As lógicas da cidade: o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*. p. 165.

<sup>380</sup> DOCUMENTO DE APARECIDA. Op. cit. nº 170. p. 86-87.

que se apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação.<sup>381</sup>

Essa perspectiva retoma a inspiração inicial que alimentou os primeiros cristãos. Os Atos dos Apóstolos descrevem-nos, ainda que de modo um pouco idealizado, a comunidade dos primeiros cristãos. Na Igreja primitiva, a estrutura é de pequenas comunidades e grupos que se adaptam às circunstâncias: em Jerusalém de um modo, em Antioquia de outro. Trata-se de estruturas pluralistas e descentralizadas, mais que têm um núcleo unificador que é Jesus de Nazaré. O Espírito impele o grupo dos crentes a “constituírem comunidades” a serem Igreja.

Esse testemunho das primeiras comunidades e o impulso do Espírito que motivaram a criação de várias comunidades durante a realização da Operação Periferia. As CEBs foram o modelo de pequena comunidade utilizado na Operação Periferia e que trouxe muitos frutos para a Igreja de São Paulo.

Nesta perspectiva as CEBs apareceram como um modelo de comunidade, escolas que têm ajudado a formar cristãos comprometidos com sua fé, discípulos e missionários do Senhor, como o testemunha a entrega generosa, até derramar o sangue, de muitos dos seus membros. Elas abraçam a experiência das primeiras comunidades, como estão descritas nos Atos dos Apóstolos (At 2, 42-47). Medellín reconheceu nelas uma célula inicial de estruturação eclesial e foco de fé e evangelização. Puebla constatou que as pequenas comunidades, sobretudo as comunidades eclesiais de base, permitiram ao povo chegar a um conhecimento maior da Palavra de Deus, ao compromisso social em nome do Evangelho, ao surgimento de novos serviços leigos e à educação da fé dos adultos.<sup>382</sup>

As CEBs hoje, adaptadas aos novos tempos e aos novos desafios, continuam como um dos modelos de comunidade cristã, principalmente na periferia das grandes cidades. Mas é

---

<sup>381</sup> PAULO VI. Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*. Documentos de Paulo VI. nº 19.

<sup>382</sup> DOCUMENTO DE APARECIDA. Op. cit. nº 178. p. 90-91.

preciso ir além, é preciso criar novas pequenas comunidades, *novos lugares de comunhão*<sup>383</sup>, grupos de cristãos que se reúnem, quer por proximidade de moradia: mesma rua, mesma viela etc; livremente por interesses: política, ecologia, ética etc; quer por afinidades: nas periferias os migrantes que se reúnem pela afinidade de pertencerem a uma mesma região do País; quer por grupos profissionais: médicos, engenheiros, psicólogos, professores, advogados, assistentes sociais, etc. “*Deve haver muitas expressões de vida eclesial*”.<sup>384</sup> “*Nós precisamos ir nos congregando em comunidades, é o momento de valorização das pequenas comunidades*”.<sup>385</sup>

O indivíduo cristão faz nelas uma experiência comunitária, onde ele próprio se sente um elemento ativo, estimulado a dar a sua colaboração para proveito de todos.<sup>386</sup>

O ser humano que vive na cidade grande não acredita mais em nada do que é imposto como verdade inapelável e eterna, ninguém está preocupado com a correção dos enunciados dogmáticos. Mas se a pessoa experimenta algo que dê sentido a sua vida, e que possa partilhar com quem vai se reunir, aí as normais morais, as verdades de fé têm onde aterrissar (São assimiladas).<sup>387</sup>

O indivíduo se torna membro de uma comunidade, nova criatura, pois a finalidade da comunidade é o crescimento como pessoa. Tudo alimentado pela Eucaristia, a Palavra e a Oração. É o desafio de abrir novo espaço de eclesialidade viva para as pessoas de cultura urbana.

Torna-se urgente reconstituir, ao nível de rua, de bairro, ou de aglomerado ainda maior, aquela rede social em que o homem possa satisfazer as necessidades da sua personalidade. Devem ser criados centros de interesse

<sup>383</sup> Cf: Capítulo nº 5 do Documento de Aparecida.

<sup>384</sup> Entrevista concedida por Dom Pedro Luiz Stringhini. São Paulo, 9 de maio de 2008.

<sup>385</sup> Entrevista concedida por Dom Angélico Sândalo Bernardino. Itaiçi, 8 de abril de 2008.

<sup>386</sup> JOÃO PAULO II. Op. cit. Encíclica “Redemptoris Missio”. nº 51. p. 346.

<sup>387</sup> Colocação da Teóloga Maria Clara Bingemer durante Seminário Latino-Americano de Teologia. In: *O SÃO PAULO*, 22 de maio de 2007, p. B2.

e de cultura, ou desenvolvidos se já existem, ao nível das comunidades e das paróquias, naquelas diversas formas de associação, naqueles círculos de recreação, naqueles lugares de reunião, naqueles encontros espirituais comunitários, etc., em que cada um possa sair do isolamento e tornar a criar relações fraternas.<sup>388</sup>

Essas pequenas comunidades permitem uma nova experiência de Deus.

Então, me parece que o principal desafio da Igreja nas cidades grandes é provocar, facilitar uma experiência de Deus". Talvez tenhamos que ser abertos a encontrar novas linguagens, novas formas de aglutinação, novas convocatórias.<sup>389</sup>

Ao mesmo tempo estas comunidades interligam-se entre si por meio de encontros maiores, visitas, celebrações, atividades comuns, tomam consciência de que fazem parte de um corpo maior, tomam consciência da eclesialidade católica que vem da Palavra de Deus e do mesmo credo. A pequena comunidade deve ser considerada como Igreja universal na medida em que se dá, se oferece e se testemunha a salvação universal de Deus Pai, na mediação de Jesus Cristo e da presença do Espírito Santo. Vivem a mesma fé, amor e esperança.

As pequenas comunidades dão fruto, tendo na Eucaristia o centro de sua vida e na Palavra de Deus o farol de seu caminho e de sua atuação na única Igreja de Cristo.<sup>390</sup> Com isso, supera-se a solidão humana e religiosa, existente na cidade, através da pequena comunidade, mas também não se perde a consciência da grande tradição eclesial, garantida pela mesma fé, pela mesma escritura e pela mesma viabilização institucional.<sup>391</sup>

---

<sup>388</sup> Carta Apostólica *Octagesima Adveniens*. nº 11.

<sup>389</sup> Colocação da Teóloga Maria Clara Bingemer durante Seminário Latino-Americano de Teologia. In: *O SÃO PAULO*, 22 de maio de 2007, p. B2.

<sup>390</sup> DOCUMENTO DE APARECIDA. Op. cit. nº 180. p. 92.

<sup>391</sup> LIBANIO, João Batista. *Olhando para o Futuro: Perspectivas teológicas e pastorais do Cristianismo na América Latina*. p. 233.

A nova evangelização tem como finalidade formar pessoas e comunidades maduras na fé e dar respostas à nova situação que vivemos, provocada pelas mudanças sociais e culturais da modernidade.<sup>392</sup>

A criação e o fortalecimento das pequenas comunidades vêm ao encontro do pressuposto de que os leigos assumem cada vez maior relevância, porque eles estão bem mais inseridos no mundo, e assim são uma consciência e voz cristã mais facilmente audível.<sup>393</sup> É o fortalecimento do protagonismo do leigo. *“Os leigos são Igreja. A Igreja age e está presente no mundo através de seus leigos”*.<sup>394</sup>

Vos sois a raça eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo de sua particular propriedade, a fim de que proclameis as exigências daquele que vos chamou das trevas a sua luz maravilhosa...(1Pd 2, 9-10)

A Igreja não se acha deveras consolidada... se ai não existe um laicato de verdadeira expressão que trabalhe com a hierarquia... prontifiquem-se os leigos, se possível, para, em mais estreita cooperação com a hierarquia, executar uma missão especial de anunciar o Evangelho e transmitir a doutrina cristã...<sup>395</sup>

As pequenas comunidades ajudam o leigo a recuperar a consciência de sua missão, como batizado, de ser agente responsável de transformação no mundo e na Igreja. Na Região Belém a experiência de algumas novas comunidades, vindas dos movimentos eclesiais tem sido interessante. *“Essas pequenas novas comunidades têm o valor de serem dirigidas pelos leigos, eles nem têm noção do protagonismo dos leigos, mas vivem esse protagonismo, e os padres e o bispos têm que aprender a conviver e a respeitar, ou então não teríamos o direito de falar em protagonismo dos leigos”*.<sup>396</sup>

Todos formamos um só Povo de Deus: igual dignidade, a mesma Graça, comum vocação, sem distinção alguma nem condição. A mesma vocação chama todos à plenitude da vida

<sup>392</sup> SANTO DOMINGO – *Conclusões*. São Paulo: Loyola, 1993. nº 26. p. 79.

<sup>393</sup> LIBANIO, João Batista. Op. cit. p. 239.

<sup>394</sup> Palavra de Dom Odilo Pedro Scherer, Arcebispo de São Paulo. In: *O SÃO PAULO*, 5 de junho de 2007, p.B4.

<sup>395</sup> COMPÊNDIO VATICANO II. Op. cit. Decreto *“Ad Gentes”*. nº. 21. p. 378; 379.

<sup>396</sup> Entrevista concedida por Dom Pedro Luiz Stringhini. São Paulo, 9 de maio de 2008.

cristã e à perfeição da caridade. “*Os ministérios têm que explodir na nossa Igreja, leigos e leigas precisam receber uma adequada formação, precisamos ser uma Igreja eletrizantemente missionária*”.<sup>397</sup>

Pelo batismo, foram incorporados a Cristo, constituídos em Povo de Deus e a seu modo feitos partícipes do múnus sacerdotal, profético e régio de Cristo, pelo que exercem sua parte na missão de todo povo cristão na Igreja e no mundo.<sup>398</sup>

Enfim, as pequenas comunidades não se constituem em vista simplesmente de seus membros, mas para a missão e para uma presença pública da Igreja no mundo de hoje, especialmente na cidade. A comunidade é pensada em vista do Reino, como sinal que aponta para sua presença no mundo para além da própria comunidade. A comunidade é chamada a ser comunidade para ser enviada. Existe para ser ministra do plano de Deus no mundo. Situa-se na humildade de “serva inútil” “Assim, também vós, quando tiverdes feito tudo que vos foi mandado, dizei: Fizemos apenas o que tínhamos de fazer” (Lc 17,10).

O ponto que Jesus mais insiste é a reconstrução da vida comunitária. A experiência de Deus como Pai é a raiz do anúncio do Reino, ela gera uma prática nova. Se Deus é como Pai, somos todos irmãos e irmãs. A comunidade deve ser como o rosto acolhedor e amoroso de Deus, transformado em Boa-Nova para o povo.<sup>399</sup>

A Igreja na cidade terá o rosto que lhe dermos como comunidade. Esta será o que fizermos dela.<sup>400</sup> O desafio consiste em formar comunidades missionárias, compostas de pessoas que se reconhecem como enviadas do Senhor.<sup>401</sup> Onde a comunidade sustente a missão e a missão dinamize permanentemente a comunidade.

<sup>397</sup> Entrevista concedida por Dom Angélico Sândalo Bernardino. Itaici, 8 de abril de 2008.

<sup>398</sup> Idem. Constituição Pastoral “*Lumen Gentium*”. n° 31. p. 77.

<sup>399</sup> SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO – SOTER (Org.). *Religião e Transformação Social no Brasil Hoje*. p. 109.

<sup>400</sup> LIBANIO, João Batista. *As lógicas da cidade: o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*. p. 168.

<sup>401</sup> SANTOS, Benedito Beni dos. *Discípulos e Missionários: reflexões teológico-pastorais sobre a missão na cidade*. p. 41.

#### 4.4. Pastoral de Conjunto: Uma Igreja de Comunhão e Partilha

A Palavra de Deus nos ensina que é por Jesus Cristo “*que todo corpo, coordenado e unido por conexões que estão ao seu dispor, trabalhando cada um conforme a atividade que lhe é própria, efetua este crescimento, visando a sua plena edificação na caridade*” (Ef 4,16).

... Ele instituiu, entre todos aqueles que o recebem pela fé e pelo amor, nova comunidade fraternal, em seu Corpo, que é a Igreja. Neles todos, membros uns dos outros, segundo a diversidade de dons que lhes são concedidos, devem ajudar-se mutuamente.<sup>402</sup>

Historicamente, a pastoral orgânica e de conjunto insere-se dentro do programa institucional proposto pelo Concílio Vaticano II, ainda que suas raízes provenham da experiência eclesial do início do século em algumas dioceses urbanas na Alemanha. E isso se deu à medida que se foi tomando consciência dos limites de uma ação, por um lado, confinada ao âmbito da paróquia, por outro, diluída numa universalidade generalizante.<sup>403</sup>

... a caridade pastoral não pode processar-se às cegas. O apóstolo não corre no encaço do incerto e bate no ar (1Cor 9,26). Hoje foge à acomodação e ao perigo do empirismo. Um sábio planejamento pode oferecer também à Igreja um meio eficaz e um incentivo de trabalho.<sup>404</sup>

Com o Plano de Emergência de 1962 e definitivamente com o Plano de Pastoral de Conjunto de 1965<sup>405</sup> a Igreja se ajusta à imagem da Igreja do Concílio Vaticano II “*Criar meios e condições para que a Igreja no Brasil se ajuste o mais rápida e plenamente possível à imagem de Igreja do Vaticano II*”.<sup>406</sup> Essa Igreja é uma Igreja de Comunhão.

A Igreja tem sua origem, seu sentido e sua meta no mistério de Deus-Trindade. Ela vem da Trindade, vive na Trindade e vai para a Trindade. Ela é na terra a imagem da Trindade

<sup>402</sup> COMPÊNDIO VATICANO II. Op. cit. Constituição Pastoral “*Gaudium et Spes*”. n° 32. p. 176.

<sup>403</sup> BRIGHENTI, Agenor. *Reconstruindo a Esperança – Como planejar a ação da Igreja em tempos de mudança*. São Paulo: Paulus, 2000. p.36.

<sup>404</sup> Discurso proferido pelo Papa Paulo VI ante os Bispos da América Latina, na audiência de 23 de novembro de 1965.

<sup>405</sup> O Plano de Emergência e o de Pastoral de Conjunto foram apresentados no 1º Capítulo desta dissertação.

<sup>406</sup> PLANO DE PASTORAL DE CONJUNTO. Rio de Janeiro: Dom Bosco, 1966. p. 25.

celeste. A Igreja é o ícone da Trindade. A comunhão perfeita das três pessoas divinas é a semente, a raiz, o tronco, a seiva da comunhão da Igreja. Poderíamos dizer que as três pessoas divinas são os primeiros membros da Igreja, o cerne da comunhão eclesial.

As três pessoas divinas são distintas entre si, numa distinção que não leva à divisão, mas sim à comunhão mais plena. Assim a Igreja como sinal da trindade deve se tornar sinal de comunhão. A Igreja, como presença de Jesus no mundo, a vida em comunidade deve ser experiência e testemunho de comunhão.

As três pessoas divinas comungam entre si o mesmo amor, a mesma liberdade e consciência, o mesmo poder e glória, numa comunhão que não anula as diferenças, que não reprime as distinções. *“A comunhão dos cristãos tem por modelo, fonte e meta, a própria comunhão do Filho com o Pai, no dom do Espírito Santo: unidos no vínculo amoroso do Espírito, os cristãos estão unidos ao Pai”*.<sup>407</sup>

O modelo da comunhão eclesial é, pois, a comunhão trinitária. É a partir da Trindade, como Deus único, mas constituído por três pessoas, distintas e complementares, que se realiza a comunhão na ação Pastoral. E como se traduz esta comunhão? O papa João Paulo II fala a partir da Carta aos Coríntios de uma comunhão orgânica: *“A Comunhão eclesial apresenta-se como uma comunhão orgânica, análoga à de um corpo vivo e operante”*.<sup>408</sup>

A Pastoral de Conjunto é, na verdade, uma Pastoral de Comunhão que faz da Igreja uma casa e escola de Comunhão. *“Fazer da Igreja a casa e a escola da Comunhão: eis o grande desafio que nos espera no milênio que começa, se quisermos ser fiéis ao desígnio de Deus e corresponder às mais profundas aspirações do mundo”*.<sup>409</sup>

A comunhão é, portanto, uma urgência de fidelidade aos desígnios de Deus. Não é uma coisa criada agora, nem resulta de uma simples necessidade de adaptação às novas

---

<sup>407</sup> DOCUMENTOS PONTIFÍCIOS – *Exortação Apostólica Christifideles Laici*. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 1989. nº 18. p. 32.

<sup>408</sup> *Ibidem*. nº 20. p. 35.

<sup>409</sup> JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte*. nº 43. 2ªed. São Paulo: Paulus e Vozes, 2001.

sensibilidades; ela faz parte da natureza mais profunda da Igreja. A Igreja é uma comunhão que existe em vista da missão.<sup>410</sup> Neste momento histórico em que vive ou a Igreja é testemunho de comunhão ou não vai ser verdadeiramente missionária. Isto define o aspecto fundamental da missão hoje: partir sempre da comunhão.

A comunhão acontece através do serviço, da partilha. Os cristãos tinham tudo em comum e dividiam seus bens com alegria servindo aos mais necessitados. (At 4,44).

A Igreja, logo nos seus primeiros dias, deu ao mundo uma lição de koinonia.<sup>411</sup> O que o texto sagrado diz é que não se trata apenas de compartilhar algo, mas também de unidade. “Coração” diz respeito ao centro da vida. “Alma” é a sede das emoções, fala dos mesmos afetos e sentimentos (Fp 2.2,3). Todos os crentes tinham o mesmo propósito, a mesma esperança, servindo o mesmo Senhor.

Os textos de Atos 2.42-47; 4.32-53 mostram uma Igreja de comunidades que se caracterizava pela comunhão, sinais sobrenaturais, solidariedade de seus membros, testemunho da ressurreição de Cristo, e pelo poder atuante do Espírito Santo na vida dos discípulos. Tais características são indispensáveis na vida da Igreja em todas as eras e em todos os lugares.

A solidariedade era algo generalizado nas primeiras comunidades. Isso era consequência da nova vida em Cristo. Muitos vendiam suas propriedades levando o dinheiro aos apóstolos. É bom sempre lembrar que essas doações eram voluntárias e a repercussão foi muito grande, pois naquela época havia muita pobreza na Cidade Santa. O trabalho social é também uma forma de evangelizar. Aliás, é essa a linguagem que o mundo entende (1 Jo 3.17). Essas doações foram necessárias para a sobrevivência da Igreja de Jerusalém, pois

---

<sup>410</sup> SANTOS, Benedito Beni dos. Op. cit. p. 47.

<sup>411</sup> Palavra grega que significa Comunhão.

estava começando e a pobreza do povo era extrema. Com esses recursos a Igreja era suprida e assim era possível assistir ao pobre que se convertia a Jesus (At 6.1).

Diante da realidade da cidade é necessária uma ação pastoral, visando a um grande projeto missionário, onde haja uma colaboração partilhada das comunidades. Devem desenvolver determinadas práticas, a fim de que a Boa-Nova, que é o anúncio do Evangelho, se torne boa realidade, sobretudo para os pobres.<sup>412</sup> Não é bom que vivam lado a lado como ilhas. A verdadeira comunhão começa onde termina o individualismo. E não se trata apenas de uma colaboração meramente ocasional para uma determinada iniciativa, mas de um laço de colaboração permanente e programado. Isto é indispensável para a vitalidade das próprias comunidades. “*A comunidade perde o gosto de ser Igreja se ela começa a olhar só pra ela*”.<sup>413</sup>

É necessário criar rede de múltiplos recursos: humanos, espirituais, culturais, pastorais, econômicos, para que seja vivida uma busca de colaboração que permita superar a dificuldade de cada comunidade, assim será possível realizar também uma valorização das competências, um intercâmbio de dons e ministérios, uma partilha e poupança de recursos, um reequilíbrio dos encargos de trabalho, tornando assim a Igreja na cidade mais forte e preparada para o desafio da sua missão.

O desafio da Igreja hoje é missão em comunhão. Uma missão que seja vivida na busca de todas aquelas colaborações entre as comunidades que permitam superar dificuldades que entravam a missão. “*É preciso que as paróquias mais estabilizadas, que têm melhores condições, elas decididamente se abram, saiam do gueto e tenham a alegria de assumir realmente comunidades na periferia, que haja uma desinstalação*”.<sup>414</sup>

---

<sup>412</sup> SANTOS, Benedito Beni dos. Op. cit. p. 50.

<sup>413</sup> Entrevista concedida por Dom Pedro Luiz Stringhini. São Paulo, 9 de maio de 2008.

<sup>414</sup> Entrevista concedida por Dom Angélico Sândalo Bernardino. Itaiçi, 8 de abril de 2008.

Esta postura põe em ação todas as energias de que o povo de Deus dispõe, valorizando-as na sua especificidade e, ao mesmo tempo, fazendo-as confluir em projetos comuns, pensados e definidos, programados e realizados em conjunto. Antes de querer concretizar comunhão há que se sentir e ser comunhão. *“O testemunho pode ser dado pela palavra, mas é principalmente uma atitude de vida, muitas vezes silenciosa. O mundo de hoje escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres, ou então, se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas”*.<sup>415</sup>

Um exemplo deste tipo de projeto entre comunidades é o que acontece hoje na Região Episcopal Belém da Arquidiocese de São Paulo, com o projeto Igrejas irmãs. *“O projeto Igrejas irmãs é a gente olhar para a Amazônia, olhar para a África, olhar para o Nordeste, mas também olhar para nossa periferia”*.<sup>416</sup>

As comunidades crescem nas periferias da Região Episcopal em número e em ações evangelizadoras, mas têm a dificuldade de ampliar suas ações, suas pastorais e suas celebrações por falta de espaço físico que melhor acomodem os fiéis que dela participam. Sentem a dificuldade financeira na formação dos agentes. Já as comunidades mais estruturadas, em seus espaços físicos, em sua condição financeira, presentes na Região, sentem a dificuldade de um dinamismo maior que se faz presente nas comunidades da periferia.

Neste sentido, o projeto visa que comunidades com mais recursos, sejam eles humanos, econômicos, espirituais, possam assumir comunidades mais carentes em especial na periferia da Região Episcopal que necessitem destes recursos, também na troca de experiência, de respeito e de valorização entre essas comunidades num compromisso fraterno e solidário. *“Um exemplo é a Paróquia Nossa Senhora do Bom Parto do Tatuapé que assumiu a comunidade Nossa Senhora do Carmo no extremo da periferia no Jardim Nova Conquista,*

---

<sup>415</sup> PAULO VI. *Evangelii Nuntiandi* n° 41. Documentos de Paulo VI. São Paulo: Paulus, 1997.

<sup>416</sup> Entrevista concedida por Dom Pedro Luiz Stringhini. São Paulo, 9 de maio de 2008.

*assumindo a construção da Igreja, de seus salões e também mantendo o padre que atende a essa comunidade, também há Paróquias que contribuem mensalmente com uma quantia para o Projeto Igrejas Irmãs e depois essa quantia nós destinamos para as comunidades da periferia, seja para construir, seja para manter o padre que atende a comunidade, seja para ajudar em algum projeto social”.*<sup>417</sup>

A Igreja Particular dará maior relevo ao seu caráter missionário e à comunhão eclesial, compartilhando valores e experiências, bem como favorecendo o intercâmbio de pessoas e de bens.<sup>418</sup>

O Senhor chama-nos constantemente a sairmos de nós próprios, a partilhar com os outros os bens que temos, começando pela fé. À luz deste imperativo missionário, dever-se-á medir a validade dos organismos, movimentos, paróquias e obras de apostolado da Igreja.<sup>419</sup>

Esse compromisso ou ajuda mútua entre as Igrejas Irmãs não se dá numa relação de paternalismo ou de dependência, mas como proposta de promoção humana e libertação conjunta. Ninguém é tão rico que não tenha nada para receber e ninguém é tão pobre que nada tenha para oferecer.

Por enquanto ainda são poucas as comunidades que aderiram ao projeto e aquelas que aderiram partilham apenas os recursos econômicos, mas já é um começo para a realização mais ampla do projeto.

O Projeto Igrejas Irmãs torna-se uma ação missionária na realidade da cidade, de complexidade social e de exclusão, principalmente com as comunidades pobres que estão, sobretudo, nas regiões de periferia da Arquidiocese de São Paulo. Está buscando cumprir a finalidade da ação evangélica de solidariedade e de partilha.

---

<sup>417</sup> Ibidem.

<sup>418</sup> PUEBLA. Op. cit. n° 655. p. 228.

<sup>419</sup> JOÃO PAULO II. Op. cit. Encíclica *Redemptoris Missio*. n° 49. p. 345.

Neste sentido a Operação Periferia, colocando todas as suas forças em comum para a missão na periferia, mesmo com resistências e dificuldades como já foi visto no capítulo anterior, foi um grande testemunho de comunhão eclesial. A partir deste testemunho pode-se trabalhar para que a Igreja seja um verdadeiro testemunho de comunhão e de ação missionária, diante dos novos desafios deste tempo, em especial o do individualismo e isolamento. “*Afinal a nossa periferia não pára de crescer*”.<sup>420</sup>

#### **4.5. Diálogo com os agentes que atuam na cidade visando o bem comum**

A cada dia a sociedade globalizada vai renovando-se através de novas culturas, novos avanços tecnológicos, novas e variadas ideologias, novas maneiras de entender o mundo e a pessoa humana. Dentro da sociedade existem diferentes culturas, ideologias, religiões, diferentes maneiras de entender o mundo, a pessoa humana e Deus. A Igreja Católica e sua missão não podem ficar fechadas em seus próprios critérios, achando que são os únicos na sociedade. Deve valorizar a pluralidade da sociedade civil. Desta maneira, o missionário poderá também expressar e transmitir na sociedade plural seus conceitos sobre Deus e a vida, suas idéias e ideais.<sup>421</sup>

Em nossos dias, arrebatado pela admiração das próprias descobertas e do próprio poder, o gênero humano freqüentemente debate os problemas angustiantes sobre a evolução moderna do mundo, sobre o lugar e função do homem no universo inteiro, sobre o sentido de seu esforço individual e coletivo e, em conclusão, sobre o fim último das coisas e do homem. Por isso o Concílio, testemunhando e expondo a fé de todo o povo de Deus congregado por Cristo, não pode demonstrar com maior eloquência sua solidariedade, respeito e amor para com toda a família humana, à qual esse povo pertence, senão estabelecendo com ela um **diálogo** sobre aqueles vários problemas, iluminando-os à luz tirada do Evangelho e fornecendo ao

---

<sup>420</sup> Entrevista concedida por Dom Pedro Luiz Stringhini. São Paulo, 9 de maio de 2008.

<sup>421</sup> MAESTRO, Luís Maria. Missão Ad. Gentes e Globalização; Desafios para a Igreja no Brasil. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, nº 56 [jul./set.] 2006.

gênero humano os recursos de salvação que a própria Igreja, conduzida pelo Espírito Santo, recebe de seu Fundador.<sup>422</sup>

O Concílio Vaticano II significou, sem dúvida, um marco decisivo para a Igreja Católica, sobretudo porque pôs fim ao nefasto divórcio da Igreja com a Sociedade.

A Igreja no Brasil, a partir do Vaticano II e também a partir dos documentos de Medellín, Puebla, Santo Domingo e agora o de Aparecida, tem procurado aprofundar o diálogo com a sociedade, procura caminhar juntamente com todos os agentes presentes na vida da cidade e que buscam a realização do bem comum. *“O bem comum compreende o conjunto das condições de vida social que permitam aos homens, às famílias e às instituições conseguir mais fácil e desembaraçadamente a própria perfeição”*.<sup>423</sup> Esses agentes que atuam na cidade são, por exemplo: O Estado em seu nível Federal, Estadual e Municipal, as instituições de prestação de serviço, as organizações não governamentais (ONGs), outras denominações cristãs e religiões presentes na cidade, etc.

Neste sentido a Operação Periferia trouxe uma grande contribuição, pois a Igreja da Arquidiocese de São Paulo mesmo com toda a dificuldade do momento, em decorrência do regime de ditadura militar que se estabelecia no Brasil, abriu um canal de diálogo através do seu arcebispo ou mesmo de suas comunidades e organizações, com os agentes que atuavam na cidade de São Paulo para que a dignidade da pessoa humana, e o respeito aos seus direitos fundamentais se fizessem presentes nesta cidade.

A situação atual, tanto social como cultural, política, econômica e eclesial, presente nas cidades, demonstra de um modo claro a necessidade e a urgência da prática do diálogo.

O conceito de diálogo é incontornável quando consideramos o relacionamento da Igreja com a realidade social em que concretamente se integra, embora não deixe de ser verdade que falar de diálogo é muito diferente do ato de dialogar. Falar de diálogo é um

---

<sup>422</sup> COMPÊNDIO VATICANO II. Op. cit. Constituição Pastoral *“Gaudium et Spes”*. n° 3. p. 144-145.

<sup>423</sup> Ibidem. n° 74. p. 231.

exercício unilateral; dialogar exige encontro com um interlocutor, o que pede, a princípio, uma postura não dogmática e uma abertura à diferença. O próprio Jesus teve essa atitude durante a sua vida (Cf. Jô 1, 1-42). A preocupação do Senhor era infundir, com gestos e palavras, a vida nova. Jesus ia ao encontro das pessoas e com elas entabulava diálogos que despertavam para os valores do Reino e geravam projetos de vida. Esta era a pedagogia do Senhor para transformar homens e mulheres em verdadeiros interlocutores.<sup>424</sup>

O diálogo preza pela liberdade, na sociedade, de pessoas e instituições, é solicitude, empenho, vontade de esclarecer, exige respeito pelo outro e humildade. Em primeiro lugar é preciso reconhecer uma sociedade formada de pessoas livres e iguais, onde o valor fundamental e base para todo o diálogo é a própria dignidade humana.

Um dos desafios mais prementes para a Igreja Católica na cidade é a reflexão da sua relação *ad extra*, com o “outro”, social e religioso, que se manifesta numa diversidade de formas a partir das quais e com as quais apresenta suas exigências para o diálogo. O “outro social” e o “outro religioso” têm identidades não apenas definidas, mas também legitimamente autônomas e o reconhecimento desse fato é um *a priori* a qualquer tentativa de aproximação e de diálogo.<sup>425</sup>

Sem esse reconhecimento, frente ao outro não há *diá-logos*, mas *monó-logos*: a Igreja fala apenas consigo mesma. *Diá-logos* é encontro de saberes diferentes para se chegar a uma verdade comum (*diá* – através; *logos*, discurso). Esse processo fecundo acontece pelo encontro de dois ou mais “outros”, cada um manifestando seu saber, reconhecendo suas limitações e fortalecendo suas potencialidades no horizonte do tempo e da eternidade.

É através (*diá*) do encontro de saber (*logos*) da Igreja Católica com os agentes que atuam na cidade que se constrói a possibilidade de reflexão sobre os desafios e soluções para os problemas visando o bem comum. Não mais uma relação descrita em termos de poder e de

---

<sup>424</sup> LORO, Tarcísio Justino. Op. cit. p. 110.

<sup>425</sup> WOLFF, Elias. *Tensões Inerentes à Possibilidade de Construção de uma Eclesiologia Ecumênica*. Disponível em: [www.itesc.ecumenismo.com/artigos/estecumen.htm](http://www.itesc.ecumenismo.com/artigos/estecumen.htm). Acesso em 25 de março de 2008, 17:05.

subordinação, como acontecera no passado, mas de diálogo, de mútua colaboração e responsabilidade.

A Igreja não apenas colabora com a cidade, pois sua vida e sua ação cobrem o setor religioso que pertence à esfera vital dos cidadãos e repercute na ordem e na convivência social, mas também é ajudada pelos agentes presentes na cidade<sup>426</sup> “*está firmemente persuadida de que pode receber preciosa e diversificada ajuda do mundo, não só dos homens em particular, mas também da sociedade*”.<sup>427</sup>

Importante é sublinhar que a Igreja Católica ao falar para os agentes que atuam na cidade deve se fazer compreendida. A Igreja missionária tem de ter uma “*mensagem clara, consistente, verdadeira, inequívoca que expresse o desejo do Espírito Santo de Deus*”.<sup>428</sup>

Não bastam os argumentos provenientes da consciência cristã, já que soam como “*subjetivos*” numa sociedade secularizada. Eles devem, por isso, serem “*traduzidos*”, “*A volta ao passado, a refontanização são questões fundamentais na medida em que a Igreja tem um conjunto que ela recebeu do seu divino fundador que é imutável, mas na maneira de nós apresentarmos e vivermos esta mensagem nós precisamos de constante atualização*”,<sup>429</sup> de tal modo que a sociedade perceba na tomada de posição da Igreja uma questão que é, no fundo, do seu próprio interesse. “*É necessário comunicar os valores evangélicos de maneira positiva e propositiva*”.<sup>430</sup>

No seguimento do Mestre, a Igreja missionária precisa levar em conta a realidade, feita de inúmeros elementos, mas consciente de que pode sempre se surpreender com o inesperado das ações divinas, que se manifestam por si mesmas. E não lhe podem ser

<sup>426</sup> MIRANDA, Mário de França. *Igreja e Sociedade na Gaudium et Spes e sua Incidência no Brasil*. Disponível em: [www.cefec.org.br/textoseartigos/politicaevangelhosdsi/IGREJA\\_E\\_SOCIEDADE\\_NAGS.doc](http://www.cefec.org.br/textoseartigos/politicaevangelhosdsi/IGREJA_E_SOCIEDADE_NAGS.doc). Acesso em 25 de março de 2008, 16:34.

<sup>427</sup> COMPÊNDIO VATICANO II – Constituições, Decretos e Declarações: Constituição Pastoral “*Gaudium et Spes*”. n.º 40. p. 185.

<sup>428</sup> Colocação de Dom Frei Luiz Flávio Cappio durante o 11º Encontro Nacional de Presbíteros. In: *O SÃO PAULO*, 7 de fevereiro de 2006, p. 12.

<sup>429</sup> Entrevista concedida por Dom Angélico Sândalo Bernardino. Itaici, 8 de abril de 2008.

<sup>430</sup> DOCUMENTO DE APARECIDA. Op. cit. n.º 497. p. 223.

estranhos os dados da realidade. Tem necessidade de conhecer a dinâmica dos nervos urbanos, assim como o dia-a-dia dos cidadãos, seus anseios, obstáculos e desafios.<sup>431</sup>

Hoje em dia todo discurso deve vir acompanhado de sua justificação, se quiser ser aceito nesta sociedade pluralista da cidade. Só enquanto aceita em seu valor humano poderá a Igreja ser ouvida e acolhida em sua proclamação evangélica na cidade. Deste modo ela se abre ao diálogo com todos os que buscam construir uma cidade mais fraterna e mais justa.<sup>432</sup>

Dentro da cidade, a Igreja Católica tem sua organização e sua estruturação autônoma, respeitando o pluralismo e a ordem jurídica, mas se permitindo sair do setor privado e emergir no *espaço público*. Naturalmente acontecem conflitos, pois esse *espaço público* muitas vezes se orienta por princípios jurídicos que contradizem os valores cristãos, “*Mesmo quando o subjetivismo e a identidade pouco definida de certas propostas dificultam os contatos, isso não nos permite abandonar o compromisso e a graça do diálogo*”.<sup>433</sup>

Diante disso a Igreja acaba por atuar como agente profético contra uma ordem social injusta, ou apenas insuficiente para a fé cristã, devido aos inevitáveis compromissos políticos. Daí também sua função crítica, já implícita na mensagem cristã, a qual a faz reagir sempre que se atenta contra a dignidade humana, a vida e a liberdade das pessoas. Os cristãos devem “*ser sinais de contradição e novidade em um mundo que promove o consumismo e desfigura os valores que dignificam o ser humano*”.<sup>434</sup>

Também a Igreja Católica na sociedade deve atuar para a produção e fortalecimento de consenso numa sociedade que deve reagir ao pluralismo. Pois a Igreja fornece concepções e atitudes fundamentais para o indivíduo e a sociedade, estabelecendo e fortificando eles sociais.

---

<sup>431</sup> LORO, Tarcísio Justino. Op. cit. p. 112.

<sup>432</sup> MIRANDA, Mário de França. Op. cit. Acesso em 25 de março de 2008, 16:34.

<sup>433</sup> DOCUMENTO DE APARECIDA. Op. cit. nº 238. p. 111.

<sup>434</sup> Palavra do Cardeal Dom Cláudio Hummes, Prefeito da Congregação para o Clero. In: *O SÃO PAULO*, 5 de junho de 2007. p. B3.

A missão da Igreja não é propriamente política, já que não busca diretamente defender ou combater objetivos político-sociais ou partidários. Porém, como a mensagem de salvação se dirige ao ser humano que vive na cidade, ela não deixa de ter uma repercussão no campo político, se entendemos político num sentido amplo, como o campo público das relações entre indivíduos e grupos na sociedade, abrangendo assim todos os setores da vida.

O campo de ação para este diálogo é o pluralismo presente na cidade, donde se parte para uma nova compreensão das relações globais entre a Igreja Católica e os agentes que atuam na cidade. O empenho da Igreja no diálogo e a entrada nele em plano de igualdade com os agentes que atuam na cidade, não se resolvem com nenhum tipo de indiferentismo ou relativismo, nem inibe a Igreja de manifestar com firmeza as suas convicções ou de propor verdades que, no seu entendimento, não estão sujeitas às oscilações pluralistas. Porém, a Igreja tem de ter muito claro que, embora seja "mestra da verdade" em matérias que têm a ver com o depósito da fé que lhe cabe guardar, esse título não é aplicável a muitas outras questões passíveis de serem objeto de diálogo.

O Cristianismo não pode ser anacrônico, permanecer ferrado a suas posições. Temos visto que isso não leva a nada. Por outro lado, tem sim que tomar cuidado com a sedução que esse estado de coisas pode trazer a sua identidade e, sobretudo, para sua ação missionária. A pós-modernidade pode nos fazer esquecer de ser humanos.<sup>435</sup>

Não nos esqueçamos que, muitas vezes, a Igreja Católica é apontada como arrogante, precisamente por existir dificuldade na definição dessa fronteira. *"São muitos os que se dizem descontentes, não com o conteúdo da doutrina da Igreja, mas com a forma como é apresentada"*.<sup>436</sup>

---

<sup>435</sup> Colocação da Teóloga Maria Clara Bingemer durante Seminário Latino-Americano de Teologia. In: *O SÃO PAULO*, 22 de maio de 2007, p. B2.

<sup>436</sup> DOCUMENTO DE APARECIDA. Op. cit. nº 497. p. 223.

É preciso, também, entender o jeito da cidade, sem atitudes "moralistas", compreender sua linguagem e seus símbolos, tendo como ponto de referência as coisas produzidas pelo homem. A firmeza na humildade deve marcar o tom das intervenções eclesiais, este é um critério imprescindível para a credibilidade da voz da Igreja.

O seu modo de contribuir para a evolução e para o progresso não é a busca do poder, mas o testemunho do serviço. O serviço da Igreja se realiza, antes de tudo, pela sensibilidade às angustias, tristezas, dores, alegrias, dádivas e esperanças da cidade, tornando todas essas realidades suas.

Com coerência e convicção na proclamação da verdade advinda de Jesus Cristo, a humildade para reconhecer as suas fraquezas, a abertura de espírito para aceitar dar as mãos a quantos lutam pela edificação de um mundo mais digno para a pessoa humana.

O diálogo deve ser verdadeiramente aberto ao questionamento próprio por parte da Igreja, dispondo-se, ela mesma a ser transformada neste processo, na recepção daquilo que os outros interlocutores lhe propõem, quando isso não se ponha contra aquilo que é essencial à sua própria natureza.

A Igreja não é chamada a controlar o dinamismo da cidade, mas através do diálogo construtivo, a contribuir na evolução desses mesmos dinamismos para o bem comum e a defesa da vida dos seus habitantes.

O fato de ser discípulos e missionários de Jesus Cristo para que nossos povos tenham vida nEle, leva-nos a assumir evangelicamente, e a partir da perspectiva do Reino, as tarefas prioritárias que contribuem para a dignificação do ser humano e a trabalhar junto com os demais cidadãos e instituições para o bem do ser humano... Colaboremos com outros organismos ou instituições para organizar estruturas mais justas... É urgente criar estruturas que consolidem uma ordem social, econômica e política na qual não haja iniquidade e onde haja possibilidades para todos. Igualmente requerem-se novas estruturas que promovam uma autêntica convivência

humana, que impeçam a prepotência de alguns e que facilitem o diálogo construtivo para os necessários consensos sociais.<sup>437</sup>

A Igreja Católica tem propostas de humanidade que julga serem importantes para o ser humano, como o respeito à vida e à honestidade pública. É vasta a doutrina social da Igreja sobre a sociedade, a sua estrutura, os valores fundamentais a cultivar em ordem à sua edificação como comunidade de pessoas, justa, pacífica e fraterna, e sobre a missão da Igreja na construção dessa mesma sociedade.

Ela é promotora de valores objetivos, considerados essenciais e prioritários para o evoluir positivo da cidade, tais como: a dimensão espiritual da existência, a paz, a justiça, a afirmação da dignidade da pessoa humana, respeito aos seus direitos, a valorização da família como célula base da sociedade, a construção de modelos de desenvolvimento em que todos os cidadãos possam ser protagonistas, a salvaguarda da harmonia da natureza que o progresso deve respeitar.

A Igreja é enviada ao mundo com uma missão de salvação, e essa salvação vem através de Jesus Cristo. Neste sentido, a missão da Igreja é anunciar Jesus Princípio e Fim junto aos agentes que atuam na cidade “... a partir de nossa identidade católica, uma evangelização muito mais missionária, em diálogo com todos os cristãos e a serviço de todos os homens”.<sup>438</sup> Porque o Espírito Santo “*anima, purifica e fortalece também aquelas aspirações generosas com as quais a família humana se esforça por tornar mais humana a sua própria existência*” (GS 38).

A Fé supõe que exista um transcendente... Esse transcendente se manifesta e nos diz que é e convida a nos comprometermos com Ele. A Fé pede compromissos e conversão e pode ser organizada pela religião e práticas religiosas.<sup>439</sup>

---

<sup>437</sup> DOCUMENTO DE APARECIDA. Op. cit. n° 384. p. 174-175.

<sup>438</sup> Ibidem. n° 13. p. 14.

<sup>439</sup> LIBANIO, João Batista. *A religião no início do milênio*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 37.

A Igreja Católica, nesse terceiro milênio, assim como o fez em São Paulo durante a década de 70, deverá continuar colaborando com sua palavra através do diálogo com os agentes que atuam na cidade para a necessária busca da dignidade humana, da defesa de seus direitos, da comunhão entre as pessoas, do relacionamento fraterno, do amor conseqüente e operoso, entendendo tudo isso como constitutivo da sua natureza missionária. É preciso através do diálogo trabalhar em “rede”, em “networking”<sup>440</sup> com os agentes da cidade em torno de um projeto comum que é a busca de vida plena para toda a cidade, a começar pela periferia. “*A Operação Periferia vivia em rede*”.<sup>441</sup>

O projeto de Deus é “a Cidade Santa, a nova Jerusalém”, que desce do céu, junto de Deus, “vestida de noiva que se adorna para seu esposo”, que é “tenda que Deus instalou entre os homens. Acampará com eles; eles serão seu povo e o próprio Deus estará com eles. Enxugará as lágrimas de seus olhos, e não haverá morte, nem luto, nem pranto, nem dor, porque tudo o que é antigo terá desaparecido” (Ap 21, 2-4). Esse projeto em plenitude é futuro, mas já está se realizando em Jesus Cristo.<sup>442</sup>

Sendo sinal desse projeto de vida plena de Deus que traz esperança para a cidade, a Igreja continuará anunciando com a Palavra de Deus, com seu Magistério e com a vida das pessoas que testemunham sua vocação cristã fundamental, que uma sociedade nova é possível, que o Reino de Deus é realidade. “*Evangelizar para a Igreja, é levar a Boa-Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio ou latitude, e pelo seu influxo transformá-las a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade*”.<sup>443</sup> É algo concreto, já presente no meio de nós, mas que também se constrói com nossos braços, com nossas inteligências e, sobretudo, com nossos corações totalmente entregues ao amor de Deus, que “faz novas todas as coisas” (Ap 21,5).

---

<sup>440</sup> Termo inglês que significa colocar em rede para unificar as forças.

<sup>441</sup> Entrevista concedida por Dom Angélico Sândalo Bernardino. Itaici, 8 de abril de 2008.

<sup>442</sup> DOCUMENTO DE APARECIDA. Op. cit. n° 515. p. 228.

<sup>443</sup> PAULO VI. *Evangelii Nuntiandi* n° 18.

## CONCLUSÃO

Na década de 70 na cidade de São Paulo, houve um grande testemunho cristão da Igreja Católica, através de uma experiência missionária chamada Operação Periferia. O arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, preocupado com os rumos da Igreja na cidade, propunha então uma nova mentalidade para o trabalho evangelizador, tendo como prioridade o povo da periferia desta cidade.

A Igreja Católica de São Paulo teve a coragem de ir ao encontro dos aglomerados humanos que sofriam na precariedade das condições de vida nos bairros periféricos. Era a opção pelos pobres que as Conferências Episcopais de Medellín e de Puebla aprofundaram a partir do Concílio Vaticano II.

Todos os recursos humanos e materiais da Igreja de São Paulo foram colocados a serviço desta prioridade. O povo apropriou-se da Palavra, houve formação de lideranças populares valorizando os ministérios leigos. A partir daí o povo da periferia da cidade tomava consciência de seu protagonismo e da sua força, se organizando eclesial e socialmente no processo de construção da cidade.

Foi significativa a participação de vários agentes nessa experiência: padres, religiosos, religiosas, leigos e leigas, teólogos, pastoralistas, todos colocando a sua vocação a serviço de uma ação missionária transformadora.

A compra de terrenos na periferia e a construção de centros comunitários favoreceram o desenvolvimento das pequenas comunidades eclesiais de base (CEBs), que proporcionaram laços de amizade e união e a organização eclesial e social do povo. Nas comunidades o povo se reunia para refletir a Palavra de Deus, rezar, celebrar, festejar e também para se organizar e buscar os seus direitos, ou seja, o povo se sentia numa grande família, se sentia Igreja e vivenciava a sua cidadania.

A Igreja Católica de São Paulo se organizou através de um Colégio de Bispos, de Regiões e Setores pastorais, toda essa organização facilitou a participação e a tomada de decisão que acontecia em assembleias, era a Igreja de todos os batizados através de seus diversos ministérios que se apresentava. Toda essa nova mentalidade eclesial missionária se fez ainda mais forte quando deixou de ser apenas uma experiência que estava sendo bem-sucedida para se tornar prioridade nos primeiros Planos de Pastoral da Igreja de São Paulo.

Também houve dificuldades, nem todo o clero como também nem todo o povo entenderam essa mudança de rumo da Igreja de São Paulo, mas houve a adesão de uma grande maioria, o que fez da Operação Periferia um grande modelo de ação missionária diante dos desafios da cidade.

A cidade hoje continua desafiadora. A modernidade e a globalização têm favorecido uma maior produção e circulação de bens, facilidade de comunicação, progressos tecnológicos, contato com uma pluralidade de experiências culturais, mais também um crescimento desigual que gera um grau de exclusão social, político e econômico jamais visto. O individualismo, a solidão, a distância, os interesses, a confusão de valores, o consumismo, a violência também fazem parte da configuração da cidade.

Hoje, tudo é relativizado, inclusive a Igreja Católica como instituição, sendo muitas vezes qualificada como ultrapassada e ineficaz diante dos desafios atuais, por isso, torna-se necessário repensar sua presença na cidade através de uma ação missionária mais eficaz.

O documento da V Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe realizada em Aparecida fala que a Igreja deve Evangelizar os grandes Areópagos, é o grande desafio de anunciar Jesus Cristo diante de uma realidade pluralista, de individualismo, de indiferença e de exclusão. A Igreja Católica precisa dar testemunho cristão, através da presença em toda a cidade, começando pela sua periferia.

A periferia da cidade deve ser um espaço de convivência solidária para todos os que nela moram, convivência que seja resultante de convergência de esforços para tornar toda a cidade sempre mais humana e também mais cristã. Deve ser muito clara a consciência de que é preciso humanizar a periferia para humanizar a cidade.

É preciso mais uma vez fortalecer a opção pelos pobres assumida pela Igreja Latino-Americana e Caribenha, assumindo os pobres da cidade presentes na periferia e em especial os migrantes, valorizando sua cultura, sua religiosidade, abrindo espaço para que se sintam verdadeiramente acolhidos na grande cidade.

A missão da Igreja é levar aos pobres da cidade o Deus da vida, o Cristo ressuscitado que traz a esperança da vitória da vida sobre a morte. “De Esperança em Esperança”, como dizia Dom Paulo. É a esperança que a Igreja deve retomar, esperança que muitas vezes está perdida diante das dificuldades da vida, do abandono, da indiferença que se fazem presentes na periferia da cidade. Essa esperança que vem da fé é que faz acreditar numa realidade melhor, mais humana, mais justa, mais fraterna, mais solidária.

Contra o individualismo e a solidão presentes na cidade, o fortalecimento das pequenas comunidades já existentes e criação de novas se fazem necessário. A pequena comunidade é o lugar para as pessoas se conhecerem, conviverem, aprofundarem e testemunharem na vivência do dia-a-dia a Boa-Nova do Evangelho de Jesus Cristo.

Também as pequenas comunidades se tornam espaço para a valorização dos ministérios leigos e para a formação para o exercício da cidadania na vivência de formas de participação as mais democráticas possíveis, com a inclusão de todos nas escolhas e decisões, pois a finalidade da comunidade é o crescimento do indivíduo como pessoa. Tudo alimentado pela Eucaristia, a Palavra e a oração. As nossas Paróquias devem ser verdadeiras redes de pequenas comunidades, assim sairemos de uma pastoral de conservação para uma pastoral missionária.

A Igreja deve caminhar no testemunho de comunhão e partilha, daí a importância de uma Pastoral de Conjunto que possa dinamizar todas as forças presentes na Igreja através de sua diversidade de comunidades, pastorais, movimentos e grupos para uma eficaz ação missionária na cidade.

A realidade da cidade pede uma ação pastoral, visando um grande projeto missionário, onde haja uma colaboração partilhada de todos. As práticas pastorais devem levar a que a Boa-Nova, que é o anúncio do Evangelho, se torne boa realidade, sobretudo para os pobres. As comunidades, as pastorais, grupos e movimentos não podem ser como ilhas isoladas. A verdadeira comunhão é um laço de colaboração permanente e programado. Isto é indispensável para a vitalidade da própria Igreja.

A comunhão e a partilha são capazes de unir múltiplos recursos que permitem superar a dificuldade humana e material presentes muitas vezes na ação missionária, como também tornam possível valorizar as competências, num intercâmbio de dons e ministérios.

O desafio da Igreja hoje é testemunhar comunhão e partilha que seja vivida na busca de todas aquelas colaborações entre as comunidades, pastorais, movimentos e grupos que permitam superar dificuldades que entram a Evangelização. Neste momento histórico ou a Igreja, com toda sua diversidade, é testemunho de comunhão e partilha ou não vai ser verdadeiramente missionária.

A missão tem como um dos seus elementos fundamentais o diálogo. Com o Papa Paulo VI, através de sua encíclica *Ecclesiam suam* de 1964 e o advento do Concílio Vaticano II se aprofundou ainda mais esse elemento da missão.

A cidade com sua pluralidade cultural, ideológica e religiosa tem a necessidade e a urgência do diálogo. A Igreja Católica, a partir do Vaticano II e também a partir dos documentos das Conferências Episcopais Latino-Americanas, tem procurado aprofundar o diálogo com a cidade. Esse diálogo deve ser realizado, pois a Igreja tem uma responsabilidade

diante das realidades presentes na cidade, pois tem propostas como a dimensão espiritual da existência, a paz, a justiça, a afirmação da dignidade da pessoa humana, respeito aos seus direitos, a valorização da família, a salvaguarda da harmonia da natureza, todas essas propostas nascem de Jesus Cristo e de seu projeto de vida.

A cidade também tem outros agentes, tantos religiosos como sociais, que também querem contribuir para a vida da cidade, para o seu bem comum. É através do diálogo da Igreja Católica com esses agentes que atuam na cidade que se constrói a possibilidade de reflexão sobre os desafios e soluções para os problemas presentes na cidade, visando o bem comum. Dessa maneira, o missionário poderá expressar e transmitir a cidade plural, seus conceitos sobre Deus e a vida, suas idéias e ideais.

Nesse terceiro milênio, assim como o fez em São Paulo durante a década de 70, através da Operação Periferia, a Igreja Católica deverá continuar o diálogo com os agentes que atuam na cidade para a necessária busca da dignidade humana, da defesa de seus direitos, da comunhão entre as pessoas, do relacionamento fraterno, do amor conseqüente e operoso, afinal isso é parte constitutiva da sua natureza missionária.

# **ANEXOS**

## Pedidos de compra de terrenos para centros comunitários

Paróquia N. Sra. da Conceição

JARAGUÁ E. F. S. J.  
 Telefone: 260-5306  
 C. Postal 9059  
 SÃO PAULO Cap. I

Fls. n.º	
Proc. n.º	00034/73
Data	
Rubrica	

09034

08 MAR. 1973

Av. Luiza. Av. Maria. Vigário Geral.

Conforme o nosso entendimento atual, creio  
 há a possibilidade de comprar na vizin-  
 hança da Capela no Parque Panamericano  
 um terreno de 305 m<sup>2</sup> com uma casa de 2  
 cômodos, banheiro instalado, fossa, projeto  
 já instalada pelo preço de R. 000.000.  
 A vista. O comprador devia além disso condi-  
 cionar <sup>a pagar</sup> as 40 prestações de R. 20.000 mensais.

Sendo que nem a Capela nem a paróquia  
 dispõe de dinheiro em caixa muito pouco  
 que a vista supere a importância de  
 R. 000.000. Nós nos comprometemos  
 sustentar esta obra em mensalidades de  
 R. 20.000 por mês.

Jaraguá, 20/4/73

J. João Florindo de

R. Torquato de Almeida

Comunidade Paroquial de Vila Pompéia

AVENIDA POMPEIA, 1214  
 Telefons: 62-6727  
 SÃO PAULO - CAPITAL

Fis. n.º	
Proc. n.º	00031/73
Data	26/4/73
Rubrica	

00031  
 26 ABR. 1973

D. Benedito Ulhoa Viera

L.J.C.

Assunto: emprestimo de R\$100,000,00

No trabalho de criarmos comunidades eclesiais de base, na periferia e dentro da paróquia, estamos em tratativos com um terreno à Rua Coês Monteiro, extremo da paróquia com a Heitor Penteado, nucleo de prédios. É o último terreno disponível - 16x24. Dois lotes de 8x24.

Nossa Comunidade está comprometida com o poço artesiano para o bairro de Vista Alegre, e também em Osasco com o bairro Padroeira II, de acordo com o Vigário Episcopal P. Rafael, construiremos lá uma capela para uma comunidade de base e lhe daremos assistência.

De momento não dispomos de dinheiro.

Devolução: 3anos pela paróquia.

O terreno custará. R\$ 200,000,00. nós teriamos que conseguir R\$100,000,00 para ficar com os dois lotes. Poderiamos obter a escritura de um por R\$100,000,00, e amarrar o outro lote ao negócio.

Para o trabalho de pastoral é de fundamental importancia, fica equidistante da matriz, Vila Madalena, Vila Anglo e a 800metros da Comunidade Eclesial do Sumarezinho.

Grato.

E a Seu dispor.



*Pe. Alfonso Pastore*  
 Pe. Alfonso Pastore - vigário

São Paulo, 26 de Abril de 1973

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO  
REGIÃO EPISCOPAL LESTE

Fis. nº	
Proc. nº	00053/73
Data	
Rubrica	

*nos momentos, há  
a possibilidade de  
em Tabor. é possível  
Mesmo que, há?  
- Sua D. B. de  
ter.*

00053

19 JUN. 1973

Emmo. e Exmo. Sr.  
D. Paulo Evaristo Arns  
DD. Cardeal Arcebispo de São Paulo.

Diante da necessidade de "Agentes de Pastoral" na Arquidiocese de São Paulo e principalmente na PERIFERIA, recebi há poucos meses atrás a oportunidade de poder contar no setor de São Mateus, no Centro Comunitário "Jardim Centenário" com a presença de duas Irmãs missionárias irlandesas, uma com experiência de vários anos na direção de paróquia no interior de São Paulo, outra recém chegada da Irlanda e terminando o curso de adaptação aos meios e costumes brasileiros.

Para elas, a princípio, pensou-se em alugar uma casa. Depois, diante das dificuldades, porque geralmente são casas de operários, feitas com sacrifício e para própria moradia, surgiu a possibilidade de compra de uma pequena casa: uma sala, 2 quartos, copa e cozinha e pequeno banheiro.

Mas, tendo à Região Episcopal gasto no "Recanto Tabor" durante o ano passado a quantia de Cr\$ 38.379,78 e assumindo, para manutenção das irmãs, o pagamento mensal de Cr\$ 1.200,00, encontra-se, portanto, a Região Episcopal sem meios para a compra deste imóvel.

Venho, pois, através deste requerimento, pedir a V. Emc. Revma. se digne estudar a possibilidade de compra desse imóvel em nome da Mitra Arquidiocesana de São Paulo e futura "CASA PAROQUIAL" com a quantia de Cr\$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros) mensais, durante oito meses, chegando à soma de Cr\$ 40.000,00 (quarenta mil cruzeiros), valor exigido, depois de vários contatos, pelo proprietário do imóvel.

Atenciosamente pede deferimento

*Desde que haja disponibilidade,*  
*de acordo*  
S. Francisco Manuel de Jesus  
Região Episcopal  
São Paulo, 4 de junho de 1973.  
6.6.73

Fls. n.º	12
Proc. n.º	12.129/73
Data	12/6/73
Rubrica	

EXCMO. e REVER. Sr. VICARIO GERAL DA ARQUIDIOCESE DE SAO PAULO

04582

13 JUN. 1973

Nós, somos moradores de JARDIM BELGA MARIA, JARDIM BARONZA, CIDADE RU-  
NIDE e VILAS ADJACENTES. Em nossas Vilas o movimento de pessoas que estão acre-  
ditando em Cristo está aumentando em número e em profundidade.

Para essas três Vilas que somam de 60.000 a 65.000 habitantes a gente só  
conta com uma Igreja-Templo para as Missas e reuniões. Este fato torna difí-  
cil o culto e o pessoal tem que se deslocar para outras Paróquias.

Além disso, os moradores de nossas Vilas são muito pobres e dificilmente  
a muito a longo prazo poderiam ter possibilidades para comprar um terreno.

O núcleo que está crescendo mais depressa é a Comunidade de Jardim Baronza.  
Atualmente a gente está organizando retiros, dias de reflexão, etc... mas sempre  
temos que sair da Vila para as nossas reuniões. Isto está atrapalhando bastante.

Sito na Baronza os PP. da Congregação de São Carlos Borromeu tem um terreno  
num lugar invejável. A gente já entrou em entendimento com o responsável dos Padres  
para fazer o pedido de uma pequena parte do terreno para a construção do  
Centro Comunitário. Os mesmos Padres da Congregação nos convidaram a fazermos  
este pedido através da Mitra Arquidiocesana.

Por este motivo SOLICITAMOS:

Que haja um entendimento dos responsáveis da Mitra com os  
responsáveis da Congregação de Padres de São Carlos Borromeu a este respeito.

Agradecido de antemão pedimos a bênção de Deus para a Igreja de São Paulo  
e para os seus orientadores.

MUITO GRATO

*João Paulo*  
Pe. JOÃO PAULO

## Paróquia São João Batista

Rua Mangalot, 353 - Vila Mangalot  
 Caixa Postal 11877  
 05000 São Paulo - 30324 Brasil

Fls. n.º	1
Proc. n.º	00079
Data	14 SET 1973
Rubrica	

00079

São Paulo, 30 de agosto de 1.973

14 SET. 1973

À Mitra Arquidiocesana de São Paulo

Emcia. D. Paulo Evaristo Arns

A paróquia São João Batista em Vila Mangalot e Jardim Sto. Elias pretende construir um centro comunitario para a sua Comunidade Sto. Elias.

Como a paróquia não tem a sede central no centro da paróquia, é preciso criar uma possibilidade para os cristãos de grande distancia da sede central poderem se encontrar.

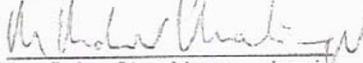
Faz anos já tem catequese e missa na sede da sociedade dos Amigos do Bairro do Jardim Sto. Elias e varias vezes, como atualmente, no grupo escolar municipal "Rui Bloem" .

Mas sendo dependentes, sem proprio centro comunitario procuravamos uma possibilidade. E encontramos um terreno de 300 m<sup>2</sup> na rua 14 (quatorze) N° 13 entre as casas N° 17A (deizesetsA) e N° 19B (deizenove B).

Em vista disto vimos pedir, mui respeitosaente, a aprovação do nosso pedido de compra do referido terreno com o fim de construir um centro comunitario.

O pagamento se efetuará em prestações sendo a entrada de \$ 12.000,00 e as prestações começando com \$ 300,00 e aumentando cada ano de \$ 100,00 ate chegarem à \$ 900,00 por mes. O preço de \$ 34.000,00 ficará assim alcançado. O dizimo entrosado na comunidade ad mite tal maneira de pagamento.

Atenciosamente



Pe. Pedro Straubinger, vigário

Fls. n.º	1
Proc. n.º	00067/74
Data	13 / 11 / 74
Rubrica	

A Sua Excia. Revdma.  
D. Benedito de Ulhoa Vieira  
DD. Vigário Episcopal  
Nesta

00067

13 NOV. 1974

Excelência,

através da presente levamos ao vosso

conhecimento a situação da Comunidade do Parque Cocaia. O bairro está afastado de Grajaú, sede da paróquia central e os meios de locomoção são escassos, precários e quando chove quase não existem.

O bairro conta com uns quinze mil habitantes e tende a crescer. No bairro de Parque Cocaia há uma comunidade católica de pessoas engajadas, conscientes, graças ao trabalho e ao sacrifício constantes de vários líderes que sustentaram a fé da comunidade mesmo na prolongada ausência do sacerdote.

Atualmente, a comunidade conta com a assistência quinzenal de um sacerdote ( Rev.mo pe. Luis dal Rian - Reitor do Seminário Maior João XXIII ), com a colaboração semanal de um seminarista e de dois líderes que orientam a comunidade de jovens.

As celebrações litúrgicas, a catequese, a Preparação ao Batismo, as reuniões de jovens, realizam-se na casa de um dos líderes da comunidade que, gentilmente e com muito sacrifício, cede à comunidade dois cômodos de sua modesta casinha até que a comunidade tenha um lugar adequado para este fim.

Já não podemos continuar abusar da bondade dessa pessoa! Além do mais, o local já é mais do que insuficiente para nossas celebrações.

Em breve será aberto o B.N.H. onde se estabelecerão umas duas mil famílias. O B.N.H. está anexo ao Parque Cocaia e a comunidade fará parte do Parque Cocaia.

Por estes motivos, há muito tempo a comunidade sente a urgente necessidade de adquirir um terreno onde possa construir seu centro. A comunidade, porém, não tem a mínima possibilidade de adquirir o terreno devido à situação financeira do povo - a qual V. Excia. bem conhece.

A comunidade se compromete a não poupar esforços e sacrifícios para em breve ter o próprio centro onde fazer suas celebrações. Esta carta expressa realmente os anseios da comunidade de P. Cocaia.

Saudações.

*R. Eurippe Bastos Rego*

Parque Cocaia, 21 de outubro de 1974.

Paróquia de Sra. Adélia  
Jardim Sta. Adélia  
R. Sacerdote de Minas, 288  
São Paulo

Fla. nº .....  
Proc. nº .....  
Data 5/3/75  
Rubrica

São Paulo, 4 de março de 1975

00010 "Prezado Sr. Ubaldo Steri

Cordiais saudações

Tendo em vista a necessidade espiritual e humana do bairro Jardim Vera Cruz (Paróquia Jardim Santa Adélia), um dos mais pobres e desamparados da periferia de São Paulo, propuzê-mo-nos conseguir um local para um centro comunitário ou uma "comunidade de base eclesial".

Já a seis anos estamos formando ali uma pequena comunidade, reunindo-nos, inclusive para a celebração da Eucaristia, em algum cômodo apertado de alguma casa particular, ou no velho e entulhado barracão de madeira da Sociedade dos amigos do bairro, ou ainda ao ar livre quando o frio e chuva o permitem.

A Assembleia de Deus, já tem a cinco anos uma boa igrejinha e casa do pastor, bem construída, bem pintada e mobiliada. Os Pentecostais também já tem um barracão com bancos apropriados, bem iluminado e bem situado na rua principal.

Fazem três anos que estamos pedindo a Região Episcopal e a Operação periferia um terreninho para essa comunidade de base tão pobre. O lote então custava Cr\$ 7.500,00 e agora custa Cr\$ 25.000,00 a vista.

Em tempo conseguimos esgotar a paciência de amigos nossos particulares para nos ajudarem a construir, ou antes a comprar 2 lotes por Cr\$ 18.000,00 cada um. Temos agora 600 metros quadrados e algumas dívidas, a pagar.

Tendo estudado diversas formas de construir um local de reunião para essa comunidade, que custasse o menos possível e fosse definitivo dentro de um plano para futuros aumentos e melhorias e com planta aprovada pela Prefeitura, optamos com um amigo engenheiro pela construção de um telhado de brasilit de 15 X 10 m sobre uma estrutura metálica, como diversas igrejas da nossa periferia (Por ex. Sta. Adélia, S. Marcos etc.)

A estrutura metálica custará cerca de Cr\$ 26.000,00 e as telhas de brasilit com a necessária colocação, fixação e acabamento custarão Cr\$ 14.000,00. Este orçamento é válido por 30 dias, depois será mais. Por isso estamos na necessidade de recorreremos a todos que nos possam e queiram ajudar.

Agradecemos pedimos as bênçãos de Deus para aqueles que atende...

Fls. n.º	1
Proc. n.º	100.000.000
Data	10/3/75
Rubrica	



PARÓQUIA SANTA TEREZINHA  
JARDIM REGINA - PIRITUBA

00011-00

14.03.1975 São Paulo, 10 de Março de 1975

À Coordenação Diocesana da Operação-Periferia

Venho através desta formular um pedido de ajuda à Operação-Periferia para a promoção humana e cristã desta Comunidade.

Esta Paróquia está entrosada no trabalho de conjunto do Setor e cremos ser a mais carente do Setor. Visa atender os critérios propostos pela Coordenação da Operação-Periferia / concernentes às atividades pastorais.

A ajuda financeira atenderá às seguintes iniciativas de trabalho desta Paróquia:

a - Custear os gastos na obtenção do "Alvará de Construção" e cálculos de Engenharia/ para a edificação de uma Igreja-Escola no Bairro Jardim Regina. Quantia: Cr\$ 4.000.00

b - Gastos com os serviços de terraplanagem/ tanto para a citada construção como para construir um "Centro Comunitário", com a implantação de cursos profissionalizantes e de um ambulatório médico. Quantia: Cr\$ 2.000.00

Perfazendo um total de seis mil cruzeiros.

Cr\$ 6.000.00

*De Dest 1*

*Atenciosamente, quatro mil Cr. anual, em a rubrica*

*10/3/75*

Fls. n.º 1	00012/775
Proc. n.º	00012/775
Data	25 / 04 / 75
Rubrica	<i>[assinatura]</i>

Esmo. Rvmo. Sr. Bispo D. Benedito

00012 -

25 de Março 1975

Em nome da Comunidade Católica da Capela Nossa Senhora Aparecida, do Morro Grande - Setor Freguesia do Ó, venho solicitar de V.Excia. um auxílio para iniciarmos a construção do Centro Comunitário, com trabalhos já em andamento.

Antecipadamente os agradecimentos de toda a Comunidade.

S. Paulo, 13 de março de 1975

*[assinatura]*  
Carmen Myriam Kramer  
 p/Comunidade

A(o)

Exmo. e Revmo. Dom Benedito de Ulhôa  
Vieira, DD. Procurador Geral da Mitra.

S. Paulo, 25 / 04 / 75

*[assinatura]*  
 (Ass. do Procurador)

Fls. n.º 1.
Proc. n.º 00015/77
Data 13 / 6 / 77
Rubrica <i>[assinatura]</i>

OPERAÇÃO PERIFERIA

REGIAO LESTE II

00015

VENDA DE TERRENO

2 JUN. 1977

Comunidade : São Francisco de Assis  
 Monte Santo  
 Paróquia Ermelindo Matarazzo  
 Setor São Miguel

Area - 1,000 m  
 rua Coronel João Jacques Carvalhães nº 145  
 uma pequena capela de 5 x 12.50 m

Projeto : Construção de um salão comunitário no fundo do terreno e futuramente  
 um centro maior na frente ( esboço de projeto anexo )

Finalidade : a presente capela deverá ser demolida; a construção antiga dela  
 toma parte da metade da calçada pública no total de seu comprimento.  
 Também os grupos aumentam e necessitam de um local de reunião.  
 A localidade já possui uma boa Comunidade de Base, e precisa  
 de ajuda financeira. Já estão comprando o material de construção  
 mas os recursos são bem mínimos.

Proposta : Vender a metade (500 m) do terreno existente  
 para custear as despesas de construção do salão.  
 Este caso tem a aprovação dos padres, irmãs e leigos responsáveis  
 da comunidade e da paróquia. Também eu acho conveniente.

Atenciosamente,

*[assinatura]*  
 padre Eduardo Barville

São Paulo, capital  
 01 de junho 1977

De pleno e urgente acordo,  
 São Paulo, 10.6.77

*[assinatura]*  
 DOM ANGELO SANDALO BERNARDINO  
 Bispo Auxiliar e Vigário Geral  
 São Paulo - Brasil

00037 Projeto 'Jacó' - JARDIM COLONIAL

Fls. n.º	122
Proc. n.º	037/75
Data	19/11/75

Nos, abaixo assinados, viemos pedir em nome da Comunidade Católica do Jardim Colonial o apoio e a aprovação dos senhores Coordenadores do nosso projeto 'Jacó'.

No bairro do Colonial mora aproximadamente 12,000 pessoas de renda baixa. Em nosso bairro a Cúria possui:

- (1) Um terreno de 1,000 m<sup>2</sup> com capela pequena (cabe 100 pessoas sentadas)
- (2) Um terreno de 496 m<sup>2</sup> doado para obra social e creche (nenhum construção)
- (3) Um terreno de 250 m<sup>2</sup> com casa (3 quartos) e Salão das mães (10 x 10)
- (4) Promessa de um terreno central no bairro para casa paroquial ✓

O projeto 'Jacó' é de fazer um Salão - capela e uma casa paroquial quanto antes, na seguinte maneira: Estamos arrecadando dinheiro no banco para a construção do salão (46,000 já) e pedimos que a Operação Periferia nos faça uma planta padrão de Salão-capela. Essa construção deveria começar em Abril de 1976, com a colaboração da comunidade em dinheiro, doações de material, mutirão e empregando material de cursos da prefeitura. Pretendemos fazer a casa paroquial já porque, só no ano que vem, vamos gastar 49,000 em aluguel. Como economia os padres estão morando em paróquia vizinha - uma situação pouco agradável para os 13 bairros da paróquia do Colonial e Iguatemi. A casa já existente na paróquia da Cúria (veja 3 acima) foi comprada em 1969 com dinheiro de Adventist. A mesma órgão financiou a reforma da casa. Ela está num local fora de mão para servir a nossa comunidade e péssim para o resto da paróquia. Foi mal construída e está num buraco. Foi comprada contra a vontade do povo, e só na primeira reforma foi gastado 414,000 (preços de 1971). O padre nunca morou na casa. A comunidade sugere a venda deste terreno supérfluo, e o emprego do dinheiro, que foi doado por fins de casa paroquial, na construção de uma casa paroquial no terreno prometido.

A comunidade procurou saber o valor atual do terreno e casa e salão, e o custo de construção de uma casa nova. Apresentamos o resultado da nossa pesquisa:

Valor da propriedade (5) : 470,000 à vista (4140,000 à prazo)  
(um membro da comunidade já tem um comprador interessado).

Custo de Construção de Casa :  
460 p/m<sup>2</sup> x 100m<sup>2</sup> = 460,000

(Cálculo do Dr. Assunção, Engenheiro da prefeitura, na base da colaboração da comunidade em doações e mutirão). O din

O dinheiro que sobrar da venda deveria ficar na paróquia para a construção de sede do clube de mães, quer dizer para dar início na terreno (2) acima. Lembramos que as mães usam a propriedade que vai ser vendida, dependendo da aprovação dos senhores.



Fla. n.º	00041/75
Proc. n.º	00041/75
Data	23 / 9 / 75
Rubrica	<i>[Handwritten Signature]</i>

PAROQUIA SÃO JOÃO BATISTA - PIRAJUSSARA

00041

REQUERIMENTO

23 54 85

Vimos através desta pedir de V. Senhoria uma ajuda de R\$ 10.000,00 (Dez Mil Cruzeiros) para cobrir um Centro Comunitário no Bairro de Jardim São Judas Tadeu.

A construção está na altura do telhado, em que o povo ajudou até agora, mas tendo esgotado seus recursos somos obrigado a apelar a V. Sas.

Agradecendo a sua colaboração até agora dada e contando com mais esta, subscrevemo-nos

Atenciosamente.

*[Handwritten Signature]*  
P. f. [Signature] P.P.

A  
DOM BENEDITO DE ULHOA VIEIRA  
DD. PROCURADOR GERAL DA  
MITRA ARQUIDIOCESANA DE SÃO PAULO

A(e)

S. Excia. Revma. Dom Benedito de Ulhôa  
Vieira, DD. Procurador Geral da Mitra  
Arquidiocesana.

S. Paulo, 24 / 09 / 75

*[Handwritten Signature]*  
Aux. de Protocolo

1) Ver o que o Sr. Bispo Dom Manoel acha do pedido  
2) A' secret de Finanças p/ dizer  
22.9.75 436

*Mitra Arquidiocesana de São Paulo*

C. G. C. 63.089.895/0001-44  
S. PAULO

Fls. n.º 1.º	
Proc. n.º	00047/77
Data	7 10 77
Subscrito	<i>[assinatura]</i>

ASSESSORIA JURÍDICA

00047

ADVOGADOS:

Ana Maria Greco X. Leal  
João Armando Fornazieri

EXMO. E REVMO. SR.  
MONS. LUCIANO GRILLI  
DD. PROCURADOR DA MITRA ARQUIDIOCESANA DE SÃO PAULO.

Em julho deste ano, D. Mauro Morelli, DD. Bispo da Região de Santo Amaro me incumbiu de consolidar uma comunidade de base, futura paróquia, no lado direito da Av. Cupecê, sentido São Paulo-Diadema.

Desde aquele mês procuramos terrenos naquela região tendo encontrado vários, mas, o preço era muito alto.

Atualmente, demos com um terreno 500,00 mts<sup>2</sup> pelo qual o proprietário está pedindo Cr\$240.000,00 à vista. Acreditamos que com um pouco de trato, esse proprietário poderia desdobrar essa importância.

Acontece que esses bairros são muito pobres e não tem condições atualmente de ajudar na compra do terreno.

Dessa forma peço a V.Revma. que a Mitra compre esse terreno, pois, a necessidade de se constituir ao menos uma comunidade de base na região é urgente. Haja vista que nos sete quilômetros da Av. Cupecê, em seu lado direito não há qual quer Igreja ou Comunidade.

São Paulo, 04 de Outubro de 1.977

*Anthony John Coury*

*Cari o Mons. Luciano,  
tenho grande interesse nesse pedido, pois  
R. Petronio assumiu corajosamente uma  
"terra de ninguém". Com isso após,  
repetirá o que realizou em sua  
antiga paróquia.*

*frat + Mauro*

*Telex 05 100000 SP 04/10/77*

COMUNIDADE PAROQUIAL N. S. DAS GRAÇAS

VILA REMO (SOCORRO) - SÃO PAULO - RUA E, N.º 4  
C. G. C. 63.089.825/321 - C. P. 2827  
SÃO PAULO

Fl. no 1.
Proc. no 00055/77
29 11 77
PAROQUIA N. S. DAS GRAÇAS
VILA REMO (Socorro)
SÃO PAULO

A Mitra Arquidiocesana de São Paulo

00055 Monsenhor Luciano

29 NOV. 1977

Nós moradores do Jardim Mogohara solicitamos a ajuda da Mitra para a construção de nosso Centro Comunitário.

O Jardim Mogohara pertence a Paróquia de Vila Remo, Setor Capão Redondo da Região de Santo Amaro.

Esta comunidade começou com novenas de Natal no ano passado (76) fazendo reuniões de casa em casa. No começo a frequência de fiéis era pequena e dava muito bem pra se reunirem nas pequeninas casas de 1 e 2 quartos. De seis (6) meses para cá o número de pessoas participantes da comunidade vem aumentando muito. Nas últimas duas reuniões o pessoal não cabia na maior casa do bairro, que por sinal, não é tão grande.

Nesses seis (6) meses já batizamos 9 crianças e fizemos um casamento, onde, na preparação desses batizados foi dada uma visão nova de igreja-comunidade e a continuidade na participação tem sido quase na totalidade. Na novena de Natal deste ano (77) estamos com 5 grupos se reunindo nas casas.

Para se fazer novenas e celebrações nas casas ainda está sendo possível porque são grupos pequenos. Mas, nos dias de missa não é mais possível.

O motivo maior, o porque estamos solicitando um terreno; é que a área de 600m<sup>2</sup> localizada por nós fica no centro do bairro e não há nenhum outro terreno vago nesta região pra vender. Localizamos o dono desses 600m<sup>2</sup> e ele pediu R\$270.000,00 cruzeiros à vista.

A urgência de compra deste terreno é o crescente aumento de participantes na comunidade, (em média 500 famílias, atingindo cerca de 3.000 pessoas). Se perdemos esta área não encontraremos outra na parte central do bairro.

A situação sócio-econômica da população é a pior possível. A maioria das famílias ganham um salário mínimo por mês e moram com 4 a 5 filhos, em pequenos cômodos.

Os filhos de Deus na periferia desta Grande Cidade desejam um lugar para se reunir e fazer com que Cristo nasça no meio de nós e a salvação possa acontecer hoje concretamente.

"Por isso digo a vocês: Peçam, e receberão. Procurem, e acharão. E a porta se abre para quem bate" Lc. 11, 9 e 10. "Não tenham medo, pequeno rebanho! Porque é da vontade do Pai dar a vocês o Reino. Vendem tudo o que têm e dêem o dinheiro aos pobres" Lc. 12, 32-33.

*Luís Giuliani*  
Pedro Luís Giuliani

Pela Comunidade do J. Mogohara

*Armélindo Passoni*  
Armélindo Passoni

S.P. 29/11/77.

**Paróquia São João Batista**

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO  
Rua Rodrigo Carlos de Moraes N.º 10 - Vila Alabama  
CEP 08170 - Itaim Paulista - São Paulo

\*9 JAN 1979 00001

*D. Angelico e D. José  
Maria C. Saracho elevat  
missionas e pedidos quando  
vierem a Curitiba. J. B. S. P.  
Itaim Paulista, 8/01/1979 09.11.79*

À Procuradoria da  
MISMA ARQUIDIOCESE de S. PAULO  
SÃO PAULO - SP

Fls. no.	001
Proc. no.	00001/79
Data	09.1.01.79
Rev. em	J.B.

Prezados Senhores,

Nós, equipe dos Padres da Paróquia de Itaim Paulista - Região Episcopal de S. Miguel Paulista - queremos submeter aos Senhores um pedido urgente para as nossas Comunidades.

- 1 - A Paróquia de Itaim Paulista é uma das áreas mais carentes da Região Oeste II e abrange uma população aproximada de 150.000 habitantes.
- 2 - Seguindo as orientações pastorais de nossa Arquidiocese e, em particular, de nossa Região Episcopal, estamos incentivando a formação de Comunidades Eclesiais de Base, para atender à imensa periferia da Paróquia.
- 3 - As C.E.B.s. porém precisam de uma estrutura mínima para desenvolver suas atividades pastorais e sociais. O que mais urge no momento são CENTROS COMUNITÁRIOS para as Comunidades se reunirem e desenvolver estas atividades.
- 4 - ~~APESAR~~<sup>de</sup> todo o nosso esforço, junto com o povo, não conseguimos levar a termo o nosso objetivo. Atualmente temos quatro Comunidades que mais precisam com urgência de construir ou terminar seus Centros Comunitários, caso contrário estaria paralizado seu desenvolvimento. Já elas têm um pequeno fundo econômico por recursos próprios e por promessa de doação por parte da Região Episcopal de S. Miguel. Precisam de uma complementação para conseguir o objetivo proposto.
- 5 - Formulamos portanto à Mitra Arquidiocesana de S. Paulo um pedido de urgência, conforme a situação de cada Comunidade abaixo referidas:

I - Para a construção do Centro Comunitário de Jardim S. Inês:	
Fundo da Comunidade.....	R\$ 15.000
Ajuda da Região S. Miguel.....	R\$ 20.000
RECURSOS NECESSÁRIOS DA MITRA ARQUIDIOCESANA.....	R\$ 105.000
II - Para a construção do Centro Comunitário de Jd. Wália e Mabel:	
Fundo da Comunidade.....	R\$ 20.000
Ajuda da Região S. Miguel.....	R\$ 30.000
RECURSOS NECESSÁRIOS DA MITRA ARQUIDIOCESANA.....	R\$ 120.000

Fls. n.º 1
Proc. n.º 0029/79
De: 9 / 04 / 79
Requente

## PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS

Comunidades de Cidade Vargas - Parque Jabaquara - Vila do Encontro - Vila Guerani - Vila Fachini  
CEP - 04309 - AV. ARMANDO DE ARRUDA PEREIRA, 2.313 - FONE: 975-0718 - SÃO PAULO

Revmo. Côn. LUCIANO GRILLI  
ADMINISTRADOR  
MITRA ARQUIDIOCESANA

Ref.: Consulta urgente à Cúria  
sobre Terreno da VILAGUARANI

Na Vila Guerani, bairro da paróquia NS DAS GRAÇAS, está funcionando há seis anos uma Comunidade, usando como local um SALÃO alugado (Cr\$ 5.000,00 mensais).

Há tempo a comunidade está procurando um terreno. Os imóveis estão sendo valorizados assustadoramente.

Nestes dias foi colocado à venda um dos poucos terrenos ainda disponíveis e aproveitáveis do bairro.

Em anexo estão as condições de venda apresentadas pela Imobiliária, que sugeriu a apresentação de uma nossa proposta para ser discutida com o dono do imóvel.

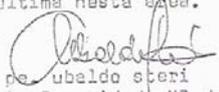
Consultado o Bispo da Região, Dom Celso, pensamos na viabilidade da seguinte proposta:

400.000,00 de Entrada e 13 prestações iguais de 50.000,00.

A Comunidade entraria com uma parte e com um pequeno empréstimo bancário. Não dispendo a Região no momento atual dos fundos necessários, PEDIMOS sr... a MITRA não poderia ADIANTAR a quantia de 250.000,00 Cr\$, a ser devolvido pela Região conforme parecer do Bispo (abaixo).

Contamos com a atenção de sempre e aguardamos uma resposta urgente, para poder garantir o negócio e não perder esta oportunidade, considerada ótima e talvez a última nesta área.

São Paulo 6 de abril de 1979

  
de Celso  
pela Comunidade NS das Graças

PARÓQUIA N. S. DAS GRAÇAS

- AV. EDE. ARMANDO DE ARRUDA PEREIRA, 2313 -  
04309 - SÃO PAULO - (Capital)

P.S. de acordo com o parecer  
do Bispo da Região Ipiranga

Parecer do Bispo da Região Ipiranga  
Dom A. CELSO QUEIRÓS

*Recomendo, insistentemente este pedido:*

- 1) A Paróquia N. S. das Graças sempre se demonstrou disposta em ceder seu terreno inerte para o "bem comum"
- 2) Este terreno entrará como prioridade no Plano de auxílio que recebemos da Alemanha. Assim que o dinheiro chegar, reporemos junto à Mitra o total adiantado.
- 3) Enquanto o dinheiro não chegar (o dinheiro do auxílio externo), a Região pagará à Mitra Cr\$ 20.000,00 mensais como início de reposição do montante adiantado.

*Opato + Celso*

\*9 ABR 1979

00001

PARÓQUIA SÃO JOSÉ OPERÁRIO

Rua Miguel Gonçalves Correia, 305 — Campo Limpo — São Paulo — Capital  
C. G. C. (M. F.) N.º 63.089.825/046

Fla. n.º	
Proc. n.º	0042/79
Data	29 / 05 / 79
Rubrica	<i>[assinatura]</i>

A CÔRRIA ARQUIDIOCESANA DE SÃO PAULO

R.ªvma. Mons. LUCIANO GRILLI

Vimos por meio desta solicitar à V. Revma. que se digne incluir o PROJETO DE CONSTRUÇÃO DO CENTRO COMUNITÁRIO STA. IZABEL, localizada na rua D, esquina com a rua J, dentro da quadra delimitada pelas ruas J, H, F, D, no Jardim Resana, Bairro de Campo Limpo, S. Paulo. O terreno tem a seguinte metragem: 390,03 m<sup>2</sup>, de propriedade da Mitra Arquidiocesana, está sob a administração da Paróquia de S. JOSÉ OPERÁRIO de Campo Limpo, na verba que vem da ALEMANHA. O projeto anexo já foi aprovado pela REGIÃO e tem a vista de D. MAURO MORELLI.

Sem mais a desejar, reiteramos nossos sinceros votos de protestos, elevada estima e respeito.

ATENCIOSAMENTE

SÃO PAULO, 8 DE MAIO DE 1979

*[assinatura]*  
Pe. EDUARDO RAMOS PARÓQUIA SÃO JOSÉ OPERÁRIO

00042

29 MAI 1979

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO  
REGIÃO EPISCOPAL LESTE 2

Fls. n.º	
Proc. n.º	0046/79
Data	30 / 5 / 79
Rubrica	<i>[assinatura]</i>

São Paulo, 24 de maio de 1979

Meu querido irmão Mons. Luciano T. Grilli,

Jesus Cristo é o SENHOR!

Que o bom irmão esteja bem, são meus votos e pedidos a Deus.

A Comunidade de Vila Etelvina está com seu salão por cobrir, com perigo de ver o material a se deteriorar! A Mitra Arquidiocesana ajudou muito a esta Comunidade, na ocasião da troca do terreno, quando lá trabalhavam Pe. Eduardo Banville e Pe. Orestes (Setor de Guaianasas). Na ocasião da troca, foi feita à Comunidade, espécie de promessa de empréstimo.

Sei que a Mitra não tem possibilidade normal para fazer empréstimos. Estamos, porém, diante de situação de exceção, para a qual solicito sua sempre presença colaboradora, nunca desmentida, aliás, pelos fatos.

Com estima, saudações e agradecimentos do

*Angélico Sândalo Bernardino*  
DOM ANGÉLICO SÂNDALO BERNARDINO  
Bispo Auxiliar e Vigário Geral  
São Paulo - Leste II



00046

30 MAI 1979

*Parado: José Francisco Louzeiro*  
197-9922

Fla. No. 1.º	
Proc. no.	0048/79
Data	7 / 6 / 79
Rubrica	

**COMUNIDADE PAROQUIAL N. S. DO CARMO**

Correspondência: Cx. Postal, 155 - 09500 São Caetano do Sul - São Paulo

Praça Dr. Vicente Giacagliini, 2 - Fone: 271-7907 - Vila Alpina - São Paulo

São Paulo, 6 de junho de 1979

Prezado Monsenhor Grilli,

Vimos por meio desta, solicitar o pedido de verba no valor de Cr\$ 300.000,00 pelo projeto de Misereor para a compra de terreno sito à Rua Gaspar Barreto nº 732, Vila Alpina, São Paulo.

A finalidade da compra é a instalação da Sede de uma Comunidade Eclesial de Base.

O terreno consta da seguinte metragem: 10 metros de frente para a Rua Gaspar Barreto e 40 metros da Rua Gaspar Barreto até os fundos.

O valor do terreno é de

O Endereço dos vendedores é "Diamante Imóveis" Rua José Monteiro nº 273, Brás, São Paulo.

Em anexo mandamos a escritura.

Sem mais,

Subscrevemo-nos

\_\_\_\_\_  
DOM LUCIANO MENDES DE ALMEIDA  
(Bispo da Região Episcopal Belém)

*Jorge Borán*  
\_\_\_\_\_  
Pe. JORGE BORÁN

(Coordenador do Setor Vila Prudente)

*Patricio Coughlan*  
\_\_\_\_\_  
Pe. Patricio Coughlan

(Coordenador de C.E.Bs.  
Paróquia Nossa Senhora do Carmo - V.Alpina)

00048

-7 JUN 1979

Fls. n.º 1.º
Proc. n.º 0066/79
Data 2 de 07 / 79
Rubrica

**COMUNIDADE PAROQUIAL N. S. DO CARMO**

Correspondência: Cx. Postal, 155 - 09500 São Caetano do Sul - São Paulo

Praça Dr. Vicente Giaccaglino, 2 - Fone: 271-7907 - Vila Alpina - São Paulo

São Paulo, 28 de maio de 1979

Prezado Monsenhor L. Grilli

Vimos por meio desta, solicitar o pedido de verba no valor de Cr\$ 400.000,00 pelo projeto Misereor para a compra de terreno sito à Rua Marará, nº 4, Vila Alpina, São Paulo.

A finalidade da compra é a instalação de Sede de uma Comunidade Eclesial de Base.

O terreno consta da seguinte metragem: 6,20 metros de frente para a Rua Marará; do lado direito de quem da rua olha para o imóvel, mede 21,70 metros, confrontando com a outra parte do lote 40 de propriedade dos Outorgantes vendedores; do lado esquerdo mede 23 metros e pelos fundos, 5,50 metros encerrando a área total de 130,75 metros quadrados.

O valor do terreno é de Cr\$ 400.000,00 tendo dada também a entrada.

O endereço do antigo proprietário é Rua Manoel da Costa, 778 Vila Ema., São Paulo.

Em anexo mandamos o traslado da escritura.

Sem mais,

Subscrevemo-nos,

\_\_\_\_\_  
D. Luciano Mendes de Almeida  
(Bispo da Região Episcopal Belém)

*Jorge Boran*  
Pe. Jorge Boran

(Coordenador do Setor Vila Prudente)

*Pe. Patrício Coughlan*  
Pe. Patrício Coughlan

(Coordenador de C.E.Bs.)

Paróquia Nossa Senhora do Carmo - V. Alpina)

00 66  
22 JUL 1979

Paróquia do Coração Imaculado de Maria  
Rua Monte Alegre, 884  
Fone: 62-2498  
Perdizes

Fls. no.º	
Proc. no.º	0078/79
Data	18 / 07 / 79
Rubrica	<i>[assinatura]</i>

00 73

18 JUL 1979

São Paulo, 16 de julho de 1.979

Rvmo. Mons. Luciano

Por meio desta venho a presença de V. Rvma. para expor o quanto segue:

Como é do conhecimento de V. Rvma. a Paróquia do Coração Imaculado de Maria de Perdizes, está empenhada na construção de um Centro Comunitário- Capela, no bairro do Jardim Princesa, subdistrito de V. Brasilândia, Região Episcopal Lapa. A referida construção encontra-se em fase de concretagem da lage-piso. Acontece que as verbas de que a Paróquia dispunha para esse trabalho se encontram no momento esgotadas, sendo impossível, de imediato, a realização de campanha visando arrecadar fundos para isso. Os motivos da impossibilidade são: inexistência atual de Vigário da Paróquia; solicitação recente aos paroquianos de contribuições para presentes ao novo bispo auxiliar e para a montagem do apartamento do mesmo e ainda a ausência de muitos paroquianos e frequentadores por motivo de férias. Também a comunidade local do Jardim Princesa ainda não se encontra em condições de colaborar para isso suficientemente.

Por todos esses motivos nos vemos na contingência de solicitar ajuda dessa Mitra Arquidiocesana para que as obras não venham a ser suspensas e despedidos os empregados. A ajuda que solicitamos seria da seguinte maneira: um empréstimo de CR \$ 30.000,00 ( trinta mil cruzeiros ) mensais durante os meses de julho, agosto, setembro e outubro. Neste meio tempo, comprometem-se os membros do Conselho da Paróquia a realizar algumas promoções beneficentes com a finalidade de arrecadar verba para saldar esse compromisso e dar prosseguimento à obra. Devo assegurar ainda que o provável novo Vigário, Pe. José Pedro dos Santos, consultado sobre o plano mostrou-se de pleno acordo.

Certo da compreensão fraterna de V. Rvma, desejo expressar-lhe meu profundo agradecimento e firmar-me com um abraço amigo

*Décio Pereira*  
D. Décio Pereira

Fla. n.º	1.ª
Proc. n.º	0097/79
Data	17 / 8 / 79
Rubrica	

PROPOSTAS DE COMPRA DE UM TERRENO, PARA CONSTRUÇÃO DE CENTRO COMUNITÁRIO.

BAIRRO: VILA NOVA PRINBURGO

PAROQUIA : STA. RITA DE CASSIA. / 246.33.62

SETOR: INTERLAGOS

REGIÃO: SUL.

00097

17 AGO 1979



Fls. n.º 2.  
Proc. n.º 0097/79  
Data 17/8/79  
Rubrica

Paróquia Santa Rita Tatubergos Região Sul  
Pároco responsável padre José Dival  
Comunidade interessada da Vila Nova Friburgo  
Localização (só) terreno(s) \_\_\_\_\_  
Rua Brasileira Quadra não sei  
Jardim \_\_\_\_\_ Bairro Vila Nova Friburgo  
Terreno 640 m<sup>2</sup> preço atual 950,000,00  
valor real R\$ \_\_\_\_\_ preço atual 950.000,00

Nome do proprietário não sei + nome do advogado FA  
Endereço: R. São Benedito 436 telefone: 548-3378  
Nome da imobiliária: Taba  
Endereço: R. São Benedito telefone: \_\_\_\_\_  
Contrato sim sim (X) não ( )  
Registro de imóveis sim sim (X) não ( )  
Compromisso de compra ou venda quitado sim (X) não ( ) sim

Guafofines

Se os proprietários forem casados, Carteira de Identidade e CIC dos cônjuges.  
RG não entrei em CIC contacto com o dono  
RG só com advogado CIC ele me falou tudo em  
ordem

Autorização da Imobiliária para transferir o compromisso.  
Impostos de 1972 em diante. +  
Se estiver em inventário trazer alvará judicial. + não tem construção  
Se houver construção, exige-se alvará de construção e negativo de INPS.

Condições de pagamento só a vista

O terreno será usado para que? Igreja Católica  
Nome do representante e comentário: Manoel Pestana Caldeira

Faz três anos que usamos as domingos, o pátio do ginásio: e  
debutante a semana e aos sábados nos reunimos nas casas, mas o  
bairro está crescendo muito.



Fla. n.º 3  
Proc. n.º 0097/79  
Data 17/12/79  
Rubrica

\*  
MUNICÍPIO DE TERESÓPOLIS, RJ. Tererolages Região Sul.  
Paróquia Sta. Rita de Caspary  
Padre ou responsável João Justo  
Comunidade interessada V. Glevo Brito  
Localização do(s) terreno(s)  
Rua do Padre do Rio Bonito 2013 Canga  
Jacarta 15300-000 Bairro STO ANTONIO  
Terreno 1530 m.  
valor real R\$ \_\_\_\_\_ preço atual R\$ 2500,00 m.2

Nome do proprietário: \_\_\_\_\_  
Endereço: \_\_\_\_\_ telefone: \_\_\_\_\_  
Nome da imobiliária: RAF  
Endereço: \_\_\_\_\_ telefone: 246-94-65  
Escrituras  sim (X)  não ( )  
Registro de imóveis  sim (X)  não ( )  
Comprovação de compra de venda quitada  sim ( )  não ( )

Se os proprietários forem casados, Carteira de Identidade e CIG dos côn-  
juges.  
RG \_\_\_\_\_ CIG \_\_\_\_\_  
RG \_\_\_\_\_ CIG \_\_\_\_\_

Autorização da imobiliária para transferir o compromisso.  
Antes de 1972 em diante.  
Se estiver em inventário trazer alvará judicial.  
Se houver construção, exige-se alvará de construção e negativa de IPTU.

Condições de pagamento A. COMBINAR

O terreno será usado para uso? (VAZIO) Centro Comunitário  
Tipo de terreno e cobertura ESTRADA ASFALTADA E  
REVESTIDA



Fls. n.º 4.  
Proc. n.º 0097/79  
Data 17 / 8 / 79  
Rubrica *[Handwritten Signature]*

Interlagos *[Handwritten]* *[Handwritten]*

*[Handwritten]* Sta. Rita de Cassia  
*[Handwritten]* José Justo  
*[Handwritten]* V. Leona Freilongo

*[Faint handwritten text]*  
LATA DE LANTANA 1120  
V. N. FREILONGO  
R. ... 112

*[Faint handwritten text]*  
NELSON 1201512  
24 41341760N 1012 4011 946-38-30 / 246-04-47

*[Faint handwritten text]*  
A CO MISIPARIS

(VAZIO) Centro Comunitário



Fls. n.º 5.  
Proc. n.º 0097/79  
Data 17 / 8 / 79  
Rubrica

Compra de terreno, Sitio Interlagos, União Sul.  
Sta. Rita de Cassia  
Nome do responsável: José Jústati  
Comunidade interessada: V. Miguel F. Airurgo.  
Localização do(s) terreno(s)  
Rua LAUREANO 761 E Quadra  
Jardim: 11120350 Bairro: São João  
Tamanho: 150 m²  
valor real R\$ preço atual R\$ 800.000,00

Nome do proprietário: \_\_\_\_\_  
Endereço: \_\_\_\_\_ telefones: \_\_\_\_\_  
Nome da imobiliária: LTA 00143  
Endereço: \_\_\_\_\_ telefones: 41-46.623 2do. 4216  
Escritura sim (x) não ( )  
Registro de Imóveis sim (x) não ( )  
Compromisso de compra de venda quitado sim ( ) não ( )

Se os proprietários forem casados, Carteira de Identidade e CIC dos côn-  
juges.

RG \_\_\_\_\_ CIC \_\_\_\_\_  
RG \_\_\_\_\_ CIC \_\_\_\_\_

Autorização da imobiliária para transferir o compromisso.  
Impostos de 1972 em diante.

Se estiver em inventário trazer alvará judicial.

Se houver construção, exige-se: alvará de construção e negativo do INPS.

Condições de pagamento: A Contado

O terreno será usado para que? (Vazio) Contas Comunitárias

Esclarecimento e comentário: Rua A. República e alameda

PARÓQUIA DE SÃO SEBASTIÃO E CONSELHO PAROQUIAL

Fla. n.º	1
Proc. n.º	111/79
Data	13 / 9 / 79
Rubrica	K

São Paulo, 5 de julho de 1979.

Exmo. Sr. Bispo:

Vimos, pelo presente, comunicar a V.Exa. que em cumprimento às determinações emanadas das diretrizes Arquidiocesanas, referentes às Comunidades de Base e das conclusões da Visita Pastoral, sobre o mesmo assunto, o Conselho Pastoral da Paróquia de S. Sebastião, presidido pelo Vigário Pe. Estanislau Goncerzewicz, localizou um terreno adequado à finalidade, na Vila Pizzotti, com forme cópia anexa.

2. Procurou-se o proprietário para a devida negociação que propôs: terreno, forma irregular, situado à Rua Eugênio de Freitas, cuja área de 650m<sup>2</sup>. por Cr\$2.200,00 m<sup>2</sup>. no valor total de Cr\$1.430.000,00.

3. A localização do imóvel é ideal para formar um núcleo Comunitário nos moldes exigidos para os serviços daquela aglomeração de famílias.

4. Ainda, geograficamente, a dita localidade é distante da Sede Paroquial, pois a sua aquisição é oportuna, cuja população é carente de recursos e a Paróquia não está em condições de efetuar tal compra, por isso esperamos a ajuda da Região Episcopal de Santana, e solicitamos os meios financeiros destinados para os Centros Comunitários desta natureza.

Sem mais, na oportunidade, apraz-nos ratificar a V.Exa. nosso respeito e obediência,



00111

13 SET 1979

*Pe. Estanislau Goncerzewicz*  
 Vig. Pe. Estanislau Goncerzewicz

*Candido G. Pereira*  
 Pres. Conselho - Cândido G. Pereira

Ao  
 Exmo. Sr.  
 Dom Joel Ivo Catapan  
 DD. Bispo da Região Norte  
 Nesta Capital

*De acordo com a apresentação anexa  
 + João  
 00.00*

Fis. n.º 1.	
Proc. n.º	116/79
Data	17 / 09 / 79
Rubrica	

São Paulo, 10 de Setembro de 1.979 .

00116  
17 SET 1979

À  
MITRA ARQUIDIOCESANA DE SÃO PAULO  
CAPITAL



Prezados Senhores :

Conforme nosso entendimento verbal, apresentamos abaixo, a relação dos terrenos que temos a indicar para a construção do centro comunitário do Jardim Santa Terezinha :

- 1) Lote n.º 57 , Quadra 19 , Rua Dese (asfaltada) com 250 m2 (10x25) →  
Proprietário : Aristides Antunes Souza .  
Telefone : 216-2167.  
Endereço : Rua Mafalda 261 - Trav.Particular Silva,5 - Vila Formosa .  
Prêço : Cr\$ 250.000,00 (duzentos e cinquenta mil cruzeiros) à vista .
- 2) Lote n.º 23 , Quadra 19 , Avenida Hum (asfaltada) com 300 m2 (10x30) .  
Corretor : Oratório Consultoria de Imóveis S/C Ltda. - Sr.Oswaldo Curilev  
Telefone : 273-6784  
Endereço : Rua Itapigá,124 - Vila Libanese(ponte final de ônibus Oratório)  
Prêço : Cr\$ 250.000,00 (duzentos e cinquenta mil cruzeiros) à vista .  
à prazo:Cr\$ 350.000,00 , com Cr\$ 150.000,00 de entrada  
prestações iniciais de Cr\$ 5.000,00  
Cr\$ 7.000,00  
Cr\$ 9.000,00

Informamos ainda que os proprietários estão com a documentação legalizada e prontos para passar a escritura a qualquer tempo.Eles têm contrato / de compra e venda com a Cia.Ferco de Empreendimentos,à Av.Cáspar Líbero,58-2º andar,sala 21B .

No aguardo de suas providências a respeito,aqui permanecemos ao / seu inteiro dispor.

Atenciosamente

Pe. Geraldo M. Namora  
Pe. Geraldo M. Namora

José B. Brito Silvia Inácio Favarão Salim Maria Zelata de Paiva  
Pela comunidade de Santa Terezinha

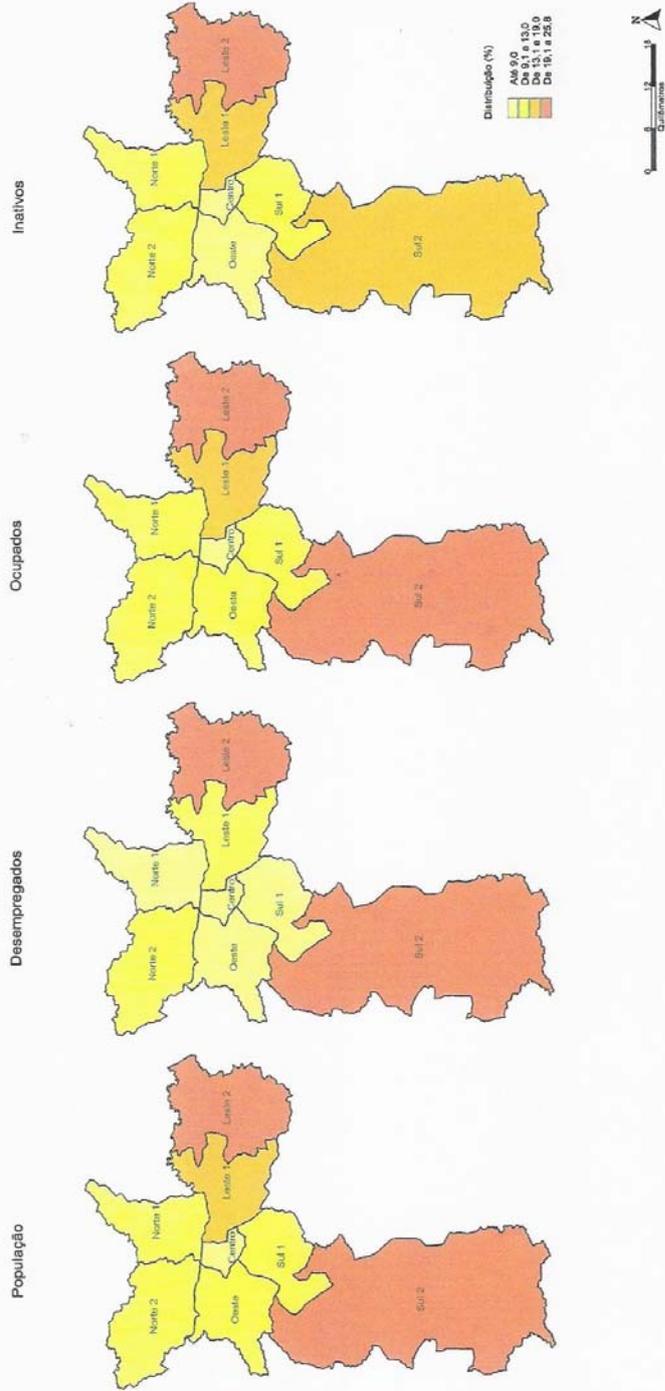
de acordo  
a pedido

Luciano  
Dom Luciano

# MAPAS

**MUNICÍPIO EM MAPAS**  
SÉRIE TEMÁTICA  
ECONOMIA URBANA

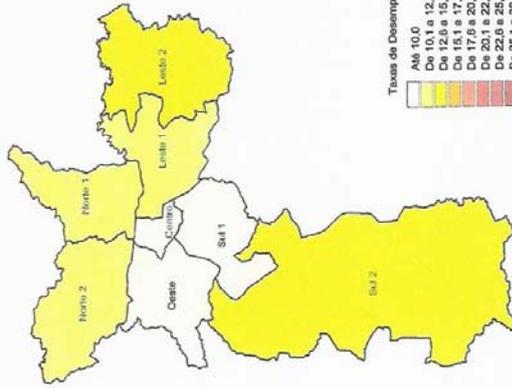
**Distribuição da População, dos Desempregados, Ocupados e Inativos de 16 Anos e Mais**  
Regiões da PED  
2004/2005



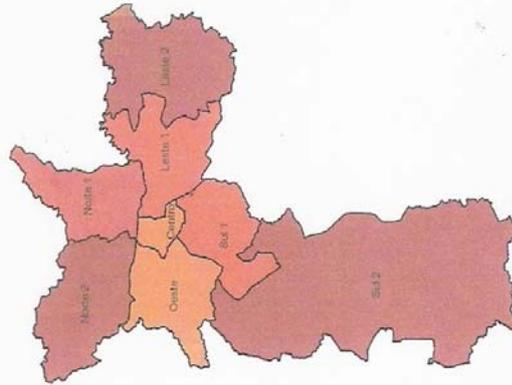
Fonte: IBGE, Censo do Brasil 2000. Pesquisa de Emprego e Desemprego - PED.

**Taxas de Desemprego, por Faixa Etária**  
Regiões da PED  
2004/2005

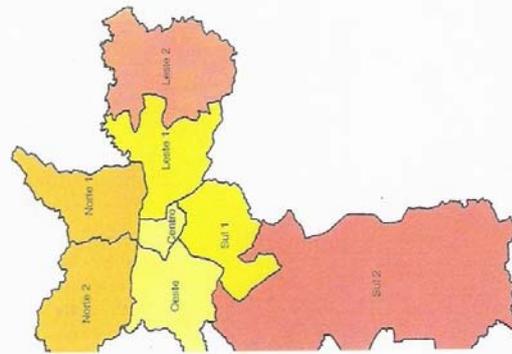
30 Anos e Mais



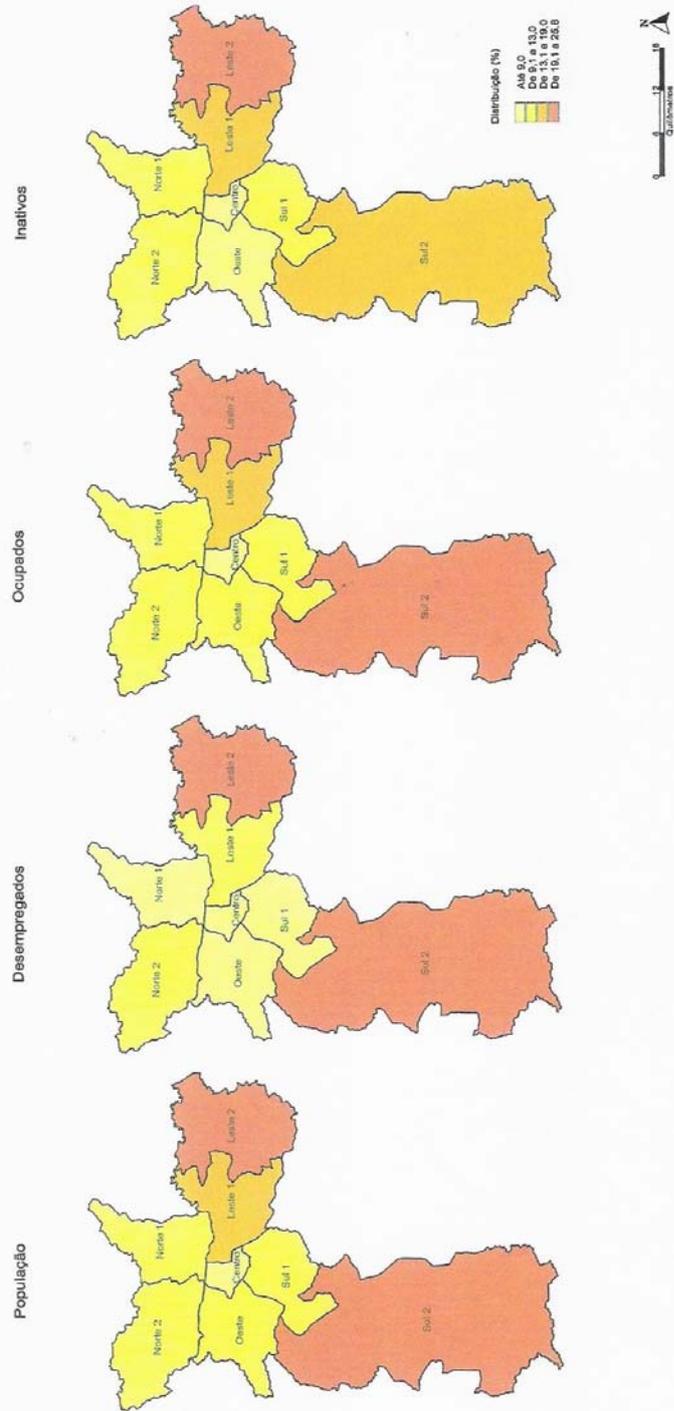
16 a 29 Anos



Taxa de Desemprego Total

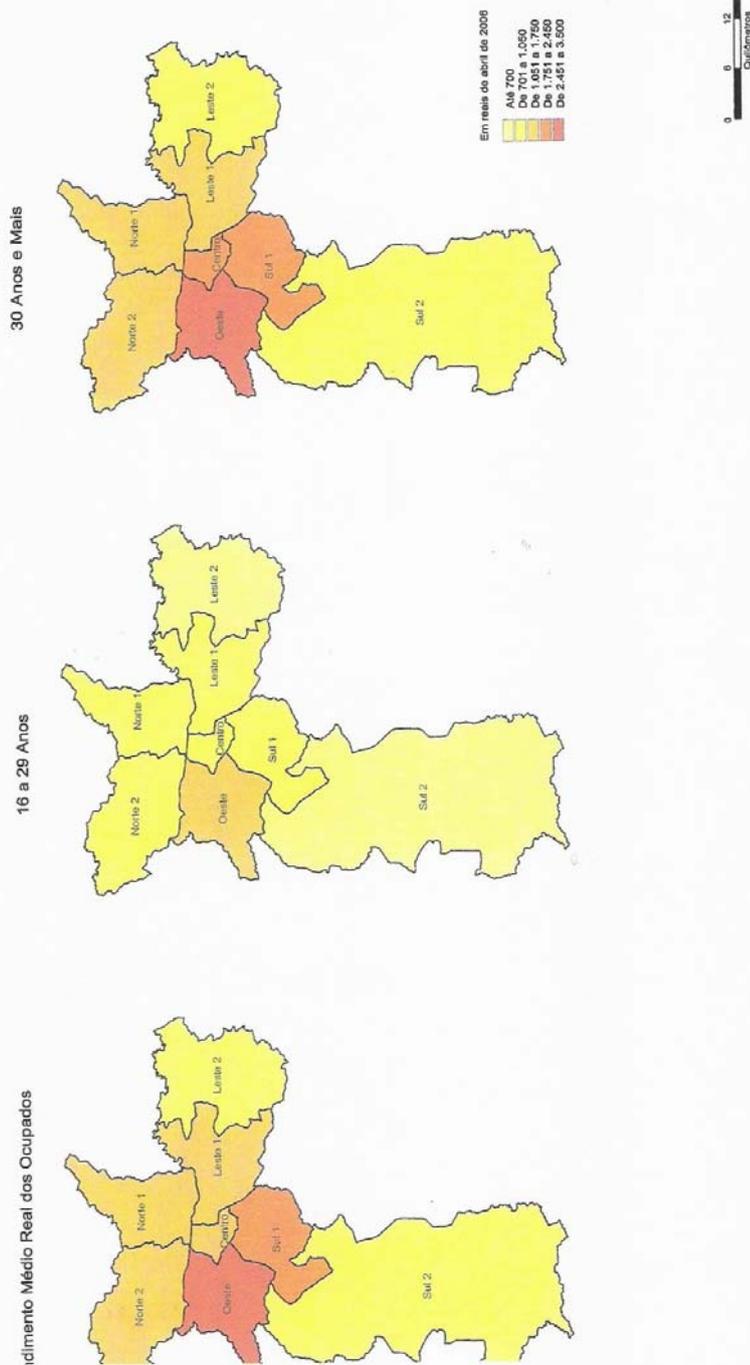


**Distribuição da População, dos Desempregados, Ocupados e Inativos de 16 Anos e Mais**  
Regiões da PED  
2004/2005



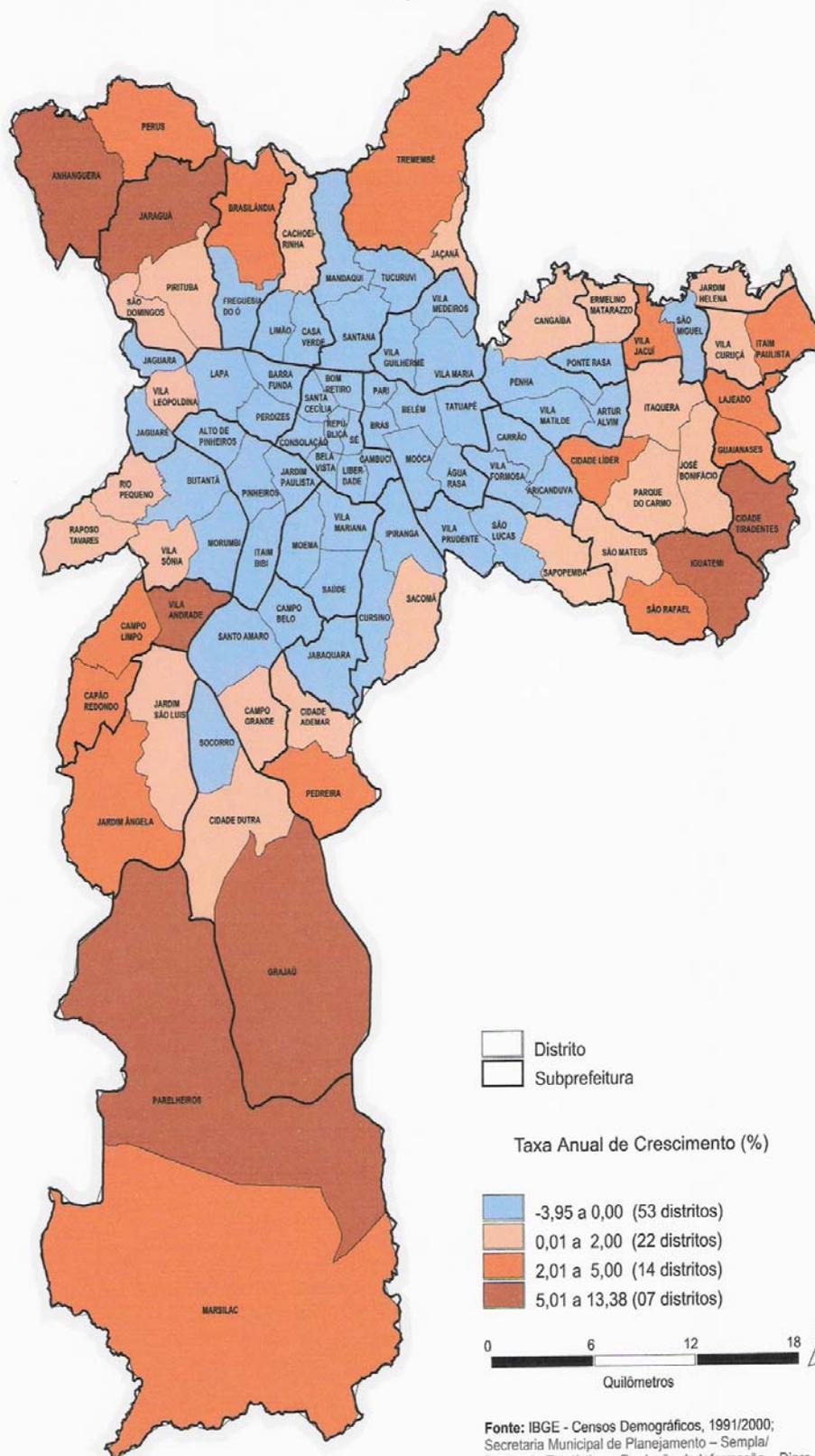
Fonte: IBGE, Conselho Sete-Cidades, Pesquisa de Emprego e Desemprego - PED.

**Rendimento Médio Real dos Ocupados, por Faixa Etária**  
Regiões da PED  
2004/2005

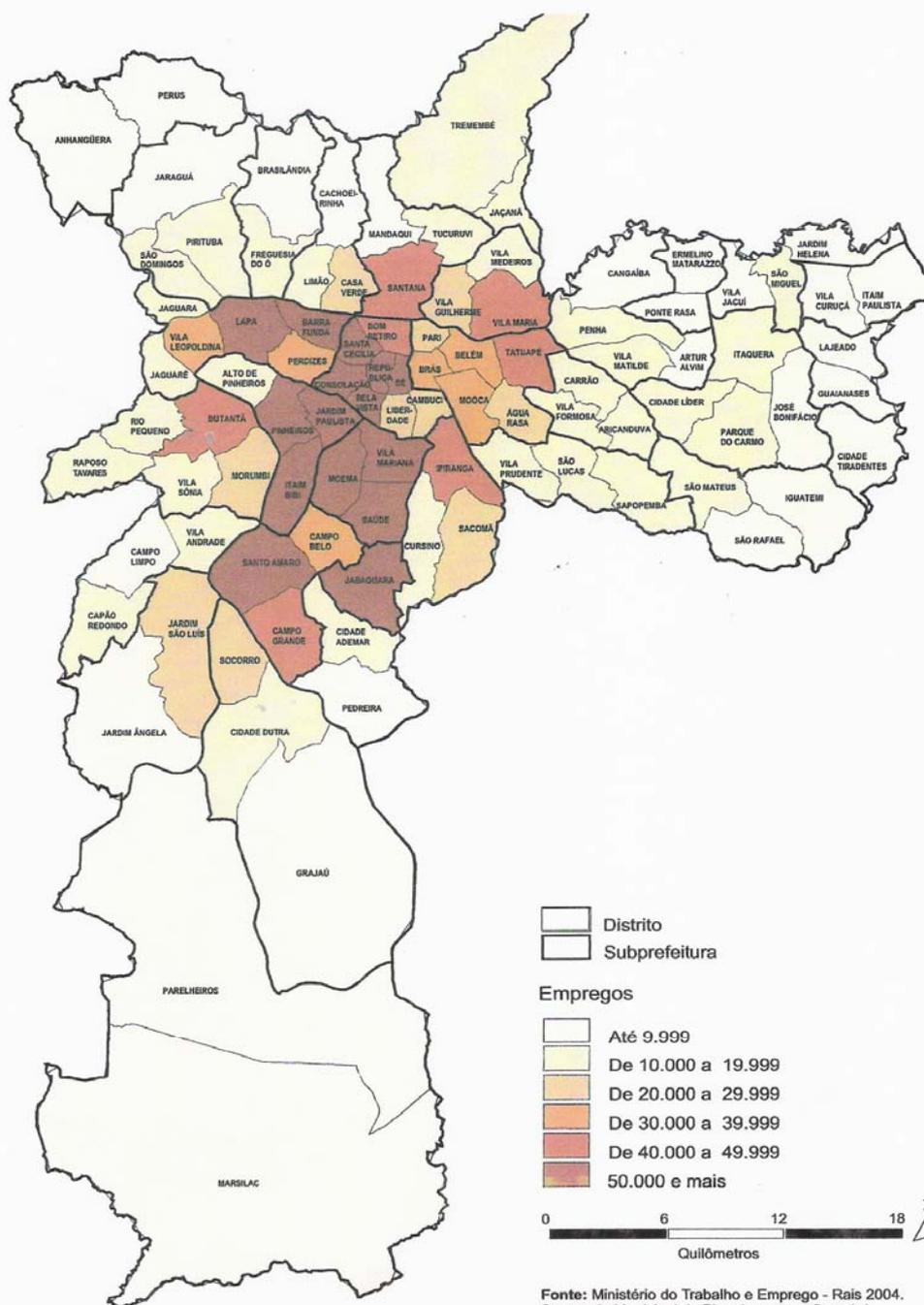


Instituto Sade-Cressa, Pesquisa de Emprego e Desemprego - PED.

### Taxa de Crescimento Populacional Distritos do Município de São Paulo 1991/2000



## Empregos Formais Distritos do Município de São Paulo 2004

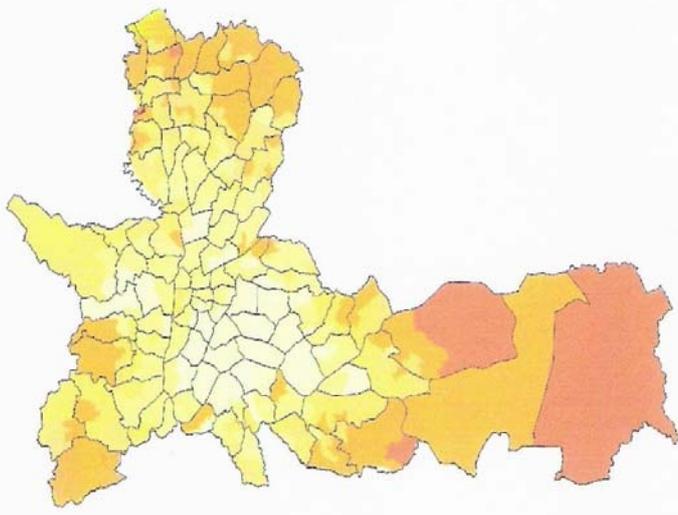


Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego - Rais 2004.  
Secretaria Municipal de Planejamento - Sempla/  
Depto. de Estatística e Produção de Informação - Dipro.

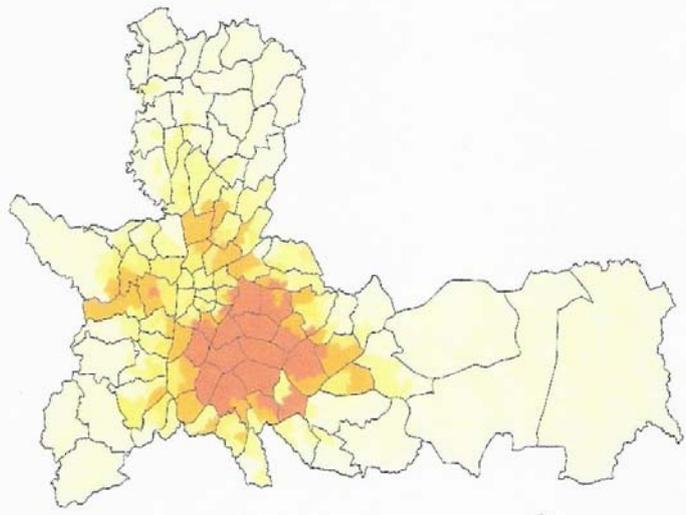
Distribuição de Domicílios, segundo Faixa de Renda

Distritos do Município de São Paulo 2000

Domicílios com renda domiciliar de até 3 salários mínimos



Domicílios com renda domiciliar de 20 ou mais salários mínimos



Distritos

Em %

Até 10,00

De 10,01 a 20,00

De 20,01 a 30,00

De 30,01 a 45,00

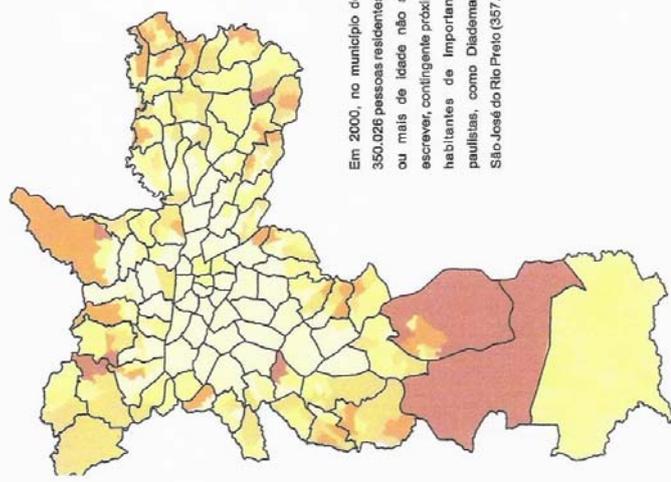
45,01 e mais



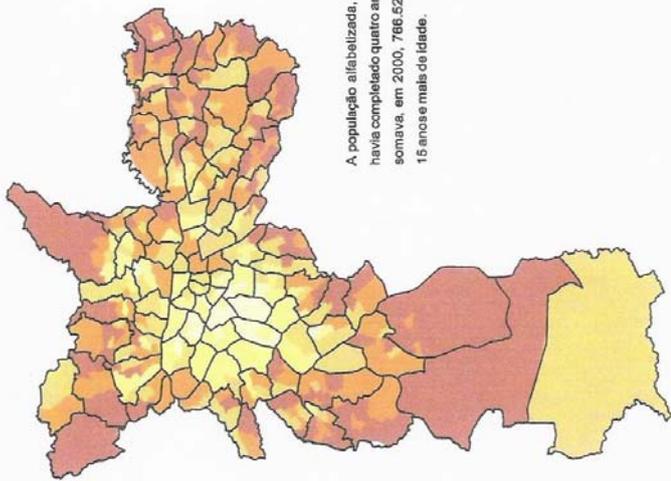
no Demográfico 2000. Projeto Estatístico da Amostra para Income e Relação entre Domicílios de determinadas faixas de renda e distribuição por município, com base nos dados referentes ao Município de São Paulo. São Paulo: Instituto de Geografia IBGE/IBGE, 2000. Disponível para o Município de São Paulo.

### Analfabetos e Analfabetos Funcionais de 15 Anos e Mais Distritos do Município de São Paulo 2000

Analfabetos



Analfabetos Funcionais



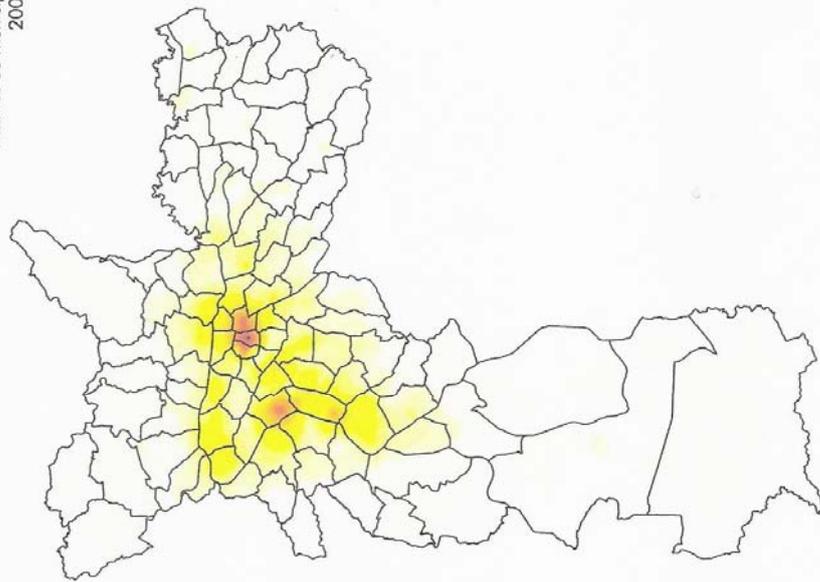
Distritos

Número de pessoas

- Até 500
- De 501 a 950
- De 951 a 1.400
- De 1.401 a 2.100
- 2.101 e mais



**Estabelecimentos**  
Distritos do Município de São Paulo  
2004

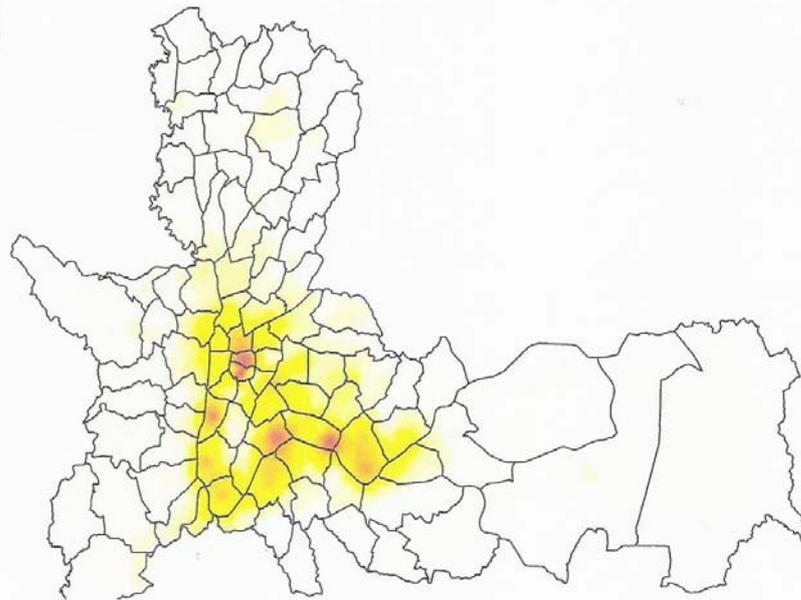


Distritos	Número de Estabelecimentos
	6.188
	5.876
	5.587
	5.258
	4.949
	4.640
	4.331
	4.022
	3.713
	3.404
	3.095
	2.786
	2.477
	2.168
	1.859
	1.550
	1.241
	932
	623
	314
	5

Os estabelecimentos estão claramente concentrados na região central da cidade. É possível observar também uma forte densidade ao longo das Marginais Pinheiros e Tietê, especialmente em dois pontos: na região de Pinheiros e Butantã; e na divisa entre Itaim e Santo Amaro. Além disso, é evidente o contraste entre a área central da cidade e seus extremos sul, norte e leste. Na Zona Leste, as exceções são alguns subcentros, como São Miguel, Itaquera e São Mateus, que são mais bem visualizados nos mapas que seguem, destacando as regiões da cidade.



**Empregos Formais**  
Distritos do Município de São Paulo  
2004



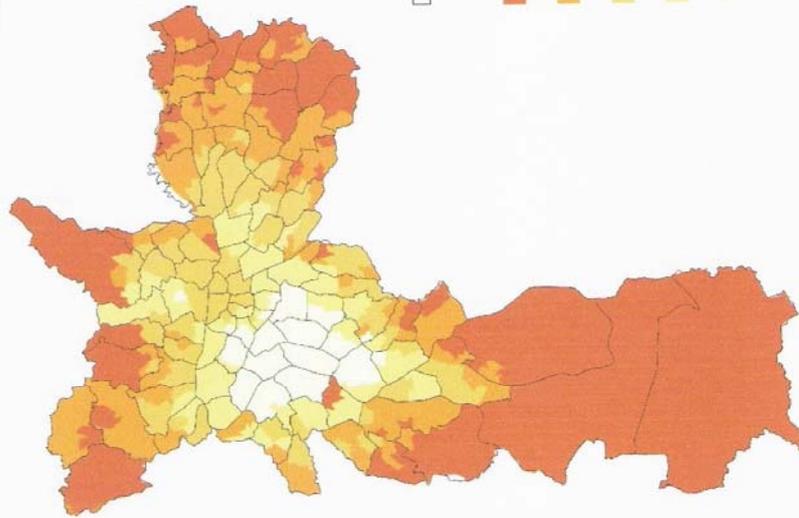
O mapa de empregos formais produz uma imagem de "ilhas" de concentração no centro expandido da cidade. O centro ainda mostra uma tendência concentradora, especialmente nos distritos Sé, República e Brás. Porém, outras áreas do município mostram-se igualmente importantes. Na sua porção sudoeste e ao longo das Marginais Pinheiros e Tietê, encontram-se as maiores concentrações de empregos. É o caso das áreas não residenciais na Lapa, Barra Funda, Vila Leopoldina e ao longo da Marginal Pinheiros, em Pinheiros, Itaim e Santo Amaro.

Outro aspecto interessante é notar que, entre estas "ilhas", há espaços vazios, ou seja, áreas com baixíssima presença de empregos, que, na sua maioria, são zonas de ocupação residencial de alto padrão, como Pecaembu, Higienópolis, Perdizes, Alto de Pinheiros, Jardim Paulista e Moema. Os Jardins, por exemplo, separam duas das três importantes áreas já mencionadas: Pinheiros e Itaim. Este fato revela que a parte mais rica da cidade é dividida entre os espaços produtivos e as áreas residenciais de médio para alto padrão: ou tem-se uma enorme concentração de empregos do setor produtivo formal, ou tem-se uma concentração de habitação de alto padrão.

O mapa é importante para mostrar que estes espaços, de produção (concentração de empregos do setor produtivo) e consumo (ocupação residencial de médio a alto padrão) da riqueza, aparecem juntos se considera a totalidade da cidade, entretanto, não se confundem. Há uma disputa entre ambos pela localização privilegiada do ponto de vista da infra-estrutura, equipamentos e serviços disponíveis na cidade. Em determinadas áreas, o uso produtivo avança e o residencial só existe em função das normas urbanísticas. Em outras, o uso industrial está se enfraquecendo e a tendência apontada é de ocupação por empreendimentos residenciais.



**Domicílio, segundo Padrão de Renda e Conforto**  
Distritos do Município de São Paulo  
2000



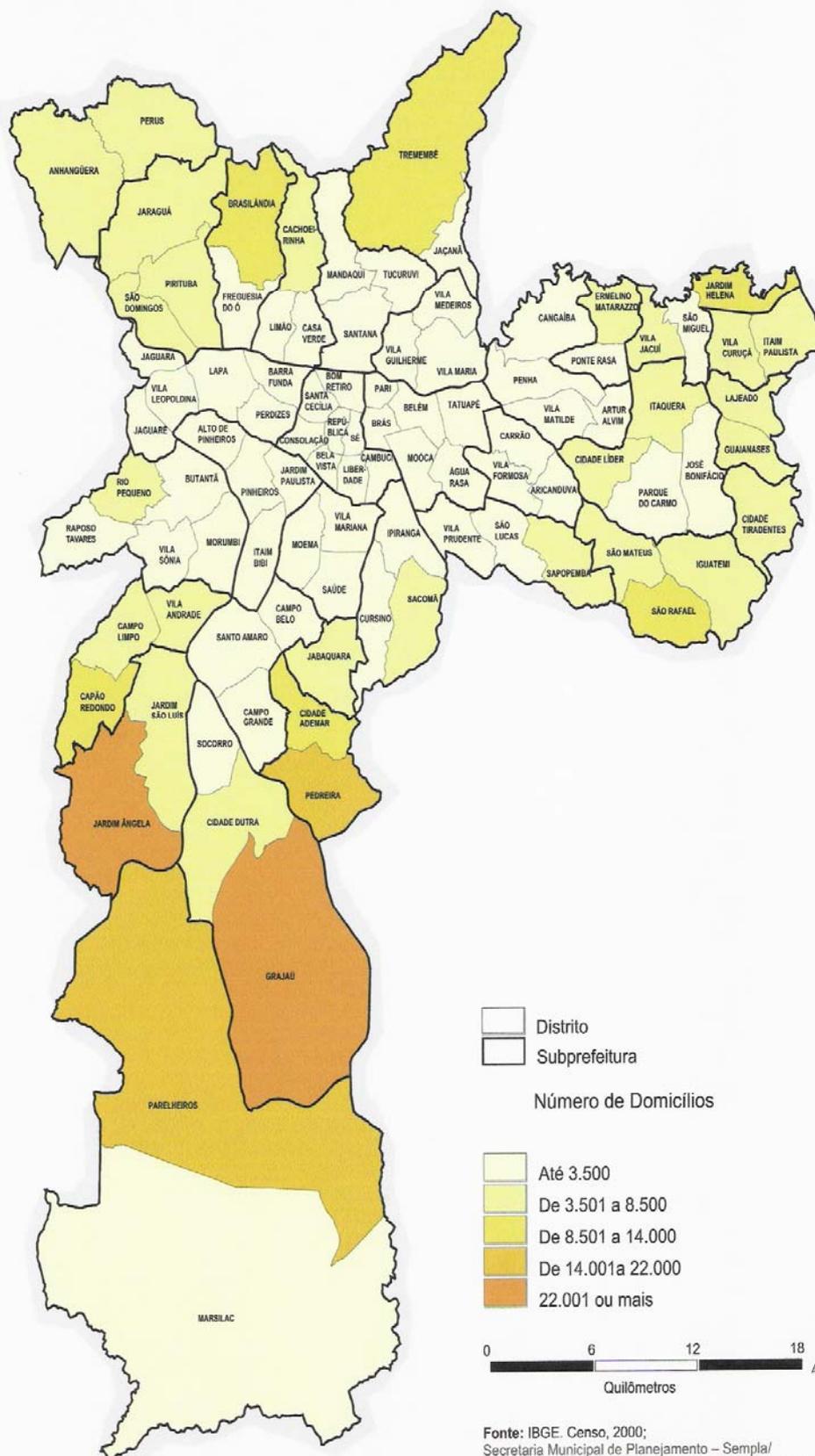
Distritos

Grupos de domicílios por padrão de renda e conforto

- Baixo padrão de renda e conforto**  
Este grupo refere-se ao conjunto de Áreas de Ponderação de Amostra/Censo 2000 em que se verifica a predominância de domicílios com 1 a 3 moradores por domicílio e renda domiciliar de até 5 salários mínimos.
- Padrão regular de renda e conforto**  
Este grupo refere-se ao conjunto de Áreas de Ponderação de Amostra/Censo 2000 em que se verifica a predominância de domicílios com 1 a 3 moradores por domicílio e renda domiciliar de até 10 salários mínimos.
- Médio padrão de renda e conforto**  
Este grupo refere-se ao conjunto de Áreas de Ponderação de Amostra/Censo 2000 em que se verifica a predominância de domicílios com até 2 moradores por domicílio e renda domiciliar entre 5 e 20 salários mínimos.
- Bom padrão de renda e conforto**  
Este grupo refere-se ao conjunto de Áreas de Ponderação de Amostra/Censo 2000 em que se verifica a predominância de domicílios com até 2 moradores por domicílio e renda domiciliar maior que 10 salários mínimos.
- Alto padrão de renda e conforto**  
Este grupo refere-se ao conjunto de Áreas de Ponderação de Amostra/Censo 2000 em que se verifica a predominância de domicílios com até 2 moradores por domicílio e renda domiciliar maior que 20 salários mínimos.



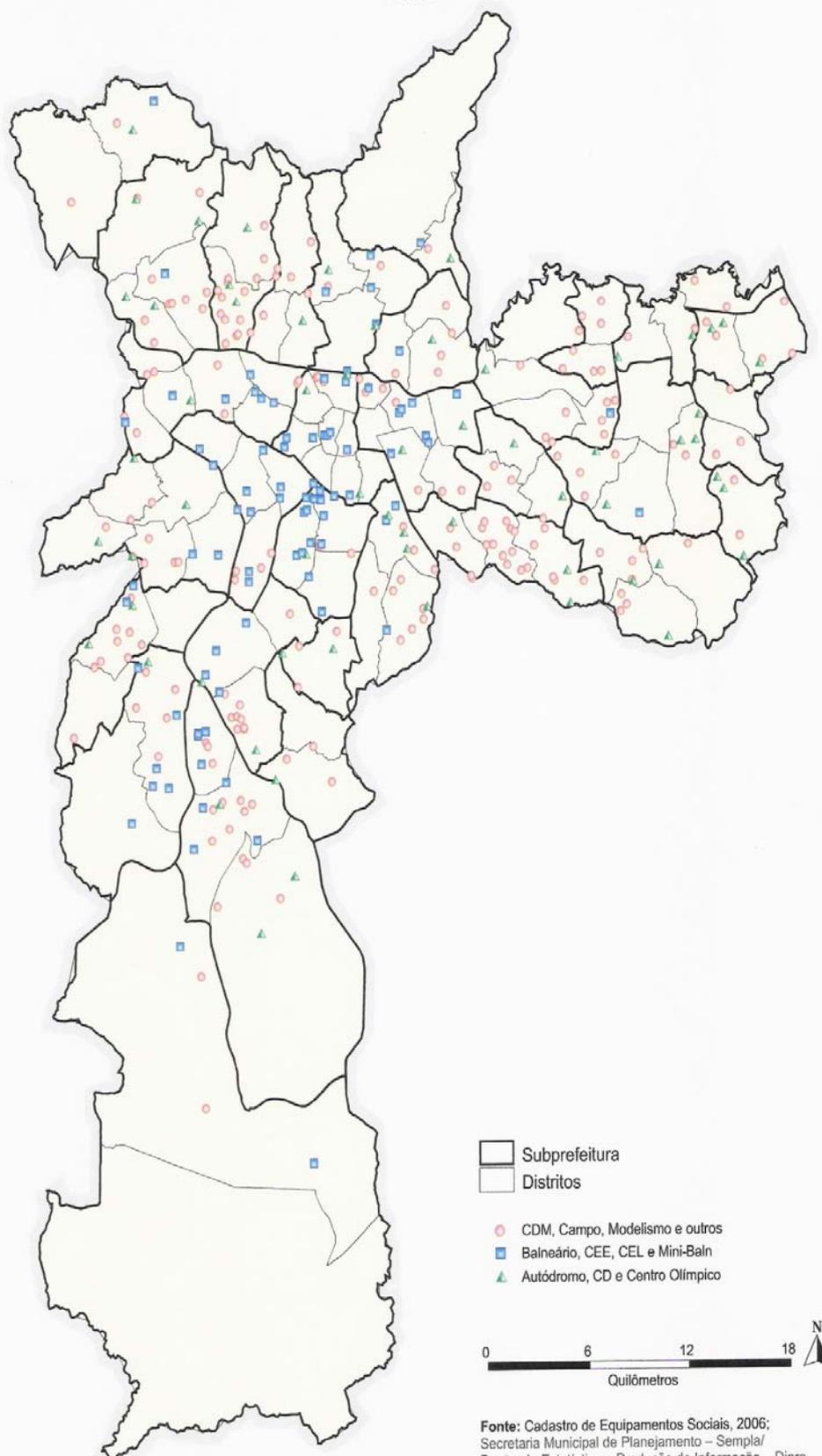
### Domicílios Sem Rede de Esgoto Distritos do Município de São Paulo 2000



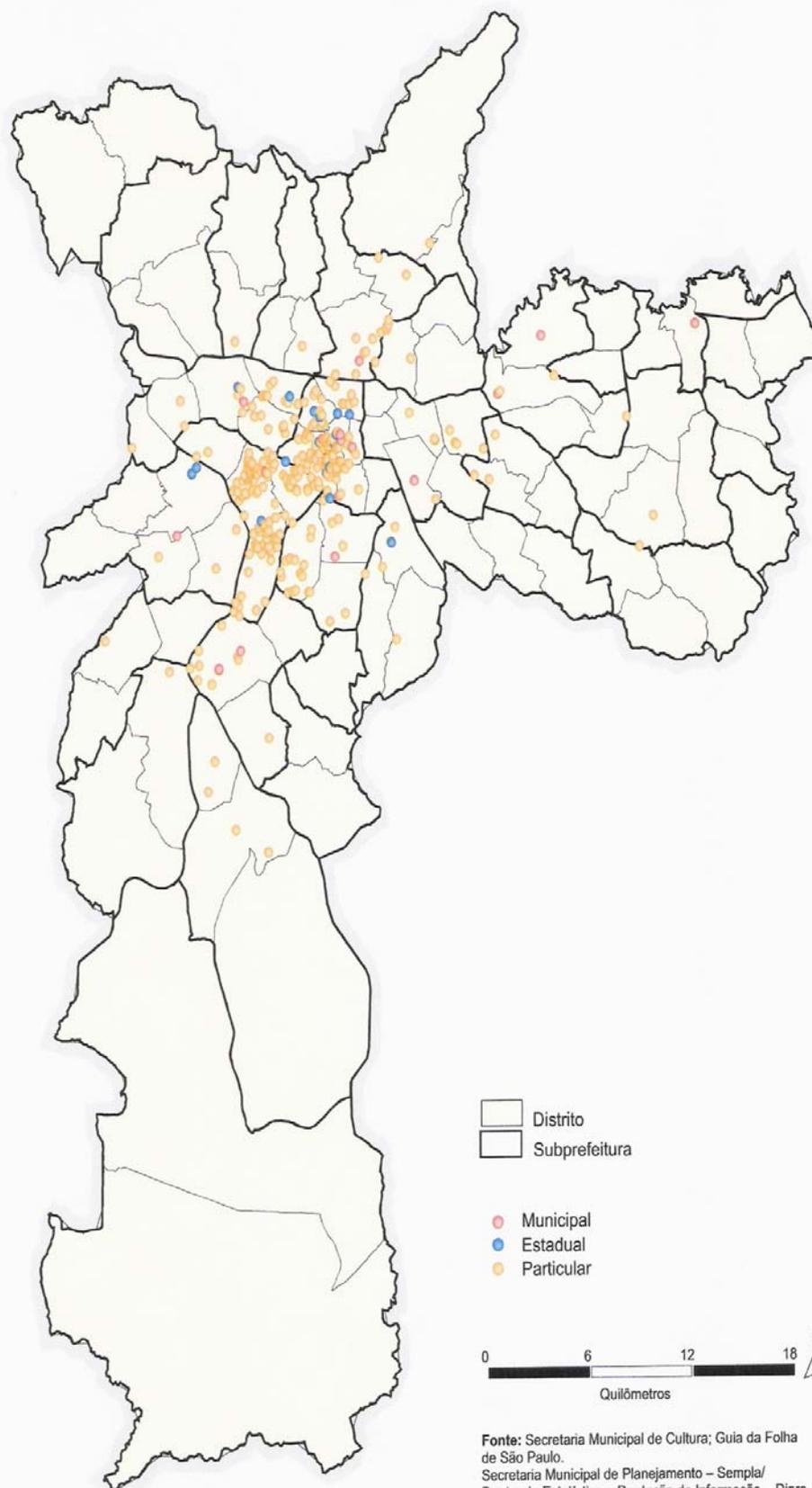
**Centros Culturais, Casa de Cultura, Espaços Culturais, Galerias de Artes e Museu**  
**Município de São Paulo**  
**2006**



### Equipamentos de Esporte Município de São Paulo 2006

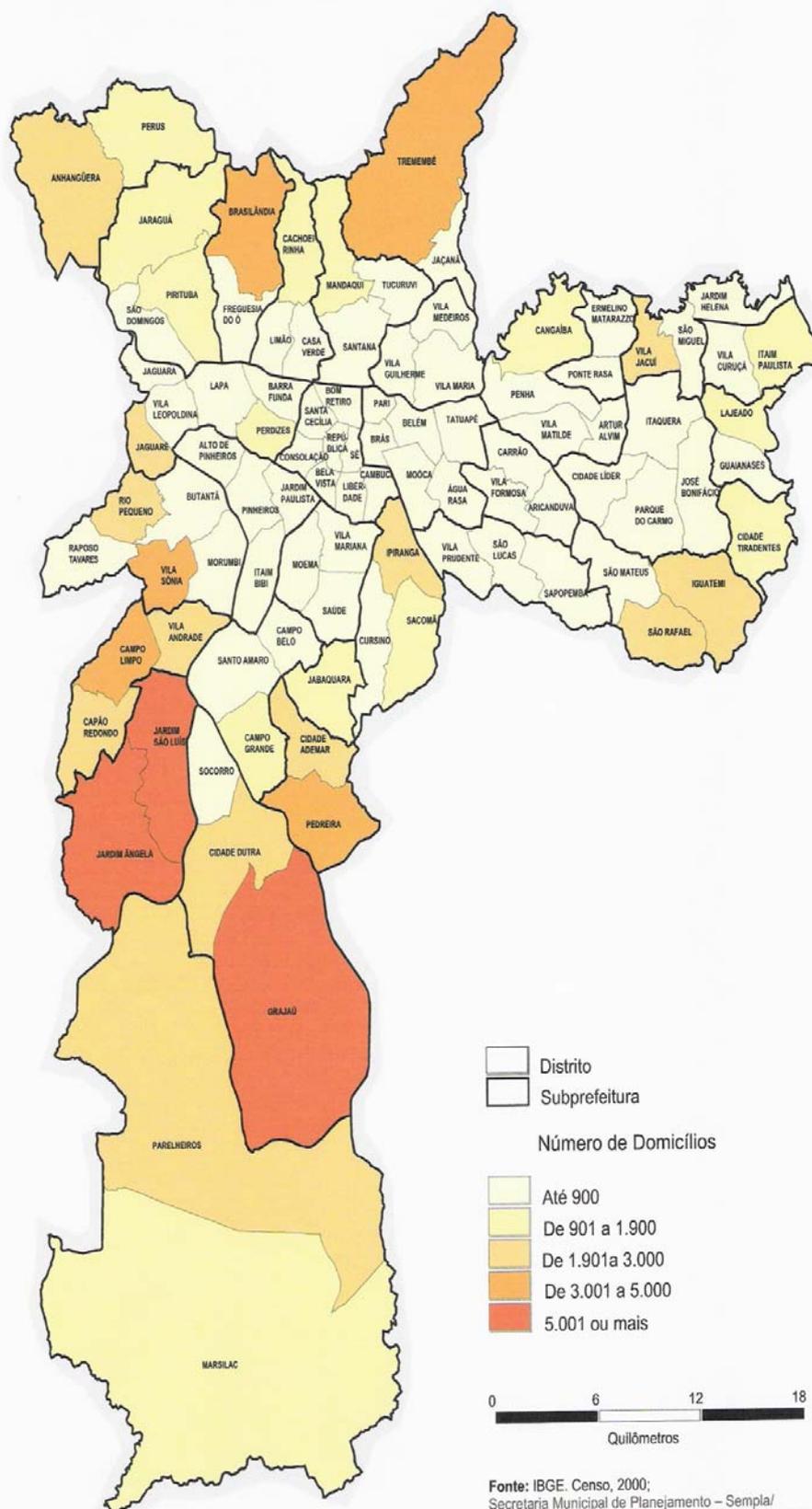


**Salas de Teatro, Shows e Concertos**  
**Município de São Paulo**  
**2006**

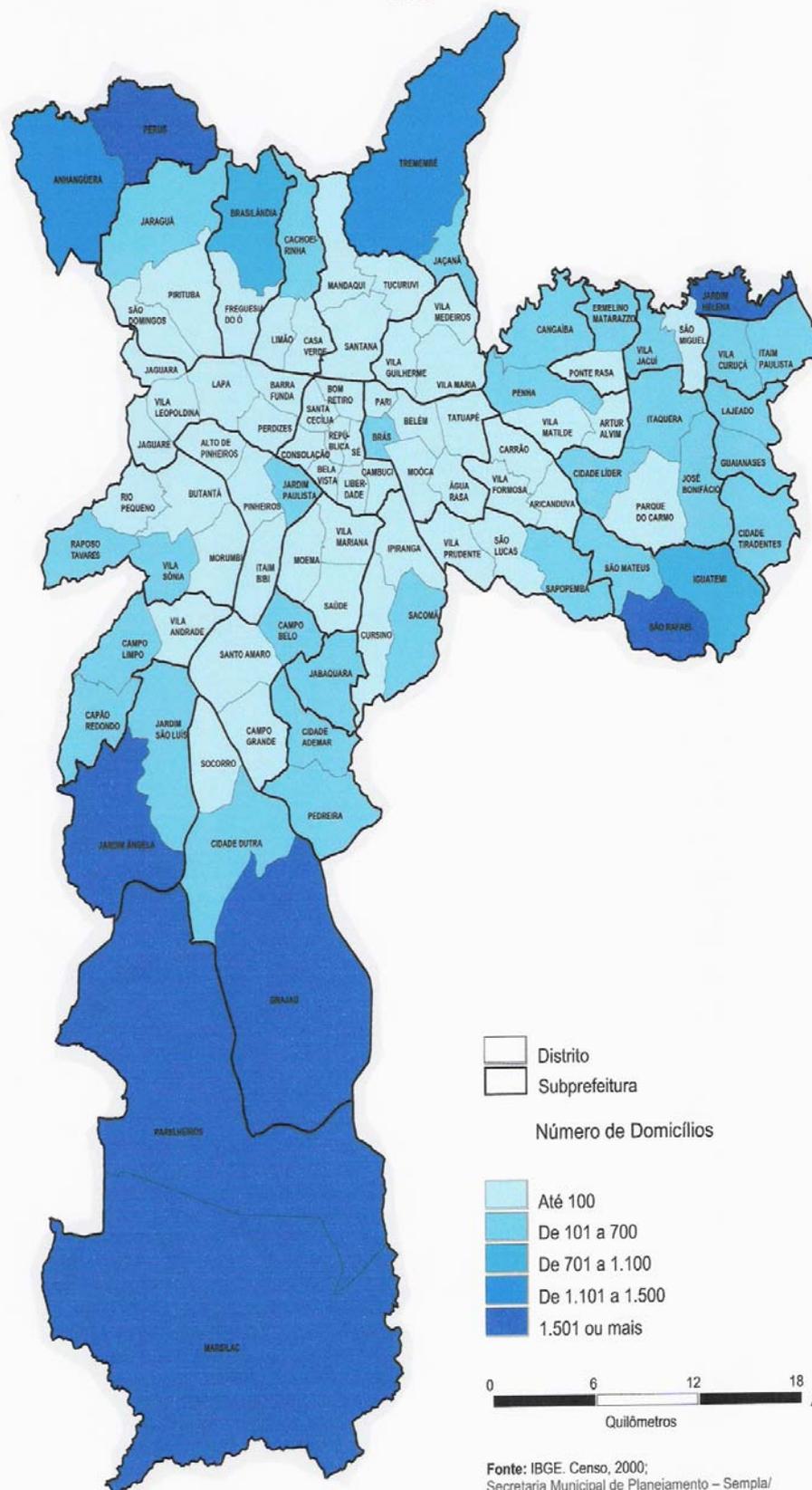


Fonte: Secretaria Municipal de Cultura; Guia da Folha de São Paulo.  
Secretaria Municipal de Planejamento – Sempla/  
Depto. de Estatística e Produção de Informação – Dipro.

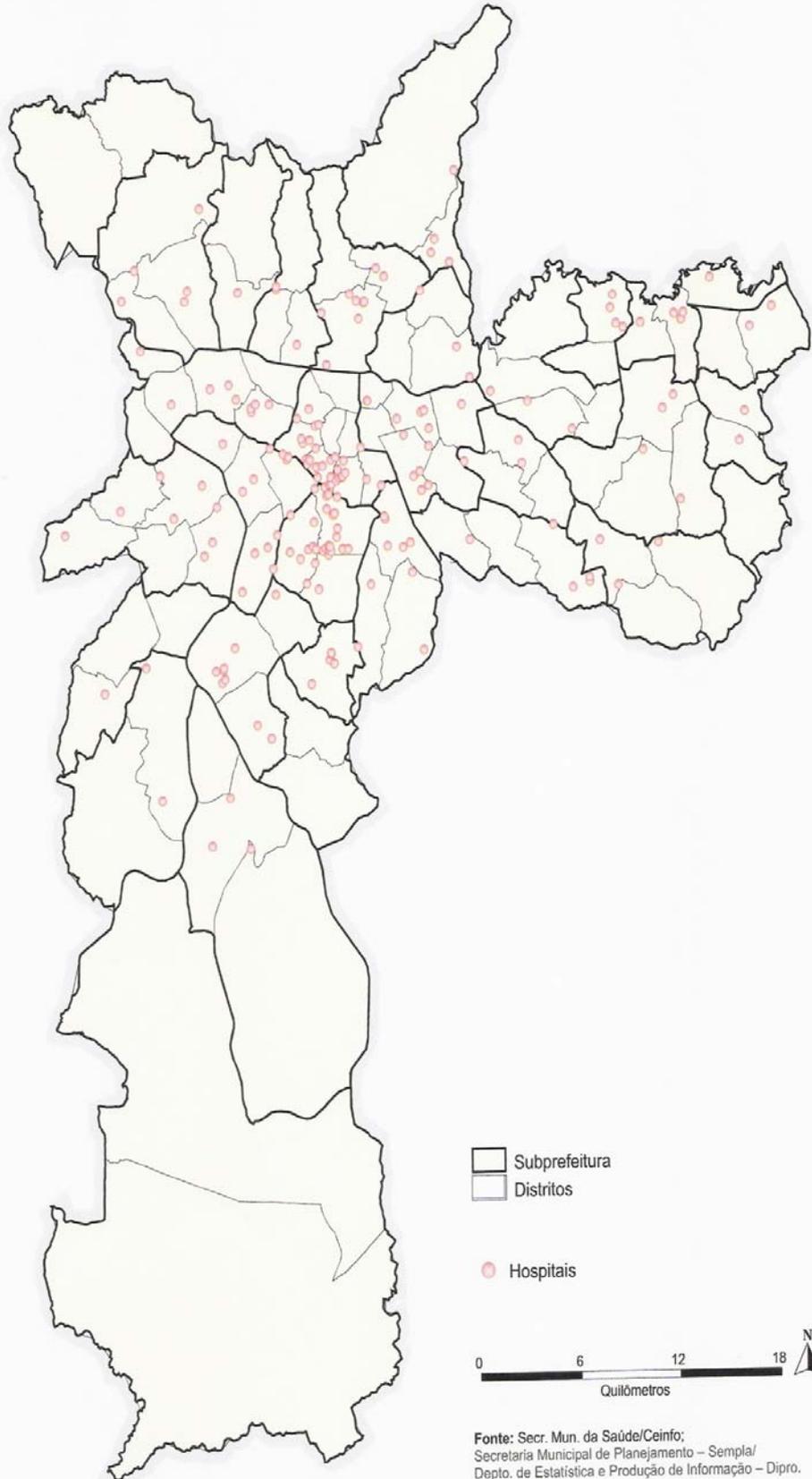
**Domicílios sem Coleta de Lixo**  
**Distritos do Município de São Paulo**  
**2000**



**Domicílio Sem Rede Canalizada de água**  
**Distritos do Município de São Paulo**  
**2000**



### Rede Hospitalar Município de São Paulo 2005



Fonte: Secr. Mun. da Saúde/Ceinfo;  
Secretaria Municipal de Planejamento – Sempla/  
Depto. de Estatística e Produção de Informação – Dipro.

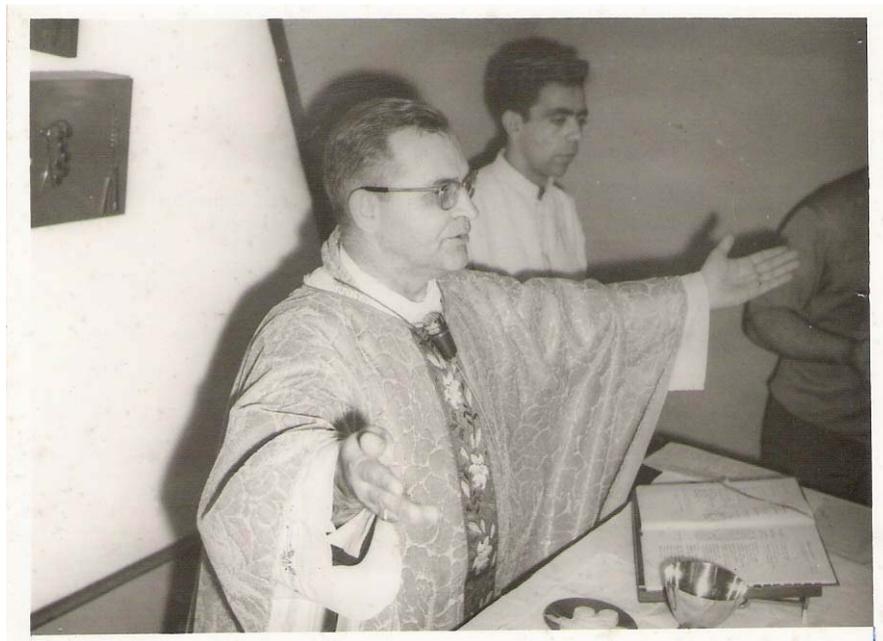
## FOTOS

**DOM PAULO EVARISTO ARNS**



Dom Paulo Evaristo Arns

(Arquivo Jornal O São Paulo)



Dom Paulo celebrando na Periferia

(Arquivo Jornal O São Paulo)



Dom Paulo celebrando na Catedral da Sé

(Arquivo Jornal O São Paulo)



Dom Paulo Celebrando na Catedral da Sé

1978

(Arquivo Jornal O São Paulo)



Dom Paulo Evaristo

1989

(Arquivo Jornal O São Paulo)



Dom Paulo Celebrando na Periferia

1981

(Arquivo Jornal O São Paulo)



Dom Paulo Celebrando na Periferia

(Arquivo Jornal O São Paulo)



Dom Paulo na Periferia

(Arquivo Jornal O São Paulo)



Dm Paulo na Periferia

(Arquivo Jornal O São Paulo)



Dom Paulo com crianças na Periferia

(Arquivo Jornal O São Paulo)



Dom Paulo com crianças na Periferia

Jardim da Conquista – 1993

(Arquivo Jornal O São Paulo)



**Dom Paulo com crianças na Periferia**

(Arquivo Jornal O São Paulo)

”



**Dom Paulo na Periferia**

(Arquivo Jornal O São Paulo)

## COLÉGIO EPISCOPAL



Dom Paulo com os Bispos Auxiliares

(Arquivo Jornal O São Paulo)



Reunião dos Bispos

1995

(Arquivo Jornal O São Paulo)

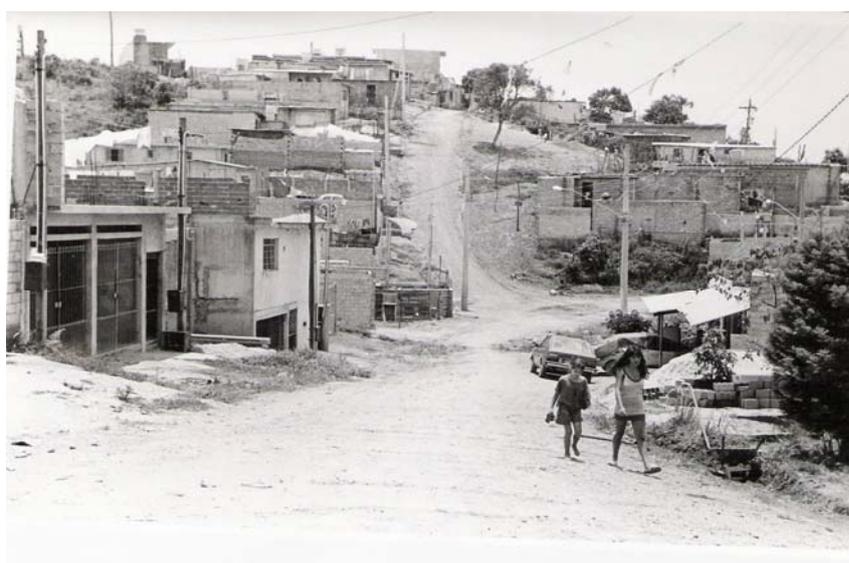


Dom Paulo e os Bispos Auxiliares

1994

(Arquivo Jornal O São Paulo)

## **PERIFERIA**



Periferia – Jardim Jacira

(Arquivo Jornal O São Paulo)



Crianças na Periferia

(Arquivo Jornal O São Paulo)



Periferia

(Arquivo Jornal O São Paulo)



**Família na Periferia**

(Arquivo Jornal O São Paulo)



**Periferia – Butantã**

(Arquivo Jornal o São Paulo)



**Periferia – Butantã**

(Arquivo Jornal O São Paulo)



**Periferia – Jardim da Saúde**

(Arquivo Jornal O São Paulo)



Periferia – Jardim da Saúde

(Arquivo Jornal O São Paulo)



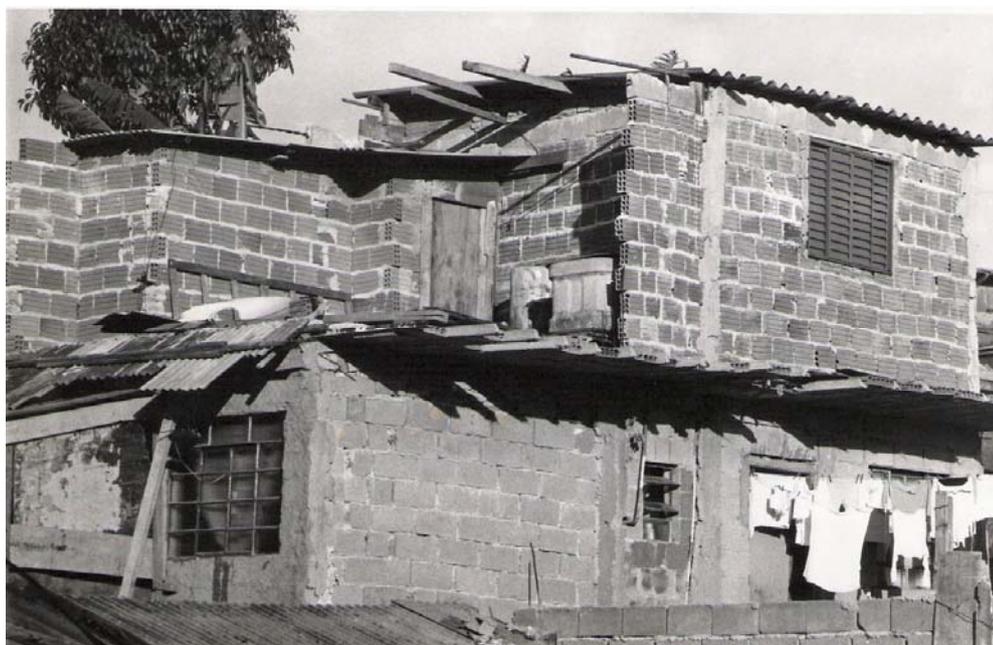
Periferia

(Arquivo Jornal O São Paulo)



Periferia – Jardim São Francisco

(Arquivo Jornal O São Paulo)



Periferia – Osasco

(Arquivo do Jornal O São Paulo)



Periferia Região Norte

(Arquivo Jornal O São Paulo)



Periferia

(Arquivo Jornal O São Paulo)

## COMUNIDADES



Treinamento de Liderança da Comunidade

(Material xerocado)



Alfabetização de adultos – Comunidade Nossa Senhora das Graças

Jardim Elba – 1976

(CD comemorativo dos 30 anos da comunidade)



Catequistas da Comunidade Nossa Senhora das Graças

Jardim Elba – 1978

(CD comemorativo dos 30 anos da comunidade)



Formandos do curso de pintura da Comunidade Nossa Senhora das Graças

Jardim Elba – 1978

(CD comemorativo dos 30 anos da comunidade)



Terreno onde foi construída a Comunidade Nossa Senhora das Graças

Jardim Elba - 1974

(CD comemorativo dos 30 anos da comunidade)



1ª Comissão da Comunidade Nossa Senhora das Graças

Jardim Elba – 1975

(CD comemorativo dos 30 anos da comunidade)



Construção da Comunidade Nossa Senhora das Graças  
Jardim Elba – 1976

(CD comemorativo dos 30 anos da comunidade)



Capela da Comunidade Nossa Senhora das Graças  
Jardim Elba – 1976

(CD comemorativo dos 30 anos da comunidade)



Batizado na Capela da Comunidade Nossa Senhora das Graças

Jardim Elba – 1975

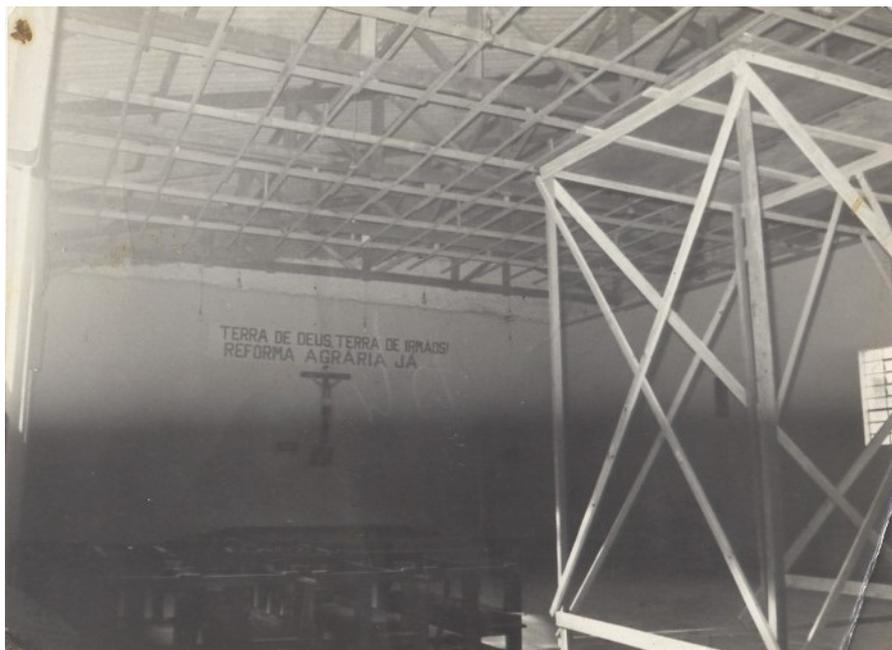
(CD comemorativo dos 30 anos da comunidade)



Alicerce da Construção da Comunidade Nossa Senhora das Graças

Jardim Elba – 1976

(CD comemorativo dos 30 anos da comunidade)



Construção da Comunidade Nossa Senhora das Graças

Jardim Elba

(CD comemorativo dos 30 anos da comunidade)



Construção da Comunidade Nossa Senhora das Graças

Jardim Elba

(Cd comemorativo dos 30 anos da comunidade)



### A Palavra de Deus na vida da Comunidade

(Arquivo do Jornal O São Paulo)



### Comunidade se manifestando

(Arquivo do Jornal O São Paulo)



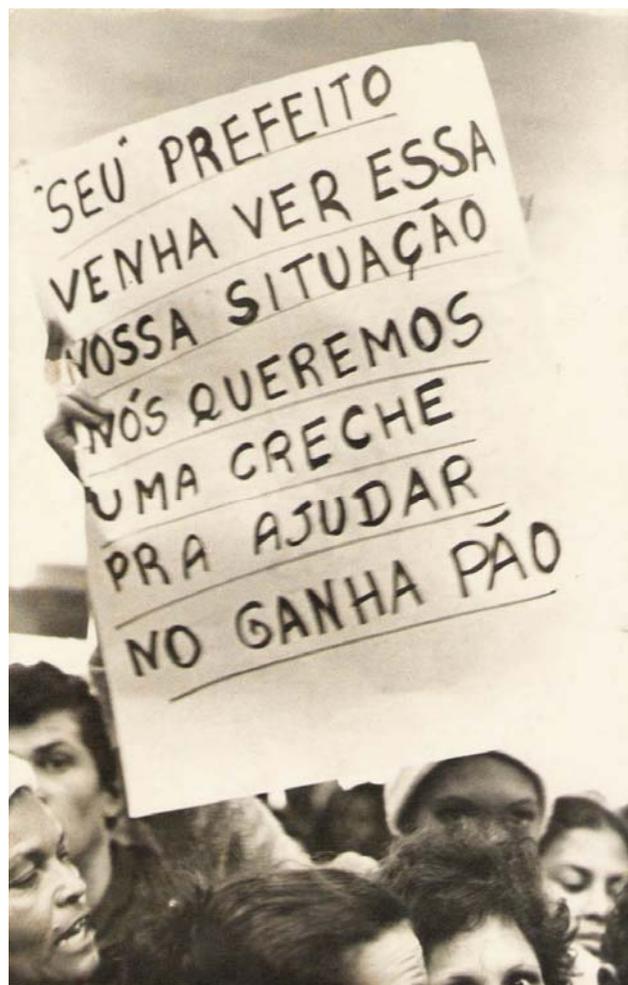
### Comunidade Reunida

(Arquivo do Jornal O São Paulo)



### Comunidade se manifestando

(Arquivo do Jornal O São Paulo)



Comunidade reivindicando Creche

(Arquivo do Jornal O São Paulo)



Comunidade Protestando

(Arquivo do Jornal O São Paulo)



Comunidade Reunida

(Arquivo do Jornal O São Paulo)



Comunidades protestando

(Arquivo do Jornal O São Paulo)

**ARQUIDIOCESE - REGIÕES – SETORES**  
**Participação e planejamento Participativo**



**Assembléia da Arquidiocese – 1994**

(Arquivo do Jornal O São Paulo)



**Votação na Assembléia da Arquidiocese – 1994**

(Arquivo do Jornal O São Paulo)



Assembléia da Região Belém – 1990

(Arquivo do Jornal O São Paulo)



Reunião Região Belém – 1990

(Arquivo do Jornal O São Paulo)



### O Setor na vida da cidade

(Arquivo do Jornal O São Paulo)



### A Região na vida da Cidade

(Arquivo do Jornal O São Paulo)

## DIÁLOGO



Encontro com Bispos e padres – 1989

(Arquivo do Jornal O São Paulo)



Encontro com a Pastoral Operária

(Arquivo do Jornal O São Paulo)



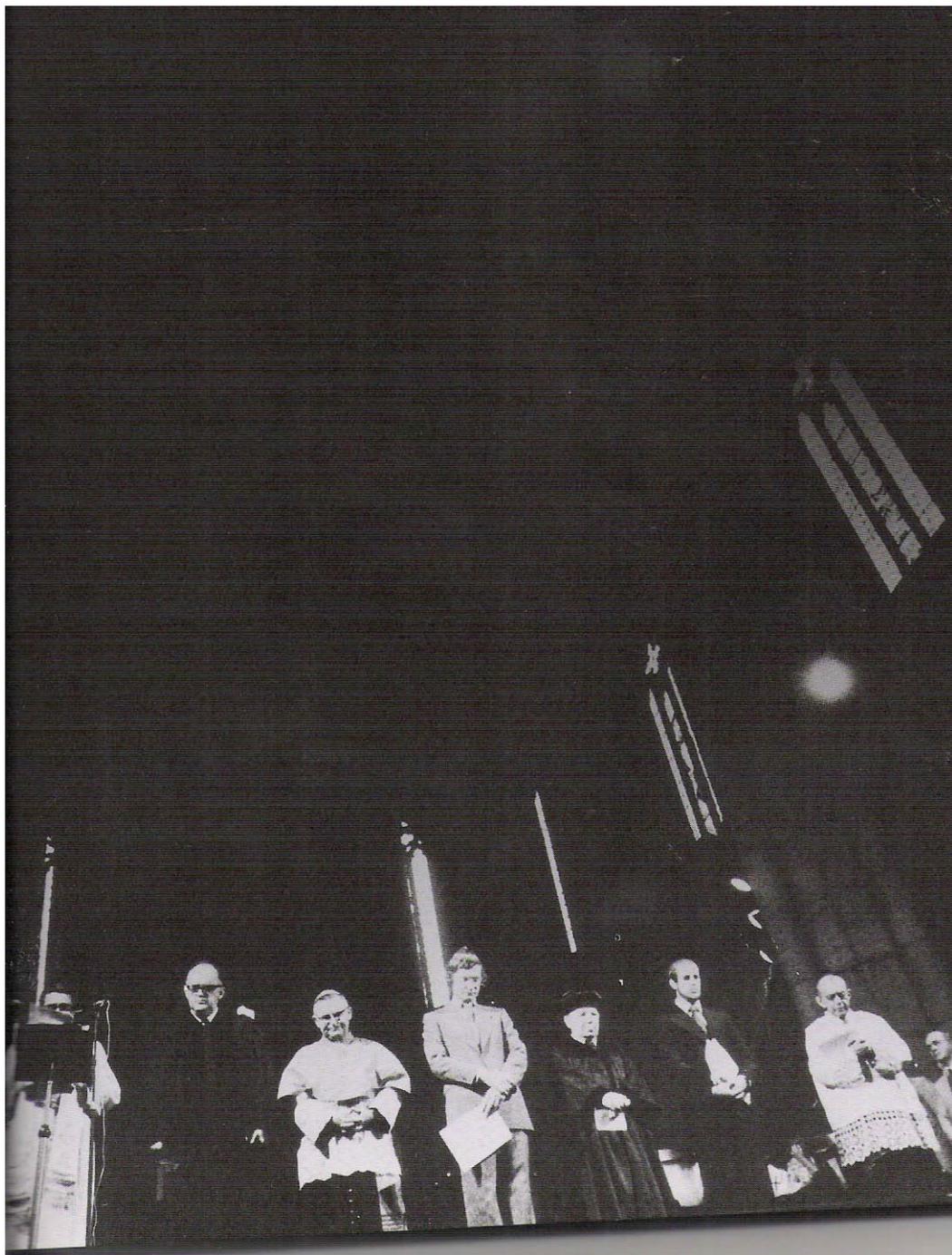
Encontro com vereadores

(Arquivo do Jornal O São Paulo)



Encontro com vereadores

(Arquivo do Jornal O São Paulo)



Culto Ecumênico por Vladimir Herzog

Catedral da Sé – 1975

(Agência Estado)

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E BIBLIOGRÁFICA

### 1. Fontes

**ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO.** *Relatório Quinquenal.* 1970 -1974.

\_\_\_\_\_. *Relatório Quinquenal.* 1975 – 1979.

**1º PLANO BIENAL DE PASTORAL 1976-1977.** São Paulo: Cúria Metropolitana de São Paulo. 1976.

**2º PLANO BIENAL DE PASTORAL 1978-1980.** São Paulo: Cúria Metropolitana de São Paulo. 1978.

**ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO.** *Jornal O São Paulo*, 05 de fevereiro de 1972.

\_\_\_\_\_, 19 de fevereiro de 1972.

\_\_\_\_\_, 26 de fevereiro de 1972.

\_\_\_\_\_, 04 de março de 1972.

\_\_\_\_\_, 18 de março de 1972.

\_\_\_\_\_, 25 de março de 1972.

\_\_\_\_\_, 27 de maio de 1972.

\_\_\_\_\_, 03 de junho de 1972.

\_\_\_\_\_, 17 de junho de 1972.

\_\_\_\_\_, 08 de julho de 1972.

\_\_\_\_\_, 15 de julho de 1972.

\_\_\_\_\_, 30 de junho a 06 de julho de 1973.

\_\_\_\_\_, 05 a 11 de janeiro de 1974.

\_\_\_\_\_, 04 a 10 de maio de 1974.

\_\_\_\_\_, 15 a 21 de novembro de 1975.

\_\_\_\_\_, 14 a 20 de fevereiro de 1976.

\_\_\_\_\_, 19 de agosto de 1993.

\_\_\_\_\_, 07 de fevereiro de 2006.

\_\_\_\_\_, 22 de maio de 2007.

\_\_\_\_\_, 29 de maio de 2007.

\_\_\_\_\_, 05 de junho de 2007.

**BOLETIM ECLESIASTICO**, Ano XXVI, nº 7, julho de 1951.

## ENTREVISTAS

Ana Flora Anderson. São Paulo, 21 de abril de 2008.

Dom Angélico Sândalo Bernardino. Itaici, 08 de abril de 2008.

Dom Benedito de Ulhoa Vieira. Uberaba, 26 de abril de 2008.

Dom Francisco Manuel Vieira. Osasco, 02 de maio de 2008.

Dom Pedro Luiz Stringhini. São Paulo, 09 de maio de 2008.

Monsenhor Sérgio Conrado. São Paulo, 16 de maio de 2008.

Padre Ubaldo Steri. São Paulo, 23 de abril de 2008.

Waldemar Rossi. São Paulo, 26 de abril de 2008.

## 2. Bibliografia

### A – Bíblia

**BIBLIA: TEB** - *Tradução Ecumênica Brasileira*. São Paulo: Loyola, 1995.

**BIBLIA: A Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 1995.

### B – Documentos da Igreja

**COMPÊNDIO VATICANO II** – *Constituições, Decretos e Declarações*. 23ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

**ENCICLICA**. *Populorum Progressio*. 1967.

**CARTA APOSTÓLICA**. *Octogésima Adveniens*.

**JOÃO PAULO II**. Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte 43. 2ªed. São Paulo: Paulus e Vozes, 2001.

**JOÃO PAULO II** – *Encíclicas* – Edição Comemorativa do Jubileu de Prata do Pontificado 1978-2003. São Paulo: LTr, 2003.

**PAULO VI**. Documentos de Paulo VI. São Paulo: Paulus, 1997.

**DOCUMENTOS PONTIFÍCIOS**. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 1989.

**SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA OS BISPOS**. *Diretório para o ministério pastoral dos bispos*. Roma, 1973.

**CONCLUSÕES DE MEDELLIN**. 5ª ed. São Paulo: Paulinas, 1984.

**PUEBLA** – *conclusões*. 6ª ed. São Paulo: Loyola, 1979.

**SANTO DOMINGO** – *conclusões*. São Paulo: Loyola, 1993.

**DOCUMENTO DE APARECIDA** – *texto conclusivo da v conferência geral do episcopado latino-americano e do caribe*. 2ª ed. Brasília: CNBB, 2007.

**REFLEXÕES DO CELAM 1999- 2003**. *Globalização e Nova Evangelização na América Latina e no Caribe*. São Paulo: Paulinas, 2003.

**PLANO DE PASTORAL DE CONJUNTO**. Rio de Janeiro: Dom Bosco, 1966.

**DOCUMENTOS DA CNBB**. *Subsídios para Puebla*, nº 13. São Paulo: Paulinas, 1978.

\_\_\_\_\_. *Evangelização e Missão Profética da Igreja – Novos Desafios*, nº 80. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2005.

**ESTUDOS DA CNBB**, *Comissão justiça e paz*, nº 38. São Paulo: Paulinas, 1983.

**ESTUDOS DA CNBB**. *Migrações no Brasil: um desafio à pastoral*, nº 54. São Paulo: Paulinas, 1987.

\_\_\_\_\_. *Pastoral Social*, nº 10. São Paulo: Paulinas, 1978.

\_\_\_\_\_. *Missão e Ministérios dos Leigos e Leigas Cristãos*. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 1998.

**CAMPANHA DA FRATERNIDADE**. Texto Base da Campanha da Fraternidade de 1972.

**DOCUMENTO DE TRABALHO – CARTA DOS SUPERIORES PROVINCIAIS DA COMPANHIA DE JESUS DA AMÉRICA LATINA – O Neoliberalismo na América Latina**. São Paulo: Loyola, 1996.

## **C – Livros**

**ASSMANN**, Hugo. *Crítica à lógica da Exclusão*. Ensaios sobre Economia e Teologia. São Paulo: Paulus, 1994.

**AZEVEDO**. Marcello, SJ. *Comunidades Eclesiais de Base e Inculturação da Fé*. São Paulo: Loyola, 1986.

**AZEVEDO**, Sérgio de e **ANDRADE**, Luís Aurélio de Gama. *Habitação e poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

**BARAGLIA**, Mariano. *Evolução das Comunidades Eclesiais de Base – Experiências Comunitárias na Cidade de São Paulo*. Petrópolis: Vozes, 1974.

**BEOZZO**, José Oscar. *O Vaticano II e a Igreja Latino-Americana*. 1ª ed. São Paulo: Paulinas, 1985.

\_\_\_\_\_. *A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II – 1959-1965*. São Paulo: Paulinas, 2005.

**BERGER**, L. Peter. *O dossel sagrado. Elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985.

**BETTO**, Frei. *A mosca azul – Reflexão sobre o Poder*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

**BICUDO**, Hélio, D. Paulo e os Direitos Humanos I, In: RIBEIRO, Helcion. *Paulo Evaristo Arns, Cardeal da Esperança e Pastor da Igreja de São Paulo*. São Paulo: Paulinas, 1989.

**BOFF**, Clodovis e PIXLEY, J. *Opção pelos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1986.

**BOFF**, Leonardo. *A fé na Periferia do Mundo*. Petrópolis: vozes, 1978.

**BRIGHENTI**, Agenor. *Reconstruindo a Esperança – como planejar a ação da Igreja em tempos de mudança*. São Paulo: Paulus, 2000.

**CALDEIRA**, Tereza Pires do Rio. *Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. 34ª ed. São Paulo: EDUSP, 2000.

**CAMARGO**, Cândido Procópio Ferreira de. *São Paulo 1975: Crescimento e pobreza*. 13ª edição. Loyola, São Paulo, 1976.

\_\_\_\_\_. *Cidade, Abre as Tuas Portas!* São Paulo: Loyola, 1976.

**COMBLIN**, José. *Cristãos Rumo ao Século XXI: nova caminhada de libertação*. São Paulo: Paulus, 1996.

\_\_\_\_\_. *Pastoral Urbana – O dinamismo na evangelização*. 2ª ed. Petrópolis:Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. *Os desafios da cidade no século XXI*. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2003.

**CONRADO**, Sérgio, D. Paulo Pastor da grande Cidade, In: RIBEIRO, Helcion. *Paulo Evaristo Arns, Cardeal da Esperança e Pastor da Igreja de São Paulo*. São Paulo: Paulinas, 1989.

\_\_\_\_\_ e CARVALHO, Ruth Maria de. Arquidiocese de São Paulo – A metrópole desafia a Igreja, In: ANTONIAZZI, Alberto, CALIMAN, Cleto. *A Presença da Igreja na Cidade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

**DIAS**, Luciana; **AZEVEDO**, Jô; **BENEDICTO**, Nair. *Santo Dias – Quando o passado se transforma em História*. São Paulo: Cortez, 2004.

**DOMÉZI**, Maria Cecília. *Do Corpo Cintilante ao Corpo Torturado: Uma Igreja em Operação Periferia*. São Paulo: Paulus, 1995.

**FASE E UNIÃO DOS MOVIMENTOS DE MORADIA**, Direito à moradia – Uma Contribuição para o debate (Coleção Caminhos), São Paulo: Paulinas, 1982.

**FAUSTO**, Boris. *Trabalho Urbano e Conflito Social 1890-1920*. 4ª ed. São Paulo: DIFEL, 1986.

**FERNANDES**, Silvia Regina Alves. Coleção CERIS. *Mudança de Religião no Brasil – Desvendando sentidos e motivações*. Brasília: CNBB, 2006.

**GALILEA**, Segundo. *Teologia da Libertação – Ensaio de Síntese*. São Paulo: Paulinas, 1978.

**GUTIERREZ**, Gustavo. *Teologia da Libertação*. 1ª ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

**GUTIERREZ**, Gustavo. *Teologia da Libertação – Perspectivas*. São Paulo: Loyola, 2000.

**HARVEY**, David: *Condição pós-moderna*. São Paulo. Edições Loyola. 1992.

**KOWARICK**, Lúcio e **BONDUKI**, Nabil, “*Espaço Urbano e Espaço Político: Do Populismo à Democratização*” - São Paulo, Passado e Presente, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

**LIBANIO**, João Batista. *As lógicas da cidade: o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*. São Paulo: Loyola, 2001.

\_\_\_\_\_. *Olhando para o Futuro – perspectivas teológicas e pastorais do cristianismo na América Latina*. São Paulo: Loyola, 2003.

\_\_\_\_\_. *A religião no início do milênio*. São Paulo: Loyola, 2002.

**LORSCHIEDER**, Card. Aloísio. Introdução ao livro Documentos do Celam [série Documentos da Igreja – vol.8]. São Paulo: Paulus, 2004.

**LUSSI**, Carmem. *A missão da Igreja no contexto da mobilidade humana*. Petrópolis: Vozes, 2006.

**MARCÍLIO**, Maria Luiza. *A cidade de São Paulo – Povoamento e População 1750-1850*. São Paulo: Pioneira, 1973.

**MARICATO**, Ermínia. *Política Habitacional no Regime Militar – do milagre brasileiro à crise econômica*. Petrópolis: Vozes, 1987.

**MARINS**, José e Equipe. *Comunidade Eclesial de Base: Prioridade Pastoral*. São Paulo: Paulinas, 1976.

**MARTINA**, Giacomo. *História da Igreja: de Lutero a nossos dias – IV - A era contemporânea*. 1. ed. São Paulo: Loyola. 1995.

**MENDES**, Candido. *Comissão brasileira de justiça e paz*. Rio de Janeiro: Educam, 1996.

**MONTIEL**, Edgar. *A Nova Ordem Simbólica – a diversidade cultural na era da globalização*. In: **SIDEKUM**, Antonio (org.). *Alteridade e Multiculturalismo*. Ijuí – Rio grande do Sul: Unijui, 2003.

**PAULO, D. Evaristo Arns.** *De Esperança em Esperança na Sociedade Hoje*. São Paulo: Paulinas, 1971.

\_\_\_\_\_. *Em defesa dos direitos humanos: encontro com o repórter*, 2ª.Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

\_\_\_\_\_. *Brasil Nunca Mais*. 7ªed. Petrópolis: Vozes, 1985.

\_\_\_\_\_. *Da Esperança a Utopia: testemunho de uma vida*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

**PEGORARO, José.** Um só povo, muitos pastores? A divisão da arquidiocese de São Paulo, In: *Paulo Evaristo Arns: Cardeal da Esperança e Pastor da Igreja em São Paulo*. São Paulo: Paulinas, 1989.

**PRATES, Lisâneos.** *Fraternidade Libertadora – uma leitura histórico-teológica das Campanhas da Fraternidade da Igreja no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2007.

**RELIGIÃO & CULTURA – DEPARTAMENTO DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO – PUC –SP.** *O Futuro do Cristianismo Latino-Americano*. São Paulo: Paulinas, 2007.

**ROUANET, S. P.** *As razões do iluminismo*. São Paulo: C. Letras, 1987.

**RUBIO, Afonso Garcia.** *Teologia da Libertação: Política ou Profetismo?* São Paulo: Loyola, 1977.

**SARMENTO, Walney Moraes.** *Nordeste – A Urbanização do Subdesenvolvimento*. 2ªed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.

**SANTOS, Benedito Beni dos.** *Discípulos e Missionários: reflexões teológico-pastorais sobre a missão na cidade*. 1º ed. São Paulo: Paulus, 2006.

**SANTOS, Milton.** *Por uma outra globalização. Do pensamento único à consciência universal*. 10 ed. Rio Janeiro: Record, 2003.

**SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO – SOTER (Org.).** *Religião e Transformação Social no Brasil Hoje*. São Paulo: Paulinas, 2007.

**SOUZA, Ney de (org.).** *Catolicismo em São Paulo – 450 anos de presença da Igreja Católica em São Paulo*. São Paulo: Paulinas, 2004.

**SOUZA LIMA, Luiz Gonzaga de.** *Evolução Política dos Católicos e da Igreja no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1979.

**WRIGHT, Jaime, D.** Paulo e os Direitos Humanos II, In: **RIBEIRO, Helcion.** *Paulo Evaristo Arns, Cardeal da Esperança e Pastor da Igreja de São Paulo*. São Paulo: Paulinas, 1989.

## D – Monografias e dissertações

**FILHO**, Severino Martins da Silva – *A Campanha da Fraternidade: Um gesto profético diante dos dramas sociais brasileiros*. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção

**SOUSA**, José Wilson de. *Mártir: Santo Dias da Silva*. 2004. Monografia (conclusão do curso de Graduação em Teologia) Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, Centro Universitário Assunção, São Paulo.

## E - Artigos de Revistas e Jornais

**ABREU**, Pe. Paulo de. Pressupostos para uma experiência evangelizadora inculturada. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo: Paulinas, nº 57, p. 83 [out/dez] 2006.

**ALTEMEYER**, Fernando Junior. Origens Históricas da Igreja no Brasil – 250 anos da diocese de São Paulo. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, nº 185, [nov./dez.] 1995.

**AMORIM**, Hélio. O Protagonismo dos Leigos. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, nº 203, [nov/dez] 1998.

**BOFF**, Leonardo. Formas de experimentar Deus hoje. *Revista Vida Pastoral*, São Paulo, nº 207, p. 23 [jul/ag] 1999.

**CAMPOS**, Pe. Dr. Manuel do Carmo da Silva. Princípio da destinação dos bens da Igreja. Contribuição Moral Social para o Acesso aos Bens aos Pobres. *Revista de Cultura Teológica*. São Paulo. nº 18. p.21. [jan/mar] 1997.

**CUNHA**, Eliezer Mariano da. Um Período Vitorioso. *Revés do Avesso*. São Paulo, v. 15, nº 04-05, [abr./maio.] 2006.

**FILHO**, O. Novas doutrinas: religião. Caderno Mais do Jornal Folha de São Paulo, 13.10.2002.

**GEFFRÉ**, Claude. *A crise da identidade cristã na era do pluralismo*. Concilium, nº 311, Petrópolis: Vozes, 2005.

**GONÇALVES**, Paulo Sérgio Lopes. Eclesiologia de Comunhão. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, nº 53 [out./Nov.] 2005.

**LORO**, Tarcísio Justino. Perspectivas para a Pastoral Urbana. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, nº 55 [abr./jun.] 2006.

**MAESTRO**, Luís Maria. Missão Ad. Gentes e Globalização; Desafios para a Igreja no Brasil. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, nº 56 [jul./set.] 2006.

**REVISTA MANCHETE**, São Paulo, 07 de outubro de 1972.

**ROSSI**, Waldemar. Um longo processo. *Revés do Averso*. São Paulo, v. 15, nº 04-05, [abr./maio.] 2006.

**SILVA**, Ir. Maria Freire da. Trindade e o Equilíbrio Humano-Cosmológico. *Revista de Cultura Teológica*. nº 57. [out./nov.] 2006.

**SOUZA**, Ney de. Ação Católica, Militância Leiga no Brasil. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, nº 55 [abr./jun.] 2006.

**SOUSA**, Ney de. Catolicismo em São Paulo – Centenário da Arquidiocese (1908-2008). *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, nº 60 [jul./set.] 2007.

## **F - Institutos**

**INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA** – IBGE – Estatísticas do Século XX. Assunto Saúde – Organização hospitalar 1970 – Número de hospitais segundo a entidade mantenedora, a categoria e a finalidade por unidades da Federação e municípios e capitais. Rio de Janeiro, 2203.CD-ROM

**INSTITUTO NACIONAL DE PASTORAL**. *Presença Pública da Igreja no Brasil (1952-2002) Jubileu de Ouro da CNBB*. São Paulo: Paulinas. 2003.

**DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SÓCIOECONÔMICOS** – DIEESE. São Paulo, abril de 1975.

**REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO**. *Diagnóstico 75 – Condições Urbanas: Saúde*.

## **G - Obras em meios eletrônicos**

**ARAÚJO**, Eufrázio. *Pluralismo Religioso*. Disponível em: <http://viapedagógica.com.br/artigos/pluralismo-religioso/>. Acesso em 26 de fevereiro de 2008, 11:55.

**A CIDADE DE SÃO PAULO E SUA HISTÓRIA**. Disponível em: <<http://prodam.sp.gov.br/dph/história/>>. Acesso em 4 de janeiro 2007, 15:05.

**ANTICO**, C. *Mobilidade Populacional Diária na Região Metropolitana de São Paulo*. Trabalho apresentado no II Encontro Nacional sobre Migração, Ouro Preto. Associação Brasileira de Estudos Populacionais – ABEP – GT Migração, 1999. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/Mobilidade%20Populacional%20Diária%20no%20Município%20de%20São%20Paulo.pdf>>. Acesso em 11 janeiro 2007, 12:28.

**BRITO**, Fausto; **GARCIA**, Ricardo Alexandrino; **SOUZA**, Renata G. Vieira de. As migrações internas na segunda metade do século XX - *As tendências recentes das migrações e o padrão migratório*. Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambu. MG – Brasil, de 20-24 de setembro de 2004. Disponível em:

[http://www.abep.org.br/usuario/GerencialNavegacao.php?caderno\\_id=431&nível=2](http://www.abep.org.br/usuario/GerencialNavegacao.php?caderno_id=431&nível=2)>. Acesso em 4 janeiro 2007, 16:13.

**CNBB.** Disponível em: <http://www.cnbb.org.br/index.php?op=página&chaveid=254.01sa0206>. Acesso em 25 de abril 2007, 10:45.

**DITADURA MILITAR NO BRASIL.** Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/ditadura/>. Acesso em 11 janeiro 2007, 19:05.

**GOLGHER, André Braz.** *Fundamentos da Migração.* Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais –Cedeplar, 2004. Disponível em: <http://cedepplar.ufmg.br/pesquisas/td/TD%20231.pdf>. Acesso em 11 janeiro 2007, 15:16.

**IGREJA: CEBs: Comunidades Eclesiais de Base.** Disponível em: <http://www.prime.org.br/mundoemissao/Igrejacebs.htm>. Acesso em 29/04/2008, 12:45.

**MACROTEMAS. Teologia da Libertação.** Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/w3/maise/teologia.html>. Acesso em 07 de março de 2007, 16:25.

**MIGRAÇÃO INTERNA E URBANIZAÇÃO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO:** Um estudo da Rede de Localidades Centrais do Brasil (1980/2000). [www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006\\_573.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_573.pdf). Acesso em 09 de março 2007, 10:52.

**MIRANDA, Mário de França.** *Igreja e Sociedade na Gaudium et Spes e sua Incidência no Brasil.* Disponível em: [www.cefec.org.br/textoseartigos/politicaevangelhosdsi/IGREJA E SOCIEDADE NAGS.doc](http://www.cefec.org.br/textoseartigos/politicaevangelhosdsi/IGREJA_E SOCIEDADE NAGS.doc). Acesso em 25 de março de 2008, 16:34.

**NUNES FERREIRA, Jussara Moraes; RODRIGUES, Márcia.** *A Absorção dos Migrantes pelo Mercado de Trabalho da Grande São Paulo.* Trabalho apresentado no V Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP – Associação Brasileira de Estudos Populacionais, realizado em 1986. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/1986/T86V02A07.pdf>>. Acesso em 4 janeiro 2007, 16:27.

**OLEIAS, Valmir José.** *Conceito de Lazer.* Disponível em: <http://www.cds.ufsc.br/~valmir/cl.html>. Acesso em 21 de setembro de 2007, 10:40.

**SÃO PAULO EM PERSPECTIVA – REFLEXÃO SOBRE O PAPEL DA CULTURA NA CIDADE DE SÃO PAULO.** Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-8839200000040000128&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-8839200000040000128&script=sci_arttext)>. Acesso em 20 de fevereiro de 2008, 11:10.

**SILVA LEME, Maria Cristina da.** *O impacto da globalização em São Paulo e a precarização das condições de vida.* *EURE (Santiago)*. [online]. ago. 2003, vol.29, no.87 [citado 09 Enero 2007], p.23-36. Disponible en la **World Wide Web:** <[http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0250-71612003008700002&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0250-71612003008700002&lng=es&nrm=iso)>. ISSN 0250-7161. Acesso em 4 de janeiro 2007, 15:14.

**SUZANA**. P. Taschner, LUCIA M. M. Bógus. *São Paulo, uma metrópole desigual*. *EURE (Santiago)*. [online]. mayo. 2001, vol.27, no.80 [citado 09 Enero 2007]. Disponible en la World Wide Web: <[http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0250-71612003008700002&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0250-71612003008700002&lng=es&nrm=iso)>. ISSN 0250-7161. Acesso em 4 de janeiro 2007, 15:14.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE**. Disponível em : [www.ufac.br/informativos/ufac\\_imporens/2005/04abr\\_2005/artigo2033.html](http://www.ufac.br/informativos/ufac_imporens/2005/04abr_2005/artigo2033.html). Acesso em 07 março 2007, 16:118.

**WOLFF**, Elias. *Tensões Inerentes à Possibilidade de Construção de uma Eclesiologia Ecumênica*. Disponível em: [www.itesc.ecumenismo.com/artigos/estecumen.htm](http://www.itesc.ecumenismo.com/artigos/estecumen.htm). Acesso em 25 de março de 2008, 17:05.

## **H – Material Xerocado**

Material sobre a Operação Periferia fornecido pelo Padre Ubaldo Steri em 23 de abril de 2008.

Matéria do Jornalista Caetano Matanó Junior sobre a Pastoral da Periferia no jornal Folha da Tarde de 24 de agosto de 1981.

Entrevista do Padre Ubaldo Steri para o Projeto História da Igreja de São Paulo em 06 de março de 2008.

Folheto “Operação Periferia – Caminho Comunitário de Fraternidade e Solidariedade dos Cristãos Paulistanos”.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)